

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARÍLIA MATTOS ANTUNES

A REVOLUÇÃO GUIADA

***Os Cuadernos de Educación Popular* e o projeto de formação da consciência
revolucionária do trabalhador. Chile, 1970-1973**

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

A REVOLUÇÃO GUIADA

***Os Cuadernos de Educación Popular e o projeto de formação da consciência
revolucionária do trabalhador. Chile, 1970-1973***

Marília Mattos Antunes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Stella Maris Scatena Franco Vilardaga

Data: _____

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A627r Antunes, Marília Mattos
A revolução guiada: os Cuadernos de Educación Popular e o projeto de formação da consciência revolucionária do trabalhador. Chile, 1970-1973 / Marília Mattos Antunes ; orientador Stella Maris Scatena Franco Vilardaga. - São Paulo, 2017.
202 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Política cultural. 2. Propaganda política. 3. Esquerda. I. Vilardaga, Stella Maris Scatena Franco, orient. II. Título.

Nome: ANTUNES, Marília Mattos.

Título: A revolução guiada: os *Cuadernos de Educación Popular* e o projeto de formação da consciência revolucionária do trabalhador. Chile, 1970-1973.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A alegria que me toma no momento em que escrevo estas linhas não se deve apenas à satisfação por ver encerrado mais um ciclo, mas por saber que ao longo desses três anos de pesquisa, tive o privilégio de contar com colaboradores atenciosos, colegas generosos, amigos pacientes e familiares amorosos que, nas horas difíceis e solitárias, me ajudaram a continuar.

À Stella Maris Scatena Franco Vilaradaga, orientadora desta pesquisa, agradeço pela acolhida, pelos diálogos sempre profícuos e pelas leituras atentas. Sem sua orientação e confiança esse trabalho não teria sido possível.

Às professoras Gabriela Pellegrino Soares e Maria Helena Capelato, pelas preciosas contribuições fornecidas no Exame de Qualificação. As sugestões bibliográficas e críticas foram fundamentais para o amadurecimento desta investigação.

Aos meus queridos professores Osmar e Denise, minha gratidão por terem me ensinado a amar a História.

À FAPESP, pela bolsa concedida, processo nº2014/17400-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que permitiu dedicação integral ao desenvolvimento deste projeto.

À Muriel Solis Verdugo, funcionária da Biblioteca Nacional do Chile e amiga, por toda a ajuda, solicitude e por ter tornado minha estadia em Santiago muito mais alegre; a Gustavo Velloso, por me auxiliar a desvendar as burocracias acadêmicas, à Natália Ayo Schimiedecke e Carine Dalmás, pela generosidade no compartilhamento de ideias e fontes.

Muito devo aos colegas do Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA-USP), em especial a Valdir, Natania, Gabriela e Emílio, pelos proveitosos debates acadêmicos e pelas conversas agradáveis e amistosas.

À Raquel, Júlia, Eustáquio e Patrícia, amigos leais com quem tenho o privilégio de compartilhar as dificuldades e alegrias da vida, agradeço por terem feito parte dessa jornada.

A meus avós, Celso, Leonilda e Leonina, e à minha tia Nádia, grandes incentivadores, meu reconhecimento por todo o carinho e torcida.

À minha irmã Amanda, que mesmo não afeita às humanidades, aventurou-se na leitura desse trabalho, me ajudando muitas vezes. Minha gratidão pelo companheirismo

sincero e pelas palavras de apoio nos momentos difíceis.

A meus pais, Tânia e Roberto, agradeço por sempre terem apoiado minhas escolhas e por serem o meu porto seguro nos momentos difíceis. Os percalços da pesquisa e da vida sempre se mostraram pequenos diante do afeto de vocês.

A Gustavo, meu companheiro de todas as horas, cujas palavras foram capazes de transformar, inúmeras vezes, aflições em sorrisos, desânimo em persistência, minha gratidão por todo apoio, compreensão e amor.

“Carecemos com premência da democracia. Mas de uma democracia que não seja o túmulo do socialismo proletário e dos sonhos de igualdade com liberdade e felicidade dos trabalhadores e oprimidos.”

(Florestan Fernandes, Democracia e Socialismo. In: **Crítica Marxista**, nº3. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.13)

RESUMO

Esta investigação tem como objetivo analisar os instrumentos textuais e imagéticos da coleção *Cuadernos de Educación Popular*, publicada entre os anos de 1971 e 1973 pela Editora Nacional *Quimantú*, de modo a discutir a relação dessa obra com o projeto de construção de um novo tipo de cultura política durante o governo da Unidade Popular (1970-1973).

Escrita por Marta Harnecker e Gabriela Uribe, essa coleção, composta por 12 volumes, foi produto de um projeto político-cultural ambicioso e de um contexto marcado por grande efervescência e polarização político-ideológica, o que faz com que suas páginas carreguem as marcas das tensões existentes no período.

Por meio da verificação atenta do conteúdo dessa publicação, objetivamos examinar o papel atribuído à coleção dentro do projeto político-cultural idealizado pelo governo de Salvador Allende e verificar seu potencial propagandístico por meio da análise das representações e estratégias didáticas nela presentes. Também intentamos discutir a posição veiculada pelas autoras a respeito dos debates e divergências que se colocavam à esquerda no tocante à via para se chegar ao socialismo e à política de alianças.

Ao assumirmos as relações entre política e cultura no período da Unidade Popular como eixo fundamental de nossa investigação, apoiamo-nos nas reflexões e aportes teórico-metodológicos fornecidos pela História Política Renovada, vertente que advogou a ampliação conceitual do político e permitiu, assim, a incorporação de novas fontes e problemáticas (como as representações e propaganda políticas), além de um fértil diálogo do âmbito político com outras esferas da realidade social, como a cultura.

Palavras-chave: Política cultural; Governo Allende; Trabalhadores; *Cuadernos de Educación Popular*.

ABSTRACT

This research is dedicated to analyze the imagetical and textual tools developed by Marta Harnecker and Gabriela Uribe in the collection named *Cuadernos de Educación Popular*, published by *Editores Nacionales Quimantú* between 1971 and 1973, under the government of Salvador Allende. The intention is to discuss the relation between this collection and the project that fought for the creation of a new kind of political culture in Chile during the *Unidad Popular*.

This collection, constituted of 12 books, was produced by an ambitious political and cultural project and was created in a period marked by a huge political polarization and cultural effervescence, what makes its pages carry traces of the political conflicts that occurred on that period.

By analyzing the content of this publication, we intend to understand the role of this collection in the political and cultural project idealized by Allende's government. Moreover, we fetch to show the propagandistic potential of the *Cuadernos de Educación Popular* through the verification of its representations and didactic strategies. We also debate the position defended by Harnecker and Uribe in this collection about the divergences that occurred between the left groups regarding the way of developing a socialist society in Chile and the ideal alliances to do it.

To achieve these objectives, we used as reference the reflections and contributions produced by the New Political History, a methodological and theoretical perspective that allowed the incorporation of new sources and problematics and also defends the dialogues between political aspects and other social fields, like culture.

Key words: cultural politics, Allende's government, workers, *Cuadernos de Educación Popular*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO 1: Um novo homem para uma nova sociedade: o projeto político-cultural allendista.....	23
1.1 Práticas e debates culturais no Chile de Allende: o nacional popular em pauta.....	23
1.2 A cultura como frente de luta: o papel da Editora <i>Quimantú</i> no processo revolucionário chileno	35
2. CAPÍTULO 2: Educar para a revolução: os <i>Cuadernos de Educación Popular</i> e o projeto de conscientização do proletariado.....	68
2.1 Estratégias didáticas: limites e contradições.....	84
2.2 O discurso de oposição como arma de propaganda.....	98
3. CAPÍTULO 3: Os conflitos políticos nos <i>Cuadernos de Educación Popular</i>.....	117
3.1 Os inimigos da Revolução Chilena.....	117
3.2 As dissensões da esquerda no governo Allende.....	142
3.2.1 Partidos de esquerda, uni-vos: política de alianças e combate ao sectarismo.....	146
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
5. ANEXOS.....	161
5.1 Títulos que compõem as principais coleções de <i>Quimantú</i>	161
5.2 Principais revistas publicadas pela Editora <i>Quimantú</i>	172
5.3 Preços das principais revistas.....	173
5.4 Lista de artigos sobre a obra “Capítulos de la História de Chile”.....	183
5.5 Tiragem dos <i>Cuadernos de Educación Popular</i> (edições variadas).....	186
6. FONTES.....	188
6.1 Fontes primordiais.....	188
6.2 Fontes complementares.....	189
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192

Introdução

O presente trabalho analisa a coleção “*Cuadernos de Educación Popular*”, um conjunto de 12 livros voltados à educação política de trabalhadores, publicados entre 1971 e 1973 pela Editora Nacional *Quimantú*, e procura discutir a inserção dessa publicação no projeto de formação de um novo tipo de cultura política no Chile durante o governo da Unidade Popular.

Essa coleção foi produzida durante um dos momentos mais efervescentes e polêmicos da História recente latino-americana. Após três tentativas frustradas, o médico Salvador Allende Gossens¹, candidato pela Unidade Popular, tornava-se, enfim, presidente do Chile.² Era a primeira vez que um governante, encampando um programa que falava explicitamente em abrir caminho para uma revolução de caráter anti-imperialista e socialista, chegava ao poder por meio de eleições, contrariando os prognósticos de boa parte da esquerda e os caminhos consagrados por importantes revoluções socialistas do século XX, como as Revoluções Russa e Cubana, que se assentaram na estratégia de luta armada e tomada do poder a partir de uma ruptura com a legalidade.

O ineditismo do projeto defendido pela Unidade Popular, que objetivava a construção de uma sociedade socialista através dos meios institucionais de um Estado democrático de direito, foi responsável por colocar esse país andino na ordem do dia, e suscitou uma série de debates ao redor do mundo, muitos dos quais estiveram permeados pelos sentimentos múltiplos – e díspares – que a chamada “experiência chilena” despertou. Adesões e esperanças apaixonadas, descrenças silenciosas, críticas contundentes e rechaços violentos deram o tom das discussões travadas durante os três breves anos em que Allende esteve no poder.

¹ Filho do advogado Salvador Allende Castro e Laura Gossens, nasceu no dia 26 de junho de 1908 em Valparaíso. Sua juventude foi marcada por intensa atividade política: quando estudante de medicina na *Universidad de Chile*, foi eleito dirigente estudantil (1926), presidente do *Centro de Alumnos de Medicina* (1927) e vice-presidente da *Federación de Estudiantes* (FECH) (1930). Em 1933, participou da

² Antes de obter êxito no pleito eleitoral de 1970, Salvador Allende já havia disputado a presidência em 1952, 1958 e 1964. Na primeira ocasião, quando concorreu com Carlos Ibáñez, Arturo Matte e Pedro Alfonso, recebeu apenas 5,5% das intenções de voto, ficando em último lugar. Já na segunda, como candidato pela FRAP (*Frente de Acción Popular*), Allende enfrentou Jorge Alessandri (Partido Conservador) Eduardo Frei Montalva (Partido Demócrata Cristão) e Luis Bossay (Partido Radical), alcançando uma votação bastante expressiva, que lhe rendeu o segundo lugar (cerca de 29%). Em 1964, Allende disputou a presidência com Eduardo Frei Montalva (PDC) e Julio Durán (Partido Radical), atingindo 38,5% das intenções de voto, repetindo a posição anterior. Informações retiradas de HELLER, Claude. **Política de Unidad em la izquierda chilena (1956-1970)**. México Jornadas 73, 1973, pp. 61 e 92, e FISCHER, Kathleen. **Political ideology and educacional reform in Chile, 1964-1976**. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, University of California, 1979.

Toda essa efervescência e polarização ideológica derivada dessa opção estratégica fez com que muitos historiadores que se dedicaram ao estudo da Unidade Popular chilena privilegiassem questões relativas ao âmbito político.³ A preponderância dessa ênfase é facilmente notada por meio de um breve levantamento bibliográfico sobre a Unidade Popular, que aponta para a existência de um grande volume de obras voltadas aos embates teóricos ocorridos entre os partidos de esquerda então existentes e para um número expressivo de trabalhos direcionados à discussão das causas da derrocada do projeto defendido por Salvador Allende. Dentro desta segunda categoria, merecem destaque os livros escritos por intelectuais e políticos que integraram o governo Allende, os quais tecem um balanço da experiência chilena a partir de uma análise dos erros cometidos naquele período, que na visão de seus autores, foram determinantes para a ocorrência do golpe de 1973, que pôs fim à Unidade Popular e mergulhou o Chile em uma das fases mais sombrias de sua História.⁴

O destaque conferido às problemáticas do âmbito político acabou por relegar os aspectos ligados à cultura durante a Unidade Popular a um plano secundário dentro da historiografia. Além de mais escassas, boa parte das obras ligadas a essa temática abarcou a política cultural desenvolvida pelo governo Allende de forma panorâmica,

³ Para traçar este balanço historiográfico sobre a Unidade Popular somamos as percepções derivadas do levantamento bibliográfico por nós realizado às reflexões presentes na obra “Democracia e socialismo: a experiência chilena”, de Alberto Aggio, que faz uma discussão detalhada sobre as interpretações feitas acerca da via chilena ao socialismo. Nela, o autor identifica três vertentes analíticas. A primeira delas é chamada por Aggio de “leitura do vencedor” ou da direita, e se pauta na ideia de que socialismo e democracia são incompatíveis, o que abriu caminho, segundo o autor, para argumentações que legitimam o golpe de 1973, apontando-o como uma forma de restabelecer a paz e a ordem no Chile. A segunda perspectiva identificada por Aggio é denominada “visão dos democrata-cristãos”, e se aproxima da leitura de setores de direita por defender a impossibilidade de sucesso da chamada via pacífica ao socialismo. Já a terceira vertente, designada como “leitura da esquerda”, é dividida pelo historiador em duas tendências: os trabalhos que buscam legitimar a experiência chilena e valorizar seus feitos, e aqueles que, partindo do seu desfecho (a derrota), procuram identificar erros e inconsistências do projeto *allendista*, de modo a apresentar os fatores decisivos para o seu fracasso. Para mais detalhes acerca deste balanço historiográfico, ver: AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo – a experiência chilena**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2002.

⁴ São exemplos dessa vertente as obras “Allende e as armas da política”, de Joan Garcés, “Dialética de uma derrota”, de Carlos Altamirano, e “Transição, Socialismo e democracia. Chile com Allende”, de Sergio Bitar. Todos esses autores estiveram ligados ao governo da Unidade Popular, ocupando, respectivamente, os cargos de assessor da presidência, secretário-geral do Partido Socialista e ministro da mineração. Em seus livros, eles apontam fatores que consideram fundamentais para explicar o trágico desfecho da experiência chilena, partindo de diferentes eixos. Garcés e Altamirano privilegiam aspectos políticos: destacam as ações das agências governamentais e multinacionais norte-americanas com vistas à derrubada de Allende, criticam as ilusões do governo da UP em relação à neutralidade das forças armadas e à possibilidade de dialogar e estabelecer pactos com a Democracia Cristã. Já a obra de Bitar tem como foco as problemáticas ligadas ao âmbito econômico, e procura dissecar as insuficiências da política econômica levada a cabo pela Unidade Popular. Mais informações em: GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. 1ª edição. São Paulo: Scritad Editorial, 1993; ALTAMIRANO, Carlos. **Dialética de uma derrota. Chile 1970-1973**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979; BITAR, Sergio. **Transição, socialismo e democracia. Chile com Allende**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

deixando de lado as particularidades inerentes a cada veículo comunicacional e manifestação artística que integrou esse projeto, contribuindo, assim, para a construção de uma visão homogeneizante acerca dos debates e práticas culturais do período.

O trabalho de Carlos Catalán, produzido na década de 1980, é bastante emblemático desta perspectiva analítica. Nele, o autor discute a função que o governo da Unidade Popular atribuía ao campo cultural, apontando as várias iniciativas criadas com o intuito de formar um novo tipo de cultura que correspondesse às demandas do projeto da via pacífica ao socialismo. Em seus artigos, destaca a canção engajada, a criação da Editora *Quimantú*, as pinturas murais e a criação de rádios, evidenciando a efervescência cultural verificada no período e o papel do Estado como agente cultural, sem, no entanto, problematizar as disputas e especificidades de cada prática artístico-cultural.

Trabalhos recentes, entretanto, têm possibilitado uma maior verticalização analítica ao se debruçarem sobre uma determinada iniciativa da política cultural *allendista*, contribuindo decisivamente para a discussão dos limites e potencialidades ligados a cada empreendimento desenvolvido.

As investigações realizadas por Carine Dalmás e Natália Ayo Schimiedeck que discutem, respectivamente, as pinturas murais e o movimento conhecido como *Nueva Canción Chilena* são exemplos desta tendência, à qual nossa pesquisa busca somar esforços. Nelas, as autoras rompem com as abordagens anteriores que, por seu caráter panorâmico e abrangente, acabaram por minimizar e/ou ocultar conflitos existentes no interior do âmbito cultural durante o governo Allende. Há, ao contrário, uma forte preocupação por parte das pesquisadoras em trazer à tona a diversidade de perspectivas político-ideológicas presentes no referido campo, evidenciando, assim, a complexidade e o caráter múltiplo das mais diversas manifestações artístico-culturais levadas a cabo entre os anos de 1970 a 1973, não obstante a existência de alguns elementos básicos compartilhados entre elas.⁵

Ao nos dedicarmos à análise da coleção *Cuadernos de Educación Popular*, temos a intenção de contribuir com o aprofundamento destas discussões acerca do caráter heterogêneo das medidas implantadas pelo governo Allende para o campo da

⁵ Referimo-nos aqui aos trabalhos de DALMÁS, Carine. **“Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da experiência chilena (1970-1973)**. Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH-USP, São Paulo, 2006 e SCHIMIEDECKE, Natália Ayo. **“Tomemos la historia em nuestras manos”:** **utopia revolucionária e música popular no Chile, 1966-1973**. Dissertação (Mestrado em História) UNESP, Franca, 2013.

cultura, lançando luz sobre alguns aspectos de uma iniciativa que, a despeito de seu destaque dentro do projeto cultural da Unidade Popular, ainda não foi devidamente explorada pela historiografia.

Referimo-nos aqui à criação da Editora Nacional *Quimantú*. Apesar das recorrentes menções que pesquisadores dedicados à política cultural do governo Allende realizam a essa instituição, salta aos olhos o fato de que boa parte dos estudos não se preocupa em realizar uma análise detalhada do conteúdo das obras colocadas em circulação, mencionando apenas elementos de caráter mais geral como o público-alvo, a temática, a tiragem e o nome dos envolvidos na idealização e produção de determinadas coleções. Há um grande silêncio e uma análise bastante superficial dos componentes textuais e imagéticos dessas obras, rompido por alguns poucos trabalhos, como os artigos produzidos por Isabel Jara Hinojosa, que analisa a coleção *Nosotros los chilenos*, e Ivan de Lima Gomes, dirigido à discussão da coleção infantil *Cabrochico*.⁶

Diante disso, defendemos a análise detalhada das coleções colocadas em circulação entre os anos de 1971 e 1973 pela editora do Estado como algo imprescindível para uma melhor compreensão dos conflitos e diversidade de estratégias existentes no interior desse ousado empreendimento editorial. Também acreditamos que só assim é possível entender as disputas político-ideológicas existentes a partir de um ângulo diferente: o campo cultural.

Devido à impossibilidade de realizar uma análise profunda da totalidade das obras colocadas em circulação pela editora *Quimantú* em decorrência do seu grande volume e caráter diversificado (expressiva variedade de temas, formato e público-alvo), decidimos optar por uma publicação dirigida especificamente à classe trabalhadora chilena, um dos grupos de maior atividade política na época e mais visados pelo governo Allende.

Além dos 12 volumes que compõem os *Cuadernos de Educación Popular*, selecionamos um conjunto de fontes complementares capaz de fornecer informações para traçarmos um panorama dos debates que movimentaram o âmbito cultural durante os anos de 1970 e 1973, afim de melhor compreender a ligação da coleção com determinadas demandas e polêmicas do referido contexto.

⁶ JARA HINOJOSA, Isabel. “Imagen-país” de la Unidad Popular y de la dictadura chilena: la disputa de los proyectos editoriales. In: **Coloquio Prácticas del territorio: Arte, Crítica e Historia**. 23 de novembro de 2011, Centro GAM, e GOMES, Ivan Lima. A revista em quadrinhos *Cabrochico* e os debates culturais para a construção da “via chilena para o socialismo” (1971-1972). In: **Revista Unisinos**, v.16, nº1, jan-abr de 2012.

Foram essenciais, nesse sentido, documentos produzidos pelo próprio governo da UP, bem como manifestos e artigos publicados em revistas e jornais das mais variadas tendências político-ideológicas que abordaram a Editora *Quimantú*, suas publicações, as propostas do governo Allende para o campo cultural e as críticas às medidas por ele implantadas. Também consultamos algumas entrevistas realizadas com Marta Harnecker e Gabriela Uribe e realizamos um levantamento de textos produzidos por elas com o intuito de obter informações acerca da biografia das autoras e suas filiações políticas e teóricas.

Por meio dos elementos textuais e imagéticos que compõem a coleção, objetivamos compreender o papel atribuído a ela dentro do projeto de formação de um novo tipo de consciência no Chile de Allende, identificando sua relação com os propósitos político-culturais defendidos pela Unidade Popular.

Intentamos, ainda, avaliar o potencial propagandístico da coleção através da verificação das estratégias desenvolvidas pelas autoras com a finalidade de seduzir seu leitor a apoiar uma determinada perspectiva político-ideológica. Nesse sentido, dedicamos especial atenção à análise das representações construídas por elas acerca dos diferentes grupos sociais e partidos políticos existentes e em torno dos sistemas socialista e capitalista.

Procuramos também dissecar o posicionamento veiculado na coleção frente a importantes debates que então ocorriam com relação à política de alianças a ser estabelecida e à via para se chegar ao socialismo. Visamos, dessa maneira, demonstrar como o campo cultural do período não foi marcado apenas pela polarização “esquerda *versus* direita”, tendo sido objeto de disputa por setores da própria esquerda que tinham perspectivas distintas acerca dos caminhos a serem adotados pelo projeto revolucionário liderado pela Unidade Popular.

No que tange às bases metodológicas da presente investigação, destacamos as contribuições oferecidas pela História Política Renovada e suas ramificações, fundamentais por possibilitarem uma melhor compreensão dos diálogos existentes entre os campos da política e cultura durante o governo Allende.

Advogada por nomes como René Rémond, essa vertente se insurgiu contra as críticas desferidas pela *École des Annales* que acusavam a História Política de não ser capaz de possibilitar a compreensão dos amplos movimentos da sociedade, por priorizar

os acontecimentos inscritos na curta duração e por privilegiar os grandes personagens em detrimento das massas.⁷ Tais críticas fizeram com que os estudiosos deste campo se debruçassem sobre sua própria prática e propusessem um alargamento conceitual do político, que deixou de ser visto apenas como disputas partidárias e o que é relativo aos espaços oficiais de poder.

Esta ampliação conceitual permitiu aos pesquisadores estabelecer diálogos férteis entre a política e outros âmbitos da realidade social, contribuindo para o surgimento de novas problemáticas à historiografia, como mostram os estudos referentes ao poder, que estão entre os temas que se beneficiaram das possibilidades de conexão abertas por esta vertente teórico-metodológica. É o que nos mostra Maria Helena Capelato ao afirmar que

A História que hoje se impõe afasta-se das teorias na medida em que coloca o estudo do poder no centro da nova problemática; esse estudo não se confunde com as teorias do Estado e se desenvolve na perspectiva de interpretação do poder por outros prismas e de reconhecimento de outras formas políticas. Isso possibilitou a exploração de novos temas de pesquisa relacionados à cultura política e/ou à história das representações políticas constituídas por imagens, símbolos, mitos e utopias.⁸

Nota-se, portanto, que a referida ampliação conceitual abriu caminho para a integração de novas fontes documentais e novos questionamentos, que impulsionaram a verificação das múltiplas facetas do poder e que evidenciaram como a política é capaz de se imiscuir nos mais diversos espaços, assumindo distintas formas.

Em nosso trabalho, dialogamos diretamente com essas percepções na medida em que entendemos os *Cuadernos de Educación Popular* como fruto de uma série de necessidades desencadeadas pelo processo revolucionário chileno, tendo sido atravessados pelos conflitos e debates político-ideológicos então existentes.

Com isso, não queremos reduzir a publicação a um mero reflexo das problemáticas do âmbito político. Trata-se, ao contrário, de demonstrar que as preocupações de ordem política extrapolaram os espaços tradicionais (instituições governamentais e agremiações partidárias) durante o governo de Salvador Allende e que

⁷ RÉMOND, René. Apresentação. In: **Por uma história política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 6 e 7

⁸ CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena. Propaganda no varguismo e no peronismo**. 2ª edição, São Paulo: UNESP, 2009, p.28.

o campo da cultura se tornou, também, um âmbito fundamental para a construção do poder e para o projeto de consolidação dos valores e princípios defendidos pela Unidade Popular.

Para além dos aportes fornecidos pela História Política Renovada, não podemos deixar de mencionar os subsídios proporcionados a essa pesquisa pela História das Representações. Foram essenciais, nesse sentido, as ideias de Bronislaw Baczko e Georges Balandier acerca da importância das representações para a sustentação de um dado poder.

Em seu livro “O poder em cena”, Balandier defende que o poder não é capaz de manter-se apenas mediante ou uso da força, tampouco meramente através de justificações racionais. Para assegurar sua existência e conservação, é necessário que se rodeie de símbolos, gestos, representações e mitos, de modo a construir imagens de si que sejam capazes de convencer e conquistar as massas.⁹

Perspectiva semelhante é advogada por Bronislaw Baczko, que vê nas representações uma forma de dominação no plano simbólico extremamente importante para a conformação do poder político. Afirma que “(...) *todo poder, particularmente o poder político, se rodeia de representações coletivas e que, para este o domínio do imaginário e do simbólico é um lugar estratégico e de importância capital.*”¹⁰

Além das representações, é preciso destacar o papel desempenhado pelos mitos políticos na legitimação e construção de um poder.¹¹ Raoul Girardet afirma que a grande fluidez e o caráter polimorfo das mitologias políticas fazem com que elas possam ser recuperadas em diferentes momentos históricos, tendo sua função e significação modificadas de acordo com as vicissitudes político-ideológicas de um determinado contexto, podendo servir aos propósitos dos mais diversos grupos do espectro político.¹² Define que

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce

⁹ BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982 p.7

¹⁰ BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales – memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

¹¹ Raoul Girardet advoga que a análise dos mitos políticos é fundamental para se lançar luz à uma dimensão negligenciada dentro do campo das ideias políticas: o imaginário político. Defende que uma análise restrita apenas à exploração do pensamento organizado através de obras teóricas clássicas e tratados políticos, não dá conta de entender o fenômeno político. In: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 9 -11

¹² GIRARDET, Raoul. op. Cit., pp. 9-17

também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante na origem das cruzadas e também das revoluções.¹³ (grifo nosso)

Este potencial explicativo e mobilizador do mito político apontado por Girardet também aparece nas reflexões que Jean-Marie Domenach desenvolve acerca dos usos das mitologias pela propaganda política. O autor afirma que estas “representações motrizes” agem sobre os sentimentos, reavivando esperanças, despertando um desejo de unidade e fazendo sonhar com um futuro promissor.¹⁴ Defende ainda que este efeito sensibilizador é útil à propaganda pois confere a ela uma função poética, tornando-a capaz de estimular as massas a abraçarem ou rechaçarem determinados valores e lutas.¹⁵

Ancorados nessas conceituações e problematizações é que buscamos analisar as representações contidas nos doze volumes que formam os *Cuadernos de Educación Popular*. Acreditamos que a análise dos símbolos, mitos e representações políticas contidos nessa publicação ajudam a compreender a visão do governo Allende acerca de determinados grupos sociais, figuras políticas e projetos econômicos, possibilitando a identificação dos valores e princípios que constituíam as bases da nova cultura política¹⁶ desejada pelo governo Allende, cristalizada na imagem do “novo homem” chileno.

Muito embora nossa pesquisa aborde um período de plena vigência das instituições democráticas, o contato com trabalhos que abordam aspectos da propaganda

¹³ Ibid., p. 13.

¹⁴ DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1979, pp. 92- 94.

¹⁵ Jean-Marie Domenach também afirma que a propaganda política estabelece intensos diálogos com a publicidade, a religião e a psicologia. a que ela toma várias das estratégias de convencimento mobilizados por essas áreas (repetição de imagens, promessa de comunhão, felicidade, apelo aos instintos) a fim de cumprir seu objetivo de interferir nos comportamentos e opiniões. Através de uma análise comparativa entre as propagandas de tipo leninista e hitlerista, o autor procura evidenciar as diferenças entre elas, além de elencar as chamadas leis gerais da propaganda (lei da simplificação e do inimigo único, a lei da ampliação e desfiguração, lei da orquestração, etc), evidenciando a presença de técnicas específicas no discurso propagandístico. Para mais detalhes, ver DOMENACH, Jean-Marie. Idem, 1979, pp. 25-49

¹⁶ Utilizamos a conceituação de cultura política empregada por Rodrigo Patto Sá Motta, que a define como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por um determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.” Para uma discussão mais aprofundada dos limites e possibilidades derivados do uso deste conceito, ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação da cultura política pela historiografia. In: **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2009.

política em regimes de caráter totalitário e autoritário do século XX serviu de base para nossa discussão acerca do potencial propagandístico dos *Cuadernos de Educación Popular*.

O livro “Multidões em cena”, de Maria Helena Capelato, ao explorar as características centrais das propagandas varguista e peronista defende que, a despeito da propaganda política não ser uma exclusividade dos regimes de corte personalista e/ou autoritários, o monopólio e a censura rigorosa dos meios de comunicação verificados nesses governos acabam por conferir uma maior eficácia à propaganda por eles veiculada.¹⁷

A historiadora ressalta, entretanto, que este forte controle não é capaz de eliminar resistências e desvios, já que a recepção não é algo uniforme, tampouco unilateral. Nesse ponto, Capelato se contrapõe fortemente às ideias defendidas por Theodor Adorno e Max Horkheimer acerca da indústria cultural e da propaganda política. Na visão desses autores, a propaganda é “inimiga do homem” devido ao seu caráter manipulador. Afirmam que a falsidade e o engodo são características inerentes a ela, e que mesmo quando essa se apropria da verdade, ao fazê-lo com o intuito de conquistar as pessoas, já promove deformações.¹⁸

Embora as reflexões de Adorno e Horkheimer sejam extremamente relevantes por sua contundente crítica à alienação produzida pela indústria cultural e pelos meios de comunicação, eles acabaram por sobrevalorizar o poder de manipulação e coerção destes em detrimento da ação das massas. Alimentam, assim, uma ideia de onipotência da propaganda política, conferindo às massas um papel de mero receptáculo de informações e discursos, rejeitando a possibilidade de resistências.

Em contrapartida a essa perspectiva, muitas pesquisas buscaram relativizar o poder de manipulação da propaganda política e o caráter nefasto dos meios de comunicação de massa, defendendo que estes podem ser utilizados não apenas como instrumentos de manutenção do *status quo*, exercendo um importante papel no sentido de questionar a ordem vigente.¹⁹

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit., p. 40

¹⁸ Essa ideia se mostra com clareza no seguinte trecho: “A propaganda manipula os homens, onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela. (...) A própria verdade torna-se para ela um simples meio de conquistar adeptos para sua causa, ela já a falsifica quando a coloca em sua boca. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.119.

¹⁹ Um dos exemplos desta vertente é Dênis de Moraes, que advoga a formação de agências independentes ou alternativas “que podem vir a consolidar-se como espaços autônomos de informação e aparelhos de

Por isso, é importante levar em consideração os limites do poder de alienação e dominação conferidos à propaganda política, especialmente quando tratamos de um contexto democrático em que projetos políticos completamente distintos tinham acesso, ainda que de maneira desigual²⁰, aos veículos comunicacionais para disseminar seus ideais e criticar seus adversários, como é o caso do período que pesquisamos.

A forte polarização político-ideológica verificada durante a Unidade Popular e os usos que a esquerda e a direita fizeram da mídia, expõem de maneira clara o emprego da propaganda política na disputa pela conquista dos imaginários sociais²¹, além de evidenciar que as massas estavam no centro de uma verdadeira batalha por hegemonia²². Nesta batalha, elas não ocuparam um lugar de meras espectadoras. Foram parte ativa da própria configuração da propaganda política do período, que teve que

difusão contra-hegemônica”, capazes de fazer frente aos conglomerados informacionais estabelecidos. In: MORAES, Dênis de. (org.) **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 138

²⁰ Hernán Uribe afirma este caráter desigual ao discutir o alinhamento ideológico dos principais jornais e revistas em circulação às vésperas das eleições de 1970 e durante o governo Allende. O autor demonstra que a imprensa escrita e as rádios estavam dominadas basicamente por 10 grupos, dentre os quais ele destaca: El Mercurio/Lord Cochrane, Empresa Editorial Zig Zag, Radios Minería e Portales, Consorcio Periodístico de Chile (COPESA), Companhia Chilena de Comunicaciones, Emisora Presidente Balmaceda, Sociedad Periodística del Sur (SOPESUR), Sociedad Nacional de Agricultura e Radioemisoras Unidas. Segundo Uribe, “(...) *El Mercurio, SOPESUR y COPESA controlaban el 80 por ciento de la producción nacional de diarios, con una tirada superior a los 500 mil ejemplares.*” Os meios favoráveis ao governo, em contrapartida, tinham uma tiragem bem mais restrita, de cerca de 350.000 exemplares. URIBE, Hernán. Prensa y periodismo político en los años 1960/70. In: **Morir es la noticia: los periodistas relatan la historia de sus compañeros asesinados y desaparecidos**. Santiago: Ernesto Carmona Editor, 1997.

²¹ Vários são os trabalhos que se dedicaram a explorar os usos que a esquerda e a direita chilenas fizeram de jornais e revistas com o intuito de propagar seu ideário e combater seus adversários no contexto de grande polarização político-ideológica que marcou a Unidade Popular. Merecem destaque a obra de DONNER, Patricio. **La prensa de derecha en Chile 1970-1973: una estrategia desestabilizadora del régimen**. Santiago: Andante, 1985, que aborda a campanha de difamação e medo levada a cabo por periódicos de direita com o intuito de enfraquecer o governo Allende, e também o artigo de SOTO G., Ángel. Caricatura y agitación política en Chile durante la Unidad Popular, 1970-1973. In: **Bicentenario Revista de História de Chile y America**, vol. 2, nº2, Santiago de Chile: Centro de Estudios Bicentenarios, 2003, em que o autor analisa o papel das caricaturas dentro da imprensa chilena enquanto “*agentes de socialización política en una dimensión generadora o aceleradora de situaciones de crisis*”, apontando uma série de caricaturas veiculadas por revistas como SEPA e PEC (Política Economía Cultura), de modo a demonstrar como elas buscavam desacreditar e atacar o governo Allende e suas propostas, integrando o jogo político daquele momento.

²² O conceito de hegemonia tem várias acepções dentro da teoria marxista. Em nosso trabalho, empregamos este conceito tal como ele foi concebido por Antonio Gramsci. O italiano se contrapõe ao pensamento de Lênin ao afirmar que a hegemonia não tem caráter exclusivamente político, mas também cultural. Enquanto os escritos de Lênin priorizam a derrubada do Estado como condição fundamental para o estabelecimento de uma hegemonia política e a tomada e sustentação no poder por meio da força (ditadura do proletariado), Gramsci, por sua vez, defende a necessidade de formar uma classe dirigente que se mantenha no poder não exclusivamente por meio da força, mas que conte com o consentimento das massas para governar. Para atingir esse objetivo, os intelectuais desempenhariam um papel fundamental, já que caberia a eles liderar o processo de construção de uma consciência crítica que abalaria o conjunto de crenças e valores defendidos pela classe dominante e possibilitaria a construção e emergência de princípios consonantes à classe operária. Para mais detalhes, consultar: ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. In: **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, São Paulo, pp. 71 -96, 2010.

desenvolver novas estratégias didáticas e adaptar-se para melhor atingir à população, num constante processo de negociação.

Embora não seja objetivo deste trabalho tratar das questões relativas à recepção da propaganda, não há dúvidas de que temos que levar em conta que seu público-alvo estava, no contexto em que abordamos, exposto a múltiplos discursos, ideias, representações e imagens com significações diversas e, por vezes, diametralmente opostas. Por isso, é imprescindível que analisemos a propaganda política veiculada pelos *Cuadernos de Educación Popular* tendo em vista as disputas ideológicas do período - que encontravam campo aberto para se manifestarem das mais diversas formas - para não sobrevalorizarmos a capacidade da coleção de influenciar a opinião pública.²³

Ademais, é preciso estar atento ao fato de que a mensagem que a propaganda intenta transmitir não é entendida de forma homogênea pelo seu público-alvo. Não obstante o fato de utilizar-se de elementos correntes presentes nos imaginários sociais, sempre há espaço para desvios e interpretações díspares acerca dos discursos por ela veiculados, o que torna evidente a necessidade de problematizar e assumir os limites do alcance da propaganda.²⁴

Optamos por dividir esse trabalho em três capítulos. O primeiro conta com duas seções: na primeira, apresentamos as principais discussões existentes no âmbito cultural quando da subida da Unidade Popular ao poder, privilegiando os debates em torno da função a ser desempenhada pela cultura dentro do processo revolucionário chileno. Preocupamo-nos em ressaltar as diferentes concepções de cultura e as variadas propostas existentes, apontando ainda as medidas efetivamente colocadas em prática

²³ Apesar de se pautar numa perspectiva que confere à propaganda um intenso poder de influência que por vezes, em sua análise, acaba por sufocar a capacidade de resistência dos atores históricos, compartilhamos da ideia advogada por Jean-Marie Domenach que afirma que a efetividade da propaganda depende de vicissitudes do contexto histórico, que podem tornar a população mais suscetível ou não a um tipo de apelo discursivo. Acerca dos sucessos da propaganda, ele afirma: “*Mas examinando-os de perto, percebe-se que eles não podem ser separados de certas condições de receptividade: miséria, decepção, humilhação, esperança de bem-estar ou de liberdade. Por mais eficazes que pareçam as técnicas de ação psicológica, nós nos enganaríamos imaginando que elas estão à disposição de qualquer aparelho, visando qualquer fim. É preciso um conteúdo político e uma ressonância na população.*” In: DOMENACH, Jean-Marie. Op. Cit., 1979, p.105.

²⁴ Dialogamos aqui com as reflexões de Roger Chartier acerca da recepção. O autor, que define a leitura como “apropriação, invenção e produção de significados”, chama a atenção para o fato de que o leitor pode não se submeter à lógica que um livro ou um texto procuram lhe impor, havendo a possibilidade de se ter impressões acerca da obra diferentes daquelas originalmente pretendidas por seu autor. Apesar de apontar para a possibilidade de interpretações variadas, Chartier salienta a necessidade de não sobrevalorizar os desvios que podem ocorrer neste processo de leitura, já que a própria interpretação tem limites estabelecidos pelo contexto histórico e pelo lugar social do leitor. In: CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

pelo governo Allende e as críticas a elas realizadas.

Na segunda seção, voltamos nossa atenção à criação da editora responsável pela publicação dos *Cuadernos de Educación Popular*, a Editora Nacional *Quimantú*, destacando seu papel dentro do processo revolucionário chileno e sua relação com os propósitos do projeto político-cultural *allendista*. Destacamos ainda os conflitos internos que marcaram sua existência, além de realizarmos uma breve análise das principais coleções e revistas colocadas em circulação por essa empresa, visando demonstrar a complexidade e diversidade deste projeto editorial do qual os *Cuadernos de Educación Popular* são parte.

No capítulo 2 partimos para a análise das estratégias didáticas desenvolvidas por Marta Harnecker e Gabriela Uribe com o intuito de convencer o leitor a abraçar o projeto da via pacífica ao socialismo. Verificamos os aspectos positivos e as limitações das ferramentas de convencimento criadas, e nos detivemos especialmente na análise das representações contidas na coleção. Intentamos, assim, compreender as visões que as autoras construíram acerca de determinados partidos políticos, grupos da sociedade chilena e também sobre os sistemas capitalista e socialista com vistas à disseminação de uma determinada visão a respeito da realidade social vigente, evidenciando a função propagandística desempenhada pela coleção.

No terceiro capítulo, voltamos nossa atenção à análise dos posicionamentos veiculados por Harnecker e Uribe acerca de questões extremamente caras e polêmicas à esquerda no período. Procuramos, nesse sentido, identificar os discursos veiculados na coleção acerca da política de alianças a ser adotada e a via defendida para se implantar o socialismo no Chile.

Na sequência apresentamos as considerações finais, recuperando os principais pontos abordados pela pesquisa e apontando os resultados obtidos a partir da investigação dos *Cuadernos de Educación Popular*, e na parte relativa aos “Anexos”, o leitor pode consultar uma série de tabelas que trazem, de maneira detalhada, os títulos que compõem as principais coleções publicadas pela Editora *Quimantú* entre 1971 e 1973; dados sobre as principais revistas (periodicidade, preço, tiragem); uma seleção de artigos publicados em jornais de esquerda e direita que abordaram uma obra específica publicada pela Editora (*Capítulos de la Historia de Chile*), alvo de grande polêmica no período; e a tiragem de algumas edições dos *Cuadernos de Educación Popular*.

CAPÍTULO 1: UM NOVO HOMEM PARA UMA NOVA SOCIEDADE: O PROJETO POLÍTICO-CULTURAL ALLENDISTA

A criação da coleção *Cuadernos de Educación Popular* esteve intimamente relacionada às tarefas colocadas ao campo cultural pela ascensão da Unidade Popular ao poder em setembro de 1970. Parte de um projeto editorial ambicioso e com interesses político-ideológicos bem definidos, esta publicação demonstra com clareza o entrelaçamento verificado entre o projeto político defendido por Salvador Allende e o âmbito da cultura durante os três anos em que esta coalizão de esquerda esteve no poder.

Buscando evidenciar a relação existente entre a criação da coleção e as preocupações que marcaram o campo político-cultural do período, apresentaremos neste capítulo um panorama dos debates então vigentes no espaço cultural chileno. Procuramos com isso demonstrar o papel que se atribuía à cultura dentro do processo revolucionário *allendista* e como esta concepção influenciou determinadas experiências naquele contexto. Dentre elas, dedicaremos especial atenção à criação da Editora Nacional *Quimantú*, responsável pela publicação dos *Cuadernos de Educación Popular*, a fim de discutir os propósitos desta instituição e os conflitos que marcaram este projeto editorial (tais como as divergências internas e as controvérsias suscitadas pela publicação de algumas obras), através de uma breve análise das principais coleções que colocou em circulação.

Por último, nos debruçaremos sobre a coleção propriamente dita, apontando seus aspectos técnicos (tiragem, número de volumes, estrutura dos textos apresentados) e as motivações para sua criação, evidenciando a forma como a sua criação procurava responder a necessidades desencadeadas pelo processo revolucionário chileno.

1.1 Práticas e debates culturais no Chile de Allende: o nacional popular em pauta

Durante os três anos em que a Unidade Popular esteve no poder, o Chile foi palco de grande efervescência político-social. Além das discussões e polêmicas suscitadas nos terrenos teórico e político e da intensificação dos conflitos ideológicos, a ascensão de um governo de esquerda e sua promessa de construir o socialismo através

da manutenção do Estado Democrático de Direito foram responsáveis por colocar novos problemas e desafios ao campo cultural, provocando grande agitação neste âmbito.

Assim como outros processos revolucionários de esquerda, o projeto *allendista* preconizava que as propostas direcionadas à transformação radical das estruturas econômicas chilenas deveriam ser acompanhadas pela construção de um novo tipo de cultura, apontada como elemento fundamental para a consolidação da sociedade socialista. Nesse sentido, muitos intelectuais e artistas viram a vitória eleitoral de Salvador Allende como uma oportunidade de alçar a cultura a um novo patamar, como atesta o editorial “*Nuevos días, nuevas metas*”, publicado em dezembro de 1970 pela Revista *Cormorán*²⁵:

“El triunfo electoral obtenido el 4 de septiembre último por el doctor Salvador Allende, representante de los partidos y movimientos de la Unidad Popular, abre al país posibilidades inéditas en su desarrollo político, social y cultural. (...) En este sentido el proceso social que se iniciará a partir de las transformaciones estructurales programadas por el gobierno de la Unidad Popular, obliga a asumir las metas que una concepción diferente de la cultura deberá adoptar para colaborar en la tarea común de crear una nueva sociedad.”²⁶ (grifo nosso)

Movidos pela vontade de integrar este cenário de possibilidades que se abria ao âmbito cultural, intelectuais, artistas e organizações partidárias produziram uma série de manifestos, artigos e propostas afim de discutir as diretrizes para a construção de uma nova cultura. Dentre os vários aspectos abordados, parte significativa destes documentos tratava da função a ser desempenhada por ela dentro do processo revolucionário chileno e das bases e valores que ela deveria fomentar, partindo de um posicionamento crítico frente às políticas e práticas culturais vigentes até então.

A despeito das divergências existentes, observamos a existência de uma concepção dominante entre a intelectualidade chilena no tocante à situação cultural do país no período, pois a maioria dos documentos dedicados à problemática então produzidos denunciava a ausência de uma cultura verdadeiramente comprometida com os anseios do povo e com o desenvolvimento autônomo do Chile - diagnóstico que teve importância central na elaboração de uma nova concepção de cultura durante a Unidade

²⁵ Publicada entre agosto de 1969 e dezembro de 1970, esta revista mensal trazia em suas páginas artigos relativos à arte, literatura, cultura nacional, sempre atenta aos debates político-ideológicos de sua época. Foi dirigida pelo poeta chileno Enrique Lihn.

²⁶ **Revista Cormorán**, nº8, dezembro de 1970, p. 2

Popular.

No caso do Programa de governo de Allende, notamos que a crítica ao panorama cultural chileno se assentou numa leitura que verificava no espaço cultural um prolongamento das relações de exploração econômica existentes entre países subdesenvolvidos e desenvolvidos. De acordo com esta ótica – muito marcada por um discurso que opunha vencedores e vencidos, fortes e fracos, poderosos e oprimidos, dependentes e autônomos - a condição do Chile de país capitalista dependente, dominado por uma burguesia estruturalmente ligada ao capital estrangeiro, era responsável por fazer com que o país se curvasse aos interesses das grandes potências não apenas no âmbito econômico, já que a ação prejudicial dos monopólios recaía também sobre a cultura, a educação e os meios de comunicação, como denuncia o excerto abaixo, retirado do Programa de Governo da Unidade Popular:

Los monopolios norteamericanos, con la complicidad de los gobiernos burgueses, han logrado apoderarse de casi todo nuestro cobre, hierro y salitre. Controlan el comercio exterior y dictan la política económica por intermedio del Fondo Monetario Internacional y otros organismos. (...) Intervienen también en la educación, la cultura y los medios de comunicación. Valiéndose de convenios militares y políticos tratan de penetrar las FF. AA.”²⁷

Para parte significativa da esquerda dos anos 60 e 70, esta interferência das grandes corporações sobre a cultura chilena era considerada uma das causas da alienação do povo. Era apontada, ainda, como o elemento que garantia o domínio ideológico das burguesias estrangeiras sobre o Chile, fazendo com que o país adotasse uma postura de subserviência aos interesses econômicos externos.

A partir desta constatação, o Programa da Unidade Popular advogava que a batalha contra o imperialismo e seus aliados (a burguesia monopolista e os latifundiários) não deveria restringir-se apenas ao âmbito econômico. Para superar o subdesenvolvimento e pôr fim à exploração imperialista que tanto prejudicava o desenvolvimento autônomo do Chile, a cultura deveria constituir-se enquanto uma importante frente de luta, direcionada à disseminação e consolidação de valores caros ao desenvolvimento da sociedade socialista em detrimento dos princípios burgueses imperantes, como demonstra o excerto abaixo:

²⁷ **Programa Basico de Gobierno de la Unidad Popular.** Santiago: s.n, 17 de dezembro de 1969, p.6

(...) la cultura nueva no se creará por decreto, ella surgirá de la lucha por la fraternidad contra el individualismo, por la valoración del trabajo humano contra su desprecio; por los valores nacionales contra la colonización cultural; por el acceso de las masas populares al arte la literatura y los medios de comunicación contra su comercialización.²⁸

Perspectiva semelhante era veiculada em artigos publicados em revistas acadêmicas e periódicos. Neles, muitos intelectuais teciam críticas à realidade cultural chilena denunciando seu caráter dependente frente aos modelos e parâmetros estéticos estrangeiros, como exemplifica o texto de Hugo Montes²⁹, publicado nos *Cuadernos de Economía*, em dezembro de 1970.

Em seu texto, Montes condenava veementemente o caráter desigual dos intercâmbios culturais, afirmando que o monopólio do progresso técnico e a posição econômica privilegiada de algumas nações permitia que elas atuassem como produtoras de cultura, enquanto a outras restava o papel de meros receptores ou reprodutores de discursos e padrões elaborados pelo “centro”:

A la vista está el peligro señalado en un mundo en que el progreso técnico y su base científica están monopolizados por escasas potencias. Intereses políticos y conveniencias ideológicas – tras ello, en muchos casos, razones económicas – mueven a favorecer el comercio cultural sólo en determinados sentidos y únicamente respecto de ciertos valores.³⁰

De acordo com o autor, esta situação condenava o Chile a “*una dependencia trágica, consistente en que otros le piensen la vida y las soluciones y a otros le hagan cuánto él necesita para satisfacer sus ansias de gozo interior.*”³¹ Para combatê-la, Montes advogava a distribuição equitativa do progresso científico com o intuito de dar voz às manifestações culturais dos mais distintos grupos, além de defender a

²⁸Ibidem, p. 28

²⁹ Hugo Montes Brunet é um importante poeta, crítico e educador chileno. Nasceu em 1926, em Santiago, e publicou mais de 30 obras, dentre as quais merece destaque o livro de poemas “*Plenitud del límite.*” Foi professor de Literatura da *Universidad Católica de Chile* e da *Universidad de Chile*. Recebeu prêmios importantes por sua atuação na área educacional e por sua produção artística, tais como o *Prêmio Alerce de la Sociedad de los Escritores de Chile* (SECH), em 1960, e o Prêmio Nacional de Educação, em 1995. Para mais detalhes, consultar sua autobiografia, que compõe a série *Quién soy yo?*, publicada pela editora Nascimento. Esta obra foi produzida a partir de um ciclo de palestras organizado pela *Agrupación amigos del libro*, intitulado “*Quién es quién en las letras chilenas?*”, no qual vários escritores chilenos compartilharam com o público aspectos de sua vida e obra. Encontra-se disponível online na plataforma Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-9176.html>

³⁰ MONTES, Hugo. Cultura y dependencia. In: *Cuadernos de Economía*, ano 7, nº 22, PUC, dezembro de 1970, p. 70.

³¹ Ibidem, p. 73

participação popular no âmbito cultural, a educação básica generalizada e a difusão massiva de bens culturais (tais como livros e discos), creditando a essas iniciativas a possibilidade de libertar o país e criar uma nova realidade que, segundo o autor, seria marcada pela recuperação da identidade chilena e da dignidade de seu povo, como comprova o trecho: *“Chile será más chileno y a la vez más universal y los chilenos serán más seres humanos cuando esta liberación (cultural) ocurra y se generalice planamente. Habrá nuevos incentivos entonces para crecer, para llegar a adulto, para vivir y convivir.”*³² (grifo nosso)

Além deste texto, o manifesto *“Por la creación de una cultura nacional y popular”*, assinado pelos escritores Enrique Lihn, Alfonso Calderón, Poli Délano, Luis Domínguez, Ariel Dorfman, Jorge Edwards, Cristián Huneeus, Hernán Lavín, Hernán Loyola, Germán Marín, Waldo Rojas, António Skármeta, Federico Schopf e Hernán Valdés, também compartilhava da ideia de que a possibilidade do povo chileno traçar seu próprio destino e desenvolver seu país relacionava-se diretamente à superação da dependência cultural à qual estava submetido.³³

Publicado em dezembro de 1970, este texto afirmava que a aparente abundância de atividade cultural ocultava o verdadeiro panorama cultural chileno, marcado por uma profunda escassez de “produção autêntica”.³⁴ Partindo desta constatação, o documento apontava a necessidade de se assumir a cultura enquanto um espaço de resistência em relação ao imperialismo e ao subdesenvolvimento, a partir da ressignificação de suas funções. Por isso, seus autores propunham que a cultura deveria ser orientada tendo em vista a valorização das manifestações nacionais, além de ter como propósito o fornecimento de instrumentos para o povo chileno criar suas próprias imagens de si e pensar sua realidade, como deixa transparecer o trecho abaixo:

La liberación de nuestras posibilidades como pueblo, hasta hoy marginado, sólo será posible si la comunidad se redefine, busca expresarse y se da al esfuerzo constante de crear las imágenes de sí misma que la historia reclama. Superar el subdesarrollo y la dependencia es a la vez una acción cultural. Y

³² MONTES, Hugo. **Op. Cit.**, p. 73

³³ A relação que os documentos apontados estabelecem entre dependência cultural e econômica, bem como a contunde crítica que fazem à dominação imperialista, mostram-se bastante inspiradas nas perspectivas da teoria da dependência, que dominaram os debates intelectuais dos anos 60. Esta vertente retomou muitas das bases do cepalismo (tais como nacionalismo econômico, anti-imperialismo e o marxismo), relacionando-as mais intimamente à questão da luta de classes. Para mais detalhes acerca da difusão das concepções cepalinas e da teoria da dependência na América Latina, ver NERCESIAN, Inés. Ideas, pensamiento y política en Argentina, Brasil, Chile y Uruguay, entre los cincuenta y los sesenta. In: **Revista Trabajo y sociedad**, nº19, 2012.

³⁴ **Revista Cormorán**, Op. Cit., p. 8

con el triunfo de la Unidad Popular se abre la primera gran oportunidad para llevar a cabo esta tarea.³⁵ (grifo nosso)

Notamos, portanto, que muitos autores concebiam a valorização do nacional e do popular em detrimento das manifestações e expressões artístico-culturais estrangeiras como um dos pilares fundamentais da nova cultura, defendendo-a enquanto um importante elemento para a superação da “alienação” imposta ao povo chileno por um dos maiores inimigos do processo revolucionário em curso: o imperialismo.

Não havia, entretanto, um consenso em torno do que seria esta cultura nacional. Enquanto alguns intelectuais definiam-na como sinônimo de “cultura proletária”, outros discordavam fortemente desta concepção, como é o caso de Carlos Maldonado, que acusava esta perspectiva de buscar uma cultura pura e idealizar as classes populares, como se estas não estivessem igualmente sujeitas às imposições ideológicas dominantes. Tal opinião aparece explicitada em seu artigo, publicado em 1972, nos *Cuadernos de la Realidad Nacional*, no qual ele afirma:

Estos agentes profilácticos se empecinan en ver todo lo existente corroído por el cáncer de los valores burgueses y diagnosticando a priori su irrecuperabilidad. Aspiran a ser revolucionarios “químicamente puros”. Son iconoclastas por definición, y con su rechazo a todo lo que sea virginal, fatalmente caen en una actitud nihilista. La exaltación de todo lo que provenga del pueblo, en forma indiscriminada, acusa una concepción idealizada de las clases populares, fuera del espacio y del tiempo; como si éstas no vivieran sometidas a la misma presión de la ideología dominante que el resto de la población.³⁶

Além deste aspecto, à nova cultura foi atribuída a importante tarefa de estabelecer uma hegemonia das concepções proletárias frente aos valores burgueses até então imperantes no universo sociocultural chileno³⁷, com a finalidade de se construir uma cultura política assentada nos valores de esquerda e cristalizada na imagem do “novo homem” chileno.

A ideia de construir um novo tipo de cidadania esteve fortemente presente em vários movimentos revolucionários de esquerda, como a Revolução Russa de 1917 e a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Nestas experiências, o “homem novo” foi

³⁵ *Ibidem*, p. 7

³⁶ MALDONADO V., Carlos. El proceso cultural como incentivador de la praxis. In: **Cuadernos de la realidad nacional**, nº12, abril de 1972, p. 76

³⁷ ALBORNOZ, César. La cultura en la Unidad Popular: porque esta vez no se trata cambiar un presidente. In: PINTO VALLEJOS, Julio. (org.) **Cuando hicimos historia – la experiencia de la Unidad Popular**. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 148

concebido como aquele capaz de adotar, a partir de uma atitude consciente e voluntária, uma postura comprometida com os princípios revolucionários, que deveria se manifestar nos pequenos atos de seu cotidiano. Acreditava-se que somente a partir desta mudança no interior do próprio homem (em sua consciência e suas ações) é que se tornaria possível consolidar o socialismo.³⁸

Por isso, muitos líderes e governos revolucionários adotaram uma série de medidas buscando fomentar uma cultura que possibilitasse a construção desta cultura política, como atestam, por exemplo, as iniciativas levadas a cabo em Cuba após o triunfo do movimento de 1959, dentre as quais podemos citar a criação do *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematograficas* (ICAIC), que procurava disseminar as propostas revolucionárias e conscientizar politicamente a população através de seus noticiários e documentários³⁹, e a criação da editora estatal *Imprenta Nacional*, em 1960, cujo objetivo era tornar os livros mais acessíveis à população.⁴⁰

No caso do Chile, a preocupação com a formação de novos sujeitos relacionou-se intimamente com o projeto político da via pacífica ao socialismo.⁴¹ Esta opção tática, que buscava a aproximação da meta socialista sem uma ruptura com a legalidade, tornava o apoio eleitoral e a participação popular imprescindíveis para a legitimação e sucesso do processo revolucionário em curso, já que sem o respaldo das massas, o governo Allende não teria a pressão e força necessárias para levar a cabo as mudanças radicais que almejava, e tampouco teria condições de fazer frente às investidas dos

³⁸ A importância da formação de um homem novo para a construção de uma sociedade socialista encontra-se manifestada na obra ““*El socialismo y el hombre en Cuba*”. Nela, Ernesto Che Guevara defende que as transformações na base econômica devem ser acompanhadas pelo ““(…) *desarrollo de una conciencia en la que los valores adquieran categorías nuevas,*” sem a qual a revolução socialista não poderia triunfar. In: CHE GUEVARA, Ernesto. **El socialismo y el hombre en Cuba**. La Habana: Casa Editorial Abril, 2015.

³⁹ Para mais detalhes acerca do ICAIC e das tensões que existiram no seu interior, consultar VILLAÇA, Mariana. **Cinema cubano: revolução e política cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.

⁴⁰ Para mais detalhes acerca das medidas adotadas pelo governo revolucionário cubano no campo cultural tendo em vista a conscientização das massas e a consolidação do socialismo na Ilha, ver MISKULIN, Silvia. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução 1961 – 1975**. São Paulo: Alameda, 2009.

⁴¹ Apesar da clara vinculação entre os debates culturais produzidos no Chile e as experiências culturais verificadas em outros contextos revolucionários, alguns intelectuais chilenos se posicionaram contra esta aproximação. Este é o caso de Carlos Maldonado, que afirmava a existência de diferenças notáveis entre o processo vivido no Chile e os outros movimentos de esquerda, o que, de acordo com ele, tornava impossível adotar políticas culturais semelhantes. Em sua perspectiva, “*Las continuas referencias de los polemistas a experiencias y peripecias culturales de otros países, sólo sirven, casi exclusivamente, para precaverse de caer en antiguos errores en las situaciones vividas en la Unión Soviética, en China o en Cuba, podemos hallar semejanzas solamente cuando planteamos la cuestión de manera muy genérica; pero la medida en que acercamos la lente de la realidad y la referimos a lo contingente nuestro, surgen avasalladoramente las desemejanzas.*” MALDONADO, Carlos. El proceso cultural como incentivador de la praxis. In: **Cuadernos de la realidad nacional**, nº12, abril de 1972, p. 70.

setores que se opunham ao seu projeto. Isso tornava imperativo o desenvolvimento de instrumentos e estratégias que difundissem os propósitos da Unidade Popular, a fim de promover a conquista dos imaginários sociais das massas e permitir sua adesão orgânica ao projeto revolucionário encabeçado por Salvador Allende.

Ademais, a pretensão do governo popular e de setores da esquerda de consolidar um outro tipo de organização política tonava urgente a consolidação de um novo tipo de cidadania. O modelo denominado “poder popular” - definido pelo programa da UP enquanto a incorporação massiva dos setores populares às esferas de representação já conhecidas com o intuito de dotar o aparato institucional de um caráter revolucionário e comprometido com os anseios populares – impulsionou a necessidade de educar a população dentro dos princípios político-ideológicos caros à esquerda, já que a ação das massas deveria ser orientada no sentido de somar esforços ao governo popular, e não constituir-se enquanto um elemento autônomo ou concorrente a este.⁴²

Dessa forma, o “novo homem” chileno idealizado pelo governo Allende era imaginado como aquele que, consciente dos propósitos da Unidade Popular, se engajaria na luta pela implantação do socialismo, assumindo uma postura de partícipe efetivo do processo revolucionário, como podemos observar no trecho a seguir:

Las transformaciones que se emprenderán requieren de un pueblo socialmente consciente y solidario educado para ejercer y defender su poder político, apto científica y técnicamente para desarrollar la economía de transición al socialismo y abierto masivamente a la creación y goce las más variadas manifestaciones del arte y intelecto.⁴³

⁴² Elisa Campos Borges aborda as divergências da esquerda chilena durante o governo Allende a partir da apresentação das diferentes concepções existentes acerca do que deveria ser o poder popular. De acordo com a autora, o Partido Comunista e a ala do Partido Socialista liderada por Salvador Allende defendiam esta nova forma de poder enquanto uma maneira das massas colaborarem e defenderem o governo da Unidade Popular, a partir da sua incorporação massiva e organizada às instâncias de poder já existentes, de modo a dotar o aparato estatal de uma força verdadeiramente revolucionária. Já a ala do Partido Socialista encabeçada por Carlos Altamirano, apesar de também advogar o poder popular enquanto uma forma de defesa do governo, ia além ao afirmar a possibilidade de torná-lo uma alternativa ao Estado burguês. O MIR (*Movimiento Izquierda Revolucionaria*), por sua vez, alegava a necessidade de fortalecer os órgãos de poder popular de modo a romper com todas as formas de poder burguês, viabilizando, assim, o efetivo controle do aparato estatal pelos setores populares. Segundo Borges, estas divergências ajudam a entender os diferentes posicionamentos dos referidos partidos acerca dos cordões industriais e também permitem compreender por que a definição de poder popular se mostra tão vaga no Programa de Governo da UP. Para mais detalhes, ver: BORGES, Elisa Campos. As diferenças entre a esquerda chilena no Chile de Allende: uma análise do significado do poder popular. In: **Revista Contemporânea**, Dossiê Nuestra América, ano 2, nº2, pp. 100 – 123.

⁴³ **Programa Básico de Gobierno de la Unidad Popular**, Op. Cit., p. 28.

A fim de consolidar esta cultura política, o governo popular assumiu a conscientização da população como tarefa do Estado, desenvolvendo uma série de iniciativas no âmbito cultural comprometidas com a difusão dos seus princípios político-ideológicos e com a incorporação das massas ao processo em desenvolvimento.

Dentre as várias medidas levadas a cabo tendo em vista estes objetivos, merece destaque a criação do “*Tren de la Cultura*”, caravana formada por artistas, poetas e folcloristas que tinha como objetivo levar música, teatro e declamações a povoados que não tinham acesso a estas formas de expressão artística. Este projeto, idealizado pelo Departamento de Cultura da Presidência, percorreu cerca de mil e quinhentos quilômetros do país, e contou com a participação de importantes figuras do cenário cultural do período, tais como os cantores Isabel e Ángel Parra e os conjuntos *Inti-Ilumani* e *Quilapayún*, todos ligados ao movimento denominado *Nueva Canción* chilena.⁴⁴

Além disso, o governo popular propôs a incorporação das massas às atividades intelectuais e artísticas a partir da criação de uma extensa rede de *Centros Locales de Cultura Popular* e do *Instituto Nacional del Arte y la Cultura*,⁴⁵ tentou implementar a reforma do sistema educacional chileno por meio de um projeto que ficou conhecido como ENU (*Escuela Nacional Unificada*), e defendeu a transformação da função social dos meios de comunicação, considerados elementos-chave na construção da nova consciência:

Estos medios de comunicación (radio, editoriales, televisión, prensa, cine), son fundamentales para ayudar a la formación de una nueva cultura y un hombre nuevo. Por eso se deberá imprimirles una orientación educativa y liberarlos de su carácter comercial, adoptando las medidas para que las organizaciones sociales dispongan de estos medios eliminando de ellos la presencia nefasta de los monopolios.⁴⁶ (grifo nosso)

O meio editorial e o rádio foram os veículos que receberam maior atenção por parte do governo Allende. No que tange ao primeiro, foi notável o empenho do Estado em adquirir uma das maiores empresas chilenas do ramo, a editora *Zig Zag*, com o intuito de construir um projeto editorial que visava à democratização do acesso à leitura e a difusão massiva do ideário da esquerda, como veremos mais adiante.

⁴⁴ ALBORNOZ, César. Op. Cit., p. 152

⁴⁵ Las primeras 40 medidas del gobierno popular. In: **Programa Basico de Gobierno de la Unidad Popular**, Op. Cit.

⁴⁶ **Programa Basico de Gobierno de la Unidad Popular**, Op. Cit., p. 31

Já no que diz respeito ao rádio, a tentativa de livrá-lo de seu caráter comercial se deu através de implantação de uma circular que definiu que os programas de todas as rádios do país deveriam apresentar 40% de música nacional, sendo 15% folclórica e 25% de qualquer outro gênero nacional.⁴⁷ Dessa maneira, o governo popular procurava fazer frente ao predomínio das músicas estrangeiras nas rádios e tentava estimular a população chilena a valorizar e consumir as canções nacionais.

Estas iniciativas trazem à tona um aspecto bastante peculiar do projeto político-cultural da Unidade Popular, que é a apropriação de elementos da indústria cultural e da cultura de massas capitalista pelo Estado, que os mobilizava com o intuito de difundir perspectivas contra hegemônicas, ligadas ao ideário da esquerda.⁴⁸

Além das medidas citadas acima, promovidas e idealizadas pelo Estado, é importante ressaltar que surgiram iniciativas artístico-culturais de caráter espontâneo, que nasceram da vontade que determinados grupos tinham de participar do projeto de construção do socialismo através da via pacífica.

Este foi o caso das pinturas murais, produzidas por brigadas compostas por jovens militantes do Partido Comunista e do Partido Socialista. Seu surgimento esteve associado à campanha eleitoral da FRAP, em 1964, quando a pintura de símbolos e frases nos muros de Valparaíso se mostrou uma interessante alternativa propagandística ao candidato Allende, uma vez que este não dispunha de vultosos recursos econômicos como seus adversários.

Com mensagens simples e diretas, associadas à grande visibilidade e baixo custo, as pinturas murais realizadas pelos jovens militantes se consagraram como uma importante ferramenta propagandística da UP, sendo utilizadas durante a campanha de 1970 e ao longo dos três anos em que a Unidade Popular esteve no poder com o objetivo de difundir os principais valores e propostas do governo Allende e conquistar apoio popular ao seu projeto.⁴⁹

Também é necessário destacar a importante contribuição dada ao projeto político-cultural da Unidade Popular pelos cantores e conjuntos que integravam o movimento conhecido como *Nueva Canción Chilena*, que assumiram uma postura militante frente ao governo Allende, fazendo de suas músicas instrumentos de exaltação e divulgação

⁴⁷ LARGOS, René. In: LEONARDI, N. (org.), (1995) apud DALMÁS, C. 2006, p. 24

⁴⁸ DALMÁS, Carine. **Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da experiência chilena (1970-1973)** Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2010, p. 35

⁴⁹ DALMÁS, Op. Cit., pp. 51-53

dos princípios e valores defendidos pelo governo popular.⁵⁰

A despeito da diversidade das iniciativas governamentais e das adesões ao projeto cultural *allendista* citadas acima, houve setores da sociedade chilena que teceram críticas contundentes a algumas medidas adotadas, como demonstra o caso do polêmico projeto de planificação do ensino defendido pelo governo popular, denominado *Escuela Nacional Unificada* (ENU).

Desenvolvido a partir de debates com docentes, estudantes, padres e organizações sociais com o intuito de planificar a educação do país, esta proposta defendia como princípios básicos a educação permanente, democrática, participativa e pluralista, além de propor a superação das barreiras existentes entre os ensinos técnico e humanista. Apesar do esforço do governo em levar este projeto a cabo através da integração dos distintos níveis educacionais em um sistema único, a proposta foi duramente rechaçada, sendo acusada de ocultar a verdadeira intenção do governo, que segundo os grupos opositores, era estabelecer um ensino de viés ideológico marxista.

A Federação de Estudantes da Pontifícia Universidad Católica de Chile (FEUC) foi um dos setores que mais intensamente se mobilizou contra a planificação educacional defendida pela UP, publicando um livro no qual a criticava duramente. A obra, intitulada “*ENU: El control de las conciencias*”, lançada em 1973, foi um manifesto contra a unificação educacional, ao afirmar que

El proyecto gubernativo para crear la Escuela Nacional Unificada ha remecido la conciencia nacional con esa certera intuición que caracteriza a los pueblos cuando se ven amenazados en sus fibras más íntimas, Chile se ha puesto de pie para rechazar una iniciativa que pretende establecer la uniformidad y el control político de las mentes de los chilenos. (...) La combativa palabra de numerosas organizaciones gremiales es, en fin, el mejor

⁵⁰ O movimento *Nueva Canción Chilena* originou-se na década de 60 e caracterizou-se pela renovação do repertório folclórico por meio da incorporação de temáticas sociais às canções, que passaram a denunciar as desigualdades e as precárias condições de vida dos trabalhadores. A partir dos anos 70, este movimento passou por uma transformação devido à adesão dos músicos que integravam este movimento aos projetos em disputa na eleição daquele ano: Pedro Messone e Vicente Bianchi passaram a apoiar o candidato democrata-cristão Radomiro Tomic; o conservador do Partido Nacional, Jorge Allesandri, contou com a anuência de Paz Undurraga e Luis Chino Urquidi, enquanto Salvador Allende, da Unidade Popular, foi apoiado pelos conjuntos Quilapayún e Inti Illimani e por cantores como Rolando Alarcón, Patricio Manns, Ángel Parra e Victor Jara. Segundo Caio Gomes, isso fez com que a *Nueva Canción Chilena* ultrapassasse o engajamento político e assumisse uma postura de franca militância partidária. Para mais detalhes, consultar: GOMES, Caio. “**Quando um muro separa uma ponte une**”: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/1970). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2013.

testimonio del amplio eco ciudadano que el combate en contra del modelo gubernativo de la Escuela Nacional Unificada ha despertado.⁵¹

As críticas às ações da Unidade Popular no âmbito da cultura partiram também de setores da intelectualidade chilena que, embora apoiassem o projeto encabeçado por esta coalizão de esquerda, consideravam insuficientes as medidas por ela adotadas no referido campo, apontando para a ausência de uma política cultural clara e organizada.

Dentre as várias publicações e textos que manifestaram sua insatisfação com relação à postura do governo Allende frente às questões culturais, a revista *La Quinta Rueda* merece destaque pelo fato de que teve sua criação atrelada ao compromisso de avaliar criticamente as medidas adotadas pela Unidade Popular no campo artístico-cultural. Seu próprio nome censurava o descaso do governo popular em relação à cultura, ao afirmar que ele a tratava como a “quinta roda de um carro”, ou seja, algo supérfluo, que não era essencial para o funcionamento do veículo (que seria a sociedade), como podemos observar a partir do trecho abaixo, retirado do artigo “¿Donde esta la politica cultural?”, escrito por Carlos Maldonado no primeiro volume da revista:

Mucho se habla actualmente de la cultura, pero es un tema que aparentemente no logra inquietar al gobierno ni a los partidos políticos. Para ellos la cultura parece ser como la quinta rueda del coche y al parecer no hay conciencia de que lo anterior refleja una carencia en la batalla ideológica. De nada sirve hablar de prioridades, frente a las cuáles los problemas de la cultura tendrán que esperar su turno. Con ese criterio sólo se van sembrando serias dificultades y desniveles para el futuro.⁵² (grifo nosso)

O breve panorama apresentado acima demonstra que o campo cultural sob o governo Allende foi permeado por uma série de disputas, polêmicas e reflexões, derivadas das diferentes expectativas que diversos grupos alimentavam frente às possibilidades abertas pela vitória eleitoral da Unidade Popular ao campo da cultura. Estes debates influenciaram diretamente as várias experiências e medidas implementadas pelo governo popular no referido âmbito, como foi o caso da criação da Editora Nacional *Quimantú*.

⁵¹ Pontificia Universidad de Chile. Federación de Estudiantes. **ENU: El control de las conciencias**. Santiago: s.n, 1973, p.9

⁵² **Revista La Quinta Rueda**, nº 1, outubro de 1972, p. 14.

Considerada uma das mais importantes iniciativas culturais da Unidade Popular, esse projeto editorial carregou em seu bojo muitas das perspectivas disseminadas no período acerca dos propósitos da nova cultura, relacionando-se diretamente com as pretensões político-ideológicas do projeto *allendista*, além de ter sido fortemente marcado pelas disputas e tensões então existentes, como discutiremos a seguir.

1.2 A cultura como frente de luta: o papel da *Editora Quimantú* no processo revolucionário chileno

A ideia de criar uma editora estatal já havia sido pensada antes mesmo da Unidade Popular chegar ao poder. Ainda quando ocupava o cargo de senador, em outubro de 1967, Salvador Allende elaborou um projeto de lei no qual propunha a modificação do estatuto da *Editora Andrés Bello*, a fim de acabar com as restrições impostas por lei a esta empresa, que impediam-na de adquirir, alugar ou administrar imprensas e oficinas de encadernação.⁵³ Com essa medida, buscava-se aumentar a produção de livros dentro do país e possibilitar uma maior diversificação das publicações editadas por esta empresa, que até então se limitavam a obras de temáticas jurídicas. Segundo Allende, a aprovação deste projeto

(...) contribuiría a ampliar los horizontes intelectuales y culturales de la nación, se facilitaría a educandos y estudiosos, y, a lectores en general, el acceso a las grandes fuentes del pensamiento nacional y universal, y se contribuiría en gran medida al abaratamiento de costos, lo que redundaría especialmente en beneficio de las capas modestas de la población.⁵⁴

Apesar de não ter sido aprovada na ocasião, a ideia não foi abandonada, tendo encontrado meios de se efetivar em dezembro de 1970, quando houve a eclosão de um conflito entre os proprietários e os trabalhadores de uma das principais editoras do país, a *Zig Zag*. A greve motivada pelo atraso no pagamento dos salários, as dívidas da

⁵³ BERGOT, Solène. Quimantú: Editorial del Estado durante la Unidad Popular chilena (1970-1973). In : *Pensamiento Crítico Revista Electrónica de Historia*, nº 4, nov. 2004, pp. 3 e 4.

⁵⁴ Allende, Salvador. Moción del H. Senador Allende, *con la que inicia un proyecto de ley que crea la empresa editora del Estado*. Senado, legislatura extraordinaria, tomo 304, vol. 1, Sesión 14ª del 26 de octubre de 1967, p. 503.

empresa⁵⁵ e a impossibilidade de reverter esse quadro fizeram com que seus donos optassem por vendê-la, tendo o Estado se esforçado para adquiri-la.

Após meses de negociação entre o presidente da referida empresa, Sergio Mujica Lois e dois representantes do poder executivo (o Ministro da Economia e Comércio Pedro Vuskovic e o diretor do Instituto de Economia da *Universidad de Chile*, Jorge Arrate), foi firmado um acordo em 12 de fevereiro de 1971, que selou a compra de *Zig Zag* pelo Estado, dando origem à Editora Nacional *Quimantú*. Este acordo definiu que *Zig Zag* manteria o controle sobre algumas de suas publicações (como as revistas de grande circulação *Condorito*, *Historietas Disney*, *VEA*, *Ercilla* e *Visión*), e que estas poderiam continuar sendo impressas nas oficinas da nova editora.⁵⁶ Ademais, determinou a aquisição de todo o maquinário e o espaço físico anteriormente pertencentes à *Zig Zag*⁵⁷ pela editora estatal, e estabeleceu que esta passaria a integrar a Área de Propriedade Social (APS), órgão formado pelo conjunto de empresas nacionalizadas pelo governo popular.

As 183 empresas que compunham a APS estavam diretamente submetidas ao Estado através da *Corporación de Fomento de la Producción* (CORFO)⁵⁸, entidade que sob o governo Allende assumiu papel central no processo de estatização de empresas de diversas áreas, fornecendo subsídios, participando da gestão e fiscalizando o cumprimento das metas estabelecidas pelo governo. No caso da editora recém-adquirida, entretanto, as relações com este órgão foram bastante peculiares. Apesar da sua dependência econômica perante a CORFO - que assumiu parte das dívidas que eram de *Zig Zag* -, a nova editora dispunha de um status diferenciado dentro da Área de Propriedade Social pelo fato de ter sido a única empresa comprada pelo Estado, e não expropriada, como as demais. Além disso, possuía uma autonomia relativa nas suas decisões internas, não se submetendo a algumas determinações estabelecidas pelo

⁵⁵ Segundo reportagem publicada na revista *Ahora*, em 7 de setembro de 1971, a dívida de *Zig Zag* era de 70.000.000 pesos. In: **Revista Ahora**, nº 21, 7 de setembro de 1971, p. 21.

⁵⁶ Pola Iriarte e Mónica Villaroel destacam que algumas destas publicações de *Zig Zag* que continuaram sendo impressas nas oficinas de *Quimantú* apresentavam uma postura abertamente contrária ao governo popular, caso das revistas *Ercilla* e *Visión*. In: IRIARTE, Pola; VILARROEL, Mónica, **Encarte da exposição Quimantú 1971-1973: un suceso editorial**, realizada entre 4 e 18 de dezembro de 2003, na Casa Central da Universidad de Chile, em Santiago.

⁵⁷ O prédio da Editora Nacional *Quimantú* se situava na Avenida Santa María, número 76.

⁵⁸ A *Corporación de Fomento de la Producción* foi um órgão estatal criado em 1939, durante o governo de Pedro Aguirre Cerda. Tinha como objetivo impulsionar a economia nacional, a partir da criação de empresas estatais, tais como *Empresa Nacional de Eletricidad* (Endesa), *Empresa Nacional de Petroleo* (Enap) e a *Industria Azucarera Nacional* (Iansa). Para mais detalhes, consultar a plataforma Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3508.html>

referido organismo estatal.⁵⁹

No que diz respeito à estrutura organizativa, *Quimantú* era composta por uma gerência geral, que ficou a cargo do economista e militante socialista Sergio Maurín, e por um conselho administrativo, formado por dez pessoas: cinco diretores dos diversos departamentos existentes dentro da empresa (Departamentos Editorial, Departamento de Publicações, Departamento de Finanças, Departamento Comercial, Departamento Pessoal e Administração), e cinco representantes dos trabalhadores, chamados de “executivos laborais”.⁶⁰

Enquanto os diretores dos departamentos eram nomeados pelo próprio governo através da CORFO, os executivos laborais eram escolhidos pelos trabalhadores de *Quimantú* por meio de eleições diretas e secretas que ocorriam anualmente, garantindo assim, a participação dos operários na gestão da empresa. Máximo Armijo, Arturo San Martín, Juan Fernández, Carlos Valle e Samuel Salazar, eleitos para a função, trabalhavam em dois turnos, sendo um deles destinado à realização das tarefas administrativas e o outro, voltado ao cumprimento das obrigações atinentes a seus cargos dentro das oficinas da editora.⁶¹

Ademais da gerência, do conselho administrativo, dos departamentos e das seções, existia dentro da editora estatal uma organização paralela: os comitês de produção. Os membros que compunham estes comitês eram escolhidos em votação aberta pelos próprios trabalhadores de *Quimantú*, podendo ser destituídos de seus cargos a qualquer momento por decisão da assembleia.

O surgimento destes núcleos esteve diretamente atrelado à preocupação de fiscalizar os chefes de departamento e de seção herdados da antiga editorial, pois havia o temor de que alguns deles, ligados ao Partido Democrata Cristão, sabotassem a produção.⁶² Com o passar do tempo, estes comitês acumularam funções, e passaram a elaborar normas de produção e regulamentos disciplinares, além de participar das discussões dos conteúdos das obras e da busca por alternativas para substituir alguns equipamentos que eram caros ou difíceis de se obter no exterior⁶³, devido ao bloqueio

⁵⁹ Esta autonomia relativa de *Quimantú* se expressa no não cumprimento de algumas metas determinadas pela CORFO, como ocorreu em 1972, quando a Editora optou por não reajustar o salário de seus trabalhadores como havia previsto o plano anual do órgão estatal. Para mais detalhes, ver: BERGOT, Solène. Op. Cit, p. 9.

⁶⁰ PAILLARD, Morgane. **La política editorial em Chile 1970-1973: edición de estado y edición privada. Quimantú en el espacio editorial chileno.** França: s.n, 2004, pp. 36 e 37.

⁶¹ Ibidem., p. 39

⁶² DRAGO, Tito. **Chile: um duplo seqüestro.** Brasília: Thesaurus Instituto Pensar, 1995, p. 92

⁶³ Idem

que os Estados Unidos impunham ao Chile no período.⁶⁴

Além da criação destes canais que asseguravam a participação dos trabalhadores na gestão da nova editora, foram desenvolvidas medidas que visavam romper com a diferenciação existente entre os funcionários das oficinas e aqueles que ocupavam cargos diretivos dentro da empresa: houve a redução à metade dos salários da gerência geral e das gerências que passaram a compor divisões, e ocorreu também a abolição do refeitório destinado aos profissionais que ocupavam cargos administrativos, o que fez com que gerentes, diretores e chefes de seção dividissem o mesmo espaço com encadernadores, operadores de máquinas, e outros profissionais das oficinas de *Quimantú* no horário das refeições.⁶⁵

O nome inicialmente pensado para a nova editora havia sido “Camilo Henríquez”⁶⁶, em referência ao sacerdote chileno que produziu uma série de escritos com o intuito de defender a emancipação das colônias espanholas e os ideais republicanos.⁶⁷ Embora este não tenha sido o nome escolhido em votação realizada pelos trabalhadores da editora estatal, que elegeram “*Quimantú*” como o mais adequado, observamos a persistência da intenção de reivindicar a ideia de independência chilena e a resistência à dominação estrangeira ao optar-se por uma palavra de origem *mapuche* para batizá-la, já que este grupo indígena foi um dos poucos que conseguiu manter o controle de seu território durante o processo de colonização espanhola. O nome *mapuche* remetia, assim, à proposta de transformar a cultura em um campo de valorização dos aspectos nacionais e de combate à “colonização cultural”

⁶⁴ De acordo com Sergio Maurín, a atividade dos comitês de produção teve grande impacto na empresa. Uma de suas maiores contribuições, segundo o ex-gerente geral da Editora, foi a “*recuperación por el taller mecánico de una encuadernadora Sheridan de altísimo valor, arrumbada en galpón de desechos y la elaboración de partes de piezas que se importaban de EEUU y la fabricación de un compuesto químico para fotograbado, los dos últimos afectados por el bloqueo.*” IN: MAURIN, Sergio. **Quimantú: participación de los trabajadores en la gestión.** Comunicação proferida por Sergio Maurin, gerente geral de Quimantú, no Fórum organizado pela CUT e pelo *Colegio de Periodistas* em 28 de agosto de 2013. Disponível em: http://virginia-vidal.com/anaquel/article_537.shtml Consultado pela última vez em 21/05/2017.

⁶⁵ MAURIN, Sergio. Op. Cit., sem página.

⁶⁶ Tal denominação foi sugerida pelo próprio Allende, em declaração sobre a compra da Editora *Zig Zag*, veiculada no jornal *La Nación*. In: **La Nación**, 13 de fevereiro de 1971, p. 5.

⁶⁷ Camilo Henríquez foi uma importante figura do processo de independência chileno. Nascido em 20 de julho de 1769, na cidade chilena de Valdivia, Henríquez mudou-se para Lima (Peru) aos 14 anos, completando seus estudos no convento regido pela Ordem de San Camilo de Lellis o de la Buena Muerte. Em 1810, retornou para o Chile movido pelo interesse de incorporar-se ao movimento de independência, e passou a escrever uma série de escritos (sermões, proclamas, poesias e artigos) com o intuito de difundir os ideais republicanos. Também foi responsável por fundar, em 1812, o primeiro periódico do Chile independente, intitulado “*Aurora de Chile*,” que teve frequência quinzenal e atingiu 58 números. Para maiores informações acerca da vida e obra de Camilo Henríquez, consultar: www.memoriachilena.cl/602/w3-article-564.html

vigente no Chile até aquele momento.

Além disso, a palavra “*Quimantú*”, cujo significado é “Sol da Sabedoria”, fazia referência a um dos principais compromissos do projeto cultural do governo popular, pois simbolizava sua pretensão de incorporar as massas às atividades artístico-intelectuais: assim como o sol se estendia para todos, também o acesso à cultura, por meio do alcance aos livros, deveria atingir toda a população chilena.

Tal propósito traçado para nova editora também se mostrava presente na declaração feita pelo presidente Allende quando da efetivação da compra de *Zig Zag* pelo Estado, como podemos observar no trecho a seguir:

Desde nuestro punto de vista, el paso que hemos dado significa el inicio de una nueva etapa en la difusión de la cultura de nuestro país. La nueva Editorial del Estado contribuirá eficazmente a la tarea de proveer a los estudiantes chilenos de sus propios textos de estudios, de promover la literatura nuestra y de permitir que el libro sea un bien que esté al alcance de todos los chilenos.⁶⁸ (grifo nosso)

Neste excerto, é possível observar que o governo popular atribuía à nova editora a tarefa de democratizar a cultura a partir da disseminação massiva de livros. Este discurso mostrava-se afinado à perspectiva - bastante difundida entre setores da esquerda e grupos da intelectualidade chilena dos anos 60 e 70 - que defendia que a distribuição de bens culturais à população mais pobre, historicamente alijada da possibilidade de produzir e consumir cultura, representava um importante passo na superação do caráter elitista da cultura chilena, e também refletia, por outro lado, uma noção bastante cara aos setores de esquerda à época, de que as massas deviam ser tuteladas.

É nesse sentido que observamos, no trecho acima, a existência de um esforço retórico que buscava colocar a criação de *Quimantú* como um marco inaugural de uma nova etapa da cultura chilena, orientada no sentido de romper com as práticas até então vigentes no plano cultural que excluía parte significativa da população.

Embora a editora estatal e o governo popular tenham, de fato, adotado uma série de medidas para estender o acesso à cultura por meio da difusão massiva de livros a setores da população que até então não tinham contato com este bem cultural, seu projeto não representou uma ruptura tão radical com o elitismo cultural vigente como

⁶⁸ *La Nación*, Op.cit., p.5

afirmam alguns dos envolvidos neste projeto editorial.

Na visão de Bernardo Subercaseaux, a opção feita pela política cultural *allendista* de ancorar-se na disseminação de livros para superar as desigualdades culturais entre as classes demonstra a persistência de uma matriz cultural iluminista que vigorava no Chile desde a década de 30, que se caracterizava por privilegiar um conjunto de saberes e objetos considerados como exemplos da “alta cultura”.⁶⁹ De acordo com o autor,

Tras la “opción Quimantú” hay por ende una sobrevaloración “cultural” del producto-libro, una visión iluminista de la cultura que la enfatiza como alta cultura, como un legado al que se accede sólo a través de ciertos objetos capaces de contenerla, en especial los libros.⁷⁰

Ademais, observamos que, no caso de *Quimantú*, a permanência da matriz iluminista se verifica também na forma como se dava a incorporação das massas às atividades artístico-culturais: mediante a extensão de determinados conhecimentos e obras pré-determinados, escolhidos tendo em vista interesses político-ideológicos do próprio governo e levando em consideração o reconhecimento e prestígio de alguns autores. Estes elementos são facilmente perceptíveis no caso das coleções “*Quimantú para todos*” e “*Minilibros*”, que tinham como objetivo a divulgação do “*mejor da literatura chilena e universal*”. Nos seus volumes, figuravam obras de Anton Chekov, Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Thomas Mann e Fiódor Dostoiévski, Gabriela Mistral, Julio Verne, António Skármeta, Pablo Neruda, Júlio Cortázar, entre outros autores, o que atesta existência da preocupação de colocar as massas em contato com determinados cânones, revelando uma postura de paternalismo perante o povo, já que o quadro diretivo da editora arrogava a si a prerrogativa de definir as obras com as quais a população deveria ou não ter contato.

A despeito destas limitações, os envolvidos no projeto editorial de *Quimantú* desenvolveram importantes medidas com o objetivo de levar a cabo a tarefa de democratizar a leitura no Chile. Uma das iniciativas mais inovadoras neste sentido foi a

⁶⁹ O termo “iluminista” é empregado pelo autor de maneira metafórica, e não para designar a corrente filosófica do século XVIII que primava pela valorização da razão e questionava os pilares teóricos do absolutismo. Subercaseaux usa este conceito para referir-se à postura paternalista de “levar luzes (saber) às massas” que permeou boa parte das políticas culturais chilenas, semelhante, nesse sentido, à postura do movimento intelectual iluminista que atribuía a si a prerrogativa de combater o obscurantismo a partir da difusão de determinados saberes e princípios teórico-políticos.

⁷⁰ SUBERCASEAUX, Bernardo. **La industria editorial y el libro en Chile (1930-1984) – ensayo de interpretación de una crisis**. Santiago: CENECA, 1984.

criação de um novo canal de distribuição de livros, a fim de superar a disposição irregular das livrarias no território chileno, que se encontravam concentradas nas áreas mais ricas das grandes cidades do país.

De acordo com Solène Bergot, em 1970 o Chile possuía cerca de 108 livrarias, sendo que das 65 com localização conhecida, 75% encontravam-se nas regiões mais ricas de Santiago. Visando romper com este panorama, o Departamento comercial da nova editora investiu na distribuição de seus livros e revistas em quiosques (bancas de jornais), que eram muito mais abundantes e melhor disseminados pelo território, o que ajudaria a difundir estes bens culturais de maneira mais homogênea e permitiria aproximá-los dos operários, não acostumados a frequentar livrarias.⁷¹

Também foram firmados convênios entre a editora, sindicatos e oficinas de bem-estar social, permitindo que estes desfrutassem de um desconto de 30% sobre o preço de venda de livros em suas próprias livrarias, em mais uma tentativa da editora em atingir seu principal público-alvo: os trabalhadores. Ainda que não haja documentos conhecidos que demonstrem quais empresas participaram de tal acordo, entrevistas com quadros diretivos de *Quimantú* atestam que ele vigorou em algumas das principais companhias que integravam a Área de Propriedade Social, tais como as minas de cobre de *El Teniente* e *Chuquicamata*, além das maiores empresas têxteis do país, *Sumar* e *Yarur*.⁷²

Além dos novos canais de distribuição acima mencionados, a editora estatal buscou diversificar suas publicações com o intuito de contemplar os mais variados segmentos da sociedade chilena, e assim atingir um maior número de pessoas. Nesse sentido, foram criadas revistas e coleções de variadas temáticas e distintos formatos, como atestam de maneira especial as revistas *Onda*, *Paloma* e *Cabrochico*, destinadas, respectivamente, aos jovens, às mulheres e às crianças.

Estas publicações competiam diretamente com algumas revistas de grande circulação consideradas “burguesas”: *Onda* disputava o público jovem com a revista *Ritmo de la juventud*,⁷³ publicada pela Editora *Lorde Cochrane S.A.*; *Paloma* rivalizava com a revista feminina *Paula*, também editada por *Lorde Cochrane S.A.*, e a revista em quadrinhos *Cabrochico* concorria diretamente com as *Historietas Disney* pela conquista do público infantil.

⁷¹ BERGOT, Solène. **Op. Cit.**, p. 14

⁷² **Ibidem**, pp. 14 e 15.

⁷³ A revista *Ritmo de la juventud*, publicada semanalmente entre setembro de 1965 e abril de 1975, apresentou 503 números e foi dirigida por María Pilar Larraín.

Embora tivessem um formato muito similar ao de suas “rivais burguesas”, estas revistas diferiam daquelas no que tange ao conteúdo político-ideológico veiculado em suas páginas,⁷⁴ apresentando temas importantes para o projeto *allendista*, tais como participação e mobilização popular, cultura militante, além de reportagens acerca dos projetos econômicos e sociais do governo da UP.

O comprometimento destas publicações com a difusão das propostas e princípios da Unidade Popular não significou, entretanto, o abandono de temas que tradicionalmente apareciam associados à juventude e às mulheres nas revistas burguesas, como podemos observar nas revistas *Onda* e *Paloma*.

A revista *Onda*, produzida em parceria com a *Dirección Nacional de los Centros Juveniles*, a *Consejería de Desarrollo Social* e a *Oficina de Desarrollo y Planificación* (ODEPLAN), foi dirigida por Wilson Tapia,⁷⁵ e contou com 53 volumes, publicados quinzenalmente entre 17 de setembro de 1971 e 11 de setembro de 1973.

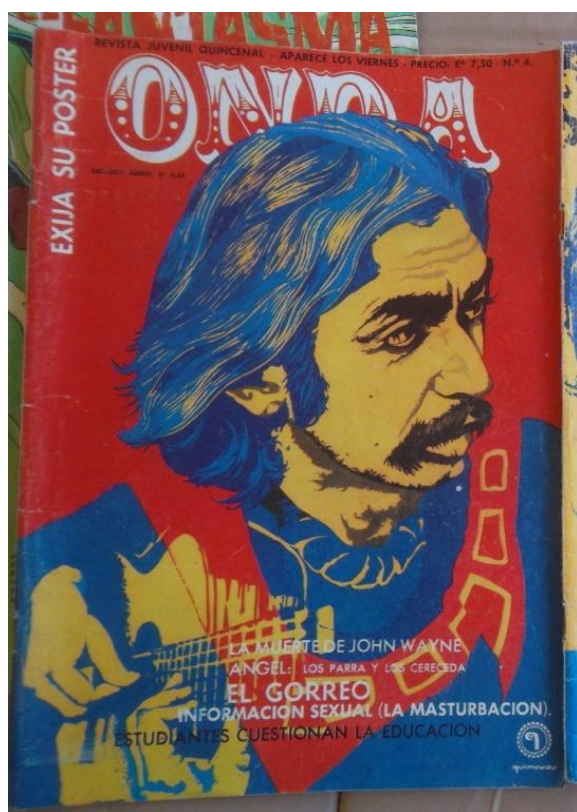
Em suas páginas, esta publicação procurou apresentar temas considerados típicos do universo jovem (moda, cinema, música e sexualidade), sem deixar de lado assuntos ligados à política (militância juvenil, questões relacionadas com o mundo do trabalho e à educação, por exemplo) como podemos observar através das capas abaixo⁷⁶:

⁷⁴ Apoiamo-nos as reflexões de Germán González Quiróz, que afirma em seu trabalho acerca da arte e cultura durante a Unidade Popular que “Cada publicação massiva de origem burguesa nacional ou transnacional tinha sua contrapartida em uma publicação Quimantú, que se assemelhando na forma com a primeira, diferia substancialmente no conteúdo cultural e ideológico desenvolvido. Dessa maneira, cada setor de opinião no país, isto é, os setores feminino, juvenil, infantil e outros, contavam com uma publicação de contracultura produzida nos mesmos termos massificadores que as costumeiras publicações burguesas até aquele momento.” GONZÁLEZ QUIRÓZ, Germán, apud DALMÁS, Carine., 2006, p. 34

⁷⁵ Tapia dirigiu a revista até o volume 21. Depois, a direção da revista ficou a cargo de Nancy Grundenberg (números 22 a 48) e Francisco Leal (49 a 53).

⁷⁶ A figura 1 foi retirada da internet, e a figura 2 encontra-se disponível na plataforma digital Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-75233.html>

Figura 1



Revista Onda, nº 4, 1971

Figura 2



Revista Onda, nº 38, ?

Ao longo de sua existência, esta revista passou por transformações significativas, muitas das quais estiveram diretamente associadas às mudanças na direção e na equipe editorial da publicação. A partir das capas acima, referentes aos exemplares 4 e 38, é possível verificar algumas alterações ocorridas na diagramação, tais como a modificação da fonte do título e da disposição do texto da capa, que passa a figurar na lateral da imagem, e não mais sobreposto a ela.

Também são relevantes as mudanças que ocorreram no conteúdo da publicação no decorrer do tempo. De acordo com a pesquisadora Natália Ayo Schmiedecke, é possível notar um aumento gradativo da incorporação de elementos da cultura pop na revista: enquanto os números iniciais denunciam as relações entre os músicos e a indústria cultural, edições posteriores alimentam o culto às celebridades, a partir da publicação de reportagens sobre a vida pessoal de cantores (abordando casamentos e relacionamentos amorosos⁷⁷, como é o caso do número 38 da revista, que traz a matéria referente à “*gran boda de Érika y Carlos.*”)⁷⁸

⁷⁷ SCHIMIEDECKE, Natália Ayo. “Musica en Onda”: a esquerda chilena na disputa pelo público jovem (1971-1973). In: **XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos**, 2015, p. 4

⁷⁸ É interessante ressaltar ainda que o culto às celebridades presente em alguns exemplares da revista Onda aparece marcado por um forte sensacionalismo, como demonstra uma das chamadas presente na

Ademais, é preciso salientar que embora tenha concedido grande espaço aos cantores e grupos da Nova Canção Chilena, conhecidos por seu engajamento no projeto da Unidade Popular, *Onda* também publicou uma série de reportagens e avaliações acerca de grupos musicais “comerciais”, como os Beatles, que eram muito populares entre a juventude.

Estes elementos permitem afirmar que a revista optou por mesclar elementos da cultura de massa com princípios caros à nova cultura (como a militância), não havendo um rompimento definitivo com modelos considerados burgueses, mas sim a apropriação destes, numa tentativa de assegurar a penetração da revista de *Quimantú* entre a população jovem e permitir assim a difusão de alguns valores importantes ao processo revolucionário em curso.

O fato de incorporar alguns elementos da indústria cultural fez com que a revista *Onda* fosse criticada por setores da esquerda, que a consideravam pequeno burguesa. Isso levou o Partido Comunista a criar a *Revista Ramona*, dirigida pelo Comitê Central das Juventudes Comunistas, que se pretendia uma publicação “verdadeiramente revolucionária” voltada aos jovens das camadas populares.⁷⁹

Estratégia semelhante mostra-se presente também na revista *Paloma*. Dirigida por Cecilia Allendes, esta revista teve 22 números, editados quinzenalmente entre novembro de 1972 e setembro de 1973. Inicialmente, o título pensado para a publicação foi “Matilde”, devido à popularidade deste nome entre as mulheres de classe mais baixa, numa clara contraposição aos nomes pouco comuns “Paula” e “Claudia”, que designavam as revistas concorrentes. Mais tarde, entretanto, o Departamento de Publicidade da Editora optou por “*Paloma*”, buscando dar uma resposta aos alardes feitos pela mídia acerca do risco de uma guerra civil no Chile por meio de uma representação da paz: uma pomba (paloma, em espanhol) da cor branca⁸⁰, que aparecia saindo das mãos de uma jovem na capa do primeiro volume da revista.⁸¹

capa do exemplar número 47, na qual se lê: “*Exclusivo: Marlon Brando y las fotos del escándalo*”. Elementos como esse demonstram como a referida publicação não rompeu com algumas estratégias editoriais bastante empregadas por revistas consideradas burguesas, com o intuito de despertar a curiosidade no público, fazendo-o comprar a revista.

⁷⁹ MILOS, Pedro (ed.) **Chile 1970: el país en que triunfa Salvador Allende**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013.

⁸⁰ LÓPEZ, Hilda. (org.). **Un sueño llamado Quimantú**. Santiago: CEIBO Ediciones, 2014, p. 34

⁸¹ A figura encontra-se disponível na plataforma Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile.

Figura 3



Revista Paloma, nº1, novembro 1972

Paloma buscava se diferenciar das revistas femininas existentes apresentando uma seção jornalística (que trazia temas relativos à política, sociedade e atualidades), e trazendo em suas páginas formas das mulheres se organizarem e ajudarem umas às outras, como demonstram as reportagens que tratavam da possibilidade de uma dona de casa cuidar de uma criança enquanto sua mãe trabalha e as seções que exibiam dicas de como superar a falta de determinados produtos substituindo-os por outros.

Apesar destas inovações, a revista não abandonou as temáticas consideradas “tipicamente” femininas, tradicionais nas revistas voltadas às mulheres. As matérias referentes a culinária, casamento, moda⁸², costura, filmes, novelas e a seção de horóscopo presentes em *Paloma* demonstram que não houve um rompimento definitivo com os padrões então estabelecidos para as mulheres, a despeito da proposta

⁸² A maioria dos volumes a que tivemos acesso faz referência, logo na capa, a um “brinde” que acompanharia a publicação, como é possível ver no exemplar número 21, no qual se lê “Exija el multimolde de regalo”.

diferenciada da publicação.⁸³

Também é importante salientar que a revista não apenas manteve assuntos semelhantes ao das revistas femininas tradicionais, como também adotou um *layout* muito similar ao da sua concorrente direta, a revista *Paula*. Comparando duas capas do mesmo ano (1973) das respectivas publicações, notamos que a fonte e a cor empregadas nos títulos das duas revistas são muito parecidas (ambas utilizam cores quentes, havendo uma diferença sutil na tipografia, devido ao formato mais arredondado das letras que compõem o nome “Paula”). Além disso, verificamos grande semelhança na diagramação, já que as duas dão destaque à imagem de uma mulher branca⁸⁴ em meio a uma paisagem, enquanto o texto relativo às principais reportagens aparece distribuído na lateral das fotos, como podemos observar abaixo⁸⁵:

Figura 4



Revista Paloma, nº17, 1973

Figura 5



Revista Paula, nº 134, fevereiro 1973

⁸³ PAILLARD, Morgane. Op. Cit., p. 94

⁸⁴ Não tivemos acesso a todos os exemplares de Paloma, mas não há nenhuma mulher mestiça ou indígena nos oito volumes que encontramos (números 1,2,7, 14, 15, 17, 20 e 21).

⁸⁵ A figura 4 encontra-se disponível na plataforma digital Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile, enquanto a figura 5 foi retirada da internet.

Estes elementos presentes nas revistas *Onda* e *Paloma* permitem evidenciar que o projeto cultural da Unidade Popular optou, em alguns casos, por apropriar-se de elementos da indústria cultural, utilizando-os a seu favor na tentativa de vencer a batalha ideológica travada entre a esquerda e a direita chilena, pois a estratégia de aliar formatos e temas consagrados dentro da indústria editorial a conteúdos político-ideológicos afinados ao projeto da Unidade Popular foi importante para assegurar a penetração destas publicações entre a população e assim difundir ideais e propostas do governo Allende.

A permanência de elementos da indústria cultural e o uso dos meios de comunicação burgueses pela esquerda motivou críticas por setores da intelectualidade chilena, que advogavam a necessidade de criação de novos canais difusores e formatos, por acreditarem que a mera alteração do conteúdo político-ideológico veiculado não seria suficiente para quebrar a hegemonia dos valores burgueses no âmbito cultural. Esta era a opinião de Carlos Maldonado, que em artigo já citado, afirmava:

(...) en esta etapa de transición al socialismo, comienzan a surgir nuevos contenidos, opuestos en su esencia a los que prevalecieron en la sociedad capitalista, los que requieren, a no dudarlo, de nuevos vehículos formales. No entendemos la forma como una segundona del contenido. Tiene una importancia del primer orden, pues sin una forma eficiente y constituida ex profeso para tal contenido, este último no llega a realizarse.⁸⁶

A despeito destas apropriações de caráter mais conciliatório verificadas em *Onda* e *Paloma*, é importante ressaltar a existência de publicações de *Quimantú* que buscaram questionar e combater de maneira mais contundente os conteúdos tradicionalmente veiculados pelas publicações burguesas.

Este foi o caso da revista infantil *Cabrochico*. Editada entre julho de 1971 e dezembro de 1972 e composta por 70 volumes, esta publicação buscou fazer frente aos quadrinhos da *Disney* (que tinham grande penetração no país e eram muito populares entre as crianças chilenas), e difundir, a partir de suas histórias e personagens, novos valores às crianças, como demonstra a declaração de Saúl Schkolnik, diretor da revista, ao afirmar: “*Pensamos a “Cabrochico” como una revista que cree valores de solidaridad humana, hábitos sociales útiles, que no traiga aventuras de un Pato Lucas que se pasa la vida buscando tesoros y no trabaja nunca, o como un Giro Sin Tornillos*

⁸⁶ MALDONADO, Carlos. **Op. Cit.**, p. 78

que denigra a la ciencia y es una inutilidad.”⁸⁷

Com o intuito de levar a cabo esta tarefa, os idealizadores da revista (o arquiteto Saúl Schkolnik, diretor da publicação, o sociólogo Patricio Garcia, o artista Luis Jiménez e a colaboradora María Angélica Rodríguez, professora do Departamento de Educação Pré-escolar da *Universidad de Chile*) desenvolveram os chamados *anticuentos*, que eram adaptações de contos de fadas já bastante conhecidos do público infantil. Por meio de alterações nos enredos originais, os autores tentavam desnudar as controvérsias inerentes aos contos clássicos, de modo a revelar a essência nem sempre virtuosa de seus personagens e escancarar, assim, o compromisso de determinadas histórias com os valores burgueses.⁸⁸ Ademais, as modificações realizadas tinham como objetivo fomentar um novo tipo de postura no público infantil na medida em que as novas histórias buscavam transmitir princípios morais como valorização do trabalho, honestidade e solidariedade.⁸⁹

Dentre as obras que tiveram seus enredos modificados com o intuito de fomentar uma nova cultura política entre o público infantil, Ivan Lima Gomes destaca os contos “O gato de botas” e “Branca de Neve e os sete anões”. O autor afirma que no caso da primeira, há o claro esforço de criticar as artimanhas realizadas pelo gato a fim de fazer seu dono enriquecer e se casar com uma princesa. Se no conto original este personagem é apresentado como uma metáfora da esperteza, na adaptação presente em *Cabrochico* ele é a representação da ganância e da desonestidade, como demonstra a passagem na qual ele tenta ludibriar alguns camponeses - que se revoltam contra ele - e na parte em que o próprio amo toma consciência da manipulação que sofre pelo gato, revelando aos homens do campo os engodos por ele promovidos.⁹⁰

Já no caso da história da Branca de Neve e os sete anões, Gomes aponta para uma alteração quase completa do enredo original. Na nova versão, a personagem

⁸⁷ Documento presente em LÓPEZ, Hilda. **Un sueño llamado Quimantú**. Santiago: CEIBO Ediciones, outubro de 2014, p. 18

⁸⁸ O caráter ideológico dos contos de fada já foi discutido por outros autores. Marina Warner, em sua obra “Da fera à loira: sobre contos de fada e seus narradores”, examina a função civilizadora dessas histórias, dedicando especial ênfase à análise das figuras femininas nesses contos. Para mais detalhes, ver: WARNER, Marina. **Da fera à loira: sobre contos de fada e seus narradores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁸⁹ Ivan Lima Gomes, em artigo sobre *Cabrochico*, tece uma interessante análise sobre alguns *anticuentos* publicados na coleção infantil, evidenciando como as modificações no conteúdo tinham o propósito de “atingir as crianças na construção gradativa de um pensamento contra-hegemônico ao sistema capitalista, em consonância com a perspectiva definida pela “via chilena ao socialismo.” Para mais detalhes, consultar: GOMES, Ivan Lima. A revista em quadrinhos *Cabrochico* e os debates culturais para a construção da “via chilena para o socialismo.” 1971-1972. In: **Revista de História Unisinos**, vol. 16, nº1, jan-abr de 2012, p. 47

⁹⁰ *Ibidem*, p. 48

principal é apresentada como uma jovem preguiçosa, e sua madrasta, aconselhada pelo espelho, pede para que o caçador a leve para um passeio na floresta, fazendo-a caminhar um pouco. A jovem acaba se perdendo e encontra os anões, que permitem que Branca de Neve fique em sua casa, desde que ela limpe a casa e cozinhe. Assim, ela deixa de ser preguiçosa e se torna uma menina responsável, prendada e que não se apaixona facilmente, pois rechaça a declaração do príncipe que a beija quando ela cai enferma por ter comido uma maçã, afirmando que não é possível apaixonar-se por quem não se conhece.

Dessa forma, além de criticar o amor idealizado presente nos contos de fada, esta nova história buscava também exaltar o trabalho, atestando o compromisso desta coleção com a difusão de valores caros à construção de um “novo homem”, que deveria ter uma postura consonante aos princípios da sociedade socialista.⁹¹

Notamos, portanto, que ao contrário das revistas *Paloma* e *Onda*, que usavam conteúdos tidos como burgueses para cativar seu público-alvo, *Cabrochico* se apropriava dos contos e temáticas dessa natureza com o intuito de desconstruí-los e criticá-los. Tal estratégia, no entanto, não surtiu o efeito esperado, pois a descaracterização de alguns personagens e histórias consagrados e o forte viés político-ideológico assumido pela publicação fizeram com que ela não fosse bem acolhida pelo público infantil, levando ao seu encerramento precoce em 1972.

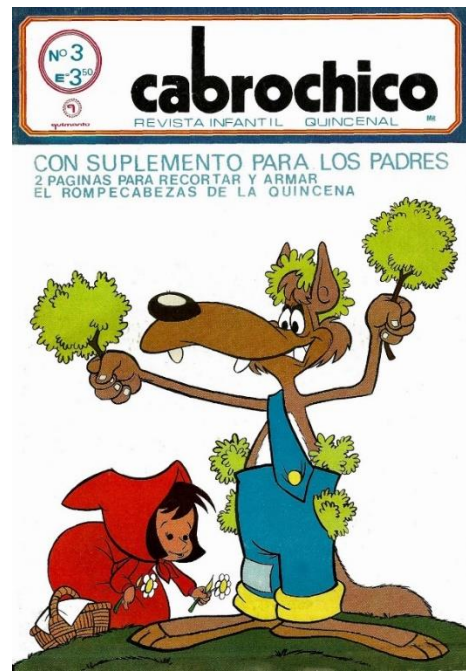
⁹¹ Ibidem, p. 50

Figura 6



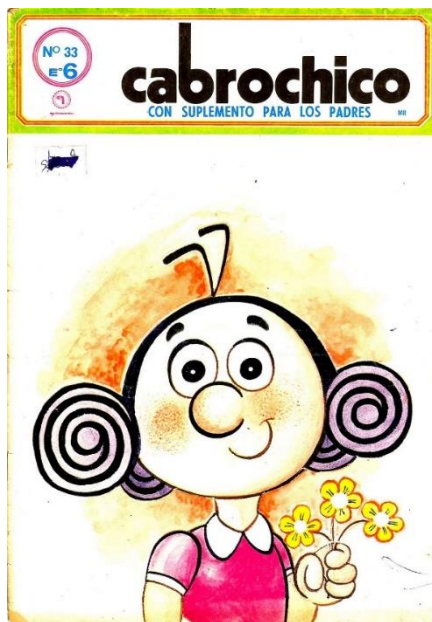
Revista Infantil Cabrochico n°1, 1971

Figura 7



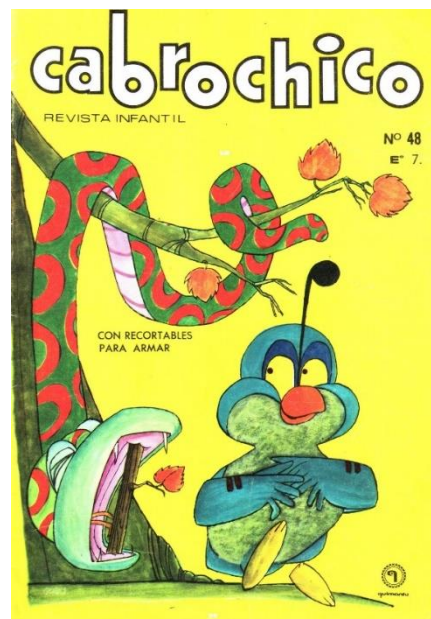
Revista Infantil Cabrochico n°3, 1971

Figura 8



Revista Infantil Cabrochico n°33, 197?

Figura 9



Revista Infantil Cabrochico n°48, 197?

Além das revistas acima citadas, a Editora *Quimantú* foi responsável por publicar várias coleções de cunho literário e outras voltadas à temática político-social. No que tange ao primeiro grupo, merecem destaque as coleções *Cordillera*, *Quimantú para todos* e *Minilibros*, que tinham como objetivo colocar a população chilena em

contato com clássicos da literatura nacional, latino-americana e universal.⁹² Já no que diz respeito à segunda categoria, encontramos um conjunto de obras que buscavam difundir conceitos do marxismo, apresentar pensadores clássicos da esquerda e discutir a identidade chilena e as particularidades e desafios do processo revolucionário que o país vivia, caso das coleções *Camino Abierto*, *Clasicos del Pensamiento Social*, *Nosotros los chilenos* e a nossa fonte primordial, os *Cuadernos de Educación Popular*.⁹³

Por meio destas publicações, o projeto editorial *Quimantú* procurava elevar o nível cultural do povo chileno e educá-lo dentro dos ditames político-ideológicos da esquerda. Não à toa, vários anúncios da editora estatal exaltavam suas coleções e revistas enquanto importantes instrumentos de conscientização política, apontando-as como armas fundamentais para o êxito do processo revolucionário chileno, como demonstram as mensagens publicitárias abaixo⁹⁴:

⁹² Este propósito se mostra de maneira clara na quarta capa do volume que abre a coleção *Quimantú* para todos, intitulado “*El Chilote Otey y otros relatos*”, de Francisco Coloane. Nela, afirma-se: “*Esta colección nace dirigida a satisfacer una amplia necesidad cultural: la de ofrecer lo mejor de la literatura chilena, latino-americana y universal de todas las épocas a precios al alcance de nuestro pueblo, abriéndole así una ancha ventana hacia la vida.*” In: COLOANE, Francisco. **El Chilote Otey y otros relatos**. Santiago: Editora Quimantú, novembro de 1971.

⁹³ A lista completa dos títulos que compuseram estas coleções encontra-se ao final da dissertação, na seção “Anexos”.

⁹⁴ A Editora *Quimantú* dispunha de um Departamento de Publicidade ligado à Divisão de Comercialização. Chefiado pelo periodista Tito Drago, este departamento era composto por muitos profissionais da antiga *Zig Zag*, sendo parte deles ligada ao Partido Democrata Cristão. Os anúncios publicitários desenvolvidos por este setor apareciam nas principais revistas da Editora, sendo fácil encontrarmos propagandas da Revista *Onda* entre as páginas de *Paloma*, bem como da Revista *Cabrochico* na Revista *Onda*, etc. Importante ressaltar ainda que havia a produção de cartazes, que eram espalhados pela cidade, anunciando o aparecimento de uma nova coleção, como aconteceu com *Minilibros* e *Nosotros los Chilenos*.

Figura 10



Figura 11

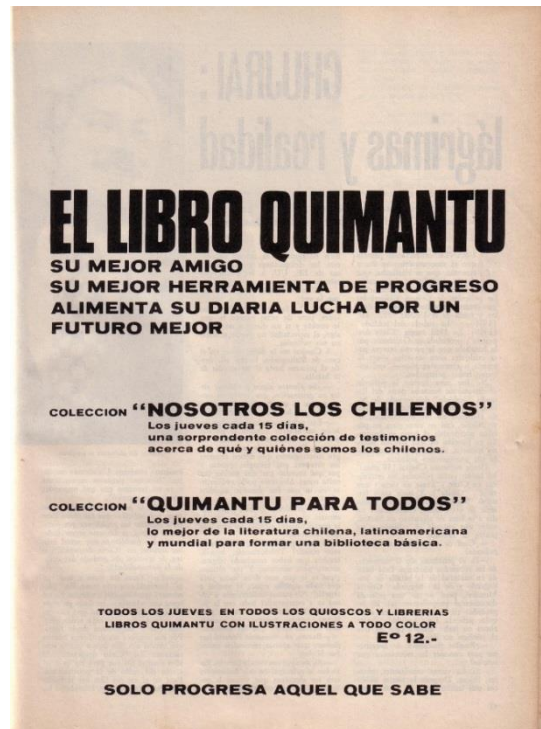


Figura 12

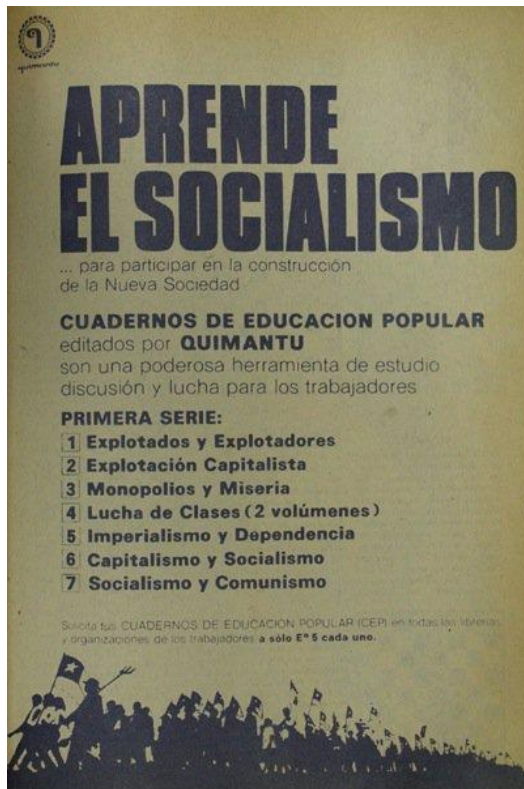
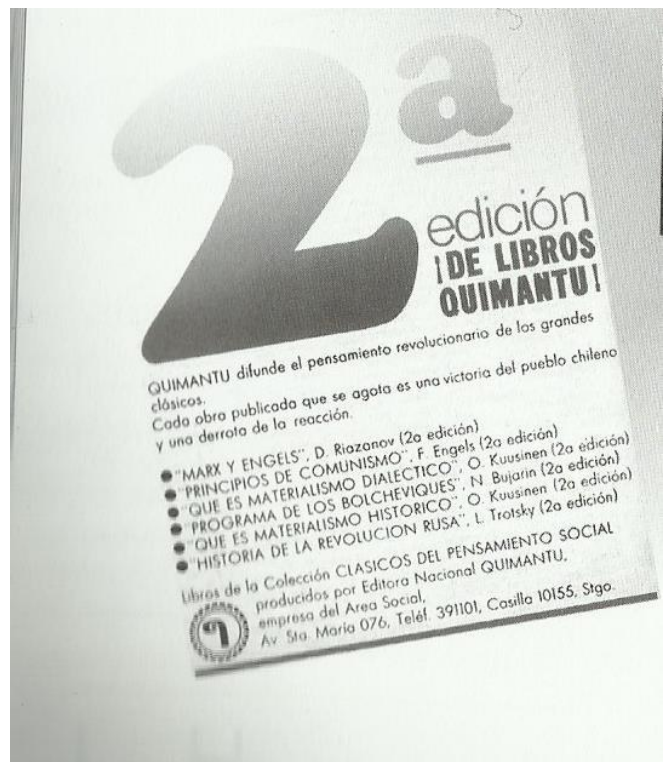


Figura 13⁹⁵



⁹⁵ Imagem retirada do livro "Para todos los llamados...Quimantú de la "A" a la "Z". Santiago: Editorial Quimantú, Junho de 2003, sem página.

No caso do anúncio referente à revista *La Firme* (figura 10), observamos que a associação das frases “*¡Que no le metan el dedo en la boca!*” (que pode ser traduzida como “Não deixe que outros falem por você!”) e “Lea la Firme” tem a clara intenção de relacionar a leitura da publicação à possibilidade do indivíduo pensar por si próprio. Nesse sentido, o anúncio busca transmitir a ideia de que a revista é um importante instrumento de resistência à manipulação, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de ter autonomia intelectual.

Estratégia publicitária semelhante mostra-se presente nos anúncios relativos às coleções *Nosotros los chilenos*, *Quimantú para todos* (figura 11) e *Cuadernos de Educación Popular* (figura 12), nos quais os livros são representados enquanto importantes armas para sucesso do processo revolucionário. Neles, o conhecimento proporcionado pela leitura das obras editadas por *Quimantú* é apontado como “alimento para luta diária por um futuro melhor” e como elemento que permite a participação efetiva do povo no processo revolucionário chileno, como atesta o trecho “*Aprende el socialismo para participar en la construcción de la nueva sociedad*”.

Além de explicitar o comprometimento das coleções acima citadas com a formação de uma nova cultura política e evidenciar a íntima relação entre conscientização por meio dos livros e engajamento político, os anúncios da Editora também ressaltavam o papel dos livros de temática política dentro da batalha ideológica então vigente entre esquerda e direita. A frase “Cada obra publicada que se esgota é uma vitória do povo chileno e uma derrota da reação”, presente no anúncio da segunda edição da coleção *Clásicos del pensamiento social* (figura 13), demonstra que as publicações de *Quimantú* eram considerados uma importante arma na luta pelo estabelecimento de uma preeminência das concepções socialistas em detrimento dos valores capitalistas vigentes. Também merece destaque o fato de que, neste anúncio, o próprio consumo de livros é apontado como uma forma de se participar do projeto revolucionário que se iniciava e contribuir para o seu sucesso, atestando, novamente, a forma como o governo Allende apropriou-se de elementos e estratégias da indústria cultural e da cultura de massas com o intuito de combater o capitalismo e seus alicerces.

A tentativa do governo popular de estabelecer um predomínio das concepções político-ideológicas da esquerda no âmbito sociocultural chileno pode ser observada ao analisarmos a ausência de diversidade de perspectivas ideológicas nas coleções de temática política publicadas por *Quimantú*, como evidenciam as coleções *Camino Abierto* e *Clásicos del Pensamiento Social*.

A primeira era composta basicamente por livros que traziam um balanço do governo da Unidade Popular e das medidas por ele implantadas (como exemplificam as obras “*La nacionalización chilena del cobre: comentarios y documentos*, de Eduardo Novoa Monreal, e “*Chile: dos años de Unidad Popular*, escrita por Luis Maira), além de apresentar publicações que abordavam os princípios e as leituras que os dois principais partidos de esquerda do Chile faziam acerca da realidade nacional, como atestam os títulos “*Pensamiento teórico y político del Partido Socialista de Chile*”, “*El Partido socialista y la lucha de clases en Chile*” e “*Corvalán 27 horas. El PC chileno por dentro y por fuera.*” Já a segunda foi composta por obras de pensadores clássicos do marxismo e de revolucionários de esquerda, como “*La Comuna de Paris*” escrita por Karl Marx e Vladimir Lênin, “*Principios de comunismo*”, de Friedrich Engels, “*El Estado y la Revolución*”, de Vladimir Lênin, “*Historia de la Revolución Rusa*”, escrita por Leon Trotsky, “*El programa de los bolcheviques*”, de Nicolai Bukharin, “*Qué es el materialismo dialéctico*”, de O. Kusinen, e “*La planificación socialista y su significado*”, de Ernesto Che Guevara.

Dessa maneira, notamos que apesar das medidas e esforços realizados, o propósito de atingir toda a população chilena teve grandes limitações devido ao forte viés político-ideológico assumido pelo projeto editorial *Quimantú*. Seu comprometimento com a disseminação e consolidação de uma primazia do ideário de esquerda entrava em contradição com a proposta de um “projeto editorial para *todos os chilenos*” pois esta tarefa implicava a disseminação de determinados valores e princípios em detrimento de outros, o que dificultava a conformação de um projeto editorial que contemplasse as várias tendências político-ideológicas dos mais diversos setores da sociedade, já que algumas delas se chocavam diretamente com os princípios fundamentais à construção do socialismo no Chile.

Além disso, é importante ressaltar que o compromisso da Editora *Quimantú* com a formação de uma cultura política afinada com os princípios da esquerda fez com que algumas obras fossem marcadas por um forte revisionismo, o que acabou provocando distorções que tornaram alguns livros alvos de contundentes críticas.

Um dos casos mais emblemáticos e polêmicos nesse sentido foi a obra *Capítulos de la Historia de Chile*, publicada em 1973 sob o pseudônimo de Ranquil. Houve grande especulação em torno da autoria do referido livro. Alguns artigos publicados em periódicos de direita utilizaram a opção do autor ou autora pelo anonimato como uma prova para atestar o caráter duvidoso da obra, como verificamos no texto “*Los excesos*

de *Quimantú*”, de 20 de agosto de 1973, no qual se afirma que “*La mala intención de la Editorial Quimantú se manifiesta, además, en la circunstancia que el autor del ensayo permanece anónimo*”.⁹⁶ Ademais, houve muita controvérsia no que tange à verdadeira identidade de Ranquil: alguns jornais atribuíram a autoria da obra à Lucy Lortsch Revett, tendo o periódico *El Diario Austral* de Temuco salientado o fato de não se tratar de uma chilena para justificar o caráter “antipatriótico” da obra.⁹⁷ Outros creditaram o livro a Ana Simpson (como aponta o artigo “*La historia ahistórica*”, publicado na *Revista Ercilla*⁹⁸, ou afirmavam que “(...) *Ranquil no existe como persona, sino es un grupo de intelectuales a cargo de quienes estuvo la elaboración del libro*”, caso do artigo “*Agravios Históricos Editados por Quimantú*”, publicado em 27 de agosto de 1973.⁹⁹

Apesar de não termos conseguido determinar a autoria da referida obra, é necessário apontar que a adoção do pseudônimo “Ranquil” sugere a marcação de um posicionamento político ao remeter ao episódio conhecido como “Massacre de Ranquil,” ocorrido em 1934, na região do Alto Bio-Bío, no Chile. Este foi um dos maiores conflitos agrários ocorridos no país, motivado pelas políticas agrárias do governo de Jorge Alessandri, que beneficiavam grandes latifundiários em detrimento dos camponeses e índios *mapuche* que viviam na região. O confronto entre as forças do governo e os pequenos trabalhadores rurais e indígenas foi marcado por grande violência, culminando na morte de centenas de pessoas.

Este livro, que integrava a coleção política *Camino Abierto* e objetivava colocar os principais feitos e episódios da História nacional ao alcance dos trabalhadores, foi responsável por suscitar ácidos debates na imprensa chilena, dos quais participaram diversos grupos (partidos políticos, militares, historiadores, entre outros).¹⁰⁰ Dentre os vários pontos de querela em torno da referida publicação, os principais diziam respeito ao tratamento dispensado aos heróis pátrios (tais como Bernardo O’Higgins e José Miguel Carrera) e à abordagem conferida pela publicação à Guerra do Pacífico, ocorrida no século XIX e que opôs o Chile e as tropas conjuntas de Bolívia e Peru.

A obra era acusada por muitos de promover deturpações motivadas pelo ímpeto

⁹⁶ In: *El Diario Austral* (Temuco), 20 de agosto de 1973, p.3.

⁹⁷ In: *El Diario Austral* (Temuco), 22 de julho de 1973, p.6

⁹⁸ In: *Revista Ercilla*, n°1984, de 25 de julho de 1973, p. 34

⁹⁹ In: *El Mercurio*, 27 de agosto de 1973, p. 19.

¹⁰⁰ O impacto provocado por esta obra pode ser atestado levando-se em consideração o grande número de artigos publicados na imprensa chilena com o intuito de debatê-la: entre junho e setembro de 1973, conseguimos levantar a existência de 36 textos, boa parte deles condenando veementemente o livro. A lista completa destes artigos encontra-se na seção “Anexos”.

de adequar episódios da história nacional à perspectiva de esquerda de luta de classes, como podemos observar na declaração concedida pelo historiador Jorge Inostrosa ao jornal *La Tercera de la Hora*:

Jorge Inostrosa afirmó que “he estado leyendo algunos capítulos” causándole especial estupor los que se refieren a las riquezas básicas y los límites del norte de Chile, junto con el concepto comparativo entre O’ Higgins y Carrera. Señala el historiador que se hace parecer a Carrera como un exponente netamente popular, mientras que a Bernardo O’Higgins en el libro se le muestra como un extranjero, al cuál prácticamente le falta que le digan “momio”.¹⁰¹ (grifo nosso)

Também a *Academia Chilena de la Historia* emitiu um comunicado assinado pelos historiadores Eugenio Pereira Salas e Luis Valencia Avaria, criticando seriamente os métodos adotados para escrever a referida obra, acusando seu autor (a) de anacronismo, como evidencia o trecho a seguir:

El autor o autora, que se esconde bajo el seudónimo de Ranquil, atenta, a juicio de la Academia, contra el glorioso pasado nacional y las tradiciones democráticas del país que nos sustentan, en aras de una interpretación anárquica de un ingenuo e interesado “presentismo” historiográfico que, al proyectar el presente hacia el pasado, reduce intencionalmente el rico contenido de la historia de Chile a una serie de episodios de dudoso contenido moral. Estos juicios antojadizos, destinados a servir de ariete demoleedor de una política revolucionaria y dogmática, no se compadecen con la ecuanimidad que debe regir el juicio histórico.¹⁰² (grifo nosso)

Outro ponto conflituoso envolvendo a editora encontra-se presente também na coleção “*Nosotros los chilenos*”, composta por 47 volumes dedicados a abordar a identidade chilena, por meio de obras que discutiam diversos aspectos culturais do país (cinema, teatro, nova canção, lendas, poesias e hábitos alimentares), suas particularidades naturais e geográficas (ilhas, plantas e terremotos) e sua população. Nela, é possível notar que não há a preocupação de apresentar os vários grupos e classes que compõem a sociedade chilena: ao contrário, o que verificamos é a tentativa de valorizar as classes populares, como podemos observar com clareza nos seis volumes intitutados “*Así trabajo yo*”. Nestas obras, que trazem diversos ofícios e testemunhos

¹⁰¹ **La Tercera de la Hora**, 19 de julho de 1973, p. 12.

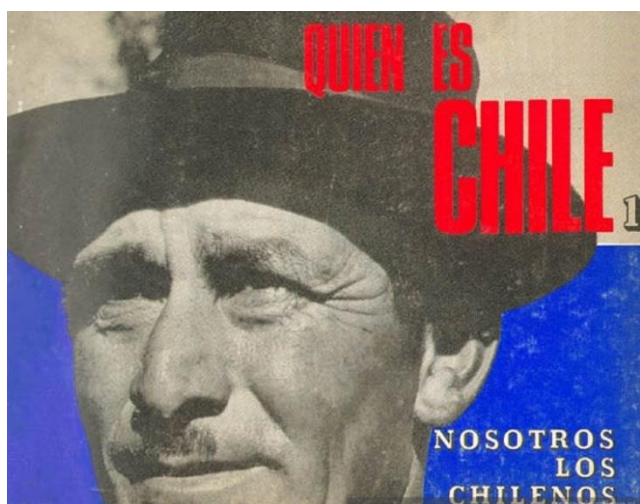
¹⁰² Academia de la Historia protesta por ultraje UP a heroes de la Patria. In: **La Prensa** (Santiago), 9 de agosto de 1973, p. 1

de trabalhadores chilenos acerca de suas atividades e seu cotidiano, são contempladas majoritariamente profissões típicas das camadas populares, tais como operários da construção civil, mineiros de carvão, ascensoristas, estivadores, pastores, caminhoneiros, entre outros, evidenciando o compromisso desta coleção com o enaltecimento dos estratos mais pobres da população chilena e seu esforço em apresentar estes setores como representantes da “chilenidade”.¹⁰³

Ademais, a exaltação das camadas populares também se evidencia nos volumes desta coleção dedicados a abordar as lutas e conquistas obtidas pelo povo chileno, caso dos títulos “*La lucha por la tierra*”, escrito por Elisabeth Reiman e Fernando Rivas, “*Yo vi nacer y morir los pueblos salitreros*”, de Julián Cobo, “*La emancipación de la mujer*”, de Virginia Vidal, “*Las grandes massacres*” e “*El movimiento obrero*”, ambos escritos por Patricio Manns. Neles, observamos a presença de uma narrativa que ressalta as dificuldades enfrentadas pelo povo ao longo da história chilena, as opressões a que foi submetido, e as lutas levadas a cabo pelos setores populares a fim de combater a exploração e violência que sofriam, de modo a apresentar os trabalhadores como os protagonistas da história chilena.

¹⁰³ Em seu artigo intitulado “*Imagen-País de la Unidad Popular y de la Dictadura chilena: la disputa de los proyectos editoriales*”, Isabel Jara Hinojosa analisa como a Editora Quimantú e a Editora Nacional Gabriela Mistral buscaram veicular diferentes representações da identidade nacional chilena por meio da coleção *Nosotros los Chilenos*. A respeito do primeiro volume, intitulado “*Quién es Chile*” e publicado sob o selo Quimantú, a autora aponta que “*Hubo pocas imágenes de profesionales o de clases medias y menos aún de clases altas. Sobre todo mostró un país en construcción, bullente de actividad, gracias a sus trabajadores manuales. Si bien los exhibió en sus contextos específicos, destacó su identidad de clase frente a otras y la simbolizó mediante el esfuerzo físico. Si la pregunta Quién es Chile orientaba directamente la cuestión de la identidad hacia la gente y no hacia los lugares u objetos, la respuesta de las ilustraciones era todavía más precisa que la de los textos: Chile era su pueblo, identificado con los trabajadores manuales. No toda la sociedad.*” JARA HONOJOSA, Isabel. “*Imagen-País*” de la Unidad Popular y de la Dictadura chilena: la disputa de los proyectos editoriales. In: **Coloquio Prácticas del territorio: Arte, Crítica e Historia**. 23 de noviembre 2011, Centro GAM. Disponível em: www.informepais.cl

Figura 14



ALCALDE, Alfonso. *Quién es Chile. Nosotros los chilenos*, vol. 1, 1971.

Figura 15



ALCALDE, Alfonso. *Comidas y bebidas de Chile. Nosotros los chilenos*, vol. 23, 1972.

Figura 16



LAFONTAINE, Juan E.; THOMAS, Mario.; ATRIA, Rodrigo. *Así trabajo yo II. Nosotros los chilenos*, vol. 5, 1971.

Figura 17



MANNS, Patricio. *El movimiento obrero. Nosotros los chilenos*, vol. 27, 1972.

Observamos, então, que apesar do título da coleção sugerir uma abordagem abrangente da sociedade chilena, há um recorte que privilegia um determinado setor social, fazendo com que a identidade chilena veiculada por esta publicação esteja definida em termos de classe, o que deixa entrever, novamente, que apesar do seu discurso universalizante, o projeto editorial estatal tentava atingir um grupo específico (os trabalhadores) e estava comprometido com uma determinada vertente político-

ideológica (a esquerda).¹⁰⁴

Apesar destas contendas, a editora *Quimantú* obteve êxito no seu intento de baratear os custos de seus livros de modo a torná-los mais acessíveis à população. Dentre as medidas tomadas com esta finalidade, destaca-se a opção por publicar obras cujos direitos autorais não precisavam ser pagos pelo fato de seus autores estarem mortos há mais de 30 anos ou pelo fato de não disporem de herdeiros,¹⁰⁵ bem como a escolha de autores que, devido à simpatia que nutriam pelo projeto encabeçado por Salvador Allende, abriram mão do pagamento de direitos autorais (caso de Julio Cortázar e Pablo Neruda), o que ajudava a diminuir os gastos da Editora e possibilitava uma redução significativa dos preços dos livros.

Além disso, a política de tiragens elevadas e grandes taxas de reedição por volume contribuiu para a queda dos preços e permitiu que a Editora atingisse números muito expressivos, como atesta Solène Bergot ao destacar a importância desta empresa dentro do projeto cultural *allendista*:

“(...) durante los 32 meses de su vida, editó más de 12 millones de libros, es decir más que toda la industria editorial chilena en 2002¹⁰⁶, de cual vendió alrededor de 10 millones. Es decir también que editó más de 1,3 libros por habitante de Chile, puesto que la población chilena en 1970 era de 8,8 millones de habitantes.”¹⁰⁷

A mudança radical promovida por *Quimantú* no tocante à difusão massiva de livros também se evidencia claramente mediante a comparação das tiragens realizadas até 1970 e a partir da criação da Editora estatal, em 1971. Enquanto no primeiro período os livros costumavam apresentar tiragens médias de 2 mil exemplares¹⁰⁸ por título, no segundo algumas publicações atingem até 100.000 exemplares, como demonstra a tabela¹⁰⁹ a seguir:

¹⁰⁴ Não à toa, uma das primeiras medidas tomadas pela Junta Militar quando derrubou o governo popular em 11 de setembro de 1973 foi fechar as portas da Editora e queimar vários de seus livros (de modo especial aqueles vinculados às temáticas e autores de esquerda). Em 1974, Pinochet refundou uma editora vinculada ao Estado, batizada de Editora Nacional Gabriela Mistral. Entretanto, seu projeto editorial não teve êxito, e culminou na falência da Editora uma década mais tarde.

¹⁰⁵ BERGOT, Solène. Op. Cit., pp. 18-19

¹⁰⁶ Segundo dados da Câmara Chilena do livro, foram editados 10,7 milhões de livros no ano de 2002.

¹⁰⁷ BERGOT, Solène. Op. Cit., p.16.

¹⁰⁸ IRIARTE, Pola; VILARROEL, Mónica. Op.Cit. , sem página.

¹⁰⁹ A tabela abaixo, de elaboração própria, foi construída a partir de uma análise comparativa dos dados apresentados em cinco obras que abordam a Editora *Quimantú* (BERGOT, Solène. Op. Cit.; CATALÁN, Carlos. Op. Cit.; LÓPEZ, Hilda. Op. Cit.; PAILLARD, Morgane. Op. Cit.; SUBERCASEAUX, Bernardo. Op. Cit.). Devido à disparidade e/ou ausência de informações acerca do preço e tiragem de

algumas coleções, optamos também por verificar exemplares originais e documentos de publicidade da editora, afim de obter números mais precisos. Também contamos com as informações cedidas pela pesquisadora Natália Ayo Schmiedecke acerca dos preços da Revista *Onda* (obtidos por ela quando da consulta na Biblioteca Nacional de Chile). Embora não tenhamos conseguido ter acesso à totalidade dos volumes que compõem as coleções, produzimos um material que permite verificar como o preço de boa parte das revistas se modificou ao longo do tempo, algo que é ignorado em boa parte da bibliografia consultada, que silencia a respeito dos valores ou cita apenas um deles, tomando-o como uma constante em toda a existência de uma determinada publicação. As tabelas que demonstram estas oscilações encontram-se na seção “Anexos” desta dissertação.

Tabela 1 – Tiragens e preços das principais coleções e revistas de *Quimantú*

PUBLICAÇÃO	CATEGORIA	NÚMERO DE VOLUMES	ANO	TIRAGEM (exemplares/título)	PREÇO (escudos) ¹¹⁰
Minilibros ¹¹¹	Coleção	55	1972 – 1973	50.000 a 100.000	E°8 e E°15
Quimantú para todos	Coleção	47	1971 – 1973	30.000 a 50.000	E° 12 e E°30 (vol. simples) E°60 (vol. duplo)
Cordillera	Coleção	23	1971 – 1973	5.000	_____
Cuncuna	Coleção	20	1971 – 1973	10.000 a 30.000	E°10
Nosotros los chilenos	Coleção	47	1971 – 1973	50.000	E°12 e E°24
Cuadernos de Educación Popular	Coleção	13	1971 – 1973	30.000 a 100.000	E°5 ¹¹²
Clásicos del Pensamiento Social	Coleção	19	1972 – 1973	5.000 a 10.000	_____
Camino Abierto	Coleção	32	1971 -1973	5.000 a 10.000	Variável (E°32 e E°35)
Chile Hoy	Revista	65	1972 – 1973	_____	Variável (E°10 a E°50)

¹¹⁰ Unidade monetária que vigorou no Chile entre 1960 e 1975, o escudo foi implantado no governo de Jorge Alessandri com o intuito de combater os altos índices inflacionários do período. Estabeleceu-se que 1 escudo equivaleria a 1000 pesos (moeda anterior).

¹¹¹ Vários livros apontam que anúncios publicitários da coleção Minilibros indicavam que os preços de seus exemplares correspondiam ao preço de um pacote de cigarros. (Ver DRAGO, Tito. **Allende, un mundo posible**. Santiago: RIL Editores, 2015, p.100).

¹¹² A partir de anúncios publicitários, é possível observar uma alteração no preço dos *Cuadernos de Educación Popular*, que chegaram a custar E°12, como atesta a propaganda presente na **Revista Chile Hoy**, nº 18, p.13.

La Quinta Rueda	Revista	9	1972 – 1973	_____	Variável (E°15 a E°50)
La Firme	Revista	61	1971 -1973	_____	Variável (E° 1,50 a E°15)
Paloma	Revista	22	1972 – 1973	Variável ¹¹³	Variável (E°30 a E°55)
Cabrochico	Revista	70	1971 – 1972	_____	Variável (E°3,50 a E°15)
Onda	Revista	53	1971 – 1973	_____	Variável (E°7,50 a E°80)

¹¹³ De acordo com Hilda López, o primeiro número da revista teve uma tiragem de 90.000 exemplares; o segundo, 100.000; o quinto, 160.000; e o número 22, último colocado em circulação, apresentou uma tiragem de 220.000 exemplares. In: LÓPEZ, Hilda. Op. Cit., pp. 35 e 36.

Estes índices vigorosos foram bastante propagados na época, tendo sido usados para responder às críticas que muitos setores realizavam acerca da ausência de fomento a uma política cultural orgânica por parte do governo popular. Além disso, tais números foram mobilizados com o intuito de fortalecer a ideia relativa à configuração de uma nova etapa no panorama cultural chileno sob a Unidade Popular, como atesta o trecho abaixo, retirado do artigo “5.000.000 de livros”, escrito pelo senador Volodia Teitelboim na Revista *La Quinta Rueda*:

En nuestra deficitaria revolución cultural, donde se advierten tantas lagunas, fracturas, ausencias, retardos, hay una prueba irredargüible y contundente de su existencia.

Son los 5 millones de libros vendidos de la Editorial Nacional del Estado, “Quimantú”.

5 millones, palabras mayores, números mayores, cifras fuera de serie. Inconcebibles antes del triunfo popular.¹¹⁴ (grifo nosso)

Neste excerto, observamos que seu autor busca transmitir a ideia da excepcionalidade do projeto editorial estatal ao referir-se às vendas de *Quimantú* como “*cifras fuera de serie*”. Esta intenção se mostra também na diagramação empregada no título do artigo de Teitelboim, que apresenta o número “5.000.000” agigantado na parte superior da página em que foi publicado, de modo reforçar a ideia de grandiosidade do feito da editora estatal.

Ademais, o artigo traz uma comparação entre os índices de vendas de *Zig Zag* e *Quimantú*, a fim de demonstrar a superioridade deste projeto editorial frente àquele, alimentando, assim, a ideia de que o governo popular estava, de fato, promovendo transformações significativas no âmbito cultural ao impulsionar a disseminação de livros no país, como vemos no trecho a seguir:

La editorial correspondiente a Quimantú, en el pasado Zig Zag, vendía un millón de libros en un plazo de 4 años y 8 meses.

Quimantú en un lapso de un año tres meses, o sea, casi cuatro veces menor, editó, vendió, cinco veces más. O sea, la venta se ha multiplicado por veinte.¹¹⁵

Os discursos de exaltação deste ambicioso projeto editorial não se restringiram apenas aos três anos de sua breve existência. A ideia da excepcionalidade do “fenômeno

¹¹⁴ TEITELBOIM, Volodia. 5.000.000 de libros. In: **Revista La Quinta Rueda**, nº 4, jan-fev, 1973, p. 3

¹¹⁵ Idem Ibidem, p.3

Quimantú” continuou sendo alimentada por seus idealizadores anos mais tarde, por meio de entrevistas, como atestam as declarações de Joaquín Gutiérrez ao jornal *La Tercera*, publicadas em 1999.

Além de afirmar que os envolvidos no referido projeto editorial “fizeram a revolução do livro”¹¹⁶, o ex-diretor da Divisão Editorial de *Quimantú* demonstra um envolvimento apaixonado com o trabalho desenvolvido naqueles anos ao declarar que “*La gente andaba con sus libritos en la mano para leer en los buses. Era muy lindo el cariño que se despertó en los trabajadores por la cultura. Logramos cambiar socialmente el panorama del libro, que era privilegio de una elite.*” (grifo nosso)

A despeito dos êxitos inquestionáveis alcançados pela editora estatal no tocante ao aumento significativo de livros colocados em circulação e no que se refere ao barateamento dos preços deste bem cultural, o projeto editorial *Quimantú* foi marcado por uma série de controvérsias e limitações (algumas delas já citadas acima) que, por muito tempo, ocultaram-se sob o discurso da excepcionalidade deste empreendimento, que lançava luz apenas sobre seus aspectos positivos.

Trabalhos recentes, entretanto, têm realizado esforços no sentido de recuperar as contradições existentes no interior da editora estatal, contribuindo decisivamente para a compreensão da complexidade desta iniciativa cultural, que apesar de seus sucessos e inovações, trouxe em seu bojo uma série de insuficiências e disputas, suscitadas, em grande medida, pelas divergências teórico-ideológicas dos partidos de esquerda que a compunham.¹¹⁷

Embora a Editora *Quimantú* dispusesse de considerável autonomia perante a CORFO, órgão encarregado de organizar e estabelecer metas para as empresas que integravam a APS, ela também foi acometida por um problema que atingia parte significativa das empresas estatizadas: as disputas internas derivadas da aplicação do chamado regime de cotas, prática que consistia na distribuição de cargos diretivos de uma dada empresa tendo em vista o estabelecimento de um equilíbrio de influências dos distintos partidos que compunham a coalizão da UP.¹¹⁸

Mesmo tendo mantido uma porcentagem elevada dos funcionários de sua

¹¹⁶ Esta afirmação aparece na parte da entrevista em que Gutiérrez se refere ao sistema de distribuição de livros criado por *Quimantú*. Segundo ele, “*En cada quiosco habían libros y armamos una flotilla de camiones que exhibían el material en repisas y que iban por los barrios vendiendo. Hicimos la revolución del libro.*” In: **La Tercera**, 28 de dezembro de 1999, p. 43.

¹¹⁷ Este é o caso dos trabalhos produzidos por Morgane Paillard e Solène Bergot, já citados nesta dissertação.

¹¹⁸ SUBERCASEAUX, Bernardo. **La industria editorial y el libro en Chile (1930-1984) – ensayo de interpretación de una crisis**. Santiago: CENECA, 1984, pp. 42 e 43.

antecessora *Zig Zag* (em especial nos departamentos de administração, marketing e distribuição), e desconsiderando o pertencimento a algum dos partidos que integravam a Unidade Popular como requisito para contratar ou dispensar trabalhadores, observamos que os cargos diretivos da editora foram designados levando-se em consideração o regime de cotas partidárias¹¹⁹, tendo a gerência geral da editora e a chefia do *Departamento de Ediciones Especiales* ficado a cargo de dois militantes socialistas, Sergio Maurin e Alejandro Chelén Rojas, enquanto a Diretoria da Editora foi ocupada pelo destacado escritor costarriquenho Joaquín Gutiérrez, militante do Partido Comunista.

A disputa por cargos dentro da editora estava diretamente relacionada à pretensão que estes grupos políticos tinham de torná-la uma espécie de centro difusor de suas próprias concepções político-ideológicas. Partidos políticos como o MAPU (*Movimiento de Acción Popular Unitario*), o Partido Socialista e o Partido Comunista viam em *Quimantú* a possibilidade de propagar suas convicções teóricas a partir da publicação de determinados livros, o que desencadeou uma série de contendas internas acerca de quais obras deveriam ou não ser editadas, tendo em vista os interesses e as perspectivas defendidos por cada um desses grupos, que muitas vezes divergiam entre si.

Vale a pena ressaltar que os conflitos internos verificados em *Quimantú* não passaram despercebidos aos olhos de seus opositores, que muitas vezes usaram estas disputas para desqualificar a empresa estatal e seu projeto, como é o caso do artigo de Alfredo Hauser, publicado no jornal *El Mercurio*, no qual se afirma que

“(...) a la cabeza de “Quimantú” están cerebros afiebrados, que no se compadecen con la importancia del papel que debe cumplir esa empresa. Allí, el nefasto cuoteo se aplicó en sus más tenebrosas dimensiones. Los partidos políticos delimitaron rigurosamente sus respectivas esferas de influencia. No se permite la intromisión de unos en los asuntos de los otros. El PC manda en determinadas áreas. El PS ronca en otras. El MAPU hace lo que le da gana en lo que considera su feudo, etc. Los resultados de esa distribución son desastrosos y de consecuencia imprevisible. En su División Editorial, que fue dividida orgánicamente en dos áreas, mandan el PC y el PS. Es justamente en esa División donde se verifican los choques más

¹¹⁹ IRIARTE, Pola; VILLAROEL, Mónica. Op. Cit., sem paginação.

*acirrados, la gran pelea ideológica (cuyo precio es pagado por el pueblo).”*¹²⁰

Dentre as obras que suscitaram conflitos entre os distintos grupos de esquerda que compunham a editora, é notável o caso do livro “*História da Revolução Russa*”, de Leon Trotsky, cuja publicação foi veementemente rechaçada pelo então Diretor da Divisão Editorial Joaquín Gutiérrez, do Partido Comunista, e defendida por Alejandro Chelén Rojas, militante do Partido Socialista e chefe do Departamento de Edições Especiais de *Quimantú*. O impasse atingiu tamanha proporção que foi necessária a intervenção pessoal de Allende, que decidiu pela publicação da obra.¹²¹

As contendas derivadas de divergências teórico-ideológicas entre os partidos de esquerda dentro da Editora também são abordadas por Tito Drago, em sua obra “Chile: um duplo sequestro”. Integrante do projeto editorial *Quimantú*, tendo ocupado o cargo de chefe do Departamento de Publicidade, o autor tece críticas contundentes à postura controladora e sectária de Joaquín Gutiérrez, que procurava vetar obras que não fossem condizentes com os princípios defendidos pelo Partido Comunista, como aponta o trecho a seguir:

O pluralismo (*dentro da Editora*) fica difícil de defender diante da atitude do Partido Comunista na empresa, onde pelo sistema de cotas ficou situado no segundo posto da escala executiva Joaquín Gutiérrez, brilhante escritor e militante da velha escola stalinista. Seu zelo partidário faz com que ele tente evitar que seja publicado qualquer livro que esteja no “index” da religião moscovita. Quando constata que não tem forças para conseguir isso, tenta uma manobra, apoiando-se na necessidade de baratear os custos, e oferece uma doação soviética: os fotolitos das obras completas de Marx, Engels e Lênin. Caso tivesse sido aceita a “desinteressada doação dos companheiros soviéticos”, a linha de produção de livros deveria se ocupar dessa edição durante dois anos. E, enquanto isso, não se imprimiriam outros livros.¹²²

A partir do que foi apresentado, notamos que os conflitos verificados dentro da Editora *Quimantú* demonstram que as divergências entre os diversos grupos de esquerda manifestaram-se não apenas no âmbito político. Ao integrarem o projeto cultural do governo Allende, estes partidos políticos transformaram também a cultura em um

¹²⁰ IN: HAUSER, Alfredo. Agravios históricos editados por Quimantú. In: *El Mercurio*. Santiago, 27 de agosto de 1973, p. 19

¹²¹ BASTIDAS, A. M. C. *Quimantú, utopía o vigencia: apuntes sobre un proyecto editorial público*. Santiago, 2007, p. 8

¹²² DRAGO, Tito. Op. Cit., p. 96.

terreno em disputa, no qual buscavam estabelecer a preponderância de suas concepções teórico-ideológicas, de modo a consagrar a preeminência de sua organização política dentro processo revolucionário em curso frente às demais.

A coleção dos *Cuadernos de Educación Popular*, que aqui analisaremos, esteve diretamente envolvida com estes conflitos internos, e, a nosso ver, não pode ter suas nuances compreendidas se não levarmos em consideração estes embates. Além disso, a compreensão de nosso objeto faz necessário levar em consideração as limitações e sucessos do projeto editorial do qual ele fez parte, que são inerentes a sua produção, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2: EDUCAR PARA A REVOLUÇÃO: OS CUADERNOS DE EDUCACIÓN POPULAR E O PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO DO PROLETARIADO

A coleção “*Cuadernos de Educación Popular*” foi uma das mais importantes publicações de temática política produzida pela Editora Nacional *Quimantú*. Editada entre outubro de 1971 e abril de 1973, esta coleção, escrita por Marta Harnecker e Gabriela Uribe,¹²³ dirigiu-se especialmente aos trabalhadores chilenos, tendo sido vendida em quiosques, livrarias tradicionais e livrarias pertencentes aos sindicatos de algumas das empresas que compunham a *Área de Propiedad Social*, pelo valor de 5 escudos.¹²⁴

Seu objetivo fundamental era apresentar de maneira didática os conceitos centrais do materialismo histórico, articulando-os à realidade chilena e ao projeto de transformações idealizado pela Unidade Popular, buscando dotar as massas de instrumentos teóricos para compreender a situação vigente nos campos social, econômico e político, de modo a impeli-la a interferir nesta conjuntura agindo em conformidade com os interesses do governo Allende.

A ideia de criar uma publicação voltada à educação política de trabalhadores surgiu a partir da iniciativa de alguns intelectuais vinculados ao Comitê da Unidade Popular do CESO (*Centro de Estudios Socioeconômicos da Escola de Economía da Universidad de Chile*) que, diante da subida da Unidade Popular ao poder, decidiram colaborar com a defesa do governo Allende e seu projeto por meio da “elevação do nível de consciência política das massas”.¹²⁵ Para cumprir este papel, buscaram

¹²³ Informações acerca destas intelectuais serão fornecidas mais adiante.

¹²⁴ O preço da coleção foi encontrado em um anúncio da Editora acerca dos *Cuadernos de Educación Popular* (figura 12 desta dissertação).

¹²⁵ Esta informação foi encontrada em um texto publicado na **Revista Mayoría**, nº28, Santiago, 26 de abril de 1972, p. 26. Na reportagem em questão, CESO é apontada como a sigla que designa o “*Centro de Estudios Sociológicos de la Universidad de Chile*”, embora o nome correto deste núcleo de pesquisa fosse, na realidade, *Centro de Estudios Socioeconómicos*. Criado em 1965, este centro de investigação foi um dos polos irradiadores do pensamento crítico latino-americano durante a segunda metade da década de sessenta até 1973, quando foi fechado por determinação da Junta Militar que derrubou o governo de Allende. Apesar de sua breve existência, este núcleo teve uma atividade bastante vigorosa, especialmente a partir de 1966, quando passou a receber vários intelectuais estrangeiros que fugiam das perseguições políticas desencadeadas pelas ditaduras em seus países de origem, caso dos sociólogos brasileiros Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Emir Sader e Theotonio dos Santos, bem como do sociólogo argentino Tomás Amadeo Vasconi. Além destes nomes, também integraram o referido centro intelectuais como Marta Harnecker, Pío García, Sergio Ramos, Orlando Caputo e André Gunder Frank. Boa parte da produção do CESO esteve voltada à discussão da dependência latino-americana e, a partir da vitória da Unidade Popular, também houve a organização de seminários e grupos de estudo para discutir os desafios da transição ao socialismo. Para mais detalhes acerca da história do CESO, consultar: CÁRDENAS CASTRO, Juan Cristobal. Una historia sepultada: el Centro de Estudios Socioeconómicos

desenvolver um material que fosse capaz de divulgar as propostas da Unidade Popular e combater os ataques e embustes que os meios oposicionistas propagavam contra o governo Allende.

Inicialmente foram produzidas cartilhas bem simples, compostas por uma única folha mimeografada em frente e verso, nas quais eram explicados pontos polêmicos do programa *allendista* que os intelectuais envolvidos no projeto consideravam passíveis de serem utilizados pela direita em sua propaganda contra o governo popular, como atesta o testemunho dado por Marta Harnecker em palestra concedida em 1988:

(...) apenas triunfó la Unidad Popular (yo estaba en la Universidad) hicimos un grupo de trabajo para trabajar a nivel de los barrios; entonces dijimos, pensemos cuál va a ser la reacción de la derecha y qué vamos a tener que aclararle a nuestro pueblo. Y pensamos, bueno, típicamente van a acogerse al problema de la libertad, la democracia, los medios de producción y consumo; ¿por qué? porque la derecha iba a decir: “llegó el comunismo, nos quitan la libertad, nos plantan la dictadura del proletariado, se acabó la democracia y nos quitan todos los bienes”.¹²⁶

A partir desta constatação, foram produzidas as cartilhas “*Democracia ¿para quién?*”, “*Libertad ¿para quién?*” e “*Medios de producción y medios de consumo*” nas quais os intelectuais tentavam desmitificar, de maneira bastante sintética, a ideia consolidada no imaginário social que definia a democracia burguesa enquanto um regime justo e que contemplava a todos da mesma maneira, de modo a evidenciar como este sistema favorecia apenas os setores mais abastados da sociedade.

Ao longo do tempo, este projeto que articulava propaganda política e educação popular adquiriu novos contornos devido à incorporação de alguns desenhistas conhecidos por seu trabalho na revista de humor intitulada *La Chiva*¹²⁷, caso dos irmãos Alberto e Jorge Vivanco e Hernán Vidal. Juntamente com Eduardo de la Barra, Guillermo Durán (Guidú) e Luis Jiménez (Aníbal), eles ficaram responsáveis por realizar ilustrações que passaram a acompanhar os textos elaborados por Marta Harnecker e Gabriela Uribe, dando origem, assim, a uma nova publicação: a *Revista de*

de la Universidad de Chile, 1965-1973. In: **De Raíz Diversa – Revista especializada en estudios latino-americanos**, vol.2, nº3, enero-junio, pp. 121-140, 2015.

¹²⁶ Charla y debate sobre la obra de Marta Harnecker. Chile, s.n., 1988, p. 7

¹²⁷ “*La Chiva*” foi uma revista de humor em quadrinhos criada coletivamente pelos irmãos Alberto e Jorge Vivanco (este último conhecido também como Pepe Huinca), e por José Palomo e Hernán Vidal (que usava o nome artístico “Hervi”). Foi publicada pela Editorial Papiro e contou com 48 números, publicados entre 1968 e 1970.

información popular “La Firme”.

Esta revista apresentou um total de 61 volumes, editados por *Quimantú* entre abril de 1971 e maio de 1973. Em suas páginas, a referida publicação abordou importantes pautas e realizações do governo Allende, tais como a reforma agrária (*La Firme* nº1), a campanha que visava assegurar o consumo diário de meio litro de leite por cada criança chilena (sem número)¹²⁸, a nacionalização do cobre (sem número), o projeto contra o analfabetismo (*La Firme* nº8) e a questão da habitação (*La Firme* nº13)¹²⁹. Merecem destaque ainda os volumes dedicados a explicar o que eram os monopólios e porque eles representavam um entrave ao desenvolvimento chileno (*La Firme* nº2), bem como os exemplares voltados a alertar a população acerca da necessidade de organizar-se (*La Firme* nº6) e de empenhar-se para elevar a produção (*La Firme* nº5), além do número destinado a advertir sobre os riscos que a adoção de métodos burocráticos poderia trazer ao projeto revolucionário (*La Firme* nº12).

Em boa parte destes números, é evidente a intenção de divulgar os avanços realizados pelo governo Allende e o esforço em apontar os benefícios que seriam possíveis a partir da efetivação de determinadas propostas idealizadas pela Unidade Popular. Também observamos que a revista contém uma forte crítica à realidade socioeconômica vigente e aos governos anteriores, os quais aponta como incapazes de solucionar os problemas então existentes e acusa de serem perpetuadores das mazelas que afligiam as camadas mais pobres da população,¹³⁰ atestando, assim, o caráter engajado e propagandístico desta publicação.

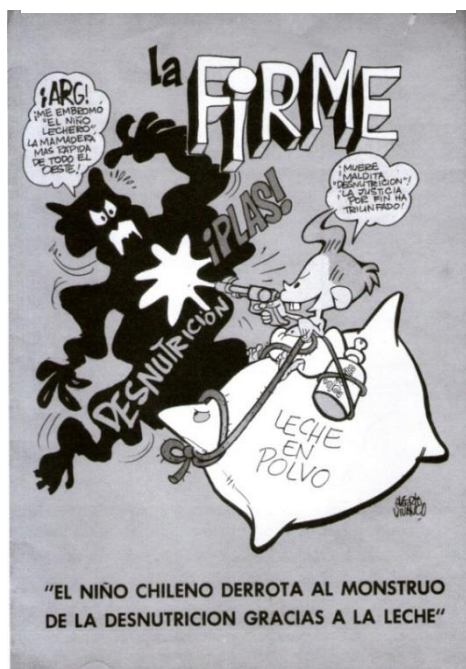
¹²⁸ A distribuição de meio litro de leite por dia para cada criança chilena pelo governo popular tinha como objetivo a diminuição dos altos índices de desnutrição infantil no país. Foi apresentada como a medida número 15 do documento intitulado “*Las 40 primeras medidas del gobierno popular*”, que integrava o Programa de Governo da Unidade Popular de 1969. No volume em que abordou esta iniciativa, *La Firme* trazia uma história em quadrinhos narrada por uma vaca, que era responsável por apresentar os envolvidos na produção do leite em pó (ela própria, os operários e o governo Allende) e ensinar como ele devia ser preparado pelas mães afim de garantir o crescimento saudável das crianças.

Além de ter contado com este volume exclusivo, a campanha do leite apareceu na revista em outros momentos, como atesta a quarta capa do número 8, que traz um quadrinho que ensina a maneira correta de se preparar o leite em pó (chamando a atenção para a necessidade de ter mãos e utensílios limpos durante o preparo, ferver a água em que se dissolverá o leite, bem como amarrar bem o saquinho e guardá-lo em um pote com tampa, garantindo, assim, sua conservação). Em ambos os quadrinhos, verificamos um forte teor propagandístico, na medida em que se busca associar a campanha não apenas à melhoria das condições de saúde das crianças, mas também a possibilidade destas terem um futuro promissor, como explicita a frase “*Asegurémonos que el pequeño sea “grande” mañana,*” presente na quarta capa da *La Firme* número 8.

¹²⁹ Este número contou com a assessoria da *Dirección de Fomento y Estudios Habitacionales del Ministerio de la Vivienda* para ser elaborado.

¹³⁰ Estes elementos se evidenciam com clareza no volume de *La Firme* dedicado ao problema da habitação no Chile. A história em quadrinhos mostra o panorama desolador da moradia no país, apontando a existência de um déficit habitacional de cerca de 500.000 casas, e afirma a incapacidade das

Figura 18



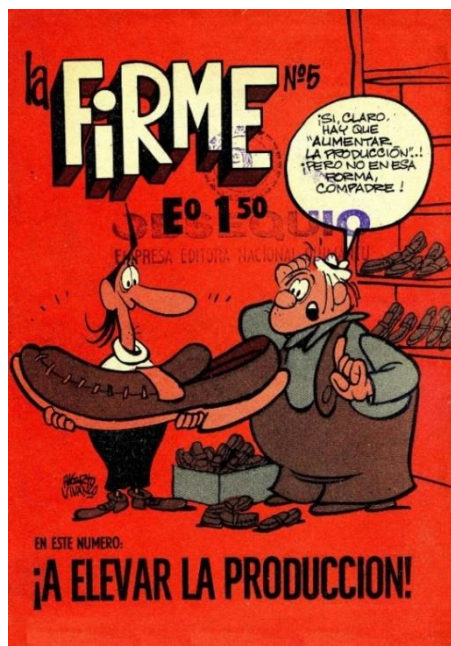
Revista La Firme, sem número, 1977

Figura 19



Revista La Firme, n°2, 1971

Figura 20



Revista La Firme, n° 5, 1971

Figura 21



Revista La Firme, n° 12, 1971

receitas governamentais reformistas para acabar com problemas como a falta de casas, o desemprego, a inflação, a desnutrição e a miséria. Comparando o capitalismo a uma árvore venenosa, a publicação aponta que o reformismo nada mais faz do que podar alguns galhos, sem alterar os frutos ruins dessa árvore. A solução, seria, portanto, cortar a árvore pela raiz, o que a nosso ver é uma clara apologia a proposta revolucionária do governo Allende e uma crítica ao reformismo do governo anterior, do democrata cristão Eduardo Frei.

Apesar dos esforços realizados para garantir sua penetração entre seu público-alvo,¹³¹ a publicação foi rejeitada por alguns setores do operariado chileno, que rechaçaram seu formato em quadrinhos, como aponta o testemunho de Marta Harnecker, no qual ela afirma que “(...) *llegábamos a las fábricas, a los sindicatos y los compañeros (los trabajadores) comenzaron a decirnos (acerca da revista *La Firme*): “compañera, ¿por qué estos muñequitos, nosotros no somos niños chicos, por qué no nos escriben libros?”*”¹³²

Percebendo uma incompatibilidade entre o formato que a revista apresentava e a expectativa que alguns setores populares nutriam acerca do que deveria ser o seu material de estudo, Marta Harnecker e Gabriela Uribe decidiram deixar a equipe de *La Firme* para desenvolver uma nova publicação dirigida aos trabalhadores. Surgiram, assim, os *Cuadernos de Educación Popular*, que apesar de terem objetivos semelhantes àqueles da revista, apresentavam um formato mais tradicional, no qual predominavam textos.

Além das demandas apresentadas por alguns trabalhadores, as divergências que existiam dentro do grupo que integrava a revista *La Firme* também foram determinantes para impulsionar o surgimento desta nova coleção voltada à educação política de trabalhadores. Segundo Harnecker, ocorriam choques entre os desenhistas e os responsáveis pelo texto devido ao fato de que os primeiros buscavam um efeito cômico que por vezes entrava em contradição com o rigor conceitual e pedagógico almejado pelas autoras:

Entonces, la verdad es que también teníamos algunos problemas con los dibujantes porque, si alguno de ustedes ha trabajado con dibujantes y con muñequitos, el criterio del dibujante y el criterio de lo cómico que busca también para atraer al lector a veces se contradice con la rigurosidad del pedagogo, etc, etc., Entonces, nosotros nos aferrábamos a los textos, los dibujantes a los dibujos, y teníamos nuestros encuentros. Entonces decidimos que ellos marcharan, ya que tenían suficiente formación y criterio como para

¹³¹ A revista *La Firme* teve um sistema de distribuição bastante particular. Segundo Alberto Vivanco, além da distribuição nos quiosques, as entidades responsáveis pelo tema que seria tratado em um determinado volume da publicação se comprometiam em comprar uma quantidade de exemplares e distribuí-los gratuitamente entre os setores e organizações populares que estivessem sob sua responsabilidade, o que garantia que os volumes que tinham pautas como reforma agrária, saúde, educação e nacionalização do cobre chegassem até os trabalhadores que tinham envolvimento direto com essas áreas. LÓPEZ, Hilda (org). Op. Cit., p. 28

¹³² Charla y debate sobre la obra de Marta Harnecker, Op. Cit, p.7

marchar solos, y nosotros con Gabriela Uribe nos pusimos a trabajar en serie de Cuadernitos de Educación Popular que ustedes conocen.¹³³

Apesar da preocupação em fazer uma publicação de formato mais tradicional, marcada pela predominância de textos em sua composição, é importante destacar que as autoras não abandonaram por completo o emprego de charges nos *Cuadernos de Educación Popular*, sendo algumas delas tomadas da própria revista *La Firme*. Também é preciso salientar que a despeito do rigor conceitual e pedagógico defendido pelas autoras, algumas estratégias didáticas empregadas incorreram em simplificações perigosas ou até mesmo em distorções.¹³⁴

No que diz respeito a sua estrutura, a coleção *Cuadernos de Educación Popular* foi composta por 13 livros¹³⁵, divididos em duas séries¹³⁶, como podemos observar a partir da tabela a seguir:

Tabela 2 – Cuadernos de Educación Popular

TÍTULO	SÉRIE	ANO	Nº DE PÁGINAS
1. Explotados y Explotadores	¿Por qué el socialismo?	1971	62
2. Explotación Capitalista	¿Por qué el socialismo?	1971	78
3. Monopolios y miséria	¿Por qué el socialismo?	1972	64
4. Lucha de clases I y II	¿Por qué el socialismo?	1972	62/64
5. Imperialismo y dependencia	¿Por qué el socialismo?	1972	64
6. Capitalismo y socialismo	¿Por qué el socialismo?	1972	64
7. Socialismo y comunismo	¿Por qué el socialismo?	1972	64
8. El partido: vanguardia del proletariado	Para luchar por el socialismo	1972	64
9. El partido: su organización	Para luchar por el socialismo	1972	64
10. Dirigentes y masas	Para luchar por el socialismo	1973	64
11. Estrategia y táctica	Para luchar por el socialismo	1973	64

¹³³ Ibidem, p.7

¹³⁴ Estas questões serão melhor detalhadas na seção 2.1 deste capítulo.

¹³⁵ O CEP nº4, intitulado “Lucha de clases”, encontra-se dividido em 2 volumes.

¹³⁶ Encontramos outras designações para as duas séries que dividem os *Cuadernos de Educación Popular*. No caso da obra “*Marta Harnecker: un tesoro internacional*” (2009), a primeira série é denominada “¿Qué es el socialismo?”, enquanto a segunda é intitulada “Cómo luchar por el socialismo?”. Nesta dissertação, optamos por utilizar os nomes empregados nos volumes originais da coleção, apontados na tabela 2.

12. Alianzas y frente político	Para luchar por el socialismo	1973	64
--------------------------------	-------------------------------	------	----

A primeira série, intitulada *¿Por qué el socialismo?*, tinha como objetivo fundamental demonstrar ao leitor porquê se devia lutar pela implantação do socialismo no Chile. Nela, as autoras apresentam vários conceitos do materialismo histórico (tais como mais valia, meios de produção, relações de produção, superestrutura e infraestrutura), articulando-os de modo a construir um panorama da realidade chilena no qual buscavam desnudar as contradições inerentes ao sistema capitalista, evidenciando-o como a causa das mazelas enfrentadas pelo país para, a partir desse diagnóstico, apontar o sistema socialista como a solução para os problemas vigentes.

A segunda série, por sua vez, denomina-se *“Para luchar por el socialismo”* e aborda aspectos mais práticos da luta revolucionária, fornecendo uma espécie de guia de ação para o leitor: aponta as estratégias e táticas possíveis, as formas de organização popular existentes, além de indicar quais deveriam ser a postura e função dos partidos, dos intelectuais e das massas dentro do processo revolucionário, bem como quais erros deveriam ser combativos e evitados pelos partícipes do projeto *allendista*.

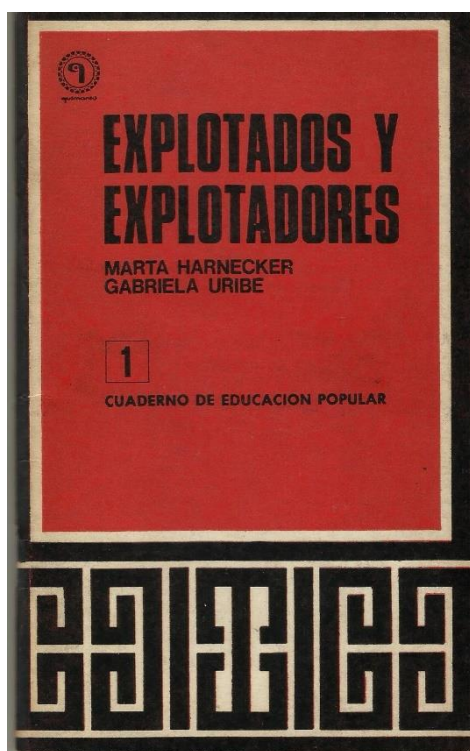
Os livros que compõem esta coleção apresentam o formato de “livro de bolso”, tendo dimensões de 11cm x 18 cm, e dividem-se basicamente em seis partes fundamentais: um esquema e/ou índice, no qual são apresentados de maneira bastante sintética os principais assuntos a serem abordados no referido volume; uma introdução, que recupera um pouco do que foi tratado nos *Cuadernos* anteriores, insere o tema central e aponta alguns conceitos fundamentais que permearão a obra; o texto propriamente dito, no qual as autoras discorrem acerca do conteúdo proposto, articulando uma série de fotos, charges e esquemas explicativos; um resumo, que traz uma síntese dos principais conceitos e ideias apresentados; um questionário, que contém perguntas acerca dos principais conceitos trabalhados ao longo da obra¹³⁷ e uma bibliografia, que exhibe os autores que serviram de referência para a elaboração do referido volume, contando com algumas sugestões bibliográficas para o leitor aprofundar seus estudos.

O único elemento colorido da coleção são as capas, o que representa um grande

¹³⁷ O número de questões apresentadas varia bastante de um volume para outro. O questionário do CEP número 1, por exemplo, contém 20 perguntas, enquanto os CEP número 8 e 10 têm 13 e 32 perguntas, respectivamente.

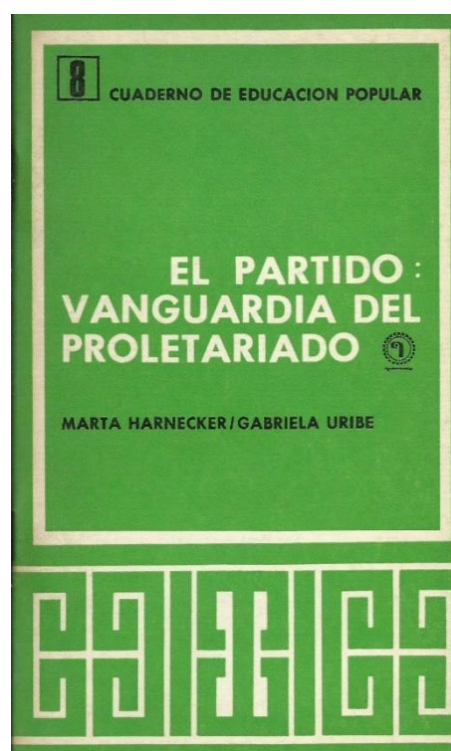
contraste dos *Cuadernos de Educación Popular* em relação à revista La Firme, que dispunha de muitas cores em sua composição. Cada um dos volumes apresenta uma cor específica, havendo uma pequena alteração no layout a partir do volume 8, intitulado “*El Partido: vanguardia del proletariado*”. Abaixo, podemos observar por meio de uma comparação entre os volumes 1 e 8 que as mudanças são bastante sutis (centrando-se na fonte e cor do título, cor do contorno da capa e disposição dos escritos), o que nos leva a crer que elas foram realizadas apenas com intuito de anunciar o início da segunda série da coleção, já que não há qualquer tipo de modificação na estrutura e organização interna das obras.

Figura 18



Capa CEP nº 1, *Explotados y Explotadores*, 2ª edição, Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972

Figura 19



Capa CEP nº 8, *El partido: vanguardia del proletariado*, 1ª edição, Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972

Assim como a maioria das coleções publicadas pela Editora *Quimantú*, os *Cuadernos de Educación Popular* apresentaram tiragens bastante elevadas, que variaram em torno de 20.000 a 100.000 exemplares por volume, como demonstra a tabela abaixo.¹³⁸ Estas cifras foram muito superiores àquelas relativas a outras coleções

¹³⁸ Tabela de elaboração própria, construída a partir da análise das informações existentes nos originais dos *Cuadernos de Educación Popular*. Encontramos alguns dados mais esparsos referentes às tiragens

de temática política publicadas pela editora estatal, como *Camino Abierto e Clásicos del pensamiento social*, cujos números oscilaram entre 5.000 e 10.000 exemplares por título.

Tabela 3 – Tiragem Cuadernos de Educación Popular (1ª edição)

TÍTULO	EDIÇÃO	DATA	TIRAGEM
1.Explotados y explotadores	Primeira	Out/1971	40.000 exemplares
2. Explotación capitalista	Primeira	Dez/1971	20.000 exemplares
3. Monopolios y miseria	Primeira	Jan/1972	40.000 exemplares
4. Lucha de Clases I	Primeira	Fev/1972	70.000 exemplares
4. Lucha de Clases II	Primeira	Fev/1972	70.000 exemplares
5. Imperialismo y dependencia	Primeira	Abr/1972	70.000 exemplares
6. Capitalismo y socialismo	Primeira	Jun/1972	100.000 exemplares
7. Socialismo y comunismo	Primeira	Ago/1972	100.000 exemplares
8. El partido: vanguardia del proletariado	Primeira	Nov/1972	60.000 exemplares
9. El partido: su organización	Primeira	Dez/1972	60.000 exemplares
10. Dirigentes y masas	Primeira	Jan/1973	30.000 exemplares
11. Estrategia y táctica	Primeira	Mar/1973	30.000 exemplares
12. Alianzas y frente político	Primeira	Abr/1973	30.000 exemplares
TOTAL			720.000 exemplares

Considerando todas as edições dos *Cuadernos de Educación Popular* publicadas por *Quimantú*, a coleção chegou a ter uma tiragem global de 1.210.000 exemplares¹³⁹,

das edições posteriores feitas por *Quimantú* em nossos originais e em volumes digitalizados na internet, que podem ser consultados na seção “Anexos” desta dissertação.

¹³⁹ BERGOT, Solène. *Op. Cit.*, p. 20

dos quais foram vendidos pouco mais de um milhão¹⁴⁰, apenas no Chile. A vendagem total é difícil de ser mapeada, mas podemos ter uma ideia de sua dimensão ao observarmos a variedade de países que editaram esta coleção: além de França, Holanda, Itália, Peru, Angola e Austrália, os sete volumes da primeira série dos CEP foram publicados na Venezuela pela *Editorial Primero de Mayo*, em 1972; no México, pela *Universidad Autónoma de Puebla*, em 1972 e pela *Universidad Autónoma de Sinaloa*, em 1978; na Argentina, pela *Editorial 22 de agosto*, em 1986; no Brasil, pela Editora Global, em 1980; e na Espanha, pelo PSOE (*Partido Socialista Obrero Español*), em 1972, por meio da *Ediciones de La Torre*, sem data conhecida, e pela *Editora Akal*, em 1979.¹⁴¹ Já os 4 títulos da segunda série foram editados na Argentina pelo *Centro de Estudios Políticos*, em 1973, e na Espanha, pela *Ediciones de La Torre*, sem data.¹⁴²

Algumas destas edições, entretanto, foram modificadas e adaptadas de acordo com a realidade e as preocupações específicas do país em que estavam sendo publicadas, o que acabou por distorcer os objetivos originais da coleção, como acusa Marta Harnecker no prefácio da edição revisada publicada na Espanha pela *Editora Akal*, em 1979:

(...) si bien nos [*a Harnecker e Uribe*] alegra enormemente que hayan aparecido ediciones en distintos países, nos preocupa sobremanera ediciones en distintos países, nos preocupa sobremanera que nuestra exposición pueda ser alterada tanto en sus aspectos teóricos como pedagógicos por una parte, como que sea utilizada políticamente por un grupo partidario contra otro.¹⁴³

Com esta edição revisada, impressa em 1979, Marta Harnecker - que assumiu individualmente a responsabilidade pela nova versão - buscou dotar a coleção de uma perspectiva mais universalista e abrangente, com o intuito de fazer com que os volumes fossem reproduzidos em qualquer país sem necessidade de alterações no seu conteúdo.

Nesse sentido, a edição revisada se distancia da versão original na medida em que esta foi produzida com o objetivo de responder a problemáticas específicas do

¹⁴⁰ A cifra em questão foi retirada de uma reportagem da Revista Paloma, nº 10, março de 1973, p. 105. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que o número apresentado é controverso, pois encontramos valores de venda distintos em outros documentos, como a quarta capa da edição brasileira do CEP nº 1, *Explorados e exploradores*, que aponta: “Destes cadernos venderam-se centenas de milhares senão mais de meio milhão na América Latina.” In: CEP nº1, **Explorados e exploradores**. São Paulo: Global Editora, 1979.

¹⁴¹ Informações retiradas do volume *Socialismo y Comunismo*, publicado pela Editora Akal, em 1979, disponível online em: <http://www.rebellion.org/docs/88350.pdf>

¹⁴² Informações encontradas no livro **Marta Harnecker: un tesoro internacional**. Caracas: Centro Internacional Miranda, novembro de 2009.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 3

contexto chileno, suscitadas pela ascensão da Unidade Popular ao poder, sendo, por isso, permeada por questões e inquietações que afligiam a esquerda chilena naquele momento.

O caráter nacional da edição publicada por *Quimantú* e seu comprometimento com o momento político então vivido pelo Chile se evidenciam logo no primeiro volume da coleção, intitulado “*Explotados y Explotadores*”. No texto presente na quarta capa, as autoras afirmam que

Los Cuadernos de Educación Popular responden a la necesidad que tiene cada país de producir sus propios textos de educación política para elevar la consciencia de las grandes masas y permitir que sean ellas quienes construyan en forma efectiva y creadora su propio futuro.¹⁴⁴

Ao afirmarem que cada país deveria desenvolver seus próprios materiais de educação política, as autoras apontavam para a necessidade de produzir obras que levassem em consideração as particularidades da nação, sua realidade social, seus anseios, seus projetos, elementos estes que muitas vezes não eram contemplados por obras produzidas em outros países, ainda que dotadas de orientação político-ideológica semelhante.

No caso chileno, esta necessidade se apresentava ainda mais latente. Enquanto boa parte das experiências revolucionárias de esquerda optaram pela ruptura da legalidade vigente e pela tomada do poder por meio da via armada, o Chile, tido como um país dotado de uma forte tradição democrática, encabeçou uma tática que diferia da tradição historicamente consolidada pela esquerda, ao optar pela viabilidade da transição ao socialismo a partir do Estado de direito burguês.

O ineditismo do projeto revolucionário chileno, assentado numa leitura particular de sua história, tornava imprescindível a produção de obras que contemplassem as especificidades colocadas pela adoção da via pacífica, de modo a esclarecer ao leitor o porquê da adoção desta opção tática, qual a sua relação com a realidade chilena, além de informá-lo acerca dos desafios a serem enfrentados e dos significados e objetivos das medidas empregadas pelo governo popular.

Era justamente a este propósito que os *Cuadernos de Educación Popular* buscavam servir, já que intentavam responder ao imperativo de dotar os trabalhadores

¹⁴⁴ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y Explotadores**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971.

de elementos teóricos que permitissem entender o processo que o Chile vivia, como atesta a declaração dada pelas autoras em entrevista concedida à revista *Mayoría*:

Con los Cuadernos pretendemos ampliar el concepto que los trabajadores tienen del socialismo y del actual proceso de cambios. Hemos apreciado que después del 4 de septiembre de 1970 hay un mayor interés por saber más. Los Cuadernos sirven así a esta necesidad.¹⁴⁵

A coleção mostrava-se, assim, alinhada aos propósitos delineados pelo governo popular para o âmbito cultural, pois buscava conscientizar e educar a massa trabalhadora dentro dos princípios caros à esquerda, de modo a fomentar uma cultura política que estivesse em consonância com o projeto encabeçado pela Unidade Popular.

Nesse sentido, a dimensão pedagógica dos *Cuadernos de Educación Popular* se amalgamava com um forte viés propagandístico, na medida em que a coleção articulava conceitos do marxismo e propostas do governo Allende de modo a construir uma leitura da realidade chilena que não apenas estimulasse a adesão das massas ao processo político em curso, mas que a fizesse agir segundo uma concepção tática e estratégica pré-definida, como demonstraremos nos capítulos subsequentes.

O envolvimento e preocupação de Marta Harnecker (1937 -) com questões relativas à educação popular remontam a sua juventude, época em que militou na *Acción Católica Universitaria de Santiago*. Segundo a própria autora - que se formou em Psicologia pela *Universidad Católica de Chile* em 1962 e foi professora de Psicologia Fenomenológica na mesma instituição - o cristianismo foi fundamental para construção de sua “vocação popular”, pois foi ele o responsável por suscitar seu interesse de conectar-se com os pobres.¹⁴⁶

Foi durante sua militância católica que Harnecker e um grupo de companheiros da *Acción Católica* buscaram aproximar-se da realidade dos setores populares trabalhando como operários não especializados na fábrica *Lucchetti*.¹⁴⁷ De acordo com a intelectual chilena, a experiência de trabalhar nesta empresa e viver em um bairro operário por dois meses em 1962 foi importante para fazê-la abraçar definitivamente a bandeira da educação popular:

Me impresionaban las condiciones en que vivían (*os trabalhadores*). Más que la opresión económica, la opresión cultural. Siempre, todavía me sigue

¹⁴⁵ *Revista Mayoría*, nº28, Santiago, 26 de abril de 1972, p. 26

¹⁴⁶ *Revista Paloma*, nº10, março de 1973, p. 106.

¹⁴⁷ Fábrica chilena pertencente ao ramo alimentício, fundada em 1904.

impactando la estrechez de miras de tantos trabajadores, y sobre todo, de las compañeras trabajadoras, limitadas al mundo de la fábrica y de lo que pasa en su cuadra, sin entender la situación de explotados que viven... ¡ Había tantos “apatronados” en Lucchetti”...Ya entonces me di cuenta que la educación popular era una tarea fundamental. Reafirmó en mí la vocación pedagógica.¹⁴⁸

Ademais de sua experiência como militante cristã, Marta Harnecker afirma em vários depoimentos e escritos que o contato com a Revolução Cubana -a partir de uma viagem de seis semanas realizada à ilha no ano de 1960- também foi decisivo para a conformação de sua atividade política, já que ao vivenciar os esforços realizados pelo povo cubano para superar a desigualdade e a miséria, as preocupações de ordem política passaram a superar gradativamente sua atividade religiosa.¹⁴⁹

Seu afastamento em relação à militância católica e à própria religião se intensificou quando Harnecker foi proibida por membros da hierarquia eclesiástica de divulgar no Chile a experiência revolucionária cubana que tanto a havia comovido, e quando recebeu uma bolsa para realizar pós-graduação na França, em 1963. Lá, um ex-padre, historiador e militante comunista amigo de Jacques Chonchol colocou-a em contato com Louis Althusser¹⁵⁰, e foi então que Harnecker começou a estudar os pensadores clássicos do marxismo (tais como Marx, Engels, Lênin e Mao Tse Tung). Tornou-se, como muitos apontam, discípula de Althusser ao se engajar na tarefa de recuperar fontes clássicas do marxismo como O Capital, de Karl Marx.¹⁵¹

¹⁴⁸ **Revista Paloma**, Op. Cit., p.106

¹⁴⁹ El Marxismo: un antidogma. Reproducción parcial de entrevistas concedidas por Marta Harnecker a la revista española Argumentos (A) en marzo de 1978 y a la revista chilena Punto Final Internacional (PF) en 1983. In: HARNECKER, Marta. **Los conceptos elementares del materialismo histórico**, 51ª edição, México: Siglo XXI editores, 1985, p. 8.

¹⁵⁰ Louis Althusser foi um importante pensador marxista, nascido na Argélia, em 1918. Na década de 60, publicou duas obras que tiveram grande repercussão no meio acadêmico e que suscitaram intensas polêmicas, *Pour Marx* (1965) e *Lire le Capital* (1966). Nestes trabalhos, Althusser sugeriu uma nova concepção da filosofia marxista, na medida em que questionava a importância atribuída aos debates referentes ao humanismo e ao pensamento hegeliano para a compreensão da obra de Marx. Além disso, este filósofo foi responsável por ressaltar as diferenças existentes entre os escritos do jovem Marx e suas produções maduras, advogando a preponderância destas sobre as primeiras. Para maiores informações acerca da vida e obra deste filósofo, consultar: BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁵¹ É interessante observar que em seus depoimentos, Harnecker se esforça para demonstrar uma ligação entre sua militância cristã e sua posterior militância socialista, aproximando o cristianismo do marxismo, como se observa na seguinte declaração dada por ela à Revista Paloma: “(...) *Del cristianismo me quedó en claro que si todo se medía por el Amor, y por el amor a los hombres, el amor tenía que realizarse en el terreno concreto, político; había que crear las condiciones que facilitarían el reino del amor. Me di cuenta que el marxismo era el único instrumento para crear el amor efectivamente en la tierra. Tanto cristianos como marxistas luchan por un mundo solidario donde se elimine el egoísmo, reine el servicio a los demás, y esté todo centrado en la comunidad y no en el individuo.*” (In: **Revista Paloma**, Op. Cit, p. 107). Para Harnecker, cristianismo e marxismo aparecem não como elementos díspares, mas

Quando retornou ao Chile em 1968, filiou-se ao Partido Socialista e envolveu-se na elaboração do primeiro programa de estudos do marxismo da *Escuela de Economía y Sociología de la Universidad de Chile*, ministrando alguns cursos nesta instituição entre 1969 e 1971. Ademais, incorporou-se, neste mesmo período, ao grupo de pesquisas do *Centro de Estudios Socioeconómicos (CESO)* da *Facultad de Economía Política de la Universidad de Chile*, no qual dirigiu os seminários de leitura da obra *O Capital* e teve contato com intelectuais ligados à teoria da dependência, como os sociólogos brasileiros Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini e Vânia Bambirra, que se exilaram no Chile a partir de 1966 e passaram a integrar este importante centro de estudos.

Mais tarde, com a subida da Unidade Popular ao poder, Marta Harnecker participou em outubro de 1971 de um simpósio organizado conjuntamente pelo CESO da *Universidad de Chile* e pelo CEREN (*Centro de Estudios de la Realidad Nacional*) da *Universidad Católica de Chile*, cujo tema era “*Transición al socialismo y experiencia chilena*”.¹⁵²

Durante o governo de Salvador Allende, Harnecker afastou-se da carreira acadêmica para dedicar-se integralmente à educação popular e à direção da revista semanal *Chile Hoy*¹⁵³, uma publicação que se constituiu enquanto um importante espaço de debate políticos e tensionamento do processo revolucionário então vivido pelo Chile.¹⁵⁴ Nela se apresentavam reflexões sobre temas nevrálgicos para a Unidade Popular, como as negociações com a Democracia Cristã, o lugar das Forças Armadas dentro da revolução, os problemas econômicos, o desabastecimento, as greves patronais, reportagens sobre as JAPs (*Juntas de Abastecimiento y Precios*), além de várias entrevistas com dirigentes de partidos de esquerda (Luis Corvalán, secretário-geral do

complementares: o primeiro motiva a busca por um mundo mais justo e igualitário, enquanto o segundo oferece as condições materiais para torná-lo possível. É importante ressaltar que esta perspectiva que aproximava o catolicismo da esquerda encontrava-se disseminada por vários países da América Latina nas décadas de 60 e 70, cristalizada no movimento que ficou conhecido como “Teologia da Libertação”, que defendia a opção pelos pobres e o combate às desigualdades.

¹⁵² Este simpósio contou com a participação de importantes intelectuais, tais como Rossana Rossanda, Paul Sweezy, Michel Gutelman, Armanda Mattelard, André Gunder Frank, Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini e ministros do governo Allende, como Jacques Chonchol (agricultura) e Pedro Vuskovic (economia). Mais detalhes em CÁRDENAS CASTRO, Juan Cristobal. Op. Cit., 2015.

¹⁵³ Esta revista foi publicada semanalmente entre junho de 1972 e setembro de 1973, tendo atingido um total de 65 números. Faziam parte de seu comitê editor nomes como Jaime Barrios, Alberto Martínez e Enrique París, além de importantes investigadores pertencentes ao CESO da *Universidad de Chile*, como os sociólogos brasileiros Theotonio dos Santos e Ruy Mauro Marini, Pío García e a própria Marta Harnecker. Já a redação ficava a cargo de Germán Marín, Jorge Modinguer, Victor Vaccaro e Faride Zerán. Esta publicação era impressa nas oficinas da Editora Nacional Quimantú.

¹⁵⁴ LOYOLA LÓPEZ, Ivette. Debates y tensiones en el Chile de la Unidad Popular: ¿La traición de los intelectuales? In: **Pacarina del Sur – Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano**, novembro de 2015.

PC chileno; Carlos Altamirano, secretário-geral do PS do Chile; Miguel Enríquez, secretário-geral do MIR, e Oscar Guillermo Garretón, secretário-geral do MAPU), ministros do governo Allende (Jacques Chonchol e Pedro Vuskovic), militares (Carlos Pratts) e *pobladores*¹⁵⁵ (como Maria Frías).

Tanto Harnecker quanto Gabriela Uribe foram militantes do Partido Socialista e são apontadas como importantes investigadoras chilenas, sendo Uribe inclusive apresentada como a encarregada da coleção *Cuadernos de Educación Popular* em vários volumes da primeira edição desta publicação. Apesar disso, não conseguimos encontrar nenhuma entrevista ou depoimento feito por ela acerca da referida obra, tampouco localizar dados de sua biografia, o que contrasta muito com o volume de informações encontrados sobre a vida e obra de Marta Harnecker, que é bastante expressivo.

Acreditamos que esta discrepância se deva ao fato de que a fama de Harnecker no meio acadêmico e político se deu antes mesmo da publicação dos *Cuadernos de Educación Popular*, com a obra “*Conceptos elementales del materialismo histórico*”¹⁵⁶. De acordo com a Revista *Paloma*, este livro foi o segundo mais vendido na América Latina nos anos 70, ficando atrás somente do clássico “Cem anos de solidão”, do colombiano Gabriel García Márquez,¹⁵⁷ o que pode ter contribuído para eclipsar um pouco a figura de Gabriela Uribe e sua atividade no campo da educação popular.

Além disso, é importante destacar que mesmo após o golpe de Pinochet em 1973, Harnecker continuou seu trabalho de educação popular no exílio, em Cuba,¹⁵⁸

¹⁵⁵ *Pobladores* eram aqueles que viviam em barracos nas zonas periféricas das cidades chilenas.

¹⁵⁶ HARNECKER, Marta. **Los conceptos elementales del materialismo histórico**. 1ª edição, México: Siglo XXI Editores, 1969. No Brasil, foi publicada pela primeira vez com o título “**Os conceitos elementares do materialismo histórico**” pela Editora Global, em 1981.

¹⁵⁷ *Revista Paloma*, Op. Cit., p. 106

¹⁵⁸ De acordo com uma reportagem publicada pelo diário chileno *La Segunda*, o nome de Marta Harnecker constou na primeira lista de pessoas requeridas pela Junta Militar em 11 de setembro de 1973 (In: *La Segunda*, Santiago, 3 de março de 1987, p. 9). Seu retorno ao Chile foi autorizado pelo governo pinochetista em 1987, mas Harnecker optou por continuar em Cuba, pois considerava que não existiam condições que garantissem sua segurança e permitissem o desenvolvimento de seu trabalho no seu país de origem, como demonstrou na carta escrita ao diretor da revista de oposição APSI: “*Pero, ante un hipotético regreso, para una escritora y periodista como yo, ¿qué condiciones existen para poder trabajar en mi país?; ¿dónde está la posibilidad de que la revista Chile Hoy, que dirigía, vuelva a aparecer?; cómo escribir con tranquilidad y publicar mis libros si los lugares donde esto se estaba haciendo con gran esfuerzo son allanados y destruidas sus máquinas; ¿qué seguridad tengo de que un grupo paramilitar no me haga desaparecer un día, como le ocurrió al periodista José Carrasco, que vivía legalmente en Chile?*.” Ademais, a intelectual chilena ressaltava os laços criados com a terra que a recebera como um dos motivos para não retornar ao seu país, como podemos observar no trecho a seguir: “*Mientras el gobierno de Pinochet me expulsaba del país, una nueva patria libre y solidaria me recibía. Bajo este “totalitarismo marxista”, como suele llamarlo la reacción, he vivido libre, he podido escribir,*

onde casou-se com o comandante do exército rebelde, Manuel Piñeiro, também conhecido como “*Barba Roja*”. Na ilha, Harnecker fundou e dirigiu o MEPLA, Centro de Investigações “*Memoria Popular Latinoamericana*” e se manteve preocupada em pesquisar experiências de governos de esquerda e movimentos sociais na América Latina¹⁵⁹, atividade que continua desenvolvendo no Canadá, onde reside atualmente.

Sua produção é muito expressiva. Publicou mais de sessenta livros, que podem ser classificados em três categorias:¹⁶⁰ as obras de cunho teórico-pedagógico, que apresentam uma sistematização dos conceitos-chave do materialismo histórico (caso de *El Capital: conceptos fundamentales*¹⁶¹, *Los conceptos elementales del materialismo histórico*¹⁶² e *Estrategia y táctica*¹⁶³), livros voltados à educação popular (*Cuadernos de Educación Popular* e *¿Qué es la sociedad?*), e entrevistas realizadas pela autora com líderes de movimentos guerrilheiros da Nicarágua, El Salvador, Guatemala¹⁶⁴ e com membros e dirigentes de partidos e de importantes experiências de esquerda da América Latina¹⁶⁵, como é o caso da obra *Hugo Chávez Frías.: Un hombre, un pueblo*,¹⁶⁶

trabajar, amar, construir una familia, sentir el calor del hogar y la emocionante solidaridad de los cubanos, que supieron compartir con nosotros – cientos de chilenos exilados que llegamos a esta tierra – sus viviendas y sus bienes, todavía escasos. Hoy ya no soy libre de elegir mi destino. He echado raíces en esta querida tierra. Por muchas razones, ésta es también mi patria.” In: Revista APSI, Santiago, nº 203, 1º de junho de 1987, pp. 62 e 63.

¹⁵⁹ No que diz respeito aos livros voltados à temática dos movimentos sociais latino-americanos, faz-se necessário destacar a existência de um ensaio escrito por Harnecker acerca da história do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) do Brasil. Essa obra foi resultado de uma série de entrevistas realizadas pela autora em diversos acampamentos e assentamentos do MST. Para mais detalhes, consultar: HARNECKER, Marta. **Sin tierra. Construyendo movimiento social**. Espanha: Siglo XXI, 2002.

¹⁶⁰ Tal classificação foi realizada por Eduardo Duhalde na obra **Charla y debate sobre la obra de Marta Harnecker**. Chile: s.n., 1988, pp. 2 e 3. A partir dela, buscamos apontar algumas das obras mais emblemáticas de cada categoria, várias delas não citadas pelo referido autor.

¹⁶¹ HARNECKER, Marta. **El Capital: conceptos fundamentales**. 1ª edição, México: Siglo XXI Editores, 1971. Publicado no Brasil com o título **O capital: conceitos fundamentais – manual de economia política**, Editora Global, 1978.

¹⁶² Op. Cit.

¹⁶³ HARNECKER, Marta. **Estrategia y táctica**. 1ª edição. Argentina: Editorial Antarca, 1986. Publicado também no Brasil: **Estratégia e tática**, 2ª edição, Expressão Popular, 2012.

¹⁶⁴ A título de exemplo, citamos as obras *Pueblos en armas*, que apresenta entrevistas com os líderes dos movimentos de guerrilha da Nicarágua, El Salvador e Guatemala e *Ideas nuevas para tiempos nuevos*, que traz entrevistas com 5 membros do comando geral da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertación Nacional), de El Salvador. Ver: HARNECKER, Marta. **Pueblos en armas**. 1ª edição, México: Universidad Autónoma de Guerrero, 1983, e HARNECKER, Marta. **Ideas nuevas para tiempos nuevos**. Chile: Ediciones Biblioteca Popular, 1991.

¹⁶⁵ Nesse âmbito merecem destaque as obras *Frente Amplio: desafíos de la izquierda legal*, sobre a experiência da Frente Ampla no Uruguai (publicado no Uruguai pela Editorial La República, em 4 tomos, em 1991), *El sueño era posible*, que aborda a história do Partido dos Trabalhadores a partir de depoimentos de seus fundadores e militantes, dentre os quais podemos citar Luís Inácio Lula da Silva, Frei Betto, Eduardo Suplicy, Luiz Gushiken, Perseu e Lélia Abramo e Paul Singer (publicada em Cuba pela Editorial Cultura Popular, em 1994; no Chile, pela LOM Ediciones, em 1994; e no Brasil, pela Casa América Livre, em 1994), além do livro *Haciendo Camino al andar*, pelo qual Harnecker recebeu o Prêmio Nacional do Livro na Venezuela. Este livro aborda as experiências de oito prefeituras que buscaram ampliar a participação popular na gestão, e traz entrevistas com prefeitos, dirigentes políticos,

produzida a partir de uma entrevista realizada por Harnecker com o presidente venezuelano Hugo Chávez, de quem ela foi assessora entre 2002 e 2006.¹⁶⁷

A nosso ver, a vigorosa atividade intelectual e intensa produtividade de Harnecker fizeram com que ela continuasse sendo requisitada para entrevistas e conferências com frequência, o que possibilitou que sua biografia e sua narrativa acerca da criação dos CEP se perpetuassem e se tornassem hegemônicas. Já Gabriela Uribe, que parece não ter seguido o mesmo caminho, não dispôs dos mesmos meios e veículos para disseminar sua história de vida e divulgar seu trabalho, o que fez com que as menções a sua figura se restringissem aos depoimentos e entrevistas concedidos por Marta Harnecker, nos quais ela apenas aponta Uribe como coautora da coleção *Cuadernos de Educación Popular*.

Feitas estas ressalvas acerca dos aspectos biográficos das autoras, partiremos agora para a análise das estratégias didáticas mobilizadas por elas com o intuito de melhor atingir seu público-alvo, demonstrando como as dimensões pedagógica e propagandística estiveram interligadas na coleção. Ademais, procuraremos evidenciar como, a despeito da preocupação com o rigor teórico-conceitual, as autoras incorreram em algumas simplificações e distorções.

2.1 Estratégias didáticas: limites e contradições

A análise das estratégias didáticas e do caráter pedagógico da coleção *Cuadernos de Educación Popular* não pode ser feita à revelia de uma discussão acerca

cidadãos, membros de movimentos sociais e funcionários das prefeituras onde tais iniciativas se deram (5 prefeituras governadas pelo PT no Brasil – São Paulo, Porto Alegre, Diadema, Santos e Vitória -, 2 governadas pelo partido La Causa R, em Venezuela - Caracas e Caroní -, e Montevideo, comandada pela Frente Ampla no Uruguai. Ver: Harnecker, Marta. **Haciendo camino al andar**. Chile: LOM Ediciones, 1995; Brasil: Thesaurus, 1996; Venezuela: Monte Ávila Editores, 2005.

¹⁶⁶ HARNECKER, Marta. **Hugo Chávez Frías. Un hombre, un pueblo**. Espanha: Editorial Gakoa, 2002; Venezuela: Editorial Asociación Civil Universitaria por la Equidad, 2002 e Editora Talleres Gráficos de Mérida, 2003; Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 2002, entre outras edições.

¹⁶⁷ Marta Harnecker foi convidada pelo próprio Hugo Chávez para ocupar o cargo de assessora na ocasião da entrevista realizada com o mandatário venezuelano. Durante os quatro anos que desempenhou esta função, Harnecker se tornou uma das principais articuladoras da linha político-ideológica da “Revolução Bolivariana”, tendo inclusive participado da redação do programa de governo. Seu afastamento do círculo chavista, entretanto, ocorreu em 2006, quando publicou o texto “*Venezuela ante las elecciones presidenciales de diciembre de 2006*.” As contundentes críticas que este documento trazia ao governo de Hugo Chávez (em especial ao seu caráter demasiado personalista) foram apontadas pela mídia como elementos decisivos para o estremecimento das relações entre o presidente e a intelectual chilena, culminando na sua saída do governo. In: Por qué Marta Harnecker salió del círculo de Chávez. **Edição eletrônica do Jornal La Tercera**, Santiago, 7 de janeiro de 2012, consultado em 20 de novembro de 2016: <http://diario.latercera.com/2012/01/07/01/contenido/reportajes/25-96356-9-por-que-marta-harnecker-salio-del-circulo-de-chavez.shtml>

do significado do conceito de educação popular nas décadas de 60 e 70, bem como das práticas e princípios político-pedagógicos que constituíram esta modalidade educativa no período destacado.

Tal discussão objetiva chamar a atenção para a variedade de iniciativas e atores envolvidos nos múltiplos projetos de educação popular que existiam na América Latina, de modo a salientar que a despeito da existência de concepções gerais que orientavam o campo da educação popular, as ações verificadas em cada país continham especificidades, muitas das quais se ligavam diretamente às demandas e particularidades dos contextos nacionais em que se desenvolviam, como é o caso da coleção *Cuadernos de Educación Popular*.

Há uma variedade considerável de acepções para o conceito de educação popular. Segundo Rosa Jofré-Bruno, esta categoria, empregada com frequência para designar a extensão da educação pública a amplos setores da população, vai além disso. Para a autora, trata-se de um movimento impulsionado pela própria cultura política da América Latina, marcada por uma vontade de desenvolver uma consciência política e um sujeito político.¹⁶⁸

Em seu artigo, Jofré-Bruno define educação popular enquanto “*prácticas generadas por organizaciones no gubernamentales de diversos tipos y organizaciones de base, vinculadas a movimientos políticos y sociales y, a menudo, a partidos políticos de izquierda*”¹⁶⁹, que se caracterizam por situar os setores populares da sociedade - trabalhadores, camponeses, pobres e a classe média baixa - no centro do discurso e da prática político-pedagógica.¹⁷⁰ Nesse sentido, aponta como exemplos a criação de bibliotecas públicas, de círculos de estudo e teatro popular por anarquistas, comunistas e socialistas, projetos sociais católicos, bem como o surgimento de universidades populares no México pós-revolucionário, a partir da reforma universitária de 1918.¹⁷¹

Apesar da existência destas iniciativas voltadas à educação popular já no início do século XX, a autora afirma que a educação popular enquanto movimento político se formou na década de 1960, tendo atingido seu ápice nas décadas de 70 e 80.

Para Bruno-Jofré, uma série de fatores confluíram para o desenvolvimento da educação popular nas décadas de 60 e 70, tais como a Revolução Cubana e as reformas

¹⁶⁸ BRUNO-JOFRE, Rosa. **Educación popular en América Latina durante la década de los setenta y ochenta: una cartografía de sus significados políticos y pedagógicos**. In: Foro de Educación, vol. 14, nº 20, pp. 429-451, 2016.

¹⁶⁹ Idem, Ibidem, p. 430

¹⁷⁰ Idem

¹⁷¹ Idem, p. 432

educativas socialistas de 1961¹⁷², as novas orientações do Concílio Vaticano II e de Medellín¹⁷³, o surgimento da teologia da libertação, a prática pedagógica de Paulo Freire e sua análise de classe no livro “*Pedagogia do Oprimido*”, escrito durante seu exílio no Chile e publicado em 1970, além da radicalização da esquerda e sua luta por transformação política e socioeconômica.¹⁷⁴

A conjuntura de acirramento das lutas sociopolíticas e a demanda por reformas e transformações sociais da década de 60 estimularam o surgimento de práticas e concepções educativas voltadas à conscientização das camadas populares com o objetivo de torná-las capazes de intervir na realidade social e política vigente de modo a transformá-la. Não à toa, este período assistiu ao surgimento de uma série de iniciativas voltadas à formação educacional dos setores populares, tais como o projeto de alfabetização massiva levado a cabo em Cuba, a criação dos Centros Populares de Cultura (CPCs) no Brasil por intelectuais fortemente alinhados à esquerda, que tinham como objetivo a elevação do nível de conscientização da população e o incentivo à mobilização popular através da difusão das artes (o teatro, de modo especial), e o Movimento de Educação de Base (MEB), surgido de uma articulação entre o Governo Federal e a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que buscava contribuir com a alfabetização, especialmente de trabalhadores de áreas rurais, por meio da transmissão de programas educativos através do rádio.¹⁷⁵

¹⁷² Remo Moreira Brito Bastos, em artigo sobre o sistema educacional cubano afirma que, em 1961, foi colocado em prática um ambicioso projeto de educação para adultos na ilha. De acordo com o pesquisador, em apenas 8 meses, 985.000 pessoas foram alvo dessa campanha, que contou com a participação de mais de 250 mil voluntários, entre trabalhadores, estudantes e professores. Bastos afirma que essa medida foi fundamental para reduzir drasticamente o analfabetismo cubano e contribuiu para a conformação de uma nova cultura política no país: “*A atmosfera de entusiasmo e envolvimento da população nessas campanhas educacionais constituía um dos ingredientes fundamentais do desenvolvimento de um sistema de valores*

consentâneos à nova ordem social, que deveriam conformar o novo homem socialista. Nesse sentido, a ênfase nos estímulos morais, em detrimento dos materiais, caracterizou a fase inicial (década de 1960 e início dos anos 1970) daquele processo de transformações estruturais pelas quais passava a nação.” BASTOS, Remo Moreira Brito. Sistema educacional cubano: fatores explicativos e reprodutibilidade em outras formações sociais. In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. Curitiba, v. 11, nº27, jan/abr 2016, pp. 41 e 42. Disponível em http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/ consultado em 24/08/2017

¹⁷³ O Concílio Vaticano II deu-se num contexto em que a Igreja Católica, preocupada com a perda de fiéis, reuniu-se para reavaliar alguns pontos de suas práticas e reformar sua liturgia, e abriu caminho para as transformações de caráter progressista que se firmariam no Concílio de Medellín, ocorrido em 1968. Neste último, setores progressista do clero, muitos deles ligados às ideias socialistas, defenderam uma Igreja voltada para os pobres e marginalizados da sociedade, o que suscitou em uma série de choques com grupos conservadores da Igreja.

¹⁷⁴ Idem, p. 435

¹⁷⁵ A proposta de educação popular através do rádio foi desenvolvida na Colômbia, em 1953, impulsionada por setores da Igreja católica que buscavam apaziguar os conflitos então existentes no campo, conter o avanço das ideias comunistas e disseminar as ideias católicas. Para mais detalhes acerca

Notamos, portanto, que as iniciativas voltadas à educação popular na América Latina tiveram um caráter bastante diverso, já que se apoiaram em instrumentos e mecanismos variados (cartilhas, teatro, rádio), além de terem contado com o envolvimento de diferentes atores (o Estado, intelectuais, educadores, membros da Igreja, entre outros).

A despeito desta multiplicidade, percebemos, salvo algumas exceções, que estas iniciativas têm em comum a preocupação com os setores mais desfavorecidos da população, o que fez com que boa parte das práticas e concepções associadas à educação popular fossem marcadas por um forte viés de crítica ao capitalismo e às desigualdades vigentes. Além disso, é importante ressaltar que, em alguns casos, elas próprias se constituíram enquanto uma tentativa de transformar o *status quo*, como observa Oscar Jara:

Así, una “educación popular” hace referencia a aquellos procesos político-pedagógicos que buscan superar relaciones de dominación, opresión, discriminación, inequidad y exclusión. Visto positivamente, se refiere a todos los procesos educativos que buscan construir relaciones equitativas y justas, respetuosa de la diversidad y de la igualdad de derechos entre las personas.¹⁷⁶

Outro princípio fundamental da educação popular foi (e continua sendo) a ideia de horizontalidade nas relações entre educandos e educadores e a perspectiva de que o aluno é agente no processo pedagógico, dotado de autonomia para aprender, questionar e intervir na realidade que o circunda, elemento que atesta, de maneira clara, o intento da educação popular de formar um determinado tipo de sujeito político.¹⁷⁷

A despeito dessas características e princípios gerais, as iniciativas e concepções de educação popular que se desenvolveram nos mais diversos países da América Latina foram diretamente influenciadas por elementos conjunturais particulares a cada nação. Isso culminou na produção de materiais e na conformação de experiências dotados de

desta experiência, consultar o trabalho de HURTADO ARIAS, Aura Esnelia. **Cartas, rádios e impressos: cultura escrita camponesa na Colômbia, 1953 -1974**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 2016.

¹⁷⁶ JARA H., Oscar. **Educación Popular y cambio social en América Latina**. In: Oxford University Press and Community Development Journal, 2010, p. 4

¹⁷⁷ É importante salientar este elemento para evitar que caiamos em uma “romantização” da educação popular. Dialogando com a perspectiva freiriana que defende a ideia de que toda a educação (entendida como processo de ensino-aprendizagem) é política (ou seja, de que não existe uma educação neutra), podemos entender e analisar a educação popular dentro de uma chave crítica, evidenciando como também ela está comprometida com o desenvolvimento de um tipo específico de cidadania, já que prima por determinados valores ético-morais em detrimento de outros, bem como pauta-se e busca promover relações, leituras e ações tendo em vista projetos político-ideológicos pré-estabelecidos.

traços bastante específicos e intimamente ligados a preocupações e conflitos inerentes aos projetos político-sociais pelos quais estas nações passavam.

Este é o caso da coleção que é objeto desta dissertação. Nela, podemos observar a presença de uma série de elementos que integravam a concepção de educação popular que vigorava entre as décadas de 60 e 70, ao mesmo tempo em que notamos aspectos bastante singulares, como o caráter abertamente propagandístico da publicação.

Como apontamos anteriormente, o propósito dos *Cuadernos de Educación Popular* de educar politicamente as massas estava intimamente associado à necessidade que o governo Allende tinha de construir um consenso político em torno de suas propostas, algo que se buscava a partir da conquista dos imaginários sociais dos trabalhadores chilenos. Desse modo, a educação e a conscientização intuídas pela publicação se revestiram de um forte viés propagandístico, e boa parte das estratégias discursivas de que as autoras lançaram mão objetivavam não apenas facilitar a compreensão de determinadas ideias e valores pelo leitor trabalhador, mas buscavam orientá-lo a abraçar uma causa política específica e fazê-lo agir de acordo com pressupostos consonantes ao projeto revolucionário.

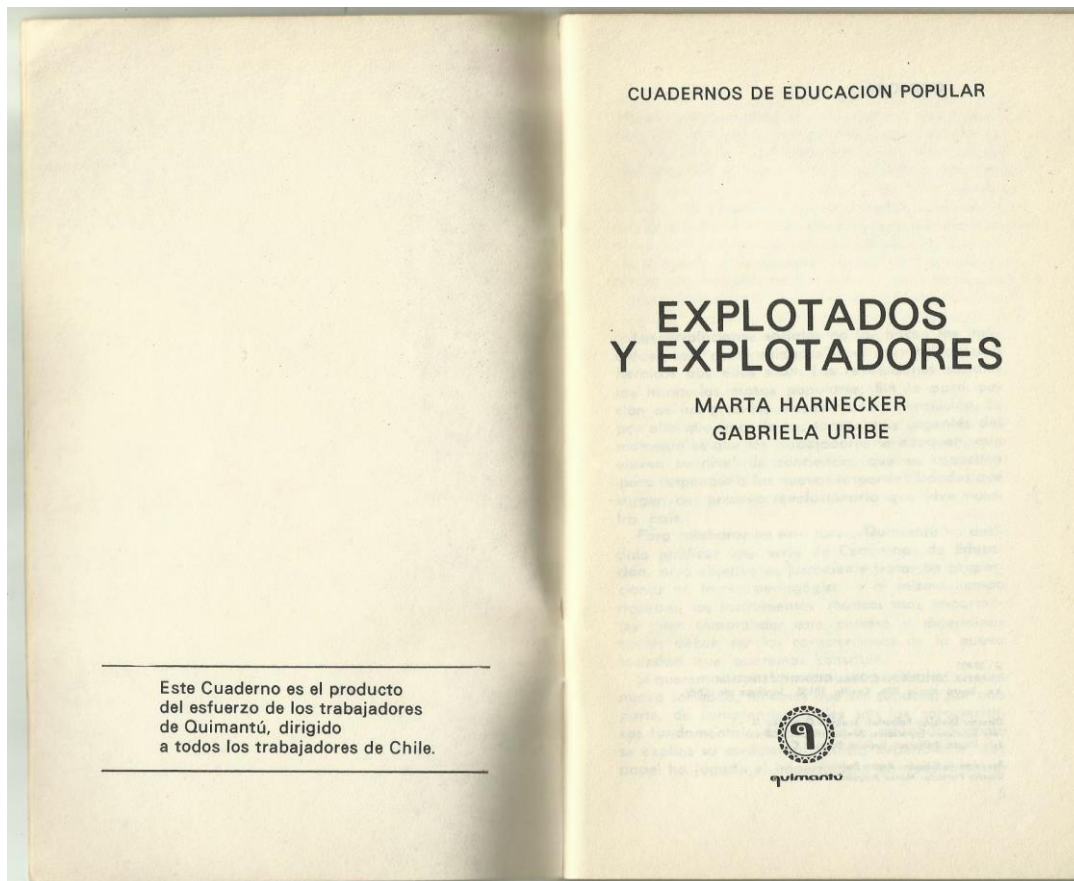
Ao nos debruçarmos sobre as estratégias didáticas presentes na coleção, procuramos demonstrar como a tarefa de conquistar os corações e mentes dos trabalhadores chilenos para o projeto *allendista*, implicou o emprego e manipulação por parte das autoras de elementos já consolidados no imaginário social, além de um discurso permeado de promessas, mitos políticos e utopias.

Não é nosso intuito abordar a questão da recepção que tais mensagens tiveram, tampouco o efeito prático que surtiram no leitor da coleção. Nas análises que seguem, buscamos tensionar o processo de negociação constante entre autoras e leitores, de modo a evidenciar os limites e problemas apresentados por algumas das estratégias didáticas empregadas por Harnecker e Uribe com o intuito de aproximarem-se do seu público-alvo, facilitarem o entendimento de determinados conceitos, difundirem e propagandear o ideário de esquerda no qual o projeto *allendista* se assentava.

Dentre as várias estratégias empregadas na coleção com o intuito de aproximá-la de seus leitores, uma das mais explícitas é a tentativa de estabelecer um vínculo direto entre a obra e seu público-alvo por meio de uma identificação entre os produtores da coleção e seus destinatários. Este elemento se mostra com clareza logo na segunda página de todos os volumes que compõem a primeira série da coleção, onde se lê a frase: “*Este cuaderno es el producto del esfuerzo de los trabajadores de Quimantú,*

dirigido a todos los trabajadores de Chile”, como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 20



HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 2ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 2

Nesta frase, observamos que a preocupação em enfatizar o fato dos *Cuadernos de Educación Popular* serem uma coleção feita *por* trabalhadores e *para* trabalhadores consiste numa tentativa de estabelecer uma relação de horizontalidade entre produtores e destinatários e romper, assim, com o distanciamento e a hierarquização que normalmente vigoram entre o escritor/ intelectual que produz a obra e o público a que ela se destina. Além disso, devemos ressaltar que nesta frase verificamos a afirmação dos sentimentos de fraternidade, solidariedade e troca entre os trabalhadores, bastante caros ao socialismo.

Notamos ainda que a valorização dos trabalhadores de *Quimantú* - explicitada nesta frase por meio do enaltecimento do seu “esforço” em produzir a coleção - busca fazer com que o trabalhador a quem a obra se dedica também se sinta respeitado e reconhecido, e com ela se identifique.

A nosso ver, este propósito também está presente na apresentação dos nomes dos trabalhadores envolvidos na produção da coleção, que aparecem listados ao final de todos os volumes que integram a primeira série dos *Cuadernos de Educación Popular*. A publicação desta lista pode ser considerada um esforço no sentido de valorizar os trabalhadores manuais envolvidos na produção de livros, normalmente esquecidos na maioria das publicações, que costumam referenciar e conferir destaque apenas ao autor e (às vezes) ao ilustrador, como se estes fossem os únicos responsáveis pela produção da obra.

Figura 21

TRABAJADORES QUE COLABORARON EN LA CONFECCION DE ESTOS CUADERNOS	
DOCUMENTALISTAS:	FOTOTONO
Hebert Corbo	Luis Gaete
Montserrat Tohá	Sergio Sepúlveda
	Hugo Calderón
CORRECTORES DE ESTILO	José Araya
Alejandro Gaete	Juan Terreros
Juan González	Gualberto Díaz
	Miguel Gutiérrez
DIBUJANTE	Nicolás Chiappe
Enrique Videla	Luis Aguilera
RECEPCION DE ORIGINALES	PRENSAS TIPOGRAFICAS
Hernán Rosas	Carlos Quintanilla
	Carlos Prado
LINOTIPIA	Mario Inca
Juan González	Enrique Villalón
Juan Núñez	Guillermo Durán
	Carlos González
CORRECTORES DE PRUEBAS	PRENSAS OFFSET PLANAS
Mario Pozo	Sergio Pulgar
Jaime Armijo	Ciro González
Jaime Mardones	Daniel Avaría
Juan Gómez	Ricardo Urzúa
TIPOGRAFIA	Federico Lemp
Sergio García	
Julio Castillo	ENCUADERNACION
Arturo Muñoz	Alfredo Cerda
Romelio Olmos	José Valdés
FOTOGABADO	Ricardo Villalón
Ricardo Contreras	Raúl Rebolledo
Florentino Arenas	Ignacio Banda
Luis Parra	
Hernán Correa	

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores.**

2ª edição. Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 62

Faz-se necessário destacar ainda que não encontramos esta lista em nenhuma outra coleção ou obra da Editora *Quimantú*. Seu aparecimento em uma coleção destinada especialmente a operários não pode ser visto como mero acaso ou coincidência, mas sim enquanto uma estratégia mobilizada para suscitar uma aproximação e identificação do leitor trabalhador com a obra.

Apesar do caráter inovador desta medida, não podemos deixar de apontar que persiste na coleção a separação entre o “trabalho intelectual” e o “trabalho manual”, já que os nomes das autoras Marta Harnecker e Gabriela Uribe constam apenas na capa dos volumes dos *Cuadernos de Educación Popular*, não sendo citados na lista que figura na página final da obra, que contém apenas os nomes de trabalhadores que desempenhavam funções técnicas nas oficinas da editora, tais como impressão e encadernação.

Já no que diz respeito às estratégias didáticas desenvolvidas com o intuito de facilitar a compreensão de determinados conceitos e problemáticas, merece destaque o recurso à interlocução com o leitor, o emprego de esquemas explicativos e charges que intentam exemplificar ou explicitar uma ideia e a utilização de letras destacadas (negrito) para chamar a atenção do leitor para determinadas definições conceituais.

Os diálogos com o leitor aparecerem predominantemente na forma de perguntas realizadas no meio do texto, normalmente com o intuito de explicitar algum argumento chave ou contradição, ou ainda como uma maneira de chamar a atenção para o tema que será abordado, como observamos no caso abaixo, retirado dos CEP *Explotados y explotadores*:

Pero por qué pudieron los norteamericanos sacar tanta riqueza de nuestro país?

Por qué un grupo de chilenos logró acumular tanta riqueza mientras la mayoría del pueblo tenía apenas lo justo para vivir?

Por qué son ellos y no los trabajadores los que han acumulado tanta riqueza, cuando son estos últimos los que han extraído las riquezas de la naturaleza y con su trabajo han producido nuevas riquezas? (Negrito original)

Estes questionamentos são colocados logo após uma explanação acerca da importância do trabalho humano para transformar as riquezas naturais em produtos para o consumo da população e de uma série de exemplos que procuram evidenciar a distribuição desigual das riquezas produzidas pelos trabalhadores (sua concentração nas

mãos da elite chilena e de potências econômicas como os Estados Unidos). Com eles, as autoras procuram chamar a atenção do leitor e guiar seu pensamento ao longo da leitura do texto para uma contradição chave: o fato de que aqueles que são responsáveis por produzir as riquezas (os trabalhadores) não são os mesmo que usufruem delas e, a partir desta constatação, as autoras desenvolvem toda a discussão acerca do por que isso ocorre, partindo para a questão da propriedade privada dos meios de produção por algumas poucas pessoas.

Além dos diálogos com o leitor, que são uma tentativa de estimulá-lo a participar do assunto tratado a partir de uma reflexão guiada, as autoras também procuraram, ao longo do texto, destacar conceitos importantes, que aparecem sempre em negrito em uma parte espaçada ao longo do texto.

Este mecanismo já havia sido utilizado por Harnecker em sua obra “Os conceitos elementares do materialismo histórico”, na qual ela destaca os conceitos colocando-os dentro de um espaço quadriculado separado do texto. A aproximação entre tais obras se acentua ainda mais se observarmos a semelhança das conceituações nelas apresentadas, o que nos sugere que a primeira tenha servido de base para a elaboração de alguns dos volumes que integram os *Cuadernos de Educación Popular*.

Embora a obra clássica de Harnecker só seja referenciada na bibliografia de alguns dos volumes que formam a coleção (CEP números 1, 4, 6 e 7), sua influência sobre o conjunto da publicação se mostra evidente ao compararmos a estrutura geral das duas obras: ambas contêm um esquema inicial, no qual são indicados os temas e problemáticas centrais a serem abordados¹⁷⁸, o texto propriamente dito, um resumo ao final, que traz um panorama geral do que foi apresentado no capítulo (no caso da obra *Os conceitos elementares do materialismo histórico*) ou no volume (no caso dos *Cuadernos de Educación Popular*), além do questionário e a bibliografia utilizada para produzi-los.

A respeito do questionário, chama a atenção o caráter extremamente dogmático e o viés conteudista de boa parte das perguntas que o compõem. A maioria delas se restringe a avaliar apenas a compreensão de determinados conceitos apresentados ao longo da obra, não havendo uma preocupação em articulá-los à realidade chilena e/ou do trabalhador, como atestam as perguntas “¿Qué se entiende por medios de trabajo?”, “¿Qué se entiende por medios de producción?”, “¿Qué se entiende por relaciones de

¹⁷⁸ No caso dos CEP cada um dos itens conta com um brevíssimo resumo, enquanto nos *Conceitos elementares do materialismo histórico*, eles são apenas referenciados.

explotación?,¹⁷⁹ “¿Qué se entiende por capital constante?”, “¿Que se entiende por capital variable?”, “¿Que se entiende por monopolio?”¹⁸⁰, “¿Qué se entiende por lucha de clases?”, “¿Qué se entiende por lucha ideológica? Dé un ejemplo,” e “¿Cuándo desaparecerá la lucha de clases?”¹⁸¹

Também é imprescindível destacar que algumas perguntas são formuladas de maneira extremamente fechada, de modo a induzir o leitor a uma resposta concordante a algum pressuposto estratégico ou uma interpretação da realidade social chilena apresentados na coleção, como notamos nas questões referentes aos conceitos de ditadura do proletariado e de democracia burguesa, presentes no CEP número 7, intitulado *Socialismo y Comunismo*.

Ao invés de perguntarem “o que se entende ou o que são a ditadura do proletariado e a democracia burguesa”, observamos que as autoras sugerem uma definição para estes respectivos conceitos na própria pergunta e esperam que o leitor a justifique. Nas indagações “¿Por qué se dice que la democracia burguesa es en realidad una dictadura de esa clase social?” e “¿Por qué la dictadura del proletariado es una democracia más amplias?”, fica evidente a existência de um julgamento negativo acerca da democracia burguesa e positivo em relação à ditadura do proletariado, com o qual o trabalhador deve concordar, na medida em que sua resposta deve ser elaborada de maneira a corroborar tais afirmações acerca dos respectivos conceitos. A nosso ver, esse elemento deixa transparecer com clareza o viés dogmático da coleção, que se mostrará em outros momentos, como veremos no decorrer desta dissertação.

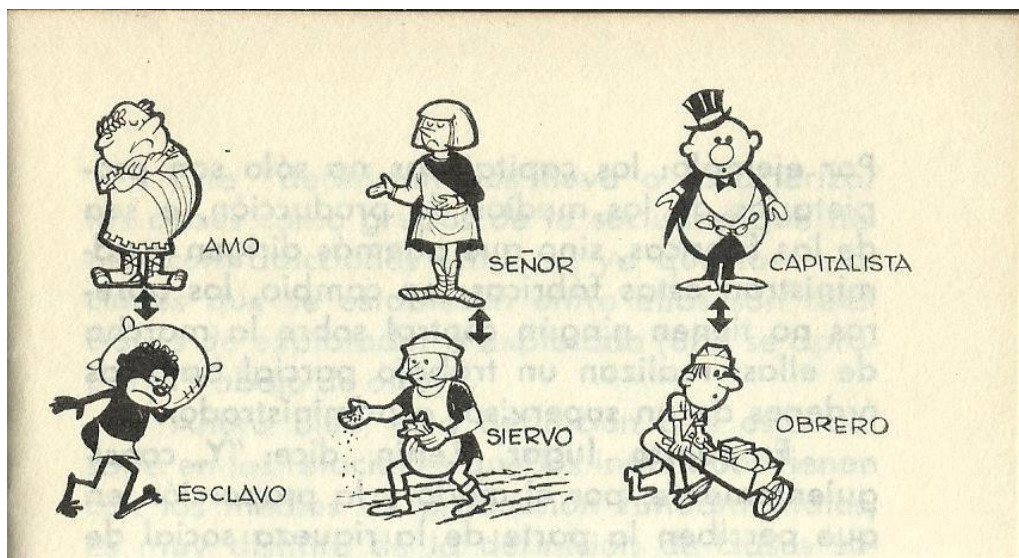
Outro aspecto importante utilizado pelas autoras afim de facilitar a compreensão dos leitores foi o emprego de imagens e esquemas explicativos, como demonstra a figura a seguir:

¹⁷⁹ Perguntas 2, 3 e 11 do questionário do CEP nº 1. HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**, 2ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp. 58 e 59

¹⁸⁰ Perguntas 7, 8 e 14 do questionário do CEP nº3. HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Monopolios y miseria**. 2ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 61

¹⁸¹ Perguntas 2, 4 e 10 do questionário do CEP nº 4. HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. **Lucha de clases volumen II**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 61

Figura 22



HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotación capitalista**. 4ª edición. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1992, p.30

Presente no CEP número 2, intitulado “*Explotación capitalista*”, esta imagem acompanha a parte do texto na qual Harnecker e Uribe discorrem acerca da concentração dos meios de produção nas mãos de uns poucos e as consequências socioeconômicas advindas deste fenômeno. Nela, as autoras denunciam que o fato de uma minoria da sociedade deter o controle dos meios de produção enquanto a vasta maioria está condenada a vender sua força de trabalho para os primeiros faz com que se estabeleçam relações de exploração no sistema capitalista.

Partindo desta ideia, Marta Harnecker e Gabriela Uribe apontam que tais relações de exploração não são exclusividade do capitalismo, já que estiveram presentes em sistemas anteriores a ele, como o escravista e servil, nos quais também se verifica um controle dos meios de produção por uma camada ínfima da população (no caso, pelo amo e pelo senhor feudal, respectivamente). A imagem, portanto, busca explicitar de maneira mais simplificada e esquemática o que já vinha sendo apresentado no texto, evidenciando quais são as classes antagônicas (os exploradores e os explorados) existentes nos diversos sistemas de produção que existiram ao longo da história.

Apesar da preocupação expressa pelas autoras com relação ao rigor conceitual da coleção¹⁸², não podemos deixar de notar que, no caso da imagem acima, há uma

¹⁸² Tal preocupação se encontra manifestada no trecho do prólogo que afirma que o objetivo da coleção é “(...) tratar de proporcionar em forma pedagógica, y al mismo tempo rigurosa, los instrumentos teóricos

grave equívoco historiográfico: a figura do amo, representado com uma coroa de louros em sua cabeça e uma túnica, não deixa dúvidas de que a intenção do desenhista é referir-se aos membros da elite da antiguidade, o que também pode ser corroborado pelo fato de que, logo na sequência, temos uma imagem relativa ao senhor e ao servo do período medieval, sugerindo a tentativa de traçar uma espécie de “linha do tempo” da relação entre exploradores e explorados. Nesse sentido, o problema da imagem, portanto, reside na forma como está representado o escravo.

Ao retratar o escravo da antiguidade como um homem negro, o desenhista incorre em uma perigosa deturpação historiográfica na medida em que a escravidão negra é um fenômeno da época moderna. A escolha pela representação do escravo antigo enquanto negro pode estar relacionada ao fato de que a escravidão africana se encontra muito mais arraigada no imaginário social e que seus resquícios se mostram presentes até hoje. Não obstante, estes elementos não podem ser utilizados como justificativa para minimizar o erro, tampouco para escamotear o racismo enraizado que permite este tipo de associação direta entre a condição de negro e escravo. O uso de uma imagem com este tipo de incongruência historiográfica acaba por reforçar estereótipos e preconceitos, ainda que esta não tenha sido a sua intenção.

Além do uso de imagens e esquemas explicativos, Marta Harnecker e Gabriela Uribe recorreram também ao emprego de metáforas com o intuito de conferir maior materialidade a alguns conceitos abstratos ou de difícil apreensão, como atesta o trecho a seguir, no qual elas explicam o que é o materialismo histórico e sua função:

Pero para poder responder a todas estas preguntas que nos plantea nuestra realidad y estar preparados para resolver otras que surgirán a medida que se desarrolla el proceso, necesitamos un conocimiento previo: un conocimiento que nos sirva de instrumento para analizar la realidad y guiar nuestra acción. Este conocimiento es el Materialismo Histórico, que es el conjunto de conocimientos científicos acerca de la realidad. (...) Es el conocimiento científico de cualquier realidad lo que permite actuar sobre ella y transformarla. Así, por ejemplo, el médico, para poder sanar a sus enfermos, necesita tener un conocimiento previo acerca de las enfermedades: cómo se producen, cómo se manifiestan y cómo se tratan, es decir, las leyes generales de la medicina. Este conocimiento es el instrumento teórico que él usa para hacer el análisis de un enfermo en particular, llegar a un diagnóstico y hacer

más importantes para comprender este proceso y determinar cuáles deben ser las características de la nueva sociedad que queremos construir.” In: HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 2ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p.5

un tratamiento que transforme a ese enfermo en un hombre sano. Lo mismo ocurre con la realidad social: para poder transformar una sociedad determinada tenemos que hacer un análisis de esa realidad que nos permita actuar sobre ella. El instrumento que usamos en este caso es el conocimiento científico de la sociedad o Materialismo Histórico.

No caso citado acima, devemos salientar que a associação entre o conhecimento científico da sociedade e o conhecimento médico não é ingênua. Ademais de buscar facilitar a compreensão do conceito, esta estratégia didática empregada pelas autoras procura fazer com que o leitor estabeleça a relação de que o materialismo histórico seria a cura para uma sociedade doente e que a enfermidade, no caso, seria o sistema capitalista e as mazelas dele advindas.

Apesar de conseguirmos inferir estes aspectos, devemos ter cautela para diferenciar o que as autoras almejavam transmitir aos seus leitores da recepção que tais mensagens tiveram.

Como salientamos anteriormente, a análise das questões relativas à recepção foge ao escopo desta pesquisa pelo fato de que tornaria necessária a mobilização de um referencial teórico-metodológico e uma documentação distinta da que dispomos. Entretanto, o caso a seguir, ainda relativo ao uso de metáforas como mecanismos didáticos nos *Cuadernos de Educación Popular*, nos ajuda a lançar luz sobre os desafios enfrentados pelas autoras em sua tarefa de conquistar os imaginários sociais e transmitir determinados valores e conceitos aos seus leitores.

No trecho a seguir, retirado dos CEP *Explotados y explotadores*, observamos que as autoras recorrem a analogias para explicar ao leitor os efeitos do imperialismo norte-americano no Chile e mobilizam alguns elementos concretos para dar uma melhor dimensão do que representam as cifras apontadas no texto:

Entre 1930 e 1969 salieron de Chile 3.700 millones de dólares que han ido a parar a los bolsillos de los capitalistas que viven en Estados Unidos. Esto equivale al 40 por ciento de todas las riquezas de Chile; es decir, de cada diez casas, cuatro son de ellos; de cada diez calles, cuatro son de ellos; de cada diez fábricas, cuatro son de ellos.¹⁸³

Analisando apenas o trecho acima, podemos ter a impressão de que o mecanismo didático mobilizado por Harnecker e Uribe torna a mensagem do texto mais clara e compreensível pelos leitores. Entretanto, uma resenha crítica de um leitor (a)

¹⁸³ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Op. Cit.**, p. 15

acerca do primeiro volume dos *Cuadernos de Educación Popular*, publicada no diário “*La Nación*” sugere o contrário.

Apesar do leitor (ou leitora, que escreve sob a sigla V.M.) exaltar a preocupação das autoras em abordar os temas de uma maneira clara e fácil sem caírem em simplificações e deformações conceituais, típicas em livros de divulgação, ele (a) faz ressalvas quanto aos limites de algumas estratégias mobilizadas, como demonstra o trecho a seguir:

Otra observación, esta vez de tipo formal, tiene que ver un poco con las técnicas de exposición. A veces se cae en el error de presentar una idea y pretender aclararla con un ejemplo, pero el ejemplo escogido resulta al lector más oscuro que la idea misma, y termina perdiéndose lo uno y lo otro. Es el caso del ejemplo que dan las autoras para explicar cómo es que los norteamericanos se han llevado el 40 por ciento de todo lo producido por Chile; y dicen que de diez calles, cuatro son de ellos, de cada diez casa, cuatro son de ellos. Y cualquier trabajador que observe diez calles, se devanará los sesos buscando dónde están las cuatro que son de los americanos. Parece increíble, pero he comprobado con obreros la oscuridad del ejemplo.¹⁸⁴

A crítica feita pelo (a) leitor (a) ajuda a problematizar e tensionar a questão da recepção ao sugerir que os resultados propostos e esperados por aqueles que elaboram os textos nem sempre são atingidos: mesmo adotando uma estratégia que buscava favorecer a compreensão dos efeitos do imperialismo norte-americano, mostrando quão nocivo ele era à economia chilena por meio de uma metáfora explicativa, o recurso foi censurado e considerado ineficaz pelo (a) leitor (a) do artigo acima apresentado.

Evidencia-se, assim, que a tentativa de transmitir determinadas mensagens, valores e concepções político-ideológicas às massas é um processo marcado por uma constante negociação, na qual são tensionadas, contrapostas e articuladas as expectativas e anseios dos autores e leitores, e que estes elementos devem ser sempre levados em consideração a fim de evitarmos a sobrevalorização das estratégias desenvolvidas e do seu potencial propagandístico.

¹⁸⁴ V.M., *Explotados y Explotadores*. In: **La Nación**, 6 de dezembro de 1971, p.11

2.2 O discurso de oposição como arma de propaganda

Dentre as várias estratégias discursivas mobilizadas pelas autoras dos *Cuadernos de Educación Popular* com o intuito de conquistar o apoio dos leitores ao projeto defendido pelo governo Allende, uma das mais importantes, pela recorrência com que aparece na coleção, é a confrontação dos sistemas capitalista e socialista.

Através da construção de representações marcadamente opostas acerca dos dois sistemas, busca-se, como veremos a seguir, transmitir uma ideia positiva sobre o regime socialista, de modo a torná-lo desejável pelo leitor, enquanto o sistema capitalista tem seus aspectos negativos ressaltados, numa clara tentativa de estimular o rechaço a ele e encorajar a vontade por mudança, representada pelo governo da Unidade Popular.

A crítica ao sistema capitalista e a exaltação do socialismo são observadas, de maneira mais explícita, nos primeiros oito volumes que compõem a coleção, que integram a série chamada “¿Por qué el socialismo?”. Neles, as autoras constroem, a partir de diálogos intensos com a perspectiva do materialismo histórico, uma narrativa que tem como intuito fundamental discutir o funcionamento do capitalismo, demonstrando como ele serve para favorecer uma camada ínfima da população enquanto condena a maioria a viver imersa numa realidade de completa pobreza e falta de oportunidades.

A partir da evidenciação do caráter essencialmente nocivo do capitalismo, as autoras vão buscar no socialismo a solução para as mazelas vigentes, apresentando-o como o caminho para a construção de uma sociedade mais justa e digna.

O primeiro volume da coleção, denominado “*Explotados y Explotadores*”, dedica-se à apresentação dos principais conceitos relativos ao processo de trabalho, tais como matéria-prima, meios de produção e força de trabalho, partindo do processo de produção mercantil simples ao processo de produção capitalista, explicitando suas diferenças. Através da articulação destes elementos, Marta Harnecker e Gabriela Uribe demonstram que, apesar de serem os trabalhadores os responsáveis pela transformação das matérias-primas em riquezas, são eles que se encontram em piores condições na sociedade.

A denúncia das condições precárias de vida da ampla maioria da população é feita, neste volume, a partir da comparação dos modos de vida de trabalhadores e patrões, como se observa no trecho a seguir:

Mientras los trabajadores tenían que viajar colgados de los micros, sus patrones tenían dos o tres autos. Mientras muchos trabajadores no tenían un sitio donde vivir en forma digna, sus patrones tenían dos o tres casas en distintos lugares del país. Mientras gran parte de los trabajadores sólo tenía un terno bueno que ponerse, si lo tenía, sus patrones tenían llenos los roperos de ternos. Mientras los hijos de los trabajadores se alimentaban mal, y muchas veces perjudicaban su salud y su inteligencia con ello, los hijos de los patrones dejaban platos llenos de comida que iban al basurero porque estaban cansados de comer tanto.¹⁸⁵

Utilizando elementos do cotidiano, as autoras procuram evidenciar a situação de clara desigualdade existente entre trabalhadores e seus patrões. Enquanto a vida daqueles aparece como precária, marcada pela escassez e desconforto, a condição de vida destes, em contrapartida, é distinguida pela abundância, conforto e luxo. Esta confrontação de realidades tão distintas tem como objetivo a denúncia do próprio sistema capitalista, que é apontado, ao longo do texto e de toda a coleção, como o culpado por tais discrepâncias socioeconômicas.

Além disso, é interessante observar que, neste trecho, as autoras utilizam os verbos conjugados no passado (*tenían e alimentaban*, por exemplo). Essa opção, ao contrário do que se possa pensar à primeira vista, não é ocasional. O texto deste volume, desde o seu início, vinha sendo apresentado ao leitor no presente, e esta frase, ao ser colocada em outro tempo verbal, sugere uma ruptura que tem um propósito político claro: indicar que esta situação de desigualdade e de precariedade pertence a um passado, ou seja, que não se trata mais de uma realidade com a subida da Unidade Popular ao poder.

Esta estratégia discursiva que coloca alguns problemas como superados a partir do advento da Unidade Popular mostra-se presente em outros momentos na coleção, como se observa no excerto a seguir, retirado do *Cuaderno de Educación Popular* número 11:

En Chile, los grupos políticos revolucionarios están empeñados en ganar la guerra contra el capitalismo dependiente para construir un régimen socialista en nuestro país.

Pero esta guerra es difícil: los enemigos son muy poderosos. A pesar de ser

¹⁸⁵ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp. 16- 17.

una ínfima minoría, contaban, antes del triunfo del Gobierno Popular, con un inmenso poder económico: eran dueños de las fábricas, los fundos, los bancos, las casas comerciales. Con el **poder político**, basado fundamentalmente en el control que ellos tenían del aparato del Estado: principalmente del Poder Ejecutivo, el Legislativo y el Judicial y de las Fuerzas Armadas, además del enorme aparato administrativo, formado por un ejército de empleados del Estado que lograba conseguir trabajo gracias a sus contactos con las clases hasta entonces dominantes.¹⁸⁶ (grifo meu e negrito original)

Apesar do trecho acima trazer o reconhecimento da força dos inimigos (“*los inimigos son muy poderosos*”) enuncia-se que o triunfo do Governo Popular colocou no passado o predomínio desta “*ínfima minoría,*” ao imprimir-lhe algumas derrotas. Os verbos colocados no passado buscaram indicar a perda do poder econômico dos inimigos da revolução ao afirmar que, antes da vitória da Unidade Popular, eles *eram* donos de fábricas, terras e bancos, além de apontar a perda do poder político ao segurar que eles eram as classes até então dominantes.

Mostra-se, desta forma, que não obstante o poder de que o inimigo dispunha, o Governo Popular conseguiu obter vitórias e superá-los em alguns âmbitos, o que configura uma clara propaganda do comprometimento da Unidade Popular com a derrocada dos setores privilegiados e seu êxito neste intento.

A crítica ao sistema capitalista também é feita em outros volumes, através da evidenciação das contradições inerentes a este regime, sendo a contraposição dos avanços técnicos originários de seu desenvolvimento e a perpetuação da miséria dos elementos mais recorrentes, como observamos na passagem seguinte:

Si pensamos en el extraordinario aumento de la capacidad productiva que se ha alcanzado bajo este sistema, ella debería haber resultado en la abolición de las privaciones y la miseria. Pero no ha sido ese el resultado, ni siquiera en los Estados Unidos, el país capitalista más avanzado y rico del mundo. En los Estados Unidos, así como en cualquier otro país capitalista, incluido, naturalmente, Chile, existe hambre en medio a la abundancia, pobreza extrema en medio de la riqueza.¹⁸⁷

¹⁸⁶ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Estrategia y táctica**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 24.

¹⁸⁷ HARNECKER, Marta. URIBE, Gabriela. **Explotación Capitalista**. 4ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 7

Observa-se aqui a intenção de demonstrar como o desenvolvimento técnico não foi capaz de melhorar as condições de vida da população, além de apontar que a existência de desigualdades é uma característica inerente ao capitalismo, não poupando nem mesmo os países que dispõem de uma posição econômica privilegiada no cenário mundial, como os Estados Unidos.

É interessante notar ainda que este país é colocado, neste trecho, no mesmo patamar que outros países capitalistas como o Chile, mesmo sendo caracterizado como “*el país capitalista más avanzado y rico del mundo*”, pelo fato de compartilhar os problemas advindos deste sistema (fome, pobreza extrema e desigualdade), o que intenta desmitificar a ideia dos Estados Unidos enquanto modelo bem-sucedido ou como um exemplo a ser seguido pelas outras nações.

Também a comparação dos diferentes modelos de produção existentes ao longo da história efetiva-se enquanto um importante instrumento usado na coleção para salientar os aspectos negativos do regime capitalista. Ao centrar seus esforços em responder às questões “*¿Por qué un grupo de chilenos logró acumular tanta riqueza mientras la mayoría de la población tenía apenas los justo para vivir?*”¹⁸⁸, a coleção apresenta uma análise dos diferentes modos de produção existentes, demonstrando como todos eles (sistema escravista, sistema servil e sistema capitalista) se assentam em relações de exploração devido ao fato de que uns poucos têm o domínio dos meios de produção, enquanto à grande maioria não resta alternativa senão vender sua força de trabalho e se submeter a condições péssimas para garantir sua sobrevivência.¹⁸⁹

Recorrendo novamente à realidade e ao cotidiano para dar maior materialidade a discussões complexas do materialismo histórico, objetivando assim facilitar a compreensão dos trabalhadores, as autoras exemplificam a raiz da exploração a partir da apresentação da situação enfrentada por camponeses sem-terra:

(...) el campesino sin tierra, aquel hijo de una familia de pequeños agricultores para quien la tierra familiar no da abasto. Este se ve obligado a salir a buscar trabajo en los alrededores y va a ofrecer su fuerza de trabajo al terrateniente, dueño de un fundo grande, quien para poder trabajarlo necesita contratar mano de obra asalariada. El campesino sin tierra, para no morir de hambre, se ve obligado a aceptar las condiciones de trabajo que le ofrece el

¹⁸⁸ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., 1972, p.17

¹⁸⁹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., pp. 29-33

patrón. Debe aceptar trabajar por un salario muy pequeño, debe aceptar que el patrón se quede con una parte importante de los frutos de su trabajo.¹⁹⁰

Neste excerto, a coleção evidencia que não resta saída àquele que não detém meios de produção (no caso, a terra) senão sujeitar-se às precárias condições oferecidas pelo detentor destes meios, que é quem lucra com o trabalho do camponês.

Esta falta de alternativas que o sistema capitalista impõe ao trabalhador é denunciada em vários momentos pelas autoras, e se mostra de maneira explícita na comparação feita entre os sistemas escravista e servil e o sistema capitalista. As autoras afirmam que apesar de terem a exploração como um elemento comum, ela não se efetiva da mesma forma nos regimes em questão. Apontam que no caso dos primeiros sistemas,

“(…) la fuerza directa, la privación de libertad o el sometimiento a una presión externa, era lo que obligaba a esclavos o siervos a trabajar para el señor. Sin ese poder directo sobre los hombres, los señores no habrían podido apoderarse del trabajo de quienes les estaban sometidos, ya que éstos, liberándose de ellos, habrían podido producir en forma independiente lo que necesitaban para vivir. En el sistema capitalista, la fuerza que obliga al obrero libre y soberano a someterse a la explotación capitalista es mucho más eficaz. Es la fuerza de las necesidades vitales. Si no se somete a las condiciones económicas impuestas por el sistema, es decir, a ofrecer su trabajo “voluntariamente” al capitalista, se muere de hambre debido a que no posee los medios para producir lo que necesita para subsistir.”¹⁹¹

Nota-se, através deste trecho, que a exploração à qual os trabalhadores são submetidos pelo sistema capitalista é considerada mais opressora do que a verificada em regimes marcados por dominação mediante o uso da força, como é o caso do escravismo e da servidão. Para as autoras, por mais penosas que fossem as condições a que servos e escravos estivessem submetidos, elas não parecem piores do que aquelas impostas aos trabalhadores no sistema capitalista, pelo fato de que, no caso destes, o que promove sua submissão às condições impostas pelo patrão são as forças incontornáveis da necessidade de sobrevivência, e não a violência.

Esta imagem do capitalismo como um sistema opressor é retomada em diversos momentos da coleção, aparecendo com mais evidência nos volumes 7 e 8,

¹⁹⁰ Ibid., p.27

¹⁹¹ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 4ª edição revisada. Santiago: Editora Nacional Quimantú, p. 52

denominados, respectivamente, “*Capitalismo y Socialismo*” e “*Socialismo y Comunismo*”. Nestas obras, a preocupação central é demonstrar como o desenvolvimento das forças produtivas culmina no surgimento de novas relações de trabalho, ou seja, novas relações entre as classes.

Apontam, ainda, que no decorrer do avanço do capitalismo, se estabelece a contradição central que cria as condições materiais para sua própria superação: a produção, que fica ao encargo dos despossuídos, é cada vez maior, sendo capaz de assegurar a toda sociedade seu bem-estar material. No entanto, não é isso que ocorre, posto que a lógica do capital é sempre garantir mais lucros, e não um real comprometimento com a satisfação plena de todos, fazendo com que haja uma concentração cada vez maior de renda e um aumento progressivo da desigualdade e exploração.

Diante deste diagnóstico, as autoras apontam que apenas o sistema socialista é capaz de superar estas contradições a partir da abolição das classes mediante a socialização dos meios de produção. Dotando a economia de planificação, defendem que “*La humanidad inicia así la transición desde el reino de la necesidad al reino de la libertad.*”¹⁹²

Esta associação do capitalismo à opressão/privação e do socialismo à liberdade/abundância é um dos elementos mais mobilizados nestes dois volumes, compondo a base simbólica das representações que as autoras constroem em torno destes dois regimes e constituindo um importante elemento propagandístico, na medida em que exalta os benefícios de uma das bandeiras da Unidade Popular (que é a implantação do socialismo) e critica de maneira categórica o sistema vigente.

No volume 7, as definições apresentadas acerca da democracia burguesa e da ditadura do proletariado demonstram de maneira clara a veiculação deste discurso pautado nestes pares paradoxais visando à exacerbação das diferenças existentes entre o sistema capitalista e socialista, de modo a estimular o rechaço ao primeiro e a adesão ao outro.

A respeito do Estado capitalista e da democracia burguesa, as autoras afirmam que

El Estado capitalista, que dice ser el Estado más democrático del mundo, es de hecho una democracia para una minoría. Democracia para que unos pocos

¹⁹² HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Capitalismo y socialismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 55.

tengan grandes palacios en distintos lugares del país, autos enormes, viajes al extranjero, mientras sectores importantes del pueblo viven en poblaciones callampas y deben caminar kilómetros para llegar a sus trabajos porque no tienen dinero para locomoción. Democracia para que una minoría pueda educar a sus hijos hasta llegar a ser profesionales, mientras que todavía importantes grupos de niños ni siquiera pueden ir a la escuela primaria. Democracia para que unos pocos puedan dar públicamente sus opiniones, porque tienen dinero suficiente para pagar programas de radio, de televisión, mientras que la voz de la mayoría, que no tiene ni influencia ni dinero, no se escucha. Democracia para que una minoría pueda elegir el trabajo que desea realizar, mientras la mayoría debe aceptar cualquier trabajo para no morir de hambre.¹⁹³

Novamente, observa-se o emprego de aspectos da realidade concreta dos trabalhadores com o intuito de evidenciar o caráter injusto e desigual do capitalismo e da democracia burguesa. A partir da comparação da situação de vida da minoria (que corresponde aos patrões) e da maioria (que é o povo), as autoras intentam mostrar ao leitor que o Estado capitalista não é um aparato neutro, mas sim um organismo dominado por quem dispõe de uma posição financeira privilegiada, que o utiliza para conseguir ainda mais benefícios em detrimento dos interesses e necessidades da maioria da população.

Esta visão que a coleção apresenta acerca do Estado capitalista dialoga intimamente com as concepções do materialismo histórico, que colocam a economia como *“la base sobre la cual se eleva todo el edificio social.”*¹⁹⁴ De acordo com esta perspectiva, o nível econômico (correspondente à infraestrutura) é o elemento que determina a organização e o caráter das esferas jurídica, política e cultural, que compõem o nível chamado de superestrutura.

Partilhando desta ótica, Marta Harnecker e Gabriela Uribe procuram denunciar o caráter classista da democracia burguesa, demonstrando a maneira como ela se apresenta de forma distinta aos diferentes setores que compõem a sociedade chilena, por satisfazer e contemplar tais grupos de maneira heterogênea. Afirmam que a democracia burguesa

¹⁹³ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Socialismo y Comunismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p.17

¹⁹⁴ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotación capitalista**. 4ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 46.

Se trata de una democracia **muy limitada**, porque el pueblo debe someterse a las decisiones que en todos los aspectos toma una pequeña minoría: los capitalistas. Se trata de una **democracia para esta clase social**, pero de una **dictadura para el pueblo**, ya que todo lo que ponga en peligro a esta minoría es reprimido usando todos los medios disponibles, incluso la fuerza física.¹⁹⁵ (Negrito no original).

Correntemente utilizados como pares opostos, os conceitos “democracia burguesa” e “ditadura” são aqui empregados como sinônimos. A vinculação destes dois conceitos objetiva contestar a ideia consolidada no imaginário social que define o regime democrático como sinônimo de liberdade, igualdade de oportunidades e paz, a partir da sua associação a uma ideia também já arraigada nos imaginários acerca da ditadura, que é aquela que a liga à opressão, violência e tortura.¹⁹⁶

Através da mobilização destes dois conceitos, as autoras procuram denunciar a democracia burguesa como uma falsa democracia, demonstrando que o que nela impera, na realidade, é a vontade de uma minoria que dispõe de poder econômico para fazer valer seus interesses e explorar o povo.

A imagem da democracia burguesa e do sistema capitalista como uma ditadura é reforçada quando as autoras se propõem a discutir a questão referente aos avanços possibilitados pelo desenvolvimento dos instrumentos de trabalho ao longo da história. Harnecker e Uribe preocupam-se em demonstrar como o avanço técnico-científico, que culminou num aumento extraordinário da produção, foi usado pelo capitalismo para aumentar a exploração dos homens e elevar a riqueza de poucos:

A medida que el hombre se libera de la tiranía de las fuerzas de la naturaleza, cae más y más bajo la tiranía de fuerzas sociales que no controla: la tiranía directa de otros hombres, como ocurre en la esclavitud y la servidumbre, o la tiranía oculta bajo la apariencia de libertad y democracia en el sistema capitalista.¹⁹⁷ (grifo meu)

A ideia da opressão advinda do sistema capitalista é representada aqui por meio de sua associação com a tirania, da sua caracterização como um regime onde a liberdade e a democracia são ilusões que ocultam a realidade de exploração que é a base deste regime.

¹⁹⁵ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Socialismo y comunismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp. 17 e 19.

¹⁹⁶ Mais à frente trataremos da representação construída em torno da ditadura do proletariado.

¹⁹⁷ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Capitalismo y Socialismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p.51

Enquanto a democracia burguesa é representada como “limitada”, como uma “falsa liberdade” e até mesmo como uma ditadura, e o capitalismo apresenta-se associado à exploração, opressão e desigualdade, a ditadura do proletariado e o socialismo, em contrapartida são vinculados, ao longo de toda a coleção, a adjetivações positivas, numa clara tentativa de conquistar o apoio do leitor ao projeto encabeçado pelo governo. Um dos principais mecanismos utilizados pelas autoras com o intuito de estimular a adesão das massas à causa socialista se dá através da apresentação deste sistema enquanto a saída para a superação dos problemas econômicos do país, como se observa neste trecho retirado do *Cuaderno de Educación Popular* número 3, denominado “*Monopolios y miseria*”:

La política económica realizada por la burguesía monopolica, ligada estrechamente a los grandes latifundistas y al imperialismo, es la causante de los grandes males que vive nuestro país. Sin suprimirla, sin destruirla, sin empezar a crear un nuevo tipo de economía, en la que todas las decisiones estén, no en manos de unas cuantas familias, sino en manos del Estado Popular junto a los trabajadores para servir a todo el pueblo, nuestro país no podrá salir del estancamiento económico en que vive. Los precios seguirán subiendo. Los trabajadores seguirán ganando poco y teniendo que comprar cada vez más caro. Los cesantes seguirán aumentando. Los pequeños y medianos industriales y comerciantes seguirán siendo estrangulados y dominados por los grandes monopolios.¹⁹⁸ (grifo meu)

A partir da condenação do modelo econômico estabelecido, as autoras apresentam a criação de um “novo tipo de economia” (que é a economia planificada socialista, defendida pela Unidade Popular) como a única maneira de superar os problemas socioeconômicos existentes. Ademais, é interessante observar que elas enumeram as adversidades causadas pela política econômica vigente de modo a convencer o leitor acerca da necessidade de uma mudança: alertam que caso uma transformação na orientação da economia não ocorra, os chilenos continuarão sofrendo com desemprego, salários baixos e exploração por parte dos grandes monopólios.

Além disso, é importante notar a vinculação feita neste trecho entre os trabalhadores e o Estado Popular (governo Allende), que são apontados como os responsáveis por esta nova economia a ser construída, que terá como objetivo “servir o povo.” Busca-se demonstrar, assim, que ao contrário do modelo econômico imperante,

¹⁹⁸ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Monopolios y miseria**. 3ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp. 40 e 41.

que beneficia umas poucas famílias e que imprime esta situação de estancamento econômico à nação chilena, a nova economia será orientada de modo a satisfazer as necessidades da maioria da população.

Em vários outros momentos, as autoras realizam a defesa das propostas do governo Allende para o campo econômico, apontando os benefícios que a “nova economia” trará aos trabalhadores, de modo a conquistar o apoio das massas a este projeto, como se observa no trecho: *“Este gobierno es el primero en plantear que es necesario dar una nueva orientación a la política de producción de la burguesía. (...) Ahora se trata de **producir más, pagar mejores salarios y vender más barato.**”*¹⁹⁹ (Negrito original)

O forte teor propagandístico da coleção evidencia-se também a partir da contraposição entre o “velho” modelo socioeconômico e a “nova sociedade” que a Unidade Popular intenta construir. Enquanto aquele é apresentado de maneira negativa, sendo associado à fome, desemprego, falta de oportunidades e exploração, esta é representada pela esperança, pela abundância e pela igualdade de oportunidades:

Al triunfar el compañero Allende y el Programa de la Unidad Popular, los grandes vencidos del 4 de septiembre y del 4 de abril fueron los grandes latifundistas, los monopolios industriales, bancarios y el imperialismo (...). Ellos son los grandes enemigos que tienen el Gobierno y el pueblo. Contra ellos hay que concentrar toda la artillería y hay que marchar con paso seguro, sin retroceder, ya que sabemos que sólo destruyendo su poder económico y político podremos cumplir con el Programa de la Unidad Popular y avanzar hacia la construcción de un Chile nuevo, donde el hambre sea sólo un recuerdo, donde la inseguridad y la angustia económica desaparezcan de los hogares, donde para cada niño se abra un horizonte lleno de promesas, donde termine el egoísmo y reine la solidaridad entre los hombres.²⁰⁰ (grifo meu)

Observa-se aqui a tentativa de construir a ideia da ascensão da Unidade Popular ao poder como um marco, o começo de uma nova era, que teve início a partir das vitórias de 4 de setembro e 4 de abril que são, respectivamente, as datas das eleições presidenciais e municipais.²⁰¹ O “Chile novo” que seria construído a partir deste marco, é representado como um lugar onde não existiriam mais problemas socioeconômicos, e

¹⁹⁹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., p. 27

²⁰⁰ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. Op. Cit., pp. 43-44

²⁰¹ Peter Winn aponta que nas eleições municipais de abril de 1971 a Unidade Popular conseguiu metade dos votos válidos. Segundo o autor, este crescimento do apoio à coalizão de esquerda deveu-se ao fato de que setores da classe média passaram a apoiar o governo de Salvador Allende. IN: WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

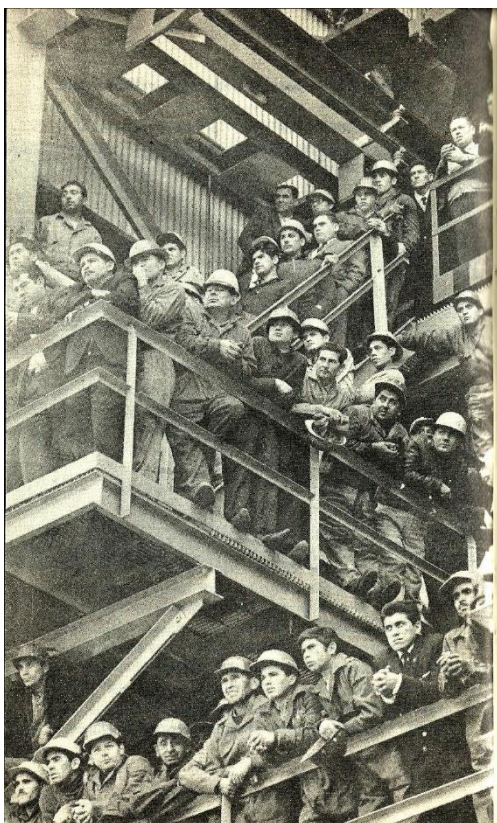
onde se estabeleceria um novo tipo de relação entre os homens, não mais pautado na exploração e no egoísmo, mas sim na solidariedade.

Este recurso discursivo que aponta um horizonte ideal, e que procura mobilizar as categorias “velho” *versus* “novo” com o intuito de exaltar os benefícios das mudanças pretendidas por um determinado projeto político foi amplamente utilizado em diversos momentos da história, tanto em revoluções de esquerda, quanto em regimes de direita. Em ambos os casos, os governos buscavam apresentar-se enquanto símbolo de superação de um período marcado por guerras, crises econômicas, fome, de modo a revestir-se do chamado “mito da salvação”, que, normalmente encabeçado pela figura do líder, apontava para uma sociedade onde reinasse a paz e houvesse melhoria das condições de vida.

No caso da Unidade Popular, entretanto, o projeto político idealizado estava assentado muito mais na imagem da ação das massas no processo de construção deste novo Chile do que na figura do presidente Allende como um líder. O próprio programa da Unidade Popular preconizava, como vimos, o apoio e a incorporação ativa das massas ao processo como elemento essencial não apenas para legitimar o governo, mas para impulsionar as grandes mudanças estruturais que se objetivava implantar, o que alçava o povo à condição de agente revolucionário sem o qual o projeto *allendista* não obteria êxito. A nosso ver, isso explica, em grande medida, o fato da coleção, ao longo de todos os volumes, fazer apenas duas menções diretas ao “companheiro Allende”, e pautar-se na imagem do Programa da Unidade Popular enquanto o condutor da nação a um futuro promissor, como se observa no trecho acima indicado, em que o cumprimento do Programa é apontado como condição fundamental para a consolidação da nova sociedade chilena.

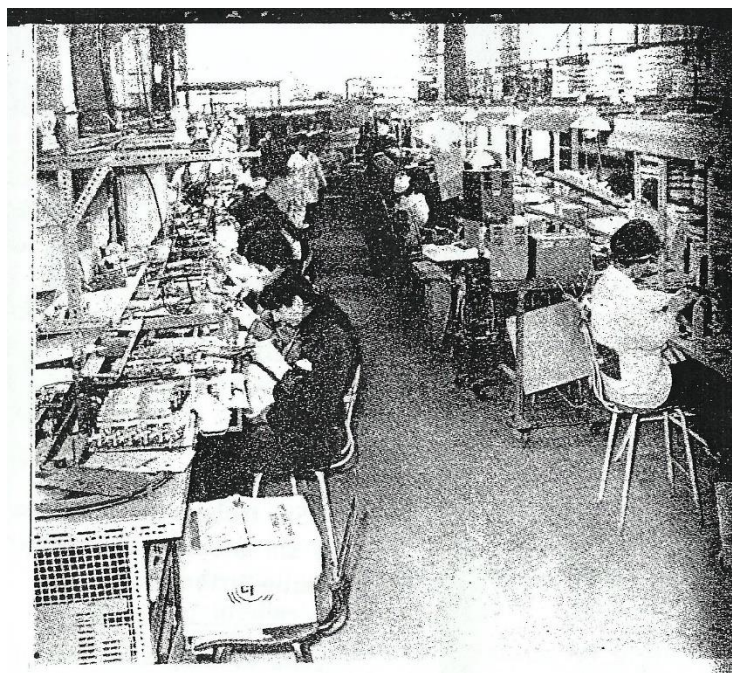
A análise das imagens presentes na coleção também nos permite evidenciar o protagonismo conferido às massas dentro do processo revolucionário em curso, já que a esmagadora maioria das fotografias presentes nos CEP retrata pessoas comuns e dos extratos populares em seus trabalhos (figuras 23 e 24), em manifestações (figuras 25 e 26) e em reuniões de caráter político, não havendo nenhuma imagem de Salvador Allende. Este elemento mostra como esta publicação se afasta de qualquer tentativa de exaltação da figura do presidente ou da busca por personificá-lo como a revolução, como aconteceu em outras experiências revolucionárias de esquerda (caso da Revoluções Russa e Cubana, por exemplo, na qual se observa um forte culto à figura dos líderes).

Figura 23



CEP Lucha de clases vol. 1, 1ª ed. Santiago:
 Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 44

Figura 24



CEP Explotación capitalista.4ª ed. Santiago:
 Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 22

Figura 25



CEP Dirigentes y masas, 1ª ed. Santiago:
 Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 25

Figura 26



CEP Lucha de clases vol. II, 1ª ed. Santiago: Editora Nacional
 Quimantú, 1972, p. 15

Além do desenvolvimento de um discurso pautado na confrontação entre os sistemas capitalista e socialista e a velha e a nova sociedade, a coleção usa a comparação entre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado para construir uma argumentação em defesa do socialismo.

Esta comparação baseia-se, essencialmente em uma representação negativa da democracia burguesa (que como demonstramos era classificada como “limitada”, “falsa liberdade” e até mesmo enquanto uma ditadura), e na exaltação da ditadura do proletariado enquanto um sistema verdadeiramente libertador e democrático.

Tal contraposição, entretanto, não representa uma novidade dentro do marxismo. De acordo com Luiz Eduardo Motta, uma das contribuições mais relevantes deste campo foi justamente a realização de uma redefinição dos significados destes dois conceitos, feitas a partir de uma série de discussões que se deram entre importantes pensadores marxistas ao longo da história, tais como Marx, Engels, Lenin, Kautsky, Rosa Luxemburgo e Bernstein, que se dispuseram a pensar qual deveria ser o caráter do Estado de transição em direção à sociedade comunista.²⁰²

O termo ditadura do proletariado foi empregado pela primeira vez por Marx, no livro *Luta de classe na França*. Nesta obra, ele apenas se refere ao conceito de maneira bastante genérica, definindo-o enquanto a fase intermediária entre a destruição do Estado burguês e o surgimento de uma sociedade sem classes.²⁰³

O fato de Marx não ter especificado a forma que tal Estado assumiria nesta etapa fez com que outros pensadores se dedicassem a discuti-la, como fez Lenin, em sua obra “Estado e Revolução”, de 1918. Nela, defende que a ditadura do proletariado não se refere a um tipo particular de regime político, mas sim ao estabelecimento de um tipo de relação entre as classes, na qual o poder e o monopólio da violência estão a serviço dos interesses do proletariado.²⁰⁴

É precisamente nesta definição conceitual que as autoras se pautaram, preocupando-se em desmitificar e refutar a representação historicamente construída em torno da democracia burguesa, que a associa, fundamentalmente, aos ideais de paz e de liberdade, objetivando desmascarar seu caráter classista e propagar a necessidade de construção de um novo Estado, verdadeiramente comprometido com as causas do povo.

²⁰² MOTTA, Luiz Eduardo. A respeito da questão da democracia no Marxismo (a polêmica entre Althusser e Poulantzas) In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº13, Brasília, jan-abr de 2014, p. 20

²⁰³ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política** vol. 1. 4ª edição. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992, p.378.

²⁰⁴ Idem, *Ibidem*

Na coleção, a ditadura do proletariado é apontada como esta nova forma de organização política, capaz de acabar com os privilégios daqueles que detinham poder econômico e o utilizavam com o intuito de aumentar seus lucros. De acordo com as autoras, este regime

(...) es la “organización centralizada de la fuerza” contra la escasa minoría, que mientras estuvo en el poder utilizó todos los mecanismos que tuvo a su alcance para explotar y oprimir al pueblo. Es la dictadura ejercida por los trabajadores y explotados para aplastar la resistencia de los explotadores.²⁰⁵

É importante ressaltar o cuidado das autoras em esclarecer ao leitor o significado do termo “ditadura” dentro do conceito “ditadura do proletariado”. Através da argumentação que elas constroem é possível evidenciar a grande preocupação em afastar qualquer possibilidade de associação deste conceito com as representações historicamente construídas em torno da ideia de ditadura, que se pautam, essencialmente, nas imagens de repressão e violação aos direitos humanos.

Isso se mostra explicitamente no item presente na página 21 do *Cuaderno de Educación Popular* número sete (*Socialismo y Comunismo*), que se intitula “*La dictadura del proletariado no es la negación de la democracia.*”²⁰⁶ Nele, as autoras afirmam:

Si preguntamos, **¿qué se entiende por dictadura?**, la mayor parte de la gente nos responderá que se trata de un régimen político en el que desaparecen la democracia y la libertad, es decir, que se trata de una tiranía. Pero para el marxismo la dictadura tiene un sentido distinto al que se le da comúnmente. (...) Lo que interesa al marxismo, frente al problema de la dictadura, es preguntar: **¿a qué clase se pretende someter?, ¿cuál es la clase que, como clase, debe finalmente desaparecer?**²⁰⁷ (Negrito original)

Este trecho evidencia claramente a preocupação da coleção com relação à recepção. Marta Harnecker e Gabriela Uribe se mostram cientes do poder de determinadas imagens referentes a alguns conceitos no imaginário social, e do quanto elas já estão arraigadas e disseminadas. Diante disso, há um claro intento de desvencilhar a ditadura do proletariado da representação historicamente consolidada acerca de ditadura, que poderia ser extremamente prejudicial por ocasionar o

²⁰⁵ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Socialismo y comunismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 21

²⁰⁶ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., p. 21

²⁰⁷ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., p. 21

afastamento das massas do projeto defendido pelo governo Allende, já que tal imagem suscitaria receio, insegurança e medo.

Não à toa, as autoras chegam a referir-se à ditadura do proletariado como “democracia proletária”, numa tentativa explícita de vincular este novo tipo de organização política a um regime que já goza de um julgamento positivo nos imaginários sociais. Afirmam que

La dictadura del proletariado, según Lenin, une la dictadura con la democracia. La dictadura contra la burguesía, es decir, **contra la minoría** de la población, y la democracia, es decir, la participación general y en igualdad de derechos de **toda la masa de la población** en todos los asuntos estatales y en todos los complejos problemas que implica la destrucción del capitalismo. La democracia proletaria es, por lo tanto, una democracia mucho más amplia y más perfecta que la democracia burguesa.²⁰⁸ (Negrito no original e grifo meu).

Verifica-se, portanto, a construção de um discurso pautado na radicalização das diferenças, que apela para a representação da democracia burguesa como um regime falho e excludente, enquanto a ditadura do proletariado aparece como um regime mais justo por ser um modelo que permitiria que a maioria da população (os trabalhadores) tivesse o poder em suas mãos. Nesse sentido, seria uma democracia muito mais ampla que a democracia burguesa, e se configuraria enquanto uma ditadura apenas para a minoria da população que antes usava o poder apenas com o intuito de enriquecer às custas da exploração do povo.

Ademais, o esforço das autoras de convencer o leitor acerca dos benefícios deste novo tipo de organização política e sua tentativa de afastar a associação da ditadura do proletariado a regimes violentos e repressores mostra-se presente na argumentação construída em torno da experiência soviética, mencionada em uma nota de rodapé da página 23, do volume “*Socialismo y Comunismo.*” Nela, as autoras afirmam

Cierto es que la propaganda anticomunista encuentra un punto de apoyo en las deformaciones burocráticas que experimentó el Estado proletario en la URSS durante el período de Stalin. Ellas significaron concentrar todo el poder en las manos de un solo hombre (aunque manteniendo la orientación socialista), con resultados negativos, cuyos efectos aún perduran. No es menos cierto que estas deformaciones no ocurrieron por casualidad, ni exclusivamente por culpa de un hombre, sino debido a condiciones históricas

²⁰⁸ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., pp.21-22

muy particulares por las cuales atravesó la URSS, y que significaron, a raíz de la agresión imperialista y de la guerra civil contra los reaccionarios, la necesidad de que el Partido Comunista “supliese” la debilidad de un proletariado pequeño, disperso y exhausto, con métodos burocráticos y autoritarios de gobierno. Pero, incluso si hubo deformaciones, el Estado proletario bajo Stalin actuó, en lo esencial, a favor de las grandes mayorías. Nuestro deber en Chile es, a la vez que desenmascarar a la propaganda reaccionaria, asegurar en nuestros propios actos como partido que jamás puedan darse en nuestras condiciones que permitan el surgimiento de las deformaciones burocráticas ni la desnaturalización de la democracia proletaria.²⁰⁹ (grifo nosso)

Este excerto apresentado na nota de rodapé foi retirado de uma cartilha de educação política do *Movimiento de Acción Popular Unitario* (MAPU), chamado “*Material de Educación Política del MAPU*”. Com este pequeno texto, as autoras buscam demonstrar que, ao contrário do que afirma a propaganda reacionária, as “deformações burocráticas” ocorridas na experiência revolucionária soviética não são intrínsecas ao modelo socialista, mas sim produto de condições históricas específicas que se deram naquele país. Neste trecho, chama a atenção o fato de não haver menção explícita à violência imposta pelo regime stalinista aos seus opositores dentro do próprio partido, ou mesmo aos horrores cometidos contra os denominados “setores reacionários”. A ditadura exercida por Stálin e seus abusos aparecem camufladas sob eufemismos como “deformações burocráticas” e “métodos burocráticos e autoritários de governo.”

É interessante observar que a relativização da violação dos direitos humanos e o silêncio a respeito dos crimes de Estado cometidos durante o stalinismo verificados neste trecho são, também, estratégias propagandísticas. Lançar luz sobre estes episódios significaria chamar a atenção do leitor para aspectos negativos de uma experiência socialista e, além disso, implicaria a destruição da aura de perfectibilidade que as autoras conferem ao socialismo ao longo de toda a coleção com o intuito de seduzir seus leitores a abraçarem a proposta da Unidade Popular.

A opção pelo silêncio diante destes fatos e a postura de minimizá-los, mesmo tempos depois do reconhecimento dos crimes cometidos por Stálin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), mostra a ameaça que estas evidências históricas representavam à conquista dos imaginários sociais pela propaganda socialista

²⁰⁹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., pp. 23-24.

pelo fato de corroerem a imagem idealizada que esta buscava construir em torno da sociedade socialista, o que justifica o empenho das autoras em abordá-las de maneira eufêmica e num espaço com menos destaque dentro do texto, que é a nota de rodapé.

Além disso, observa-se que mesmo fazendo a crítica a esta experiência assumindo seus “resultados negativos que até hoje perduram”, e alertando para não deixar que as mesmas condições históricas que contribuíram para que ela se desencadeasse na URSS ocorressem no Chile, é impossível não notar que tais abusos são tratados como consequência da necessidade de fazer frente à agressão imperialista e à guerra civil contra os reacionários, e acabam sendo, desta maneira, justificados, num claro intuito de refutar a associação do socialismo a regimes opressores.

Esta preocupação com a possibilidade de vinculação do conceito “ditadura do proletariado” às representações historicamente construídas em torno do termo “ditadura” aparece também em uma palestra concedida por uma das autoras dos *Cuadernos de Educación Popular*, Marta Harnecker, em 1988, bem depois do término da coleção.

Dissertando acerca da dificuldade de se explicar determinados conceitos marxistas às massas, ela afirma que

(...) el concepto de dictadura del proletariado, concepto que yo sigo considerando absolutamente válido para la interpretación teórica del Estado en la nueva sociedad, no es un concepto ni político ni pedagógico para las grandes masas y mucho menos cuando hemos tenido dictaduras como la de Pinochet, no que hemos tenido, seguimos teniendo. Entonces, la izquierda ha madurado para entender estas cosas porque hace tiempo atrás el que no hablaba de dictadura del proletariado y de una serie de otras cosas era tildado de revisionista, etc. Yo digo, no se trata de abandonar, fíjense ustedes, no me entiendan mal, no es que hayamos cambiado el esquema teórico, es que nos hemos dado cuenta de que hay lenguajes distintos y niveles distintos de discurso, que es una cosa que muchas veces la izquierda no entiende; una cosa es el discurso teórico, el discurso científico, la comunicación científica, otra es el discurso político, otra es el discurso pedagógico, y hay que saber emplear el discurso de acuerdo a cada objetivo. (...) Entonces, muchas veces nosotros no utilizamos bien estas cosas y criticamos un discurso político exigiéndole que sea de precisión teórica, o la inversa, hacemos discursos políticos – lo que es mucho peor – con estos conceptos teóricos que no tienen

nada que ver con el sentimiento de las masas ni la comprensión de las masas.²¹⁰ (grifo meu)

Em sua fala, Harnecker defende que o fato do termo ditadura ser usado para caracterizar regimes como o de Pinochet inviabiliza a utilização do conceito “ditadura do proletariado” perante às massas, por remeter a estas experiências autoritárias.²¹¹ Defende ainda que a esquerda não deve fazer discursos políticos ou pedagógicos que contenham elementos de difícil compreensão, ou que não tenham correspondência com as expectativas e sentimento destas.²¹²

Essa palestra, proferida 17 anos após a publicação do primeiro volume dos *Cuadernos de Educación Popular* sugere que a autora discorda dos caminhos que adotou para tratar de certos temas quando da produção da coleção, o que nos leva a refletir acerca dos desafios que ela deve ter enfrentado na época no que tange à recepção de certas informações que sua obra procurava transmitir, que acabaram por fazer com que repensasse sua própria forma de dialogar com as massas anos depois.

Além disso, evidencia como, a despeito de todos os esforços elaborados no plano discursivo com o intuito de disseminar determinados valores caros à esquerda e ao projeto revolucionário encabeçado pela Unidade Popular, a coleção, por vezes, teve frustrado o seu intento propagandístico na medida em que não conseguiu sobrepor

²¹⁰ **Charla y debate sobre la obra de Marta Harnecker.** Chile, s.n., 1988, p. 15

²¹¹ Posição semelhante é encontrada no livro de Geoff Hodgson, intitulado *“Socialismo y democracia parlamentaria.”* Nele, o autor defende o abandono do conceito “ditadura do proletariado” por razões semelhantes àquelas enunciadas por Harnecker, como demonstra o trecho: *“El término [ditadura do proletariado] en sí debería ser abandonado pese a lo que se haya significado originalmente para Marx e Engels. Por supuesto es necesario señalar que Marx y Lenin se hubieran horrorizado de la dictadura de Stalin y que Lenin comenzó a luchar contra la degeneración del régimen soviético en sus últimos años. Pero la lucha se perdió, y el marxismo tiene que proseguir y reforzar una lucha vigilante en contra de su asociación a las abominaciones del stalinismo.”* In: HODGSON, Geoff. **Socialismo y democracia parlamentaria.** Barcelona: Editorial Fontamara, 1980, p. 68

²¹² A fala de Harnecker relaciona-se diretamente às polêmicas verificadas nas décadas de 70 e 80 acerca das acepções e dos usos do conceito “ditadura do proletariado”, motivadas em grande medida pelo debate travado entre o filósofo francês Louis Althusser (apoiado por Étienne Balibar) e o filósofo e sociólogo grego Nicos Poulantzas. Dentre os pontos de maior divergência entre estes dois pensadores estão suas visões sobre o papel e a natureza do Estado e suas posições acerca da utilidade do conceito ditadura do proletariado. Enquanto Althusser enfatizava a necessidade das lutas externas ao aparato estatal por acreditar que este se configurava enquanto um instrumento de manutenção do poder da classe dominante (não podendo renunciar a sua natureza), Poulantzas defendia que o Estado também era permeado por fissuras e contradições derivadas das lutas de classe, podendo ser utilizado para a realizações de transformações de cunho socioeconômico e reformas. Destas leituras distintas acerca do Estado derivam suas posições díspares em relação à ditadura do proletariado: Althusser defendeu veementemente o uso do conceito, denunciando seu abandono como uma renúncia à análise concreta das relações de classe. Poulantzas por sua vez, advogou o abandono do termo por considerá-lo insuficiente, optando pelo conceito de “socialismo democrático”, que ganhou bastante força no contexto do Eurocomunismo. Para mais detalhes, ver: MOTTA, Luiz Eduardo. **Op. Cit.**, pp. 19-51.

determinadas mensagens a algumas imagens já bastante consolidadas nos imaginários sociais.

CAPÍTULO 3: OS CONFLITOS POLÍTICOS NOS CUADERNOS DE EDUCACIÓN POPULAR

Como apontamos anteriormente, os *Cuadernos de Educación Popular* foram produto de um contexto bastante conflituoso e polarizado. Neste capítulo, abordaremos o posicionamento veiculado por Marta Harnecker e Gabriela Uribe frente às várias disputas de cunho político-ideológico do período, afim de discutir como esta publicação foi permeada por tais conflitos ao mesmo tempo em que buscava neles interferir, agindo como um importante veículo propagandístico e instrumento de luta ideológica ao defender e atacar determinados projetos, partidos e setores sociais.

3.1. Os inimigos da Revolução Chilena

Ao longo de toda a coleção, é notável o esforço das autoras em evidenciar quais grupos representam uma ameaça ao desenvolvimento e consolidação do processo revolucionário chileno, sendo alguns deles apontados explicitamente como “inimigos da revolução” ou “inimigos do povo”. Dentro destas categorias, as autoras englobam parte significativa da imprensa chilena, alguns partidos de oposição (de modo especial o Partido Nacional e o Partido Democrata Cristão), bem como os latifundiários, a burguesia monopolista e o imperialismo norte-americano.

No que diz respeito às críticas que a coleção dirige à imprensa chilena, é possível notar que elas se assentam na evidenciação do caráter classista dos meios de comunicação, numa clara contraposição à visão que pressupunha a “imparcialidade” destes.²¹³

Isso é observável logo no primeiro volume dos *Cuadernos de Educación Popular*, onde o leitor é apresentado às definições de poder econômico, poder político e poder ideológico. Por meio de cada um destes conceitos, as autoras procuram demonstrar como os detentores dos meios de produção têm monopólio sobre estes três poderes, usando-os para subjugar a classe trabalhadora, mantendo-a refém da ignorância

²¹³ Em seu trabalho sobre o periodismo chileno, Eduardo Santa Cruz aponta que durante o século XX verifica-se, no Chile, a preponderância de uma concepção liberal moderna de imprensa que se assenta na ideia de um jornalismo pretensamente imparcial e objetivo. Segundo o autor, neste período “*La propagación doctrinaria e incluso la simple opinión se supondría relegada a la página editorial: el resto se postula como pura información, desprovéida de intencionalidad. El periodista será concebido como un “testigo de la historia” y la neutralidad revestida del rótulo de objetividad aparecerá como un valor supremo (...)*”. Para Santa Cruz, esta concepção de imprensa ocultava o seu verdadeiro caráter, que é o de aparato ideológico do Estado burguês. Ver: SANTA CRUZ A., Eduardo. **Análisis histórico del periodismo chileno**. Chile: Nuestra América Ediciones, 1988.

e da exploração capitalista.

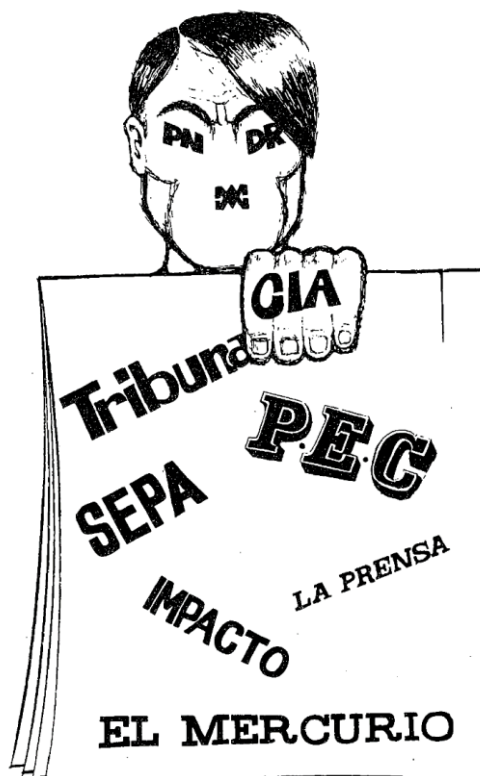
Partindo da perspectiva marxista clássica, que assume a economia e as relações de produção de um determinado contexto histórico como definidoras de outros âmbitos da realidade social, Marta Harnecker e Gabriela Uribe afirmam que o poder econômico derivado do controle dos meios de produção por uma minoria da população garante a ela o uso do Estado com fins ao seu enriquecimento e à manutenção de seus privilégios, e permite que ela tenha o domínio ideológico da sociedade, através do controle dos meios de comunicação, como evidencia o trecho a seguir:

Pero afuera de controlar el Estado y las leyes, los dueños de los medios de producción más importantes controlan las radios, los diarios, los canales de televisión, etc., es decir, los medios de comunicación de masas. Y también controlan el contenido de los programas de educación en sus distintos niveles. A través de este control de los medios que educan y difunden ideas, engañan el pueblo convenciéndolo de que el sistema de explotación en que viven es bueno, y que si ellos están en malas condiciones no se debe al sistema, sino a defectos de tipo individual (...) ²¹⁴

Além de alertar o leitor acerca do comprometimento de alguns meios de comunicação com a manutenção do *status quo*, o texto é acompanhado de uma charge, que denuncia, de maneira bastante contundente, o caráter reacionário de alguns partidos e impressos chilenos e seu envolvimento com interesses estrangeiros, como podemos observar abaixo:

²¹⁴ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971, p. 40.

Figura 27



CEP Nº1, *Explotados y explotadores*, p. 41

Nesta imagem, é nítida a associação de partidos e grupos chilenos de direita à figura do ditador nazista Adolf Hitler. No lugar dos olhos do ditador alemão, encontramos as siglas dos dois principais partidos de oposição ao governo Allende: o Partido Nacional (PN) e a Democracia Radical (DR), enquanto o característico bigode de Hitler é representado pelo símbolo do grupo de extrema-direita Pátria e Liberdade, responsável por uma série de atentados durante o período em que a Unidade Popular esteve no poder, com intuito de promover caos social e abalar o governo.

Notamos ainda que a mão do personagem, que carrega a inscrição “CIA”, segura um jornal que contém os nomes dos principais periódicos que se contrapunham ao governo Allende em circulação na época: as revistas *SEPA*, *PEC* (*Política, Economía y Cultura*) e *Impacto*, além dos jornais *Tribuna*, *La Prensa* e *El Mercurio*.

O jornal *El Mercurio*, fundado em Valparaíso²¹⁵ por três jovens (Pedro Félix

²¹⁵ Há informações conflitantes acerca da data de fundação do referido diário. Segundo Arturo Navarro, o jornal teria sido criado em 1812. Já Emmanuel dos Santos afirma que a data é 1827. Ambos, entretanto, concordam que a publicação se instalou em Santiago no ano de 1900. Para mais informações, ver:

Vicuña, Thomas G. Wells e Ignacio Silva), foi comprado pelo poderoso empresário Augustín Edward Ross em 1884, e firmou-se como o mais importante jornal do Chile, seja pelo seu grande número de anunciantes, seja pelo elevado índice de assinantes e tiragens. O conglomerado *El Mercurio S.A.* também era responsável por produzir os outros diários mencionados na charge (*La Segunda, Las Ultimas Noticias e Tribuna*), que faziam forte oposição ao governo Allende e identificavam-se ideologicamente com as posições do Partido Nacional, enquanto o jornal *La Prensa* era uma publicação conservadora católica, vinculada ao Partido Democrata Cristão.²¹⁶

O fato de os olhos estarem representados pelas siglas de partidos de direita sugere que os periódicos nominados na charge simbolizariam a visão, a perspectiva político-ideológica destes grupos, claramente associados ao fascismo. A mão com a inscrição “CIA”, que segura o jornal, faz uma menção explícita ao financiamento realizado pelo governo norte-americano aos jornais e revistas citados, que tinha como intuito fomentar uma campanha de desestabilização do governo da Unidade Popular. A mão “sustenta” o jornal, numa clara metáfora ao aporte financeiro recebido por alguns meios de comunicação chilenos.

A partir destes elementos, é possível afirmar que a charge, ao realizar uma associação direta entre estas organizações políticas e veículos comunicacionais ao fascismo, tem o claro propósito de conferir-lhes uma imagem negativa, de modo a denunciar ao leitor seu caráter reacionário e violento. Ao apelar para a figura do ditador alemão, que no imaginário social é a representação do mal, do desrespeito aos direitos humanos e do totalitarismo, busca-se lançar luz sobre as estratégias ilegais e opressoras mobilizadas pelos grupos referenciados.

As subvenções feitas pela CIA a partidos e periódicos chilenos de oposição denunciadas na charge acima foram reconhecidas pelos próprios Estados Unidos, por meio de um relatório elaborado por uma comissão parlamentar de inquérito liderada pelo senador Frank Church, em 1975. Nele foram reveladas ações ilegais realizadas pelo serviço de inteligência norte-americano e por agências estatais com o objetivo de promover a derrocada do governo Allende.

SANTOS, Emmanuel dos. A imprensa chilena, o jornal El Mercurio e o golpe civil-militar de Pinochet. In: **Revista de História UEG-Porangatu**, v.5, nº2, pp. 307-328, ago/dez de 2016; e MILOS, Pedro (ed.), **Op. Cit.** 2013.

²¹⁶ Ibidem, pp. 311 a 313.

De acordo com o relatório, a interferência estadunidense na política chilena iniciou-se antes mesmo da Unidade Popular vencer as eleições de setembro de 1970. A votação expressiva alcançada pela FRAP (*Frente Revolucionário de Acción Popular*) nas eleições de 1958²¹⁷ fez com que as autoridades norte-americanas decidissem agir para conter o avanço da esquerda no Chile, o que foi realizado mediante a aprovação de um fundo de 3 milhões de dólares para a candidatura do democrata cristão Eduardo Frei, em abril de 1964. Segundo o relatório,

This massive effort was considered essential by the U.S. Government to prevent the accession to power of a Marxist government which would give the Communists a base of operations in the Southern Hemisphere equivalent to and potentially even more useful than Cuba in Northern Hemisphere.²¹⁸

Após a vitória do candidato do Partido Democrata Cristão, o governo norte-americano continuou interferindo na política chilena, desta vez aprovando um novo pacote de ajuda financeira em julho de 1968, direcionada a candidatos moderados que concorreriam às eleições para o Congresso, de março de 1969.²¹⁹

A partir da subida da Unidade Popular ao poder em setembro de 1970, as ações ilegais dos Estados Unidos no Chile se intensificaram e não mais se restringiram às doações feitas a partidos políticos e candidatos de oposição ao governo Allende. Segundo Carlos Altamirano, foram colocados elementos ativos da CIA dentro das Forças Armadas chilenas, responsáveis por arquitetar o assassinato do general legalista René Schneider, bem como houve o financiamento de uma série de revistas, semanários e jornais de direita, com o intuito de fomentar uma campanha de desmoralização e ataque ao governo de Salvador Allende²²⁰. O jornal *El Mercurio*, de maior circulação no

²¹⁷ A FRAP foi formada a partir de uma aliança de vários partidos de esquerda, sendo eles o Partido Socialista Popular, Partido Demócrata del Pueblo, Partido Democrático, Partido Socialista, Partido del Trabajo e Partido Comunista. Nas eleições presidenciais de 1958, a FRAP lançou Salvador Allende como candidato, obtendo o segundo lugar, com 356.493 votos (cerca de 28,9% dos votos). Já o primeiro colocado Jorge Alessandri, candidato pelos partidos Conservador e Liberal, conquistou 389.909 votos (cerca de 31,6%), vencendo a eleição com uma vantagem bastante modesta, de aproximadamente 33.000 votos. (Para mais detalhes acerca da evolução política da esquerda e sua consolidação como segunda força eleitoral do Chile, consultar: ROUASSANT, Claude Heller. **Política de Unidad en la izquierda chilena (1956-1970)**. México: Jornadas 73, 1973.)

²¹⁸ **Agency covert action operations in Chile since 1962**, p. 2. Disponível online:

<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PCIA3/00009AA3.pdf> (consultado em 01/05/2017)

²¹⁹ De acordo com o documento *Agency covert action operations in Chile since 1962*, a quantia aprovada para as doações a partidos não-marxistas chegou a 350.000 dólares. O documento revela ainda que os Estados Unidos também forneceram dinheiro para uma cisão do Partido Socialista, afim de dividir os votos da esquerda. **Agency covert action operations in Chile since 1962**, pp. 6 e 7.

²²⁰ ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. Chile, 1970-1973. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, pp. 125 a 136.

período, chegou a receber cerca de um milhão de dólares do serviço de inteligência estadunidense entre os anos de 1970 e 1973, transformando-se numa das mais fortes vozes da oposição à Unidade Popular ao longo dos três breves anos em que esta coalizão esteve no poder.²²¹

O empenho das agências do governo norte-americano em financiar esta campanha contra o governo de Salvador Allende se relaciona diretamente à necessidade que Estados Unidos e União Soviética tinham de assegurar zonas de influência ao redor do globo para atestar sua superioridade e força. Dentro do contexto extremamente polarizado da Guerra Fria, a experiência chilena era vista pelos norte-americanos como uma ameaça a sua hegemonia no Cone Sul, já que havia o risco do Chile se tornar um modelo a ser seguido por outras nações da região, como atesta a declaração feita por Henry Kissinger, secretário de Estado do governo Nixon:

É muito fácil prever que a vitória de Allende possibilitará o estabelecimento, durante anos, de um governo comunista. Nesse caso, não se trata de um governo desse tipo numa ilha sem tradição nem impacto na América Latina. Teríamos, sim, um governo comunista unido, por exemplo, à Argentina, que já está profundamente dividida, unido ao Peru, cujas diretrizes políticas têm dificultado o diálogo, e unido à Bolívia que, apesar de sem nenhuma dessas características, também avança em direção à esquerda e contra os Estados Unidos. Desse modo, creio que não devemos nos enganar: a subida de Allende ao poder trará problemas extremos a nós e também às forças democráticas favoráveis aos EUA na América Latina.²²² (grifo nosso)

Em razão das várias disputas existentes entre diferentes setores sociopolíticos de dentro e fora do Chile, os meios de comunicação estiveram no centro de uma acirrada batalha ideológica. Durante o governo Allende, revistas, rádios e jornais foram amplamente usados por setores de esquerda e de direita para desmoralizar adversários

²²¹ O forte vínculo que Agustín Edwards Eastman, dono do conglomerado *El Mercurio S.A.P.*, estabeleceu com agências norte-americanas, bem como o seu comprovado envolvimento na articulação da campanha ideológica que colaborou para a quebra da ordem democrática no Chile fez com que este empresário e jornalista fosse expulso do *Colegio de Periodistas de Chile*, em maio de 2015, após a apresentação de um requerimento ético realizado por vários jornalistas chilenos à entidade, em novembro de 2014. Segundo a presidenta do Colegio de Periodistas, Javiera Olivares, “(...) *la profunda importancia de este hecho (a expulsão) radica en la señal clara de que nuestra orden está por el ejercicio periodístico ético que en su acción busque profundizar la democracia y no ser colaborador en la desestabilización de gobiernos democráticamente electos ni hacerse cómplice de violaciones a los derechos humanos*”. Para mais informações, ver: <http://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2015/05/13/colegio-de-periodistas-expulsa-a-agustin-edwards-luego-de-que-no-apelara-a-sancion-dictada-por-tribunal-de-etica/> Consultado em 20/05/2017.

²²² ALTAMIRANO, Carlos. **Dialética de uma derrota. Chile, 1970-1973**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, p.122.

políticos, bem como para atacar e defender projetos de maneira veemente e apaixonadamente cega. Tudo isso fez com que a batalha ideológica durante os anos do governo Allende fosse marcada por grande sensacionalismo, engodo e ataques pessoais, que não se restringiram apenas aos veículos ligados à direita.²²³

Nesta batalha político-ideológica, a balança pendia vigorosamente para a oposição, que controlava a maioria dos meios de comunicação. Segundo o autor Tito Drago, no final de 1972, esta controlava cerca de 54 jornais, 98 emissoras de rádio e um canal de TV, enquanto o governo dispunha de apenas 10 jornais, 36 emissoras de rádio e dois canais de TV.²²⁴

A vantagem da direita na luta político-ideológica devia-se também ao fato de que as publicações de esquerda dispunham de uma circulação limitada se comparada aos veículos de oposição ao governo Allende. A discrepância em relação ao número de exemplares colocados no mercado chileno pelas publicações pró e contra a Unidade Popular ao longo do ano de 1972 deixam transparecer a dificuldade que a esquerda tinha de sobrepor suas mensagens e princípios em relação aos discursos disseminados pelos meios aliados aos interesses geopolíticos norte-americanos e da elite chilena, como podemos observar nas tabelas a seguir²²⁵:

CIRCULAÇÃO DE DIÁRIOS PRÓ-GOVERNO (1972)

NOME	VINCULAÇÃO	EXEMPLARES
Clarín	Partido Socialista (PS)	220.000
El Siglo	Partido Comunista (PC)	29.000

²²³ O artigo escrito por Patricio Bernedo e William Porath, dedicado à discussão do papel da imprensa no processo de ruptura da ordem democrática chilena, demonstra de maneira clara como o clima de polarização política fez com que insultos, acusações e preocupações partidaristas prevalecessem em relação ao compromisso com a informação em várias revistas e jornais. Dentre os vários exemplos que os autores apresentam, podemos citar o caso de uma reportagem do jornal *Puro Chile*, do Partido Socialista, que logo após a ratificação da vitória eleitoral da UP pelo Congresso publicou “¿Sabem que más? Todos ustedes, momios, son unos hijos de perra”. No que diz respeito aos veículos de direita, os autores citam o caso da revista *PEC*, que referiu-se ao projeto socialista da Unidade Popular da seguinte maneira em edição publicada em 11 de maio de 1971: “*Primera etapa de la via chilena al socialismo: racionamiento y hambre.*” Para maiores informações, ver: BERNEDO, Patricio; PORATH, William. A tres décadas del golpe: Cómo contribuyó la prensa al quiebre de la democracia chilena. In: **Cuadernos de Información**, nº 16-17, 2003-2004.

²²⁴ DRAGO, Tito. **Chile: um duplo sequestro**. Brasília: Thesaurus Instituto Pensar, 1995, p. 103.

²²⁵ Ambas as tabelas foram confeccionadas tendo em vista os dados apresentados de maneira esquemática no artigo “*Prensa y periodismo político en los años 1960/1970*”, escrito por Hernán Uribe. In: http://www.archivochile.com/Medios_de_Comunicacion/html/text_gen/comutextgen003.pdf. Consultado pela última vez em 05/05/2017.

Puro Chile	Partido Comunista (PC)	25.000
La Nación	Propriedade Estatal	21.000
Notícias de Última Hora	Partido Socialista (PS)	17.000
TOTAL		312.000

CIRCULAÇÃO DE DIÁRIOS DE OPOSIÇÃO (1972)

NOME	VINCULAÇÃO	EXEMPLARES
La Tercera	Família Picó	220.000
El Mercurio	Família Edwards	126.000
Las Últimas Noticias	Família Edwards	81.000
La Segunda	Família Edwards	55.000
Tribuna	Partido Nacional	40.000
La Prensa	Partido Democrata Cristão	29.000
TOTAL		541.000

Diante desse quadro desfavorável à esquerda no tocante à disposição de instrumentos para difundir seus princípios e fazer frente à imprensa de direita, não é de se estranhar que algumas publicações da Editora *Quimantú*, como os *Cuadernos de Educación Popular*, tenham sido utilizadas como arma de combate dentro desta batalha político-ideológica que vigorava no Chile e que tenham tido como preocupação fundamental criticar os opositores do governo *allendista*.

A política de elevadas tiragens realizada pela editora do Estado foi vista pela esquerda como uma oportunidade de fazer frente aos ataques dos setores conservadores, criticar partidos opositores ao governo Allende e denunciar os planos sediciosos da elite chilena e dos norte-americanos. Nesse sentido, a charge analisada acima é um dos elementos que comprova a inserção dos *Cuadernos de Educación Popular* no conflito ideológico extremamente polarizado do período e atesta o uso da coleção enquanto veículo de propaganda e defesa do governo Allende e seus princípios político-ideológicos.

Além de alertar para o envolvimento de muitos veículos de comunicação, partidos políticos e organizações internacionais no conluio que buscava derrubar a Unidade Popular, o uso dos *Cuadernos de Educación Popular* como instrumento na

batalha ideológica do período mostra-se também nas duras críticas que as autoras da coleção realizam à ação imperialista norte-americana nos âmbitos político e econômico.

Este elemento mostra-se presente de maneira bastante clara no *Cuaderno de Educación Popular* número 5, denominado “*Imperialismo y dependencia*”. Nele, Harnecker e Uribe discutem as origens da dependência dos países subdesenvolvidos e procuram demonstrar como nações imperialistas (em especial os Estados Unidos) lançam mão de políticas agressivas para manter seu controle sobre os países pobres, afim de assegurar as vantagens econômicas que obtêm da exploração destes.

Ademais de citar as concessões econômicas, a criação de bases militares de instituições interamericanas como elementos da política externa norte-americana que objetivam facilitar o controle econômico de países subdesenvolvidos, as autoras acusam os Estados Unidos de apoiar ditaduras e empregar a força para garantir a preservação de seus interesses na América Latina, como se nota no trecho a seguir:

Estados Unidos ha prestado apoyo económico, político y militar a las dictaduras más sangrentas de América Latina. Por ejemplo, a Rojas Pinilla en Colombia, Pérez Jiménez en Venezuela, Batista en Cuba, Odría y Manuel Prado en Perú, Stroessner en Paraguay, Castelo Branco en Brasil, etc. (...)

Cuando estos mecanismos no son suficientes, **Estados Unidos no vacila en emplear directamente la fuerza física**. En los primeros decenios del siglo XX hubo ataques militares dirigidos contra México, Haití y Nicaragua; en 1954, contra Guatemala; en 1961, contra Cuba; en 1965, Contra Santo Domingo.

Todas estas acciones que desarrolla el imperialismo en nuestros países se organizan por intermedio de la Agencia Central de Inteligencia (CIA), organismo policial del Estado norte-americano, encargado a nivel internacional de velar por la mantención del control político imperialista de Estados Unidos en el mundo.²²⁶ (Negrito no original)

Após elencar estes exemplos que comprovam a ação nociva do imperialismo norte-americano na América Latina, as autoras apresentam ao leitor, por meio de uma imagem, um caso particular da intervenção norte-americana na política chilena. O episódio, que gerou grande polêmica e comoção entre a opinião pública do período, ficou conhecido como “complô da ITT”, e referiu-se à ação conjunta da CIA e da

²²⁶ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Imperialismo y dependencia**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp.52 e 53.

multinacional *International Telephone and Telegraph Corporation* (ITT) para derrubar o governo da Unidade Popular.

Figura 28



CEP nº5, *Imperialismo y dependencia*, p. 53

Esta corporação concebia a subida do governo Allende como uma ameaça aos seus interesses, já que o Programa Básico de Governo da Unidade Popular propunha a nacionalização de vários setores considerados estratégicos, como minas de cobre, ferro, salitre, banco, bem como dos setores de transportes e telecomunicações.²²⁷ Como a ITT controlava boa parte do setor de telecomunicações no Chile, o presidente desta empresa, Harld Green, em conjunto com agências do Estado norte-americano, colocou em prática um plano para evitar a vitória de Allende nas eleições de 1970.

O esquema, que doou dinheiro a partidos e veículos comunicacionais contrários à ascensão da Unidade Popular foi denunciado no jornal *The Washington Post*, na coluna do jornalista Jack Anderson, e logo impactou e repercutiu no Chile, sendo

²²⁷ Estas medidas constam na seção do documento intitulada “*La construcción de la nueva economía*”, na qual se apresentam os setores que compõem a chamada “área de propriedade social”. Para detalhes, ver: Programa Basico de Gobierno de la Unidad Popular, Op. Cit., pp. 19 e 20.

amplamente divulgado nos periódicos de esquerda.²²⁸

Ainda que as autoras dos *Cuadernos de Educación Popular* não deem detalhes a respeito dessa ação, a imagem, que contém vários jornais estadunidenses sobrepostos com destaque aos dizeres “A CIA conspira no Chile através da ITT” (“*La CIA complota en Chile a través de la ITT*”), tem a função de fazer com que o leitor relacione o referido escândalo com o conjunto de políticas violentas adotadas pelo imperialismo norte-americano na América Latina (como apoio a ditaduras, intervenção militar), descritas no texto que antecede a imagem.

A preocupação da coleção em desvelar a atuação dos Estados Unidos e da elite chilena contra a Unidade Popular aparece também no *Cuaderno de Educación Popular* número 2, intitulado “*Explotación Capitalista*”. Nele, é apresentada uma imagem que traz, mais uma vez, jornais sobrepostos, que dão destaque a um dos episódios mais emblemáticos da truculência da direita no período: o assassinato do general René Schneider, morto logo após as eleições de 1970, numa tentativa da elite chilena e da CIA de acabar com os quadros legalistas do exército chileno, abrindo, assim, caminho para um golpe de Estado capaz de abortar a ascensão de Allende ao poder. O plano acabou frustrado devido à comoção e repercussão negativa que tal evento despertou na opinião pública, tendo sido exaustivamente veiculado pelos periódicos de esquerda e recuperado por estes em diversos momentos entre os anos de 1970 e 1973.

²²⁸ O grande impacto gerado pelo episódio também fez com que a Secretaria Geral do Governo Allende publicasse, através da *Editora Quimantú*, o livro “*Documentos secretos de la ITT*”, em 1972. Essa obra trazia cópias dos documentos originais que comprovavam o envolvimento da ITT e da CIA na conspiração que visava impedir a vitória da Unidade Popular, bem como apresentava suas respectivas traduções ao Espanhol, objetivando alertar a população chilena acerca da agressividade das atuações dos grupos opositores. Logo na primeira página deste livro, fica evidente seu papel de denúncia: “*Para o Gobierno de Chile constituye un deber patriótico poner en conocimiento del país la información contenida en estos documentos. Todos los ciudadanos deben analizar y meditar la extraordinária gravedad que los hechos en ellos descritos entreñan para la independencia, soberanía y autodeterminación de nuestro país.*” IN: **Documentos secretos de la ITT**. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 5.

Figura 29

CEP nº 2, *Explotación Capitalista*, p. 55

A imagem acima articula fotos de dois exemplares de importantes diários de esquerda do período, o jornal *Noticias de Última Horas*, ligado ao Partido Socialista, e *Puro Chile*, produzido pelo Partido Comunista. As manchetes apresentadas em cada um deles, “*Ametrallado el jefe del ejercito*” e “*¡Esa es la derecha!*”, ao aparecerem sobrepostas, têm o claro intuito de fazer com que o leitor estabeleça um vínculo direto entre o atentado praticado contra a vida do General René Schneider e a direita chilena.

O ato de violência especificado na manchete, ao ser apresentado em correlação com a outra frase (*Esa es la derecha*), dá margem para uma generalização, já que é anunciado como sendo uma prática típica e natural dos setores conservadores, ou ainda, como a essência das atitudes destes grupos.

Também é importante observar que as frases presentes na referida edição do jornal *Noticias de Última Hora* procuram, a partir de um vocabulário contundente e agressivo, criticar ações da direita chilena, como demonstram os dizeres: “*Se Confirman Denuncias de la Unidad Popular: Em marcha Conjura Antichilena*”, “*Unánime Repudio a los Gangsters Ultraderechistas*” e “*Allende: Quieren torcer la*

voluntad del Pueblo”.

O emprego dos termos “*gangsters*” para referir-se aos altradireitistas, e “*conjura antichilena*”, para qualificar as atividades dos grupos opositores, evidencia a intensidade assumida pela luta ideológica verificada nos meios de comunicação. A troca de acusações, bem como o uso de adjetivos pejorativos e desqualificadores para designar os adversários políticos tornaram-se lugares-comuns nos jornais de esquerda e de direita da época. Esse discurso, pautado num intenso dualismo, também esteve fortemente presente nos *Cuadernos de Educación Popular*, e foi usado tanto para engradecer o projeto político da Unidade Popular quanto para condenar as medidas socioeconômicas levadas a cabo por partidos políticos de oposição durante seus governos, como veremos a seguir.

Os julgamentos críticos desenvolvidos por Marta Harnecker e Gabriela Uribe acerca do Partido Nacional e do Partido Demócrata Cristão foram formulados tendo em vista os princípios teóricos do materialismo histórico que apontam a economia e as relações de produção de um dado contexto enquanto elementos definidores de outros âmbitos da realidade social, tais como a cultura, a ideologia e a política.

A partir desse pressuposto é que as autoras pensam as relações que se estabelecem entre economia e política, demonstrando como o fato de uma minoria dispor de privilégios econômicos por ser detentora dos meios de produção torna esse grupo capaz de impor seus interesses aos demais no plano político, como podemos observar no trecho a seguir, retirado do *Cuaderno de Educación Popular* número 2, denominado “*Explotación Capitalista*”:

Los capitalistas, por ser los dueños de los medios de producción, tienen en sus manos el poder económico y, debido a este mismo poder, controlan también otros aspectos de la sociedad.

El Estado, por ejemplo, no es un aparato neutral, al servicio de toda la sociedad, como pretenden hacernos creer los capitalistas. El Estado ha servido siempre a los intereses de quienes han tenido el poder económico.²²⁹

(grifo nosso).

Dialogando com esta lógica que aponta o Estado como um instrumento de poder a serviço das classes dominantes, Harnecker e Uribe procuram demonstrar como também os partidos políticos, embora apresentem discursos abrangentes que visam

²²⁹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotación Capitalista**. 4ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 38.

conquistar todos os grupos da sociedade chilena, estão comprometidos com os interesses econômicos específicos de determinadas classes sociais.

Isso é observável de maneira bastante clara no segundo volume do *Cuaderno de Educación Popular* número 4, intitulado “*Lucha de Clases*”. Nele, as autoras demonstram os tipos de lutas de classes existentes (econômica, ideológica e política), e fazem uma análise detalhada das classes e grupos que compõem a sociedade chilena, de modo a evidenciar o lugar que cada um deles ocupa no sistema produtivo e discutir seu potencial enquanto aliado ou oponente do proletariado no processo revolucionário em curso.

Ademais de categorizar as classes sociais entre “amigos” e “inimigos” da revolução, a coleção se preocupa também em evidenciar os partidos políticos que representam os anseios de cada um destes grupos, definindo, assim, quais organizações partidárias eram adversárias do proletariado em sua luta e quais representavam verdadeiramente os interesses da classe trabalhadora.

Nesse sentido, o Partido Nacional, a Democracia Radical e parte do Partido Democrata Cristão são apresentados no referido volume como defensores dos grupos considerados inimigos da revolução socialista, tais como a burguesia monopolista e a burguesia não monopolista, como podemos observar a partir do excerto a seguir:

Los partidos que mejor representan a este sector (os capitalistas monopolistas) son el Partido Nacional, llamado así a pesar de que tiene posiciones de clase claramente pro imperialistas; la Democracia Radical y el sector freísta de la D.C.

Este sector de la burguesía, que se ha declarado el gran defensor del Estado de Derecho, está, sin embargo, dispuesto a pasar por encima de la legalidad que él mismo instauró se esto le permite recuperar el gobierno.

Representantes de este sector social son los que promueven la sedición en el país.²³⁰(grifo nosso).

Neste trecho, verificamos que as autoras acusam o Partido Nacional de comprometimento com o imperialismo, ou seja, apontam a sua relação com as ambições de grupos estrangeiros, demonstrando como esta organização política não visa ao desenvolvimento autônomo da nação chilena, ainda que seja isso que sua sigla sugira. Ademais, é importante ressaltar que os partidos políticos citados são associados por Harnecker e Uribe ao desrespeito do marco legal com vistas à derrocada do governo

²³⁰ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de Clases**, volumen II. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 24.

Allende. Estes elementos explicitam o esforço das autoras em desqualificar estas organizações políticas frente a seus leitores, ao associarem-nas a medidas violentas e antinacionais.

Apesar do Partido Nacional ter sido aquele que mais diretamente atuou para desestabilizar o mandato de Allende,²³¹ faz-se necessário ressaltar que a maioria das passagens presentes nos *Cuadernos de Educación Popular* destinadas a criticar partidos de oposição são dirigidas à Democracia Cristã e sua ala freísta.

Uma análise atenta permite observar que boa parte dos ataques desferidos pelas autoras contra o PDC se referem às limitações das políticas socioeconômicas realizadas durante o governo de Eduardo Frei, e não às políticas em si, o que demonstra que a Unidade Popular apoiava algumas medidas implementadas pelo governo anterior, discordando no tocante à proporção e intensidade que elas tiveram.

O caso mais emblemático deste aspecto se mostra na avaliação que Harnecker e Uribe tecem acerca da política de Reforma Agrária²³² implantada pelo governo democrata cristão:

²³¹ Juan Carlos Arellano G., em seu artigo “*El Partido Nacional em Chile: su rol en el conflicto político (1966-1973)*” demonstra o protagonismo desta organização política na derrubada da Unidade Popular ao refletir acerca do recrudescimento e radicalização das ações oposicionistas do PN ao longo do período em que Allende esteve no poder. O autor identifica três eixos de atuação do Partido Nacional com intuito de deslegitimar e desestabilizar o governo *allendista*: o institucional (acusando formalmente os ministros e representantes governistas de desrespeito à ordem constitucional vigente), o eleitoral (a partir de alianças com a Democracia Cristã para barrar projetos favoráveis à UP no Parlamento, bem como para garantir maioria nas eleições de modo a demonstrar que a maioria da população era contra o projeto da via pacífica ao socialismo) e, por fim, a partir da mobilização da sociedade civil (“*marcha de las cacerolas vacías*” e o greve patronal de outubro de 1972 são os exemplos mais emblemáticos). Todos estes elementos, somados ao apoio que o PN deu ao golpe, demonstram, segundo o autor, o papel importante do Partido Nacional no processo de desgaste da Unidade Popular e sua derrocada. Para mais detalhes ver ARELLANO G., Juan Carlos. **El Partido Nacional em Chile: su rol em el conflicto político (1966 – 1973)**. In: Atenea (Concepción), nº 499, 2009.

²³² A luta por reforma agrária no Chile ganhou espaço na campanha eleitoral da Frente Popular, que subiu ao poder em 1938. Entretanto, esta coalizão formada pelos partidos comunista e socialista e liderada pelo Partido Radical acabou por privilegiar a industrialização, relegando os problemas do mundo rural ao segundo plano. Desse modo, foi somente na década de 60 que a questão agrária voltou com mais força, sendo apontada como a saída para solucionar a incapacidade produtiva do meio agrícola, o êxodo rural intenso motivado pela crise no campo e os conflitos cada vez mais inflamados entre a massa de camponeses despossuídos e os latifundiários chilenos. Além das pressões dos movimentos populares pela efetivação da desconcentração de terra, a reforma agrária no Chile foi estimulada no período pelos Estados Unidos e sua “*Alianza para el progreso*”, política idealizada pelo presidente John Keneddy que, através de incentivos fiscais e medidas que buscavam melhorar a condição de vida da população (tais como a reforma agrária e a ampliação do acesso à moradia), objetivava evitar a radicalização das reivindicações populares e afastar a possibilidade de países latino-americanos se espelharem no exemplo da Revolução Cubana. Dentro desse cenário, o governo de Jorge Alessandri, do Partido Nacional, promulgou a primeira lei de reforma agrária (Lei Nº 15.020) em 1962, mas foi só no governo de Eduardo Frei que se implantaram medidas efetivas no sentido de modernizar o campo a partir da redistribuição de terra e da sindicalização camponesa. Durante o governo Frei, foram expropriados cerca de 3,5 milhões de hectares. Já no governo Allende, as ocupações de terras por camponeses e indígenas atingiram seu auge, e até setembro de 1973 haviam sido expropriados cerca de 6,4 milhões de hectares, o que pôs fim ao regime

Por una serie de razones que no podemos analizar aquí, la DC planteó la necesidad de hacer una Reforma Agraria para terminar con los latifundios en nuestro país. Se propuso expropiar todos los terrenos de más de 80 hectáreas, cuando los Partidos Socialista y Comunista sostenían que el límite máximo de tierra debía ser sólo de 40 hectáreas de riego básico. El proceso de Reforma Agraria realizado por el gobierno Frei quedó, sin embargo, a medio camino; en cambio el Gobierno de la UP, en un año, ha llevado a cabo más expropiaciones que las de todo el gobierno anterior.²³³ (grifo nosso)

Vale ressaltar que os fatores que aproximariam a Democracia Cristã da Unidade Popular (como alguns motivos que levaram estes grupos a defender a reforma agrária) não são apresentados no trecho acima²³⁴. Nota-se, ao contrário, a preocupação em evidenciar as diferenças de atuação destes dois partidos frente ao propósito de efetivar o processo de redistribuição de terras no Chile: enquanto o governo Frei é criticado por não ter levado o projeto até o fim, o governo da Unidade Popular é exaltado pelo fato de ter conseguido expropriar uma maior quantidade de terras em um espaço de tempo muito menor.

Verificamos, portanto, que a comparação entre as realizações do governo Frei e do governo de Salvador Allende no tocante à reforma agrária é mobilizada na coleção afim de convencer o leitor a apoiar a Unidade Popular mediante a demonstração de sua

latifundiário imperante no Chile. Muitos autores apontam o descontentamento dos setores populares com os limites da política agrária levada a cabo pelo Partido Democrata Cristão como um fator que impulsionou a radicalização da tomada de terras durante o período da Unidade Popular, que se estendeu até mesmo a propriedades médias que não se encaixavam na lei da reforma agrária como terras passíveis de serem estatizadas e redistribuídas. O governo Popular, comprometido em não usar a força contra os trabalhadores, acabava intercedendo em favor das ocupações, o que provocou a ira da elite agrária e o temor dos pequenos e médios proprietários, aumentando as tensões no campo. Para mais detalhes, ver: FONTAINE ALDUNATE, Arturo. **La tierra y el poder. Reforma agraria en Chile (1964-1973)**. Santiago: Editora Zig Zag, 2001 e DRAGO, Tito. **Chile: um duplo seqüestro**. Brasília: Thesaurus Instituto Pensar, 1995.

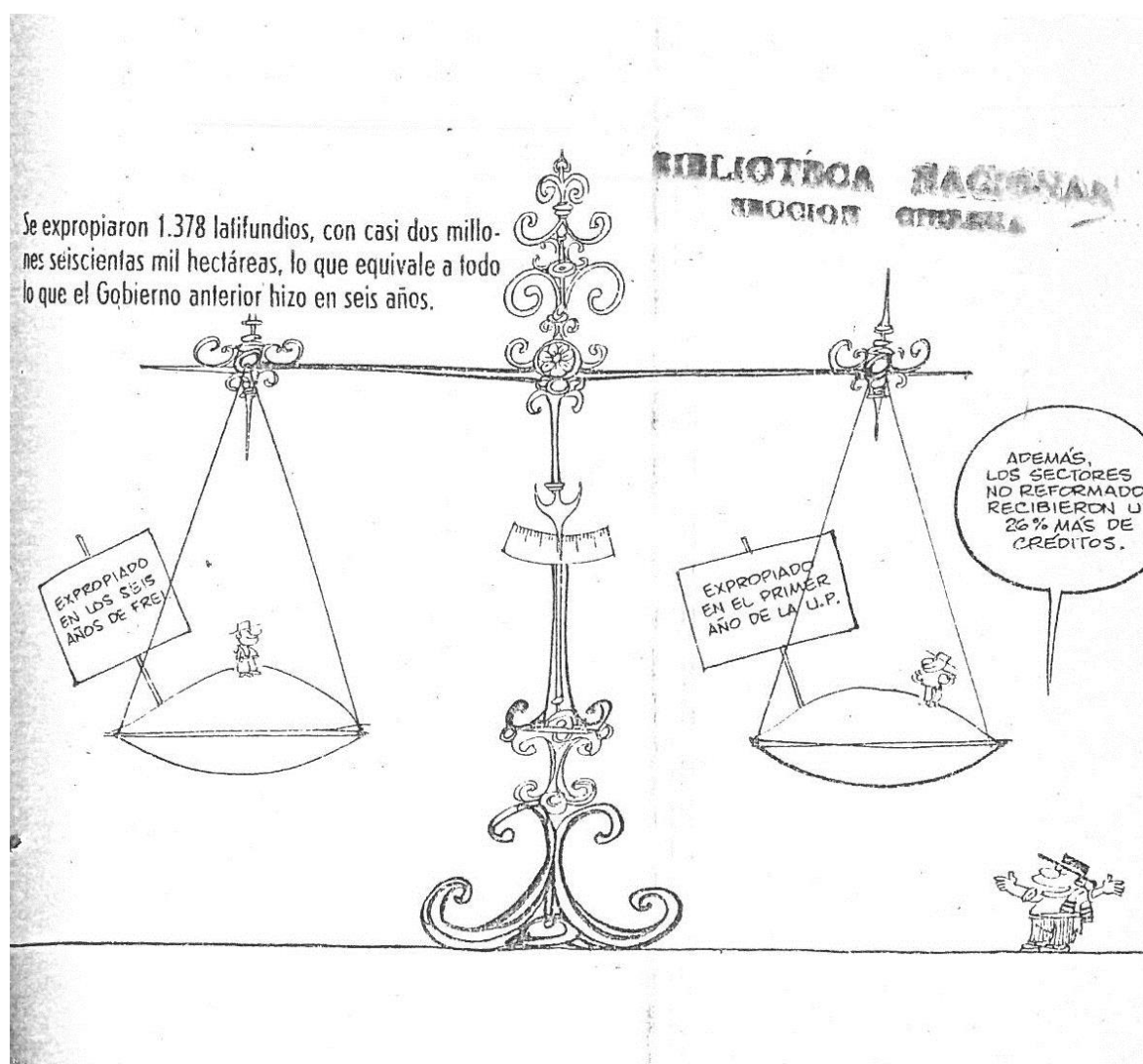
²³³ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de Clases, volume II**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 43.

²³⁴ Dentre os pontos de convergência das propostas da Unidade Popular e da Democracia Cristã no tocante a reforma agrária, Arturo Fontaine Aldunate assinala que “*Los candidatos a la Presidencia, señores Frei y Allende, rivalizaron entre sí para subrayar la desmedrada situación de los campesinos y para exaltar el derecho de éstos a la tierra. Ambos también coincidieron en desvalorizar la “reforma de macetero” del Presidente Alessandri.*” IN: FONTAINE ALDUNATE, Arturo. **La tierra y el poder. Reforma agraria en Chile (1964-1973)**. Santiago: Editora Zig Zag, 2001, p. 70. Sérgio Bitar também aponta vários pontos semelhantes nos programas de Allende e Radomiro Tomić (candidato à presidência pela DC nas eleições de 1970), dentre os quais destaca a nacionalização do cobre e aceleração da reforma agrária, a redistribuição de renda, o aumento da produção de bens de consumo considerados básicos e a defesa da diminuição da dependência externa. Entretanto, Bitar salienta que “as duas diferenças principais residiam na extensão da estatização no setor industrial e na distribuição, fundamentais para a UP, na eficiência e precisão instrumental, mais destacados pela DC.” IN: BITAR, Sergio. **Transição, socialismo e democracia. Chile com Allende**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pp. 75 a 77.

eficiência, ao mesmo tempo em que procura estimular o afastamento de seu público-alvo em relação à Democracia Cristã a partir da comprovação de seu fracasso.

A charge publicada no *Cuaderno de Educación Popular* número 11, denominado “*Estrategia y Tactica*”, também usa este mesmo artifício, como se observa abaixo:

Figura 30



CEP n° 11, *Estrategia y Táctica*, p. 33

Trazendo à tona, mais uma vez, as diferenças entre o governo Frei e a Unidade Popular com relação às realizações no terreno da reforma agrária, esta charge tem o claro intuito de reforçar a superioridade do governo Allende em relação ao anterior, recorrendo novamente aos dados referentes ao número de hectares expropriados em

cada mandato.

Embora as balanças referentes a cada um dos governos se encontrem em perfeito equilíbrio, as placas que se encontram em cada uma delas e a informação apresentada no canto superior esquerdo chamam a atenção do leitor para o fato de que, em apenas um ano, a Unidade Popular foi capaz de expropriar a mesma quantidade de hectares que o governo Frei conseguiu em seis anos. A charge também realça, por meio da fala do personagem que se encontra no canto direito da imagem, outra benfeitoria do governo neste âmbito: o aumento de 26% nos créditos concedidos aos setores reformados, numa clara tentativa de destacar as melhorias promovidas pelo governo Allende no campo e o êxito da política de reforma agrária por ele levada a cabo.

Ademais das questões relativas à reforma agrária, as autoras preocupam-se em pontuar os diferentes entendimentos que a Unidade Popular e a Democracia Cristã têm sobre o Estado e suas funções, como mostra o excerto a seguir, retirado do *Cuaderno de Educación Popular* número 7, denominado “*Socialismo y Comunismo*”:

(...) no es posible, como piensan algunos, construir la sociedad comunista sin pasar por un período en que exista un Estado fuerte en manos del proletariado y sus aliados, dispuesto a someter a todos los que se opongan a avanzar hacia la supresión total de la explotación del hombre por el hombre. Los demócratacristianos plantean soluciones utópicas justamente porque piensan que el Estado cumple funciones neutras, por encima de las clases, porque es, según ellos, un órgano administrador de cosas. Ellos parecen no ver que necesariamente los dueños del capital seguirán oponiendo el traspaso de sus empresas a manos de los trabajadores, aunque sea en la forma de “empresas de trabajadores”, y que usarán, entre otras cosas, precisamente los mecanismos del Estado que todavía estén en sus manos para oponerse. Por otra parte, critican las desviaciones burocráticas del actual Estado, desconociendo el hecho de que es una máquina heredad del pasado que es necesario destruir para poder construir la nueva sociedad.²³⁵ (grifo nosso)

A concepção que a democracia cristã tinha acerca do Estado pautava-se, como explicita o trecho acima, na definição deste enquanto uma instituição neutra, capaz de resolver conflitos e harmonizar os interesses divergentes existentes entre as classes. Foi esta perspectiva, criticada no trecho acima, que orientou a “*Revolución em Libertad*”, bandeira da campanha presidencial de Frei nas eleições de 1964, que buscava, através

²³⁵ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Socialismo y comunismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 58

de uma série de reformas “(...) *transformar las condiciones de vida de todos los chilenos y lograr una nueva forma de economía comunitaria y de sentido humano, una sociedad fraternal y no clasista.*”²³⁶

O Partido Democrata Cristão acreditava ser possível integrar todos os segmentos sociais a partir de uma atuação correta do Estado, assentada em uma nova orientação à economia, como fica evidente na sua Declaração de Princípios de 1957, ano de sua fundação, na qual se afirma que

La economía humana tiende a agrupar a los hombres a agrupar a los hombres en comunidades de trabajo, dueñas del capital y de los medios de producción y concordantes en sus objetivos, y a convertir al Estado, como rector del bien común, en expresión superior de esa vida comunitaria, sin que sea posible que actúe al interés de grupos opresores. El Estado debe promover la expansión de la economía de acuerdo con una planificación general, democráticamente gestada, que coordine las actividades particulares y públicas, en que la libre iniciativa y el espíritu de lucro, como elementos estimulantes debe (sic) estar subordinados a las normas morales y al interés de la colectividad.²³⁷ (grifo nosso)

Esta visão que atribui ao Estado o papel de mediador de conflitos e garantidor dos interesses coletivos, advogada pelo Partido Democrata Cristão do Chile, é apresentada pela coleção como uma ingenuidade e também como uma utopia. Em suas páginas, os *Cuadernos de Educación Popular* se dedicam justamente a desmitificar a ideia do Estado como um aparato neutro e evidenciar que não existe a possibilidade de haver harmonia na sociedade enquanto houver propriedade privada dos meios de produção, como ratifica o trecho abaixo:

Mientras los medios de producción estén acaparados por unos pocos, las relaciones entre los hombres que los poseen y quienes no los poseen no podrán dejar de ser relaciones de explotación, de opresión, es decir, relaciones antagónicas, relaciones en que los intereses de un grupo se oponen absolutamente a los intereses del otro grupo. (...)

Este es un punto muy importante, ya que echa por tierra todas las ilusiones que plantean algunos acerca de la “colaboración entre obreros y patrones.”

Las relaciones entre obreros y patrones no podrán ser fraternales, amistosas, mientras las relaciones de éstos con los medios de producción no cambien, es

²³⁶ Partido Demócrata Cristiano. Documentos de la primera convención nacional: Resolución sobre política nacional, objetivos del partido. Santiago: Editorial del Pacífico, 1960, p.4

²³⁷ Declaración de principios del Partido Democrata Cristiano, 1957. In: http://www.archivochile.com/Partidos_burguesia/pdc/de/PBdepc0001.pdf

decir, **mientras no se termine con la propiedad privada capitalista de los medios de producción (...)**²³⁸ (Negrito original, grifo nosso)

Além de demonstrar a impossibilidade de qualquer tipo de conciliação entre trabalhadores/explorados e patrões/exploradores, evidenciando a falácia de discursos políticos como o democrata cristão, que preveem o estabelecimento de relações de solidariedade entre os diversos segmentos sociais a partir de reformas que não alterem radicalmente o modelo capitalista vigente, a coleção insiste em denunciar a atuação do Estado enquanto um aparelho de repressão a serviço das camadas dominantes, usado todas as vezes em que ela sente seus privilégios ameaçados:

(...) El Estado ha servido siempre a los intereses de quienes han tenido poder económico. Los gobiernos capitalistas en nuestro país han utilizado frecuentemente las fuerzas armadas y de carabineros para reprimir a los trabajadores cuando sus luchas ponían en peligro su sistema de dominación: allí están como mudos testigos las numerosas masacres en las que la clase obrera ha derramado su sangre.²³⁹ (grifo nosso)

Ademais, este discurso acerca da neutralidade do Estado defendido pela DC é desmontado pelas autoras também por meio de imagens, como a apresentada a seguir:

²³⁸ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. **Explotación Capitalista**. 4ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 35.

²³⁹ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. Op. Cit., pp. 39-40.

Figura 31



CEP Nº 12, Alianzas y frente político, p. 38

Nela verificamos novamente jornais sobrepostos que fazem menção ao diálogo e às negociações que estavam sendo travadas entre a Democracia Cristã e a Unidade Popular acerca da Reforma Constitucional, que objetivava definir regras para a conformação de uma das principais bandeiras do governo Allende para o campo econômico: a construção da chamada Área de Propriedade Social (APS).

Os embates entre o Partido Democrata Cristão e a Unidade Popular sobre essa pauta foram bastante longos e marcados por fortes polêmicas. Os maiores pontos de divergência se referiam à lista de empresas que integrariam a AP e à participação do Estado na administração destas empresas.

Segundo Sergio Bitar, a DC era favorável à elaboração e aplicação de uma lei

para cada empresa, enquanto a UP defendia que a reforma constitucional deveria promover a estatização de várias empresas de uma só vez. Além disso, o Partido Democrata Cristão advogava que as empresas da APS deveriam ser controladas pelos seus próprios trabalhadores, enquanto a UP definia que tais firmas “(...) *deberiam manter uma relação estreita com a máquina de planificação, refletindo os interesses de todos os trabalhadores e não apenas daqueles que trabalhavam em cada empresa.*”²⁴⁰

Ocorreram várias negociações, e em fevereiro de 1972, o projeto de Reforma Constitucional elaborado pela DC foi aprovado pelo parlamento chileno. Como boa parte das resoluções sancionadas iam contra a proposta idealizada pela UP para a Área de Propriedade Social²⁴¹, o governo Allende optou por vetar tais disposições, entrando em choque com a oposição.

Após várias tentativas de diálogo frustradas, as conversações entre a UP e o setor progressista da DC (liderado por Radomiro Tomic e Renan Funtealba) foram retomadas em junho do mesmo ano, e culminaram na organização de alguns eixos que buscaram conciliar as posições da UP e da DC no tocante à forma como as empresas deveriam ser estatizadas e quem deveria ficar encarregado de sua administração. As expectativas em torno da possibilidade de acordo, entretanto, foram frustradas quando a ala direitista assumiu o comando da DC, minando qualquer possibilidade de aprovação da Reforma Constitucional em novos termos.

A imagem presente no *Cuaderno de Educación Popular* número 12, denominado “*Alianzas y Frente Político*” faz menção a essas negociações e evidencia que, a despeito da esperança que havia em torno da assinatura de um acordo entre DC e UP em relação à Reforma Constitucional, como deixam transparecer as manchetes dos jornais que compõem a parte inferior da imagem (“*En la puerta del horno: acuerdo Gobierno-UP*” e “*Gobierno y la DC estudian acuerdo referente a la Reforma Constitucional*”), o que prevaleceu na realidade foi o interesse da classe que o Partido Democrata Cristão de fato representava: a elite chilena.

Isso fica claro ao observarmos as datas colocadas na parte inferior e superior da imagem: enquanto a primeira, que traz as manchetes que atestam a expectativa em

²⁴⁰ BITAR, Sergio. **Op. Cit.**, pp. 138 e 139.

²⁴¹ Segundo Sergio Bitar, o projeto apresentado pela DC excluía empresas manufatureiras da APS, eliminava as atribuições legais que o governo Allende dispunha para realizar a compra de empresas, anulava todas as aquisições realizadas pelo Estado chileno após outubro de 1971 e estabelecia que a administração das empresas estatizadas ficaria a cargo dos trabalhadores. In: BITAR, Sergio. **Op. Cit.**, p. 158.

torno do fechamento de um acordo entre DC e UP, é relacionada ao período de junho de 1972, a segunda, em contrapartida, associada a março de 1973, deixa claro que a Democracia Cristã rompeu com a Unidade Popular e se aliou ao Partido Nacional com o objetivo de frear as transformações socioeconômicas realizadas pelo governo Allende.

O homem de terno e a mulher bem vestida que aparecem na parte superior da imagem representam a elite chilena e estão associados, respectivamente, ao Partido Nacional e ao Partido Democrata Cristão, como podemos inferir a partir das siglas que aparecem sobre suas cabeças e pelos símbolos que estes personagens carregam (a estrela na lapela do terno e a seta que a mulher segura são símbolos do PN e do PDC). Ambos demonstram ter os mesmos interesses ao expressarem descontentamento com o quadro então vigente e ao afirmarem o desejo comum de voltar à situação anterior.

A fala do homem “*Pensar que em mis três fundos explotaba 200 inquilinos*” deixa explícito o seu incômodo pela perda de um privilégio e atesta, por outro lado, que a exploração diminuiu. Trata-se, pois, de uma frase que reforça o compromisso do Partido Nacional com os interesses da elite chilena e que sugere, ao mesmo tempo, que as mudanças efetuadas pelo governo Allende foram responsáveis por modificar a exploração que antes vigorava.

Os dizeres da mulher, por sua vez, ao corroborarem o sentimento de frustração e saudosismo enunciados pelo homem, deixam explícito ao leitor que a despeito de seu discurso conciliador e abrangente, o Partido Democrata Cristão não é um partido capaz de responder aos anseios da classe trabalhadora chilena. Mostra, ao contrário, que se trata de um partido que compartilha dos mesmos interesses do Partido Nacional e que representa a classe dominante e sua vontade de manutenção do *status quo*.

Apesar de todas estas críticas à Democracia Cristã e as suas disposições político-ideológicas, é interessante notar que o tom delas é brando se compararmos às menções (muito menos recorrentes) que a coleção faz ao Partido Nacional. Nestas, as autoras são contundentes em seus julgamentos: associam-no ao fascismo e o acusam de não se preocuparem com o bem nacional por estar comprometido com ambições da burguesia ligada ao imperialismo.

As censuras dirigidas ao Partido Democrata Cristão, em contrapartida, são muito mais voltadas a apontar os limites e erros de interpretação da realidade política chilena do que destinadas a condenar os propósitos e políticas desenvolvidas por essa organização. A moderação da publicação pode, a nosso ver, ter relação com os difíceis

diálogos que a Unidade Popular tentou estabelecer com a Democracia Cristã no período com o intuito de garantir um mínimo de condições de governabilidade, que certamente seriam prejudicados se o governo Allende e seus partidários assumissem uma postura de crítica mais incisiva e violenta.

Ademais, não podemos deixar de destacar que durante o final da década de 1960 e início dos anos 1970 o Partido Demócrata Cristão esteve marcado por uma série de disputas internas, que resultaram em vários rachas²⁴² e provocaram a formação de dois setores que se opunham e lutavam para estabelecer sua hegemonia dentro do partido: uma ala mais progressista e a ala conservadora. A primeira, liderada por Radomiro Tomic, Renan Funtealba, Gabriel Valdés e Bernardo Leighton, apoiava o estabelecimento de acordos com a Unidade Popular e respaldava as transformações socioeconômicas defendidas pelo governo Allende; a segunda, por sua vez, encabeçada por Eduardo Frei, Rafael Monero e Patricio Aylwin, voltava-se à direita do espectro político e se colocava contra as modificações das estruturas socioeconômicas propostas pela UP.²⁴³

Segundo Joan Garcés, fazia parte da estratégia política do governo Allende incentivar a polarização e as contradições internas do PDC, pois acreditava-se que isso abriria caminho para a divisão definitiva de suas duas alas e culminaria numa aproximação e incorporação dos setores progressistas da Democracia Cristã à Unidade Popular.

Esse elemento nos ajuda a entender porque as autoras, em alguns momentos, fazem questão de apontar a existência do setor freísta e da ala progressista do PDC, não tratando a DC como um bloco homogêneo. Em trecho já citado nesta dissertação,

²⁴² Em 1968, elementos dissidentes do Partido Demócrata Cristão formaram o MAPU, Movimiento de Acción Popular Unitaria), que será um dos partidos políticos que comporá a coalizão da Unidade Popular. De acordo com Kathleen Fischer, este grupo, liderado por Jacques Chonchol, rompeu com a democracia cristã por defender mudanças mais radicais e profundas na estrutura socioeconômica do Chile, especialmente no campo, onde advogavam a realização de uma reforma agrária mais ampla do que aquela que estava sendo colocada em prática pelo governo Frei. In: FISCHER, Kathleen. **Political Ideology and educational reform in Chile (1964-1976)**. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications University of California, 1979, p. 61. Outro racha ocorreu em julho de 1971, quando um setor de esquerda do PDC abandonou o partido para compor a *Izquierda Cristiana*, que também acabou se incorporando à Unidade Popular. In: GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. São Paulo: Scrittd Editorial, 1993.

²⁴³ Este último grupo mostrou-se majoritário dentro do Partido Demócrata Cristão e teve grande participação nos planos sediciosos para a derrocada do governo Allende, tendo apoiado a greve patronal de outubro de 1972 e a greve na mina *El Teniente*, que desestabilizaram fortemente a Unidade Popular. Nestes dois episódios, o governo Allende tentou estabelecer negociações com os líderes do PDC de modo a convencê-los a apoiar a suspensão dos movimentos, porém não houve sucesso. BITAR, Sergio. **Transição, socialismo e democracia. Chile com Allende**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

podemos notar que Harnecker e Uribe destacam que é o grupo liderado por Frei que representa os interesses da burguesia monopolista ligada ao capital estrangeiro, como podemos observar na frase: “*Los partidos que mejor representan a este sector (burguesia monopolista) son el Partido Nacional, llamado así a pesar de que tiene posiciones de clase claramente imperialistas; la Democracia Radical y el sector freísta de la DC.*”²⁴⁴ (grifo nosso)

Este excerto deixa entrever que as autoras defendem a ideia de que não é a totalidade do PDC que se identifica com os interesses da elite e do capital estrangeiro. Entretanto, isso não significa que haja, na coleção, uma identificação plena e irrestrita do setor progressista da DC e suas pautas com o projeto defendido pela Unidade Popular, como demonstra o trecho subsequente, retirado do *Cuaderno de Educación Popular* número 11, intitulado “*Estrategia y tactica*”:

Por otro lado, si bien la mayoría del pueblo pedía cambios drásticos, como indicó la votación alcanzada por las candidaturas de Allende y Tomic (63%), sólo un poco más de un tercio de la población fue capaz de pronunciarse por un programa que pretendía iniciar la construcción del socialismo en nuestro país.²⁴⁵

Embora a votação obtida pelo democrata cristão Radomiro Tomic nas eleições presidenciais de 1970 seja equiparada à de Allende pelo fato de ambas representarem o anseio do povo chileno por mudanças profundas, demonstrando que existem grupos dentro da DC que defendem transformações socioeconômicas tal como os partidos de esquerda, Harnecker e Uribe fazem uma ressalva importante, que salienta a diferença fundamental entre as duas agremiações partidárias: a despeito das pautas progressistas do programa do PDC, apenas a Unidade Popular propõe a construção do socialismo no Chile, ou seja, somente ela propõe uma ruptura total com a ordem vigente.

Notamos, portanto, que as críticas feitas pelas autoras ao PDC são brandas e tendem a destacar a insuficiência das políticas por ele levadas a cabo pelo fato de que a própria Unidade Popular vislumbrava uma possibilidade de aliança com o setor progressista da Democracia Cristã, o que impedia o emprego de um discurso mais violento e incisivo contra esse grupo político.

Nesse sentido, é curioso observar que o tom usado pelas autoras para criticar

²⁴⁴ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. CEP nº4, **Lucha de clases**, volume II. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 24.

²⁴⁵ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. CEP Nº11, **Estrategia y Tactica**, 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 26.

setores da esquerda que discordavam dos métodos defendidos pelo governo Allende seja bem mais contundente do que as críticas desferidas contra alguns grupos opositores como o Partido Democrata Cristão, como mostraremos no item subsequente.

3.2. As dissensões da esquerda durante o governo Allende

A ascensão da Unidade Popular ao poder a partir da vitória eleitoral de setembro de 1970 intensificou as disputas político-ideológicas no Chile, que não se restringiram apenas à forte polarização verificada entre esquerda e direita e seus projetos marcadamente díspares.

O projeto da via pacífica ao socialismo encabeçado por esta coalizão, que objetivava a aproximação da meta socialista a partir dos mecanismos legais e institucionais do Estado Democrático de Direito, foi um dos grandes responsáveis por suscitar debates inflamados dentro da própria esquerda chilena, tendo motivado esperança e apoio em alguns setores e desconfiança e rechaço em outros.

Tais posturas antagônicas diante deste projeto acabaram por provocar a divisão da esquerda chilena em dois grupos: os rupturistas e os gradualistas²⁴⁶, que apesar de assumirem a revolução socialista como um objetivo comum, dissentiam intensamente no tocante aos métodos a serem utilizados para atingi-la.²⁴⁷

A vertente gradualista era defendida pelo Partido Comunista do Chile, e contava com o apoio do Partido Radical, de um setor do *Movimiento de Acción Popular Unitario*, denominado MAPU *obrero-campesino*, e de um segmento do Partido Socialista do Chile, do qual Salvador Allende fazia parte. Este grupo defendia a possibilidade de se aproximar da meta socialista através da institucionalidade democrática, num claro diálogo com as resoluções do XX Congresso do Partido

²⁴⁶ Optamos por manter a denominação utilizada no Chile para referirmo-nos a este grupo. A vertente gradualista chilena corresponde à perspectiva etapista que orientou o Partido Comunista Brasileiro nas décadas de 30 e 40.

²⁴⁷ Trabalhos recentes têm se preocupado em questionar essa divisão da esquerda chilena entre esses dois grupos binários, como é o caso do historiador Marcelo Casals Araya. Em sua obra *“El alba de una revolución. La izquierda y el proceso de construcción de la “vía chilena al socialismo” 1956-1970”*, ele afirma que é necessário levar em conta que determinados setores, em dados períodos se ancoraram em um retórica rupturista inflamada, mas não abandonaram a prática sistêmica, ou seja, continuaram participando de disputas eleitorais e alianças partidárias, como é o caso do Partido Socialista Chileno. Apesar disso, acreditamos que essa divisão continua sendo válida para mapear os posicionamentos destes partidos políticos e seus enfrentamentos. Mais informações em: CASALS ARAYA, Marcelo. **El alba de una revolución. La izquierda y el proceso de construcción de la vía chilena al socialismo”, 1956-1970**. Santiago: LOM Ediciones, 2010.

Comunista da União Soviética, ocorrido em 1956²⁴⁸. Advogava, ainda, a tese da revolução em etapas, que definia ser necessário, num primeiro momento, superar os atrasos e os resquícios feudais do Chile por meio de uma completa transição ao capitalismo, para então existirem as condições materiais imprescindíveis ao desenvolvimento da revolução socialista.²⁴⁹

Tal perspectiva etapista da revolução fazia com que os gradualistas defendessem a possibilidade do proletariado aliar-se com os setores progressistas da sociedade chilena na primeira fase da revolução, denominada democrático-burguesa. O pacto estabelecido entre a classe trabalhadora e a pequena burguesia teria como intuito fundamental a derrota de um inimigo comum: o imperialismo e a burguesia monopolista a ele associada.

Já a vertente rupturista, (liderada pela maioria do Partido Socialista do Chile e do MAPU, bem como pelo *Movimiento Izquierda Revolucionaria* (MIR)²⁵⁰), negava a via pacífica como meio de se chegar ao socialismo e rechaçava a possibilidade de qualquer tipo de associação, ainda que momentânea, a setores burgueses, por acreditar que estes jamais seriam capazes de renunciar a seus privilégios em nome da construção de uma sociedade mais justa. Defendia, ainda, que o Estado fora criado com o intuito de garantir a manutenção das regalias das classes dominantes e assegurar a exploração do proletariado, e que jamais poderia renunciar a sua natureza classista. Nesse sentido, só a destruição do Estado burguês e a tomada do poder através da luta armada eram

²⁴⁸ O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética foi marcado pelo reconhecimento e denúncia dos crimes cometidos por Stálin, além da afirmação da possibilidade de se chegar ao socialismo sem recorrer à luta armada. Esta tese estava intimamente ligada ao princípio da coexistência pacífica, que propunha o estabelecimento de melhores relações entre Estados Unidos e União Soviética, a partir da defesa da coexistência de sistemas socioeconômicos opostos (no caso, o capitalismo e o socialismo). Este encontro provocou, segundo alguns autores, o enfraquecimento da liderança soviética no movimento comunista internacional, já que suas proposições despertaram a oposição de partidos comunistas importantes no cenário mundial, como é o caso do Partido Comunista Chinês. Este partido qualificou as posições de Moscou como uma traição à luta revolucionária e reivindicou-se enquanto o verdadeiro líder do Movimento Comunista Internacional. O Partido Comunista do Chile, diante da contenda sino-soviética, acabou por apoiar as resoluções do PCUS. Para mais detalhes, ver: HELLER, Claude. Op. Cit.

²⁴⁹ Julio Pinto Vallejos afirma que para esta vertente, era necessário “ (...) *completar el tránsito al capitalismo, incluyendo tareas pendientes de la agenda “democrático-burguesa” como la reforma agraria, la industrialización y la recuperación de las riquezas básicas a la sazón bajo el control del capital imperialista. Solo desde allí, se argumentaba, podría acometerse con mayores probabilidades de éxito la construcción de la utopía socialista.*” In: PINTO VALLEJOS, Julio (org.) **Cuando hicimos historia – la experiencia de la Unidad Popular**. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 16

²⁵⁰ O MIR, movimento de inspiração guevarista, foi uma das organizações de esquerda que mais fortemente se opuseram à proposta da via pacífica ao socialismo. Entretanto, com a vitória de Allende, viu-se obrigada a reconhecer a legitimidade da proposta, embora sem jamais deixar de lado sua crítica ao projeto, defendendo a necessidade de tomada do poder através da luta armada.

consideradas por este grupo como os meios corretos para se construir a sociedade socialista.²⁵¹

Estas divergências estratégicas e os conflitos verificados dentro da esquerda chilena durante o governo de Salvador Allende foram alvo de grande atenção dos historiadores. Prova disso é a existência de um número significativo de trabalhos que se preocupam em trazer à tona estas dissensões, discutindo a história destes partidos e as relações (de ruptura, aproximação e colaboração) que se estabeleceram entre eles em distintos contextos.²⁵²

Boa parte destes trabalhos pautou sua análise em fontes como atas de Congressos, Declarações de Princípios, jornais produzidos pelos próprios partidos e cartas trocadas entre os dirigentes das diversas organizações envolvidas nesta contenda teórica, o que acabou restringindo a abordagem das disputas existentes dentro da esquerda chilena ao âmbito político.

Evidenciaram-se, neste sentido, os conflitos entre estes grupos por cargos dentro do governo, bem como a sua disputa por influência nas *poblaciones* e no comando das empresas estatizadas que passaram a integrar a Área de Propriedade Social, mas pouco se fala acerca do confronto verificado entre rupturistas e gradualistas no campo cultural e no uso que estes grupos fizeram deste espaço para disseminar seus pressupostos político-ideológicos visando estabelecer uma hegemonia das suas concepções e projetos.

Refletindo acerca das divergências existentes entre os partidos de esquerda do Chile, Alfredo Riquelme Segovia afirma que o debate estratégico foi permeado de forte carga ideológica na medida em que se expressou enquanto uma disputa entre narrações

²⁵¹ Estas teses da vertente rupturista mostram-se presentes em vários documentos produzidos pelas organizações que a compunham. No caso do Partido Socialista do Chile, estas concepções são explicitadas nas declarações do XXII Congresso do Partido Socialista Chileno, ocorrido em 1967 e também conhecido como “Congresso de Chillán.” A resolução número 2 do referido encontro define que “*La violencia revolucionaria es inevitable y legítima. Resulta necesariamente del carácter represivo y armado del Estado de clase. Constituye la única vía que conduce a la toma del poder político y económico y a su ulterior defensa u fortalecimiento. Sólo destruyendo al aparato burocrático y militar del Estado burgués, puede consolidarse la revolución socialista.*”

²⁵² Um dos trabalhos mais exemplares no que diz respeito a esta temática é a obra de Leopoldo Benavides Zamora, que se preocupa em analisar as relações entre os partidos Comunista e Socialista desde o período do seu surgimento (década de 30) até a vitória eleitoral da Unidade Popular, em 1970. IN: BENAVIDES ZAMORA, Leopoldo. **La formación de la izquierda chilena: relaciones entre el Partido Comunista y el Partido Socialista: antecedentes históricos.** Santiago: FLACSO, 1988, pp. 1 -44.

alternativas que se colocavam como corretas.²⁵³ Neste sentido, o autor atesta que durante o governo Allende

Competían diversos discursos sobre la *historia en marcha* de matriz leninista, teniendo cada uno como protagonista a la propia organización revolucionaria y como antagonistas – o aliados más o menos circunstanciales – a todos los participantes en la lucha por el poder. Esta narración consideraba también como antagonistas del progreso a los propios revolucionarios que se apartaban de la versión ortodoxa, que no era sino la producida por los órganos dirigentes y los líderes institucionales de la organización revolucionaria correspondiente. Del mismo modo, situaba como protagonistas del progreso a quienes, sin estar afiliados a esa organización revolucionaria, hacían suyo su relato sobre el mundo actual.²⁵⁴ (grifo meu)

A Editora *Quimantú*, uma das instituições-símbolo da política cultural do governo da Unidade Popular, foi um importante veículo de difusão destas narrativas das organizações de esquerda que lutavam por se estabelecer preponderantes.

O êxito de sua política de massificação do livro, pautada em altas tiragens, preços reduzidos e distribuição em novos canais, (os quiosques, que permitiam suprir a disposição espacial irregular das livrarias no Chile, atingindo um número maior de pessoas), fez com que muitos partidos de esquerda vissem na Editora do Estado uma possibilidade de veicular amplamente seus princípios ideológicos. Não à toa, diversas organizações buscaram inserir-se neste projeto editorial, visando não apenas produzir publicações que difundissem suas concepções políticas, mas que combatessem as visões contrárias.

A esse respeito, Bernardo Subercaseaux afirma:

La activación estatal de la industrial del libro, canalizada a través de Quimantú, estará por lo tanto desde el primer momento mediada por los partidos que integran la UP, por la identidad ideológico-cultural de los sectores sociales que representan esos partidos, y por la capacidad de presión que tiene cada uno de ellos respecto al Estado. A fin de cuentas se reconoce

²⁵³ RIQUELME SEGOVIA, Alfredo. **Rojo atardecer: el comunismo chileno entre ditadura y democracia.** Santiago: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2009, p. 85.

²⁵⁴ RIQUELME SEGOVIA, Alfredo, Op. Cit., p. 86.

así que el campo cultural no es neutro y que forma parte del campo ideológico-político en disputa.²⁵⁵

Nesse sentido, muitas das coleções publicadas pela Editora do Estado entre 1971 e 1973 deixam transparecer não apenas as divergências ideológicas existentes entre os partidos de esquerda naquele contexto, mas demonstram como os livros se tornaram um importante mecanismo de confrontação entre perspectivas e projetos distintos que tentavam se consagrar como vencedores dentro do processo revolucionário chileno.

As publicações de cunho político publicadas pela Editora Estatal são as que deixam transparecer de maneira mais clara as vozes dissonantes da esquerda que lutavam por estabelecer sua hegemonia nos terrenos cultural e político. No caso dos *Cuadernos de Educación Popular*, veremos que as críticas a determinados grupos da esquerda e a defesa de dadas perspectivas táticas são elementos que permitem evidenciar o uso que determinados setores fizeram do âmbito cultural com o intuito de disseminar seus pressupostos político-ideológicos em detrimento das perspectivas defendidas por outras organizações, além de possibilitarem revelar o comprometimento da coleção com uma das vertentes táticas em disputa.

3.2.1 Partidos de esquerda, uni-vos: política de alianças e o combate ao sectarismo nos Cuadernos de Educación Popular.

Um dos elementos que permite demonstrar com maior clareza a inserção dos *Cuadernos de Educación Popular* nos debates que então movimentavam a esquerda é a preocupação das autoras em advogar um posicionamento frente à questão da política de alianças.

Esta temática recebeu considerável destaque dentro dos *Cuadernos de Educación Popular*, tendo sido apontada, em diversos momentos, como um elemento fundamental para se garantir o sucesso do processo revolucionário, como se observa logo no prólogo do primeiro volume:

Si queremos transformar nuestra sociedad en una nueva sociedad, tenemos que ser capaces, por una parte, de comprender cuáles son las características fundamentales de ella en la actualidad: cómo se explica su carácter capitalista dependiente, qué papel ha jugado el imperialismo en nuestra situación actual

²⁵⁵ SUBERCASEAUX, Bernardo. **La industria editorial y el libro en Chile (1930-1984): ensayo de interpretación de una crisis**. Santiago: CENECA, 1984, p. 45

de subdesarrollo, y, por otra parte, determinar con qué fuerzas sociales cuenta la clase obrera para luchar contra esa situación: ¿con la llamada “burguesía nacional”, o sólo con una parte de la burguesía, o sólo con la pequeña burguesía?²⁵⁶ (grifo meu)

Responder a este questionamento mostra-se enquanto uma das preocupações centrais dos *Cuadernos de Educación Popular*. Através da construção de determinadas representações em torno de alguns grupos e classes que compõem a sociedade chilena, as autoras deixam transparecer, em vários momentos, o intuito de convencer seus leitores acerca de existência de uma correlação de forças “ideal”, a partir da definição de quais setores poderiam ser considerados amigos do proletariado no processo de luta revolucionária e quais eram os inimigos que ofereciam ameaça à construção da nova sociedade.

Embora vários volumes tragam à tona a questão da política de alianças, seja textualmente ou por meio de esquemas explicativos, este tema adquire maior centralidade nos dois volumes dedicados a abordar a luta de classes.

Logo na introdução do CEP *“Lucha de clases – volumen I”*, é possível observar que Harnecker e Uribe reiteram de maneira explícita a necessidade de se definir quais são os setores aliados da revolução e quais são os seus inimigos, alertando que somente as experiências revolucionárias que fizeram uma leitura correta da correlação de forças a ser estabelecida foram vitoriosas:

¿Quienes son nuestros enemigos? ¿Quienes son nuestros amigos? Esta es una cuestión primordial para la revolución. Las luchas revolucionarias que han triunfado han sido aquellas en que los revolucionarios supieron unirse con sus verdaderos amigos y combatir a sus verdaderos enemigos.²⁵⁷

Embora as autoras elaborem caracterizações acerca de vários grupos e classes sociais que compõem a sociedade chilena (tais como burguesia, proletariado urbano e rural, funcionários do Estado, latifundiários, intelectuais, supervisores e administradores de empresas) com o objetivo de classificá-los nos pares dicotômicos de “amigos” e “inimigos” da revolução e assim construir a defesa de uma determinada concepção acerca da política de alianças a ser adotada, nota-se que a ênfase desta discussão recai sobre um dos pontos de maior querela naquele contexto: a determinação do lugar da

²⁵⁶ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y Explotadores**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971, pp. 5 e 6

²⁵⁷ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de clases volume I**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p 9.

burguesia dentro do processo revolucionário chileno.

A argumentação construída por Harnecker e Uribe para responder a esta polêmica questão fundamenta-se, em grande medida, na negação da representação da burguesia como uma classe homogênea, já que elas realizam sua divisão em três grupos fundamentais: a burguesia monopolista, a grande burguesia não-monopolista e os médios e os pequenos capitalistas.

Por meio desta categorização, as autoras buscam, como veremos a seguir, destacar as contradições existentes entre estes setores que compõem a classe burguesa e assim legitimar a perspectiva que defende a possibilidade de o proletariado utilizar estes conflitos na luta contra inimigos mais poderosos, como o imperialismo,²⁵⁸ demonstrando o claro comprometimento da coleção com a difusão da estratégia de aliança advogada pela vertente gradualista.

Nas partes dedicadas à representação da burguesia monopolista, observamos o esforço em ratificar esta classe como uma das principais inimigas da revolução, por meio da evidenciação da maneira como ela não se encontrava comprometida com o real desenvolvimento da nação, devido a sua preocupação em aumentar seus lucros a partir do comércio e do estabelecimento de acordos com grupos internacionais.

Além disso, se ressalta o fato de a burguesia monopolista ter tido seu crescimento socioeconômico atrelado à condição do Chile de país capitalista dependente, apontando que os lucros de que ela dispõe advinham justamente da sua posição de importadora de tecnologias e produtos manufaturados e exportadora de matérias-primas, o que jamais faria com que ela lutasse pela destruição do sistema que tanto a beneficiava.

No trecho a seguir, retirado do CEP *“Lucha de clases - volumen II”*, a preocupação em denunciar a ligação deste grupo com os interesses imperialistas mostra-se explícita no item destinado a explicar quem são *“Los capitalistas monopolísticos”*:

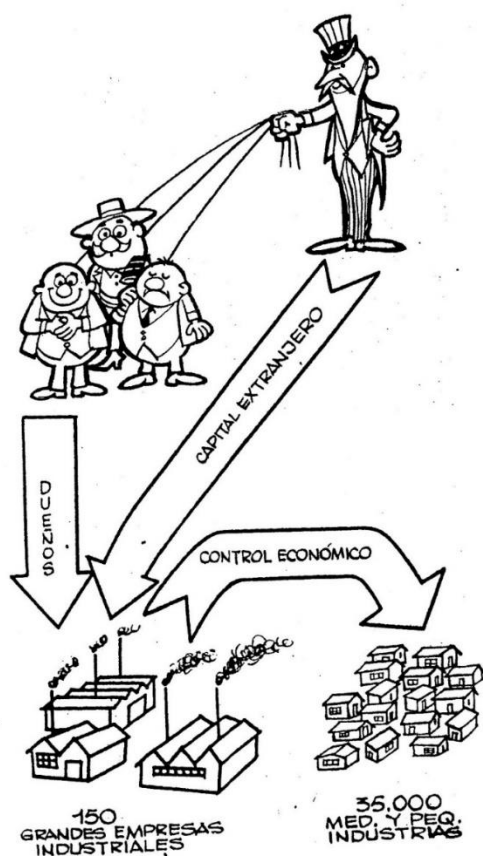
(...) son una ínfima minoría, pero son los dueños de las empresas más importantes del país, aquellas que controlan al resto de las empresas de la rama, tanto fábricas como compañías de seguros, grandes bancos y empresas distribuidoras. Muchos de ellos, además, son dueños de grande latifundios.

²⁵⁸ Esta ideia que baseia a divisão da burguesia nas categorias citadas pode ser observada no seguinte trecho: *“Lo primero que debemos preguntarnos es si la burguesía en nuestro país constituye un solo bloque inseparable o si, dentro de esa clase, existen contradicciones importantes que nos permiten atacar en forma aislada a un sector de ésta, tratando de ganar, o al menos neutralizar, a los otros sectores en esta etapa del proceso.”* In: HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de clases volume II**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 22.

Todos dependen estrechamente en sus negocios de la burguesía extranjera, en particular norteamericana. Por este motivo los intereses de este sector de la burguesía chilena están ligados a los intereses de la burguesía imperialista internacional. Estos capitalistas son capaces de vender a la patria con tal de salvar el bolsillo.²⁵⁹ (grifo meu)

Neste excerto, é possível notar que os burgueses monopolistas aparecem como pessoas preocupadas unicamente com seus lucros, mesmo que este seja obtido às custas do desenvolvimento efetivo da nação chilena e sua soberania, como atesta a contundente frase que afirma que “*estos capitalistas son capaces de vender a la patria con tal que salvar el bolsillo*”. Além disso, aponta-se a proximidade destes grupos com a burguesia estrangeira, em especial a norte-americana, aspecto que é criticado pela coleção também através de charges, como se observa abaixo:

Figura 32



CEP nº 4, **Lucha de clases**, volumen II, p. 25

²⁵⁹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de Clases – volumen II**. 1 edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 24.

A charge acima traz uma forte crítica à dependência de determinados setores da sociedade chilena ao capital estrangeiro. Os dois burgueses e o latifundiário (identificado a partir do chapéu e das botas) são demonstrados nesta imagem como meros títeres da burguesia norte-americana, que aparece representada pelo burguês com a cartola e a barba características do Tio Sam, figura-símbolo do imperialismo estadunidense. Ademais, a imagem denuncia claramente a formação de monopólios, já que mostra que um número pequeno de indústrias (150, de acordo com a imagem), pertencente a esta burguesia ligada ao capital internacional, é responsável por controlar um vasto número de pequenas e médias indústrias (35.000).

O comprometimento e dependência da burguesia monopolista em relação ao capital estrangeiro aparecem também no CEP intitulado “*Imperialismo y dependencia*”, que procura explicar as origens do subdesenvolvimento chileno, os problemas dele advindos e quais classes se beneficiam da condição do Chile de país capitalista dependente. Neste volume, as autoras apontam que a íntima relação da burguesia monopolista com grupos estrangeiros é um dos fatores que contribui para a manutenção da dependência econômica do Chile e sua subserviência aos interesses das grandes potências, como nota-se a seguir:

Esta burguesía (a burguesia monopolista) no puede ser denominada “burguesía nacional” porque está ligada al imperialismo, sus intereses tienden a ser los intereses de la metrópoli y, por lo tanto, no tiene ningún proyecto de desarrollo económico verdaderamente nacional que ofrecer. (...) Los intereses de esta burguesía monopolica **contribuyen al bloqueo de nuestro desarrollo y a acentuar nuestra dependencia del capital norteamericano.**²⁶⁰ (negrito original e grifo meu)

Aqui, elas reforçam a imagem negativa da burguesia monopolista ao rechaçarem o emprego do adjetivo “nacional” para caracterizá-la, pois afirmam que ao invés de preocupar-se e comprometer-se com um projeto genuíno de desenvolvimento da nação chilena, este grupo se curva aos interesses imperialistas e a eles se alia com o intuito exclusivo de aumentar seus lucros, condenando o Chile ao subdesenvolvimento e à dependência.

Ademais, é interessante observar que o uso da palavra “metrópole” para designar os grupos estrangeiros que exploravam o Chile tem o claro intuito de relacionar a

²⁶⁰ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Imperialismo y dependencia**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, pp. 47 e 48

situação vigente no país com o passado de exploração vivido pelo Chile quando este era colônia da Espanha, de modo a transmitir ao leitor a ideia da perpetuação da condição de país explorado por interesses estrangeiros, ainda que sob novos moldes, e a conivência da burguesia monopolista com essa situação.

Além destes elementos que demonstram a incompatibilidade dos projetos idealizados pela burguesia monopolista e os interesses dos trabalhadores, é importante ressaltar que a imagem de “inimigos da revolução” conferida àquela classe emerge também do esforço realizado por Harnecker e Uribe em evidenciar a faceta gananciosa e individualista dos setores burgueses, como se observa no excerto abaixo, retirado do CEP número 3, “*Monopolios y miseria*”:

El interés de la clase capitalista es ganar siempre más, es aumentar, a través de todos los medios posibles, sus ganancias. Y es con este fin y sólo con este fin que instala fábricas, empresas comerciales y bancos. A la clase capitalista no le interesa para nada el bienestar del pueblo, como lo veremos aquí; sólo le interesa aumentar el dinero que llega a su bolsillo.²⁶¹

A partir deste trecho nota-se a preocupação em desmitificar a ideia de que as ações e atividades desempenhadas pelos capitalistas têm como objetivo o crescimento e desenvolvimento da sociedade chilena. De maneira bastante direta, as autoras assinalam que este grupo está unicamente preocupado com o aumento de seus lucros, e não com a melhoria das condições de vida do povo e da nação, reforçando, dessa maneira, o argumento que refuta a possibilidade de colaboração entre a classe trabalhadora e a burguesia monopolista.

O mesmo se dá com relação a burguesia não-monopolista. As autoras definem esta classe enquanto um grupo dotado de grandes empresas que contam com alta produtividade e tecnologia, e que, embora não ligado diretamente ao capital estrangeiro, apresenta grandes pretensões de associar-se a ele com o intuito de aumentar seus lucros, o que faria com que este grupo dificilmente se aliasse aos trabalhadores na luta contra o imperialismo e contra o sistema capitalista.

Por isso, apesar de não utilizarem a denominação “inimigos” para se referirem a este setor como fazem com relação à burguesia monopolista, Marta Harnecker e Gabriela Uribe evidenciam que esta fração não pode ser considerada aliada do proletariado devido a sua proximidade e confluência de interesses com um dos

²⁶¹ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Monopolios y miseria**. 3ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 8.

principais opositores do processo revolucionário.

Já no que diz respeito aos pequenos e médios burgueses, é possível notar que a coleção procura aproximá-los do proletariado, demonstrando que estas classes apresentam interesses opostos àqueles defendidos pelos setores monopolistas, compartilhando, portanto, um inimigo comum, elemento que viabilizaria uma aliança com o intuito de enfraquecê-lo.

Os pequenos e médios burgueses são apresentados como os donos de pequenas e médias indústrias que dispõem de tecnologia atrasada e que empregam pouca mão-de-obra (sendo que muitas vezes eles próprios e seus familiares têm que trabalhar nestas empresas). De acordo com a coleção, este grupo sofre com a concorrência imposta pelas grandes corporações e monopólios ligados ao capital estrangeiro (que contam com uma tecnologia superior) e acabam se tornando reféns dos interesses destas grandes empresas, como se exemplifica no trecho abaixo:

De hecho, estos capitalistas monopólicos fijaban a su antojo los precios de los productos, perjudicando a los empresarios medianos y pequeños que se veían obligados a comprarles materias primas a precios más altos; exigían de éstos la entrega de los productos que les eran necesarios, a precios convenientes para ellos; les fijaban la calidad y plazos de entrega; les restringían el crédito estatal, dejando sin crédito a los industriales pequeños y medianos, que son los que más lo necesitan. Entre los grandes capitalistas y los capitalistas medianos y pequeños se creaban, por consiguiente, intereses contradictorios.

El Programa de la UP tomó en cuenta estos intereses contradictorios y se propuso concentrar las fuerzas contra el capital monopólico, tratando de ganar, o por lo menos neutralizar, al resto de los capitalistas.²⁶²

A partir deste segmento, é possível observar que a explicitação dos prejuízos que os monopólios causam aos pequenos e médios burgueses tem o claro propósito de transmitir ao leitor a imagem da pequena burguesia como vítima da ganância monopolista. Com isso, a coleção objetiva aproximar proletários dos pequenos e médios empresários, demonstrando que mais do que um inimigo em comum, eles compartilham de uma situação de exploração, que embora não se apresente da mesma maneira e com a mesma intensidade para cada um destes grupos, é um elemento que permite estabelecer uma aliança entre eles.

²⁶² HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de Clases – volumen II**. 1ª edição Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 23

A evidenciação do caráter nocivo dos monopólios à pequena e média burguesia é apontada também, como a contradição fundamental que possibilita que este grupo some esforços ao proletariado na luta contra o capitalismo monopolista e o imperialismo, como se observa a seguir:

Este sector de la burguesía (formado pelos médios e pequenos capitalistas) es el que soporta, salvo algunas contadas excepciones, el peso más fuerte de los monopolios dentro del sector empresarial. No les conceden créditos, les imponen fuertes tributos, encarecen los medios de producción que les son necesarios, restringen arbitrariamente el mercado y, cuando les conviene, pueden decidir eliminarlos.

Estos capitalistas medianos y pequeños tienen, por lo tanto, intereses contradictorios con la gran burguesía monopólica y pueden, entonces, llegar a ser aliados del proletariado en la lucha contra los enemigos principales, sobre todo si se realiza una correcta política económica frente a ellos (...)²⁶³ (grifo meu)

Além destes elementos, outro fator extremamente importante mobilizado pelas autoras que dá mostras claras do seu intento de legitimar a aliança do proletariado com a pequena e média burguesias é a conjunção destas duas classes sob uma mesma categoria, como demonstra o excerto abaixo:

De lo dicho anteriormente, podemos concluir que todo el pueblo chileno: los obreros, los empleados, los estudiantes, los pobladores, los pequeños y medianos industriales y comerciantes, las dueñas de casa, saben que uno de sus enemigos principales son los grandes monopolios industriales y bancarios ligados al imperialismo.²⁶⁴

Mais do que aliados, proletários, médios e pequenos burgueses são apresentados, neste trecho, enquanto integrantes de um mesmo grupo: o povo chileno. Com isso, se evidencia de maneira explícita a concepção de aliança defendida pela coleção, que define que operários, pequenos e médios industriais e comerciantes encontram-se no mesmo lado na luta a ser travada contra os monopólios e o imperialismo.

A defesa da aliança com setores da pequena burguesia chilena aparece também por meio de imagens, como a reproduzida abaixo, retirada do *Cuaderno de Educación*

²⁶³ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. Op. Cit., p. 27

²⁶⁴ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Monopolios y miseria**. 3ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972, p. 41

Popular "Alianzas y Frente Político":

Figura 33



CEP nº 12, Alianzas y frente político, 1973, p. 15

Além da ardorosa defesa da aliança do proletariado com um determinado setor da burguesia, o comprometimento da coleção com as perspectivas gradualistas mostra-se também através das críticas que ela tece à posição rupturista, que negava a possibilidade de aproximação ou aliança com quaisquer setores burgueses.

A partir da atribuição de adjetivos negativos aos rupturistas e seus posicionamentos, nota-se o claro intuito dos *Cuadernos de Educación Popular* em

motivar o leitor a refutar as concepções defendidas por esse grupo e julgá-las incorretas frente às proposições adotadas pela esquerda gradualista, como poder ser observado no segmento abaixo, retirado do CEP “*Dirigentes y masas*”:

Son dogmáticos aquellos que son incapaces de distinguir las cuestiones de principio de las cuestiones de orden táctico. Ellos rechazan, por ejemplo, cualquier alianza con la burguesía sin hacer antes un análisis de la coyuntura política y de la correlación de fuerzas. Sólo ven el problema de principios: "la burguesía es una clase explotadora", y no ven el problema táctico de las contradicciones que se presentan en un momento dado dentro de la burguesía y que pueden permitir al proletariado concentrar fuerzas contra el enemigo principal; por ejemplo, en el caso chileno: el sector monopólico.²⁶⁵

No trecho acima, verifica-se que os rupturistas são acusados de “dogmáticos” por não serem capazes de adaptar os princípios do marxismo-leninismo às particularidades chilenas. Partindo deste diagnóstico, a coleção sugere que este grupo é incapaz de fazer uma análise correta da correlação de forças existente, já que se assume a burguesia como um bloco sem clivagens, desconsiderando, dessa maneira, as divergências internas que existiam entre os setores que a compõem, e que poderiam ser úteis ao proletariado em sua luta revolucionária.

Além das críticas tecidas ao posicionamento dos rupturistas no tocante à política de alianças, a coleção preocupa-se em condenar a opinião desta vertente com relação à via para se chegar ao socialismo, criticando duramente aqueles setores que insistem em desprezar a via pacífica em favor da luta armada.

Isso aparece de maneira explícita no CEP *Estrategia y tactica*, que traz uma forte crítica aos setores que defendem a luta armada em detrimento da via pacífica, e condena a análise daqueles que rechaçam qualquer tipo de aliança com parte da burguesia, como aponta-se a seguir:

No todos los sectores dentro y fuera de la UP estuvieron de acuerdo en el terreno electoral y la realización de tareas dentro de los marcos de la legalidad burguesa. Hubo quienes plantearon entonces la alternativa del voto o el fusil y quienes llamaron a la abstención electoral. La mayor parte de ellos ha ido reconociendo sus errores en esta materia.

(...) tampoco hubo acuerdo inicial en cuanto a la designación del enemigo principal: hubo quienes, aplicando en forma simplista el esquema de

²⁶⁵ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Dirigentes y masas**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 23

explotadores y explotados, no fueron capaces de reconocer las contradicciones secundarias, que podrían darse dentro de las clases dominantes. Ellos planteaban que el enemigo del momento era toda la burguesía industrial y agraria y, consecuentes con ese planteamiento, propiciaban la toma de industrias y fundos pequeños.²⁶⁶ (grifo meu)

O teor de crítica incisiva à perspectiva rupturista é demonstrado neste fragmento de maneira evidente. O emprego da palavra “simplista” para caracterizar a opção de aliança defendida pelo referido grupo mostra o claro intuito de desqualificar esta estratégia frente ao leitor da coleção, mostrando-a como limitada e até mesmo ingênuas.

Chama a atenção, ainda, a menção que a coleção faz às dissenções verificadas no tocante às estratégias para se chegar ao poder. Ao colocar que aqueles que haviam rechaçado as eleições em favor da alternativa armada estão reconhecendo seus erros, a coleção revela a faceta dogmática e até mesmo autoritária de seu próprio posicionamento: só as perspectivas estratégicas que ela advoga são corretas, enquanto as demais não passam de equívocos.

Isso é perceptível também quando observamos o discurso de união veiculado pela coleção, que se assenta, em grande medida na condenação incisiva de posturas consideradas sectárias: ao mesmo tempo em que os *Cuadernos de Educación Popular* conclamam a esquerda a unir-se para combater o inimigo e assim levar o movimento revolucionário à vitória, observa-se que esta união não busca a incorporação de perspectivas distintas. Trata-se de fazer com que estes setores abandonem suas posições e abracem aquelas defendidas pela UP, como se observa abaixo:

Tenemos que luchar contra el espíritu sectario que existe dentro de la UP, entre los propios compañeros de ruta. (...) Es necesario que ganemos para nuestra causa a todos los compañeros trabajadores. Pero sólo lograremos hacerlo si no los tratamos como enemigos, sino que tratamos de conversar, de discutir nuestros planteamientos y de demostrarles también en la acción y con nuestro ejemplo que nosotros tenemos la razón.²⁶⁷ (grifo meu)

Este trecho evidencia com clareza que não obstante o fato de se pregar o diálogo como um meio para se superar o espírito sectário, as autoras colocam os grupos envolvidos em posição desigual ao afirmarem que uma das perspectivas está correta ou

²⁶⁶ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Estrategia y tactica**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 29.

²⁶⁷ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Alianzas y frente político**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, 55.

“tem a razão”. Isso deixa transparecer a impossibilidade de coexistência das duas vertentes e, mais do que isso, evidencia que Harnecker e Uribe adotam uma postura de paternalismo frente aos setores que discordavam das proposições estratégicas definidas pela esquerda gradualista.

A questão do paternalismo em relação a alguns grupos mostra-se também no excerto a seguir, retirado do CEP “*Alianzas y frente político*”:

Contra los enemigos principales (*burguesía monopolista e imperialismo*) deben utilizarse la fuerza y la presión (...). Cuando se producen contradicciones en el seno del pueblo, la actitud a adoptar debe ser muy distinta. Es normal que existan opiniones diferentes en el seno de las masas populares. La confrontación de las diferentes opiniones es inevitable, necesaria y benéfica. Aquellos que plantean ideas erradas no deben ser tratados como enemigos del pueblo. No se debe utilizar contra ellos ni presión ni la burla ni ningún método de carácter autoritario. Los métodos que hay que utilizar para solucionar las contradicciones que surjan en el seno del pueblo deben ser fundamentalmente: la discusión, la crítica, la persuasión y la educación.²⁶⁸ (grifo meu)

Além da repetição da desqualificação das opiniões contrárias, apontadas aqui como “ideias erradas”, mostra-se claramente que o diálogo a ser travado com os grupos com pensamento divergente é, na realidade, um monólogo, já que ao interlocutor cabe apenas uma postura de aceitação diante da verdade que lhe é apresentada.

Chama atenção ainda o fato da coleção reiterar a necessidade de não se tratar os partidários de outras perspectivas como inimigos, quando várias vezes as autoras empregam metáforas extremamente agressivas para referirem-se aos grupos acusados de sectarismo, como se observa nas citações a seguir:

El sectarismo es como él cáncer: si no se opera a tiempo, causa la muerte. Ahora bien, de la misma manera en que existen personas más predispuestas al cáncer que otras, existen personas más predispuestas al sectarismo que otras. Estas son precisamente los dirigentes que por sentirse más responsables de su “secta” caen con más facilidad en las desviaciones señaladas; muchas veces predicán la unidad, pero con sus actitudes sectarias están causando la división.²⁶⁹ (grifo meu)

²⁶⁸ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Alianzas y frente político**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 51

²⁶⁹ HARNECKER, Marta; Uribe, Gabriela. **Dirigentes y masas**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú

Estamos viviendo momentos de gran transcendencia histórica, momentos en que se está jugando el destino del pueblo de Chile. En estos instantes, más que nunca, debemos combatir con todas nuestras fuerzas al peor virus que puede corroer el movimiento revolucionario por dentro: el sectarismo.²⁷⁰
(grifo meu)

As chamadas “metáforas médicas”, empregadas pelas autoras nos trechos acima, apresentam uma forte carga simbólica pelo fato de terem sido utilizadas ao longo da história pela propaganda de governos dos mais diversos matizes ideológicos,²⁷¹ com o intuito de desqualificar e até mesmo construir uma campanha de ódio em torno de seus adversários, como aconteceu nos regimes nazifascistas.

No caso da coleção, chama a atenção o fato de que estas imagens não são mobilizadas em nenhum momento para referir-se aos grupos definidos por ela como “inimigos da revolução”, como a burguesia monopolista e o imperialismo, mas sim para designar o sectarismo que existia dentro da própria esquerda chilena, sendo, portanto, um elemento que permite evidenciar o caráter visceral assumido pelas disputas verificadas entre os diversos grupos da esquerda naquele contexto.

As ácidas críticas veiculadas pela coleção sobre determinados grupos, bem como a fervorosa defesa que ela realiza acerca da aliança do proletariado com parte da burguesia atestam que o meio editorial também se constituiu enquanto um espaço de enfrentamento, para além das ruas e das esferas tradicionais de poder.

O comprometimento dos *Cuadernos de Educación Popular* com as propostas idealizadas pela esquerda gradualista, demonstrado acima, evidencia, ainda, que a publicação não cumpriu um papel relevante apenas no jogo de forças entre esquerda e direita, mas que ocupou-se também das contendas travadas no interior da esquerda chilena, buscando convencer seu leitor a apoiar um dos lados em disputa.

²⁷⁰ HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Alianzas y frente político**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973, p. 56

²⁷¹ GIRARDET, Raoul. Op. Cit.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Festa e derrota, esperança e frustração. Entre esses dois polos diametralmente opostos encontra-se uma das experiências mais peculiares da História recente latino-americana: o projeto conhecido como “via pacífica ao socialismo”.

No presente trabalho, procuramos demonstrar as controvérsias e as disputas que marcaram essa inédita experiência a partir de um documento praticamente ignorado pela historiografia: a coleção *Cuadernos de Educación Popular*.

Criada com o objetivo de atender demandas e solucionar problemáticas colocadas pelo próprio projeto político-cultural da Unidade Popular, essa coleção nos permitiu compreender os conflitos político-ideológicos travados naquele contexto a partir de outro ângulo.

Enquanto boa parte dos trabalhos que abordam as divergências e contendas existentes o fazem a partir da análise de correspondências trocadas entre os líderes dos principais partidos do período ou por meio da análise de documentos internos produzidos por essas agremiações (atas de congressos, periódicos), buscamos compreender os conflitos existentes através das fotos, charges e dos textos contidos nos 12 volumes desta publicação voltada à educação política de trabalhadores.

Ademais, procuramos discutir como a coleção integrou o projeto do governo Allende que buscava a construção de um novo tipo de cultura política no Chile. A análise das representações criadas por Marta Harnecker e Gabriela Uribe acerca dos partidos políticos, classes sociais e sistemas socioeconômicos permitiu a identificação das mensagens, princípios e valores que as autoras buscavam transmitir a seus leitores, afim de criar o “novo homem chileno”.

Observamos que a partir de um discurso fortemente maniqueísta que opunha patrões e operários, socialismo e capitalismo, velho e novo, as autoras criaram imagens positivas e idealizadas acerca do projeto defendido pela Unidade Popular ao mesmo tempo em que construíram representações fortemente negativas a respeito dos setores e projetos considerados como “inimigos da revolução.”

Esses elementos revelam que a coleção funcionou como um instrumento propagandístico do projeto idealizado por Salvador Allende, já que as autoras procuraram construir representações acerca da realidade social chilena concordantes com as perspectivas defendidas pela Unidade Popular, enaltecendo-as.

A análise da coleção demonstrou, ainda, que as críticas desferidas pelas autoras com o intuito de angariar apoio para o projeto da via pacífica ao socialismo não se dirigiram apenas aos partidos de oposição. Alguns setores da esquerda, acusados de sectarismo, foram condenados de maneira bastante veemente e de modo mais agressivo do que os próprios “inimigos da revolução”.

Notamos também que o discurso veiculado pela coleção acerca desses grupos é bastante ambíguo. Ao mesmo tempo que as autoras denunciam o dogmatismo, esquematismo e incapacidade interpretativa dos setores de esquerda que defendem a via armada, pregam, a todo o momento, a união da esquerda, apontando-a como condição fundamental para o sucesso da revolução no Chile.

Essas incongruências nos ajudam a entrever o quão complexas eram as relações políticas na Unidade Popular, já que fica evidente que desafio a ser cumprido pelas autoras não consistia apenas em combater os setores reacionários que lutavam abertamente pela derrota do projeto da via pacífica ao socialismo. Era necessário, também, esforçar-se para construir um consenso dentro da esquerda a partir da superação das visões que colocavam em dúvida a viabilidade da construção do socialismo no Chile através da democracia.

Tendo em vista esses elementos, acreditamos que os *Cuadernos de Educación Popular* comprovam que o âmbito cultural foi atravessado por uma série de questões da esfera política, mas que buscou, ao mesmo tempo, interferir nessas problemáticas, por meio da veiculação e disseminação de determinados posicionamentos e princípios político-ideológicos.

Ademais, fica claro que o âmbito cultural não foi utilizado apenas como instrumento para a confrontação de perspectivas marcadamente díspares, mas que a ele foi atribuída a difícil tarefa de construir consensos e promover conciliações.

A nosso ver, essas diferentes funções assumidas pelo campo cultural, evidenciadas nos *Cuadernos de Educación Popular*, comprovam que ele foi alvo de disputas por grupos que buscavam estabelecer uma preponderância das suas concepções, e que recebeu grande atenção por parte dos grupos que buscavam liderar o processo revolucionário chileno, o que nos leva a refutar a ideia de que a cultura foi, durante a Unidade Popular, a “*quinta rueda*” do carro.

5. ANEXOS

5.1 TÍTULOS QUE COMPÕEM AS PRINCIPAIS COLEÇÕES DE QUIMANTÚ²⁷²

QUIMANTÚ PARA TODOS		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	La sangre y la esperanza	Nicomedes Guzmán
2	Todos íbamos a ser reinas	Gabriela Mistral
3	El Chilote Otey y otros relatos	Francisco Coloane
4	La viuda del conventillo	Alberto Romero
5	Poemas inmortales	Pablo Neruda
6	Cuentos de Pedro Urdemales	-
7	Diez días que estremecieron al mundo	John Reed
8	Cuentos de rebeldes y vagabundos	Máximo Gorki
9	Hijo de ladrón	Manuel Rojas
10	El robo del elefante blanco	Mark Twain
11	Poesía popular chilena	Diego Muñoz (seleção)
12	Diez cuentos de bandidos	Enrique Lihn (seleção)
13	Aventuras de Arturo Gordon Pym	Edgar Allan Poe
14	...Y corría el billete	Guillermo Afías
15	La dama del perrito y otros relatos	Anton Chejov
16	Reportaje al pie del patíbulo	Julius Fucik
17	El llamado de la selva	Jack London
18	La rebelión de los colgados	Bruno Traven
19	Romancero gitano	Federico García Lorca
20	Hambre	Knut Hamsun
21	Puerto engaño	Leonardo Espinoza
22	Mamita Yunai	Carlos Luis Fallas
23	Así se templó el acero	N. Ostrovski

²⁷² Tabelas construídas a partir de consultas às obras de SUBERCASEAUX, Bernardo. **Historia del libro en Chile (alma y cuerpo)**. Santiago: LOM Ediciones; Colección Sin Norte, 1993 e PAILLARD, Morgane. **La política editorial en Chile 1970-1973: edición del estado y edición privada. Quimantú en el espacio editorial chileno**. França, s.n, 2004.

24	El músico ciego	Vladimiro Galaktiónovich Korolenko
25	Judíos sin dinero	Michael Gold
26	Misión peligrosa	A. Lukin (D. Polianovski)
27	Pelo de zanahoria	Jules Renard
28	Apuntes de un lugareño	J. Rubén Romero
29	El carretero de la muerte	Selma Lagerlöf
30	Cuentos de Hans Christian Andersen	Hans Christian Andersen
31	Tierra fugitiva	Manuel Guerrero
32	Pisagua	Volodia Teitelboim
33	Poesía combatiente	Grandes poetas del siglo XX
34	Los cardos del Baragán	Panait Istrait
35	Martín Rivas	A. Blest Gana
36	El ángel azul	Heinrich Mann
37	Historias de risas y de lágrimas	José Miguel Varas Alfonso Alcalde Nicolás Ferraro Franklin Quevedo
38	Insurrección	Liam O' flaherty
39	Diario de un loco	Nicolás Gogol
40	El ciclista del San Cristóbal	Antonio Skármeta
41	El diario de Ana Frank	-
42	Sombras contra el muro	Manuel Rojas
43	El Decamerón (seleção)	Bocaccio
44	El son entero	Nicolás Guillén
45	La señorita Perla	Guy de Mupasant
46	El miedo es un negocio	Fernando Jerez
47	Pancho Villa	I. Lavretski

VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	El Chiflón del Diablo	Baldomero Lillo
2	Sherlock Holmes en El enemigo de Napoleón	Arturo Conan Doyle
3	Rimas	Gustavo Adolfo Bécquer
4	El cuarenta y uno	Boris Lavreniov
5	Cuentos de la selva	Horacio Quiroga
6	La Camará	Fernando Santiván
7	El mexicano	Jack London
8	La carta	Somerset Maugham
9	Malva	Máximo Gorki
10	En la vieja California	Francis Bret Harte
11	Motín a bordo	Julio Verne
12	El diablo en el cuerpo	Raymond Radiguet
13	Sherlock Holmes en la liga de los pelirrojos	Arturo Conan Doyle
14	Estrella	Emmanuil Kazakievich
15	Guantes de oro	Ernest Hemingway
16	Los siete ahorcados	Leonidas Andreiev
17	Una mujer partió a caballo	David H. Lawrence
18	Regalo de navidad	O. Henry
19	Noches blancas	Fedor Dostoyevsky
20	La garra del mono	Antología de Cuentos de horror
21	El país de los ciegos	Herbert George Wells
22	Dubrovski l bandido	Alejandro Puchkin
23	La moza	Hermann Sudermann
24	La reina de los caribes	Emilio Salgari
25	Pequeña historia de una pequeña dama	Armando Cassígoli
26	Bartleby	Herman Melville
27	Macario	Bruno Traven

COLEÇÃO CORDILLERA		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	Cuatro remos	Daniel Barros Grez
2	Violeta Parra cuenta su vida	Enrique Lihn
3	La viuda del conventillo	Alberto Romero
4	La madre granada y otros poemas	Gabriela Mistral
5	Diez grandes cuentos chinos	Luís Enrique Délano
6	Episodios nacionales I, Los talaveras	Liborio Briebe
7	Leyendas de Chile	Antonio Acevedo Hernández
8	Retrato hablado	Carlos León
9	Eloy	Carlos Droguett
10	Festín para inválidos	Walter Garib
11	La metamorfosis	Franz Kafka
12	La promesa en blanco	Braulio Arenas
13	Don Segundo Sombra	Ricardo Güiraldes
14	Peopletown	S. Mirko
15	David de las Islas	Manuel Miranda Sallorenzo
16	El hombre que soñaba	Ernesto Malbrán
17	Biografía de un Cimarrón	Miguel Barnet
18	Fuegos artificiales	Germán Marín
19	Frontera	Luis Durand
20	A la sombra de los días	Guillermo Atías
21	Criollos en París	Joaquín Edwards Bello
22	El vado de la noche	Lautaro Yankas
23	Sabadomingo	Juan Uribe Echevarría

COLEÇÃO CUNCUNA CUENTOS		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	El negrito Zambo	Anónimo Ilustraciones de NATO
2	El rabanito que volvió	Anónimo Ilustraciones de Marta Carrasco
3	La Flor del Cobre	Marta Brunet Ilustraciones de Guidú
4	El gigante egoísta	Oscar Wilde Ilustraciones de Guillermo Tejada
5	El tigre, el Brahman y el chacal	Anónimo Ilustraciones de NATO
6	Los monos hacen lo que ven	Anónimo Ilustraciones de Guidú
7	Invernadero de animales	Anónimo Ilustraciones de Marta Carrasco
8	Los geniecillos laboriosos	Hermanos Grimm Ilustraciones de Jalid Dacaret
9	La desaparición del Carpincho	Carlos Alberto Cornejo Ilustraciones de Hervi
10	El príncipe feliz	Oscar Wilde Ilustraciones de Marta Carrasco
11	Cabeza colorada	René Peri Fagerstrom Ilustraciones de María Angélica Pizarro
12	El huevo vanidoso	Juan Tejada Ilustraciones de Guillermo Tejada

13	La guerra de los Yacares	Horacio Quiroga Ilustraciones de Guidú
14	La Doña Piñones	María de la Luz Uribe Ilustraciones de Fernando Krahn
15	Cielografía de Chile, poesías para niños también	Floridor Pérez Ilustraciones de Julio Moreno
16	El loro pelado	Horacio Quiroga Ilustraciones de Eugenia Dumnov
17	La rosa roja	Leyenda Inca Ilustraciones de Caty Legassos
18	El medio pollo	Cuento folklórico Xilografías de Irene Dominguez
19	El pescador y el gigante (adaptado)	Walter Garib Ilustraciones de Dolores Walker
20	Por una docena de huevos duros	Ernesto Montenegro Ilustraciones de Carmen Ravanal

COLEÇÃO CUNCUNA PINTAMONOS		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	La leche	-
2	El rabanote	-
3	La lana	-
4	Los animales domesticos	-
5	La historia de la Cuncuna	-
6	Los barcos chilenos	-
7	Los militares chilenos	-

8	Los aviones chilenos	-
---	----------------------	---

NOSOTROS LOS CHILENOS		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	<i>Quién es Chile</i>	Alfonso Alcalde (dir.)
2	Así trabajo yo I	Alicia Gordon Rodrigo Atria Mario Thomas Sergio Salazar Carlos Alvarado Alfonso Alcalde
3	La lucha por la tierra	Elisabeth Reiman Fernando Rivas
4	Historia del cine chileno	Carlos Ossa
5	Así trabajo yo II	Juan Emilio Lafontaine Mario Thomas Rodrigo Atria Adriana Silva
6	Yo vi nacer y morir los pueblos salitreros	Julián Cobo
7	Así trabajo yo III	Guillermo Prado Daniel Montecinos Mario Thomas Rodrigo Atria
8	Los araucanos	Hernán San Martín
9	Chiloé, Archipiélago mágico I	Nicasio Tangol
10	Chiloé, Archipiélago mágico II	Nicasio Tangol
11	Historia de las poblaciones callampas	Cecilia Urrutia
12	Así trabajo yo IV	Adriana Silva Francisco Coloane Luisa Ulibarri
13	Pintura social de Chile	Ernesto Saúl

14	La historia de la aviación	Vicente Salsilla
15	Los terremotos chilenos I	Patricio Manns
16	Los terremotos chilenos II	Patricio Manns
17	Geografía humana	Hernán San Martín
18	Así trabajo yo V	Adriana Silva
19	Niños de Chile	Cecilia Urrutia
20	Las grandes masacres	Patricio Manns
21	Islas de Chile	Hernán San Martín
22	La mujer chilena	Amanda Puz
23	Comidas y bebidas de Chile	Alfonso Alcalde
24	Viaje por la juventud	Luis Alfonso Abarca
25	La Antártida chilena	Cecilia Urrutia
26	La nueva canción chilena	Fernando Barraza
27	El movimiento obrero	Patricio Manns
28	Caricaturas de ayer y de hoy	Luisa Ulibarri
29	Los fusilamientos	Guillermo Gálvez
30	La emancipación de la mujer	Virginia Vidal
31	Grandes deportistas	Patricio Manns
32	Los bomberos	Edmundo Tapia
33	Leyendas chilenas	Jaime Quezada
34	Así trabajo yo VI	Mario Thomas Rodrigo Atria
35	Poesía chilena	Jaime Concha
36	Inventores obreros	Cecilia Urrutia
37	Reportaje al carbón	Alfonso Alcalde (comp.)
38	Plantas de Chile	Augusto Ducoing
39	El divorcio	Rolando Palacios
40	Historia del ejército	Sergio López Rubio
41	El fútbol chileno	Antonio Vera
42	Teatro chileno	Orlando Rodríguez
43	Cuando Chile cumplió 100 años	Alfonso Calderón
44	La burocracia	Guillermo Gálvez
45	Novelistas y cuentistas chilenos	Jaime Concha

46	Pampinos y salitreros	Mario Bahamonde
47	La frontera	Jaime Quezada

COLEÇÃO CAMINO ABIERTO		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	El leninismo y la victoria popular	Carlos Cerda
2	Chile: Medicina y socialismo	Dr. Alfonso González D.
3	Génesis histórica del proceso político chileno	Enzo Falleto Hugo Zemelman Eduardo Ruiz
4	Obras selectas de Luis Emilio Recabarren	Julio César Jobet Jorge Barría Luis Vitale
5	La nueva cara del fascismo	Dick Parker
6	África: pasado y presente	Eduardo Ortiz
7	Educación sexual	R. Quijada
8	Revolución, congreso y constitución. El caso Tohá	Joan E. Garcés
9	Del avión rojo a la República Socialista	Carlos Charlin
10	La teoría del proletariado	Rodrigo Alvaay
11	Conflictos sociales y propaganda de Estado	Nestor Porcell Hernán Villablanca
12	Proyección de la reforma agraria	Hugo Zemelman James Petras
13	Chile: dos años de Unidad Popular	Luis Maira
14	Para una sociología de la opresión (el caso de Haití)	Gerard Pierre-Charles
15	Retrato auténtico de Lenin	H. Guilbeaux
16	Escritos de Jorge Dimitrov	-
17	Corvalán 27 Horas. El PC chileno por dentro y por fuera	Eduardo Labarca Goddard
18	El héroe ausente	Jorge Núñez Pinto

19	Capítulos de la Historia de Chile	Ranquil
20	Diario de Jose Miguel Carrera	-
21	Humanismo y socialismo	Manuel Espinoza Orellana

COLEÇÃO CLÁSICOS DEL PENSAMIENTO SOCIAL		
VOLUME	TÍTULO	AUTOR
1	Cincuenta años Anti-Dühring	D. Riazanov
2	Principios de Comunismo	F. Engels
3	Qué es el materialismo dialéctico	O. Kusinen
4	El programa de los bolcheviques	N. Bujarin
5	Qué es el materialismo histórico	O. Kusinen
6	El desarrollo del capitalismo en Rusia	V. I. Lenin
7	Biografía del Manifiesto Comunista	D. Riazanov
8	El Estado y la Revolución	V. I. Lenin
9	Historia de la Revolución Rusa (dos tomos)	L. Trotsky
10	Programa de Gotha Programa de Erfurst Recuerdos personales sobre Marx	Marx Engels Lafargue
11	La comuna de Paris	Marx V. I. Lenin
12	Las guerras campesinas en Alemania La Marca	F. Engels
13	Páginas escogidas de Lenin	-
14	La Planificación Socialista y su significado	Ernesto Che Guevara
15	El imperialismo, fase superior del capitalismo	V. I. Lenin
16	El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado	F. Engels
17	Orígenes y fundamentos del cristianismo	Kautsky

18	El Capital (compendio)	J. Borchard
19	Selección de Obras Militares	V. I. Lenin

5.2 PRINCIPAIS REVISTAS PUBLICADAS PELA EDITORA QUIMANTÚ

TÍTULO	PÚBLICO-ALVO	DATA DE PUBLICAÇÃO	PERIODICIDADE	VOLUMES	PREÇO
Paloma	Mulheres	Nov 1972 – Set 1973	Quinzenal	22	E° 30, E°45 e E°55
Onda	Jovens	Set 1971 – Set 1973	Quinzenal	53	E° 7,50 a E° 35
Cabrochico	Crianças	Jul 1971 – Dez 1972	Semanal/ Quinzenal	70	E° 3,50 a E° 15
La Firme	Trabalhadores	Abr 1971 – Mai 1973	Semanal/Quinzenal	61	E° 1,50 a E° 15
La Quinta Rueda	Geral	Out 1972 – Ago 1973	Mensal	9	E° 15 a E° 50
Chile Hoy	Geral	Jun 1972 – Set 1973	Semanal	65	E° 10 a E° 50
Mayoría	Geral	?	Semanal	?	E° 5
Ahora	Geral	?	Semanal	?	E°8

5.3 PREÇOS DAS PRINCIPAIS REVISTAS DE QUIMANTÚ

5.3.1 Revista Cabrochico (1971 – 1972)

REVISTA CABROCHICO		
NÚMERO	PREÇO (escudos)	PERIODICIDADE
1	E° 3,50	_____
2	E° 3,50	_____
3	E° 3,50	Quinzenal
4	E° 3,50	Quinzenal
5	E° 3,50	Quinzenal
6	E° 3,50	Quinzenal
7	_____	Quinzenal
8	E° 4	Quinzenal
9	E° 4	Quinzenal
10	E° 4	Semanal
11	E° 4	Semanal
12	E° 4	Semanal
13	E° 4	Semanal
14	E° 4	Semanal
15	E° 4	Semanal
16	E° 5	Semanal
17	E° 4	Semanal
18	E° 4	Semanal
19	E° 4	_____

20	E° 4	_____
21	E° 6	_____
22	E° 6	Semanal
23	E° 6	Semanal
24	E° 6	Semanal
25	E° 6	Semanal
26	E° 6	Semanal
27	E° 6	Semanal
28	E° 6	Semanal
29	E° 6	_____
30	E° 6	_____
31	E° 6	_____
32	E° 6	_____
33	E° 6	_____
34	E° 6	_____
35	E° 6	_____
36	E° 6	_____
37	E° 6	_____
38	E° 6	_____
39	E° 6	_____
40	E° 6	_____
41	E° 7	_____
42	E° 7	_____
43	E° 7	_____

44	E°7	_____
45	E° 7	_____
46	E° 7	_____
47	_____	_____
48	E° 7	_____
49	E° 9	_____
50	E° 9	_____
51	_____	_____
52	_____	_____
53	_____	_____
54	_____	_____
55	E° 10	_____
56	E° 10	_____
57	E° 10	_____
58	_____	_____
59	_____	_____
60	E° 12	_____
61	E° 12	_____
62	E° 12	_____
63	E° 12	_____
64	_____	_____
65	E° 12	_____
66	E° 15	_____
67	_____	_____

68	_____	_____
69	_____	_____
70	E° 15	_____

5.3.2 Revista Onda (1971 – 1973)

REVISTA ONDA	
NÚMERO	PREÇO
1	E° 7,50
2	E° 7,50
3	E° 7,50
4	E° 7,50
5	E° 7,50
6	E° 7,50
7	E° 7,50
8	E° 7,50
9	E° 7,50
10	E° 7,50
11	E° 7,50
12	E° 8
13	E° 8
14	E° 8
15	E° 8
16	E° 8

17	E° 8
18	E° 8
19	E° 8
20	E° 8
21	E° 8
22	E° 8
23	E° 8
24	E° 8
25	E° 10
26	E° 10
27	E° 12
28	E° 12
29	E° 18
30	E° 18
31	E° 18
32	E° 18
33	E° 18
34	E° 18
35	E° 22
36	E° 22
37	E° 22
38	E° 22
39	E° 25
40	E° 25

41	E° 25
42	E° 30
43	E° 30
44	E° 30
45	E° 30
46	E° 30
47	E° 35
48	E° 35
49	E° 50
50	E° 50
51	E° 50
52	E° 50
53	E° 80

5.3.3 Revista Paloma (1972 -1973)

REVISTA PALOMA	
NÚMERO	PREÇO
1	E° 30
2	E° 30
7	E° 30
14	E° 45
15	E° 45
17	E° 55

20	E° 65
21	E° 90

5.3.4 Revista La Firme (1971 -1973)

REVISTA LA FIRME	
NÚMERO	PREÇO
1	E° 1,50
2	E° 1,50
4	E° 1,50
5	E° 1,50
6	E° 1,50
7	E° 1,50
8	E° 1,50
12	E° 1,50
13	EXEMPLAR GRATUITO
14	E° 4
19	E° 4
34	E° 5
46	E° 6
48	E° 8
51	E° 12
55	E°15

5.3.5 Revista Chile Hoy (1972 -1973)

REVISTA CHILE HOY		
NÚMERO	DATA DE PUBLICAÇÃO	PREÇO
1	Jun/1972	E°10
2	Jun/1972	E°10
3	Jun-Jul/1972	E°10
4	Jul/1972	E°10
5	Jul/1972	E°10
6	Jul/1972	E°10
7	Jul-Ago/1972	E°10
8	Ago/1972	E°10
9	Ago/1972	E°10
10	Ago/1972	E°10
11	Ago/1972	E°10
12	Set/1972	E°10
13	Set/1972	E°15
14	Set/1972	E°15
15	Set/1972	E°15
16	Set-Out/1972	E°15
17	Out/1972	E°20
18	Out/1972	E°20
19	Out/1972	E°20
20	Out-Nov/1972	E°20
21	Nov/1972	E°20
22	Nov/1972	E°20
23	Nov/1972	E°20
24	Nov/1972	E°20
25	Dez/1972	E°20

26	Dez/1972	E°20
27	Dez/1972	E°20
28	Dez/1972	E°20
29	Dez/1972 - Jan/1973	E°20
30	Jan/1973	E°30
31	Jan/1973	E°30
32	Jan/1973	E°30
33	Jan-Fev/1973	E°30
34	Fev/1973	E°30
35	Fev/1973	E°30
36	Fev/1973	E°30
37	Fev-Mar/1973	E°30
38	Mar/1973	E°30
39	Mar/1973	E°30
40	Mar/1973	E°30
41	Mar/1973	E°30
42	Mar-Abr/1973	E°30
43	Abr/1973	E°30
44	Abr/1973	E°30
45	Abr/1973	E°30
46	Abr-Mai/1973	E°30
47	Mai/1973	E°30
48	Mai/1973	E°50
49	Mai/1973	E°50
50	Mai/1973	E°50
51	Jun/1973	E°50
52	Jun/1973	E°50
53	Jun/1973	E°50
54	Jun/1973	E°50
55	Jun-Jul/1973	E°50

56	Jul/1973	E°50
57	Jul/1973	E°50
58	Jul/1973	E°50
59	Jul-Ago/1973	E°50
60	Ago/1973	E°50
61	Ago/1973	E°50
62	Ago/1973	E°50
63	Ago/1973	E°50
64	Ago-Set/1973	E°50
65	Set/1973	E°50

5.3.6 Revista La Quinta Rueda (1972 – 1973)

REVISTA LA QUINTA RUEDA		
NÚMERO	DATA DE PUBLICAÇÃO	PREÇO
1	Out/1972	E° 15
2	Nov/1972	E° 15
3	Dez/1972	E° 15
4	Jan-Fev/1973	E° 20
5	Abr/1973	E° 20
6	Mai/1973	E° 20
7	Jun/1973	E° 30
8	Jul/1973	E° 50
9	Ago/1973	E° 50

5.4 LISTA DE ARTIGOS SOBRE A OBRA “CAPITULOS DE LA HISTÓRIA DE CHILE”

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	JORNAL/REVISTA	DATA	PÁG
La “otra” historia de Chile	J.M.N.	Chile Hoy (Santiago) n°55	29 jun, 1973	26
Editorial del estado falsifica historia de Chile		El Mercurio (Santiago)	1 jul, 1973	34
La historia de Chile como novela del oeste		Qué pasa n° 116	5 jul, 1973	26-7
La historia adulterada	La dama duende	La Prensa (Santiago)	12 jul, 1973	3
La maltratada historia patria	Argonauta	El Día (La Serena)	14 jul, 1973	3
Militares (R) condenan libro de editora estatal		La Prensa (Santiago)	15 jul, 1973	8
Libro de Quimantú, baldón para Chile		Las últimas noticias (Sant.)	16 jul, 1973	31
Sobre una introducción a ciertos “Capítulos de la Historia de Chile”		El Mercurio (Santiago)	16 jul, 1973	18
Falsificación de la Historia de Chile		La Cruz del Sur (Ancud)	17 jul, 1973	3
Un libro que ofende a Chile y a sus FF. AA.		La Estrella (Valparaíso)	18 jul, 1973	16
Interpretación de la historia de Chile provoca ácida polémica		La tercera de la hora (Sant.)	19 jul, 1973	12

Es una grave tergiversación	Humberto Aguirre Doolan	La Tercera de la Hora	19 jul, 1973	12
¿Y saben qué más? Editorial Quimantú pagó ofensa a Chile		El Diario Austral (Temuco)	22 jul, 1973	6
La historia ahistorica	Mauricio Carvallo	Ercilla (Santiago) n°1984	25 jul, 1973	34
Historia de Chile	Enrique Lafourcade	Las últimas Noticias (Sant.)	2 ago, 1973	5
Escritora responde a críticos de “El perjurio”		Clarín (Santiago)	5 ago, 1973	19
PC rechaza investigación sobre un libro		La Tercera (Santiago)	8 ago, 1973	19
Academia Chilena de la Historia repudia publicación de “Quimantú”		El Mercurio (Santiago)	9 ago, 1973	16
Academia de la historia protesta por ultraje UP a héroes de la patria	Eugenio Pereira Salas, Luis Valencia Avaria	La Prensa (Santiago)	9 ago, 1973	1 e 5
Polémica en torno a libro de Quimantú	Ranquil	La Nación (Santiago)	12 ago, 1973	11
Sobre “Capítulos de la historia de Chile”	Alejandro Chelén Rojas	La Nación (Santiago)	14 ago, 1973	25
El pueblo como héroe de la historia	Monsieur Cordón	La Nación (Santiago)	20 ago, 1973	5
Los excesos de Quimantú		El Diario Austral (Temuco)	20 ago, 1973	3
A Ranquil, sin amor	Donald Astudillo V.	El Diario Austral (Temuco)	23 ago, 1973	3
Capítulos de la historia de Chile: un libro que presta servicios a la reacción”	R.C.V.	El Siglo (Santiago)	23 ago, 1973	7

Identificada autora de difamação histórica		El Mercurio (Santiago)	25 ago, 1973	26
Devaneos sobre buenos y malos	Miguel Arteche	Las ultimas noticias	25 ago, 1973	
Agravios históricos editados por “Quimantú”	Alfredo Hauser	El Mercurio (Santiago)	27 ago, 1973	19
Jerez censura publicación Quimantú		La Tercera de la Hora (Sant.)	27 ago, 1973	5
Historiadores revisionistas	Paul W. Drake e Peter Winn	El Mercurio (Santiago)	28 ago, 1973	2
Reescribiendo la auténtica historia	M.E.S.	Punto Final (Santiago) n°191	28 ago, 1973	8-9
Publicaciones antichilenas	Ego Sum	El Taparacá (Iquique)	29 ago, 1973	4
Diatriba contra Chile e historiadores revisionistas	E. C. F.	La Prensa (Santiago)	1 set, 1973	3
Revisionistas de la historia	José Costa Francke	El Mercurio (Santiago)	1 set, 1973	2
Académico de la historia opina sobre el libro de Ranquil	Armando de Ramón	La Nación (Santiago)	2 set, 1973	18
Capítulos de la historia de Chile	Tirso Ortega	El Mercurio (Santiago)	3 set, 1973	18

5.5 TIRAGEM DOS CUADERNOS DE EDUCACIÓN POPULAR (EDIÇÕES VARIADAS)

TÍTULO	EDIÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TIRAGEM
1. Explotados y Explotadores	1ª	Out/1971 Dez/1971	40.000 50.000
	2ª	Fev/1972	20.000
	3ª	Mai/1972	20.000
	4ª (revisada)	Jul/1972	40.000
2. Explotación capitalista	1ª	Dez/1971	20.000
	2ª	Fev/1972	30.000
	3ª	Fev/1972	20.000
	4ª	Mai/1972	20.000
	5ª (revisada)	Set/1972	40.000
3. Monopolios y miseria	1ª	Jan/1972	40.000
	2ª	Fev/1972	30.000
	3ª	Mai/1972	60.000
4. Lucha de clases I	1ª	Fev/1972	70.000
	2ª	Jun/1972	60.000

4. Lucha de clases II	1ª	Fev/1972	70.000
	2ª	Jun/1972	60.000
5. Imperialismo y dependencia	1ª	Abr/1972	70.000
	2ª (revisada)	Ago/1972	40.000
6. Capitalismo y socialismo	1ª	Jun/1972	100.000
7. Socialismo y comunismo	1ª	Ago/1972	100.000
8. El partido: vanguardia del proletariado	1ª	Nov/1972	60.000
9. El partido: su organización	1ª	Dez/1972	60.000
	2ª	1973	?
10. Dirigentes y masas	1ª	Jan/1973	30.000
11. Estrategia y táctica	1ª	Mar/1973	30.000
12. Alianzas y frente político	1ª	Abr/1973	30.000

6. FONTES

6.1 Fontes primordiais

COLEÇÃO CUADERNOS DE EDUCACIÓN POPULAR (CEP)

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotación capitalista**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Monopolios y miseria**. 3ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de clases volumen I**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Lucha de clases volumen II**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Imperialismo y dependencia**. 2ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Capitalismo y socialismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Socialismo y comunismo**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **El partido: vanguardia del proletariado**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **El partido: su organización**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Dirigentes y masas**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Estrategia y táctica**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Alianzas y frente político**. 1ª edição. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973.

6.2 Fontes complementares

DOCUMENTOS DO GOVERNO ALLENDE

Programa Básico de Gobierno de la Unidad Popular. Santiago: 17 de dezembro de 1969, 51 p.

ENTREVISTAS

HARNECKER, Marta. Marta harnecker: pedagoga de la nueva sociedad. In: **Revista Paloma**, nº10, março de 1973, pp. 104-108

HARNECKER, Marta. Charla y debate sobre la obra de Marta Harnecker. Chile, s.n., 1988.

HARNECKER, Marta. El retorno al marxismo. In: **Revista Punto Final**, Año II, nº38, 2ª quinzena de setembro, 1967.

ARTIGOS EM REVISTAS

MONTES, Hugo. Cultura y dependencia. In: **Cuadernos de Economía**, ano 7, nº22, PUC, dezembro de 1970.

MALDONADO V., Carlos. El proceso cultural como incentivador de la praxis. In: **Cuadernos de la realidad nacional**, nº 12, abril de 1972.

Marxismo: una nueva exposición. In: **Revista Chile Hoy**. Santiago, nº 10 de agosto de 1973, p. 27.

HUASI, Julio. Un tema vigente: dirigentes y masas. In: **Revista Chile Hoy**. Santiago, nº45, 19 de abril de 1973, p. 26

Por la creación de una cultura nacional y popular. In: **Revista Cormorán**. Santiago, nº8, dezembro de 1970, pp. 7 a 10.

MALDONADO, Carlos. Donde está la política cultural. In: **Revista La Quinta Rueda**. Santiago, nº 1, outubro de 1972, pp. 12 e 13.

TEITELBOIM, Volodia. 5.000.000 de libros. In: **Revista La Quinta Rueda**. Santiago, nº 4, jan/fev de 1973, p. 2.

Política cultural: lo que hay y lo que falta. In: **Revista La Quinta Rueda**. Santiago, nº 6, maio de 1973, pp. 3 e 4.

Intelectuales y artistas del mundo entero: desuníos! In: **Revista La Quinta Rueda**. Santiago, nº 7, junho de 1973, 1 p.

Cuadernos de Educación Popular. In: **Revista Mayoría**. Santiago, nº28, abril de 1972, p.26

KADE DE O., Leonor. Monopolios y miseria. In: **Revista Mensaje**, nº212, setembro de 1972, p. 552

ARTIGOS EM JORNAIS

VIDAL, Virginia. Educación política y económica para los obreros: Quimantú. In: **El Siglo**, 19 de maio de 1972, p. 14

Teórica del marxismo. In: **La Segunda**, 11 de outubro de 2002, p.11

Marta Harnecker trabaja en difusión del marxismo en Cuba. In: **La Segunda**, 3 de março de 1987, p. 9

Explotados y explotadores. In: **La Nación**, 6 de dezembro de 1971.

LIVROS

Pontificia Universidad de Chile. Federación de Estudiantes. **ENU: El control de las conciencias**. Santiago: s.n, 1973.

ALCALDE, Alfonso. Quién es Chile. Coleção **Nosotros los chilenos**, vol. 1. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971.

_____. Comidas y bebidas de Chile. Coleção **Nosotros los chilenos**, vol.23. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

LAFONTAINE, Juan E.; THOMAS, Mario.; ATRIA, Rodrigo. Así trabajo yo II. Coleção **Nosotros los chilenos**, vol.5. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971.

MANNS, Patricio. El movimiento obrero. Coleção **Nosotros los chilenos**, vol. 27. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972.

REVISTAS

Revista Infantil Cabrochico, nº1. Santiago: Editora Nacional Quimantú 1971

Revista Infantil Cabrochico, nº3. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971

Revista Infantil Cabrochico, nº33. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 197?

Revista Infantil Cabrochico, nº48. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 197?

Revista Onda, nº4. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1971

Revista Onda, nº38. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 197?

Revista Paloma, nº1. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1972

Revista Paloma, nº17, Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973

Revista Paula, nº134. Santiago: Editora Nacional Quimantú, 1973

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo: a experiência chilena**. 2ª edição, São Paulo: Annablume, 2002.

_____. **Estratégia democrática ao socialismo e o governo Allende: uma contribuição ao estudo da esquerda latino-americana**. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH – USP, São Paulo, 1990.

ALBORNOZ, César. La cultura en la Unidad Popular: porque esta vez no se trata de cambiar un presidente. In: **PINTO VALLEJOS, Julio. (Coord). Cuando hicimos historia – la experiencia de la Unidad Popular**. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

ALEGRÍA, Fernando. **Salvador Allende: paz pelo socialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ÁLVAREZ VALLEJOS, Rolando. ¿Reforma o Revolución?: Lucha de masas y la vía no armada al socialismo. El Partido Comunista Chileno 1965-1973. In: **CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo, GUTIÉRREZ CRESPO, Horácio. (orgs.). El comunismo: otras miradas desde América Latina**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias de Ciencias y Humanidades, 2007.

_____. **Arriba los pobres del mundo. Cultura e identidad política del Partido Comunista de Chile entre democracia y dictadura. 1965-1990**. Santiago: LOM Ediciones, 2011

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. In: **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, São Paulo, pp. 71 -96, 2010.

ALTAMIRANO, Carlos. **Dialética de uma derrota**. Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ANGELL, Alan. **Partidos políticos y movimiento obrero en Chile**. México: Ediciones Era, 1974.

ARELLANO G., Juan Carlos. **El Partido Nacional en Chile: su rol en el conflicto político (1966-1973)**. In: Revista Atenea (Concepción), n° 499, 2009.

ARRATE, Jorge. **¿Salvador Allende, sueño o proyecto?**. 1ª edição. Santiago: LOM Ediciones, 2008.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales- memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BASTOS, Remo Moreira Brito. Sistema educacional cubano: fatores explicativos e reprodutibilidade em outras formações sociais. In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. Curitiba, v. 11, n°27, jan/abr 2016

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latino-americana. In : **Utopía y praxis latino-americana**, ano 8, n°20, março de 2013, pp.105-115.

BEIRED, José Luis Bendicho. Vertentes da História Intelectual. In: **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**, volume I, 2009.

BERGOT, Solène. **Quimantú: Editorial del Estado durante la Unidad Popular chilena (1970-1973)**. In : Pensamiento Crítico Revista Electrónica de Historia, n° 4, nov. 2004.

BERNEDO, Patricio; PORATH, William. A tres décadas del golpe: Cómo contribuyó la prensa al quiebre de la democracia chilena. In: **Cuadernos de Información**, n° 16-17, 2003-2004.

BITAR, Sérgio. **Transição, socialismo e democracia. Chile com Allende.** São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra.** 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política** vol. 1. 4ª edição. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

BONILLA-MONILA, Luis (comp.). **Marta Harnecker: un tesoro internacional.** Caracas: Centro Internacional Miranda, novembro de 2009.

BORGES, Elisa Campos. As diferenças entre a esquerda chilena no Chile de Allende: uma análise do significado do poder popular. IN: **Revista Contemporânea**, Dossiê Nuestra América, ano 2, nº2, 2012, pp. 100-123.

_____. **Con la UP ahora somos gobierno! A experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende.** Luminaria, 2015.

BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAVO COVARRUBIAS, Irma; GASCÓN I MARTIN, Felip. Cristianismo y marxismo en Chile: paradojas comunicacionales y espacios de convivencia. In: **PCLA**, volume 3, nº4 jul-ago-set 2002.

BRUNO-JOFRÉ, Rosa. **Educación popular en América Latina durante la década de los setenta y ochenta: una cartografía de sus significados políticos y pedagógicos.** In: Foro de Educación, vol. 14, nº 20, pp. 429-451, 2016.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem.** São Paulo: EDUSC, 2004.

BENAVIDES ZAMORA, Leopoldo. **La formación de la izquierda chilena: relaciones entre el PC y PS: antecedentes históricos**. Santiago: FLACSO, 1988.

CANCLINI, Nestor García. Políticas Culturais na América Latina. In: **Revista Novos Estudos** n° 2, jul. 1983.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. 2ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. Representações políticas. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. **Representações: contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000.

CÁRDENAS CASTRO, Juan Cristobal. Una historia sepultada: el Centro de Estudios Socioeconómicos de la Universidad de Chile, 1965-1973. In: **De Raíz Diversa – Revista especializada en estudios latino-americanos**, vol.2, n°3, enero-junio, pp. 121-140, 2015.

CASALS ARAYA, Marcelo. **El alba de una revolución. La izquierda y el proceso de construcción de la “vía chilena al socialismo” 1956-1970**. Santiago: LOM ediciones, 2010.

CATALÁN, Carlos. **Estado y campo cultural en Chile**. Santiago: FLACSO, 1988.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: estudios sobre historia cultural**. Barcelo: Gedisa, 1999.

_____. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHOCRÓN, Gabriela. La edición en la cosmópolis chilena (1950-1973). In: **Prensa política, revistas culturales y emprendimientos editoriales de las izquierdas latino-americanas. Seminário IV Jornada de Historia de las Izquierdas**, Buenos Aires, 14, 15 e 16 de nov. de 2007.

DAIRET, Alonso. La política del Partido Comunista de la post-guerra a la Unidad Popular. In: VARAS, Augusto; BENAVIDES ZAMORA, Leopoldo. **El partido Comunista en Chile: una historia presente**, 2010.

DALMÁS, Carine. “**Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da experiência chilena (1970-1973)**”. Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. 2ª ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1963.

DONNER, Patricio. **La prensa de derecha en Chile 1970-1973: una estrategia desestabilizadora del régimen**. Santiago: Andante, 1985

_____. **Periodismo y política. La prensa de derecha e izquierda 1970-1973**. Santiago de Chile: Editorial Andante, 1989.

DRAGO, Tito. **Chile: um duplo seqüestro**. Brasília: Thesaurus Instituto Pensar, 1995.

_____. **Allende, un mundo posible**. Santiago: RIL Editores, 2015.

FERNANDOIS, Joaquín. **La revolución inconclusa. La izquierda chilena y el gobierno de la Unidad Popular**. Santiago: Centro de Estudios Públicos, 2013.

FISCHER, Kathleen B. **Political ideology and educacional reform in Chile (1964 – 1976)**. Los Angeles: UCLA, Latin American Center, University of California, 1979

FONTAINE ALDUNATE, Arturo. **La tierra y el poder. Reforma agraria en Chile (1964-1973)**. Santiago: Editora Zig Zag, 2001.

FURCI, Carmelo. **El PC do Chile y la vía al socialismo**. Santiago: Ariadna, 2008.

GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. 1ª edição. São Paulo: Scritad Editorial, 1993.

_____. **El camino político hacia el socialismo**. Barcelona: Editorial Ariel, 1972.

GARRETÓN, Manuel Antón. **El proceso político chileno**. Santiago: FLACSO, 1983.

_____; MOULIÁN, Tomás. **La Unidad Popular y el conflicto político en Chile**. 1ª Edição. Santiago: Ediciones Chile América CESOC, 1983.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ivan Lima. A revista em quadrinhos *Cabrochico* e os debates culturais para a construção da “via chilena para o socialismo” (1971-1972). **In: Revista Unisinos**, v.16, nº1, jan-abr de 2012.

GUEVARA, Ernesto. **El socialismo y el hombre en Cuba**. La Habana: Casa Editorial Abril, 2015.

HARNECKER, Marta. **Los conceptos elementares del materialismo histórico**, 51ª edição, México: Siglo XXI editores, 1985.

HELLER, Claude. **Política de Unidad en la izquierda chilena (1956-1970)**. México: Jornadas 73, 1973.

HODGSON, Geoff. **Socialismo y democracia parlamentaria**. Barcelona: Editorial Fontamara, 1980.

HURTADO ARIAS, Aura Esnelia. **Cartas, rádios e impressos: cultura escrita camponesa na Colômbia, 1953 -1974**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 2016.

JARA HINOJOSA, Isabel. “Imagen-país” de la Unidad Popular y de la dictadura chilena: la disputa de los proyectos editoriales. In: Coloquio Prácticas del territorio: Arte, Crítica e Historia. 23 de noviembre 2011, Centro GAM. Disponível em: www.informepais.cl

JARA H., Oscar. **Educación Popular y cambio social en América Latina**. In: Oxford University Press and Community Development Journal, 2010, p. 4

LÓPEZ, Hilda. **Un sueño llamado Quimantú**. Santiago: CEIBO ediciones, 2014.

LORETO SERRA, María; PONCE, José Ignacio. **El discurso teórico-político de Marta Harnecker durante la vía chilena al socialismo, 1970-1973**. In: Revista [www.izquierdas](http://www.izquierdas.cl), nº12, outubro 2014, pp. 83 – 104.

LOWY, Michel. (org.) **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

LOYOLA LÓPEZ, Ivette. Debates y tensiones en el Chile de la Unidad Popular: ¿La traición de los intelectuales? In: **Pacarina del Sur – Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano**, novembro de 2015.

MATTELART, A. **A mass media, idéologies et mouvement revolutionaire, Chile 1970-1973**. Paris : Éditions Anthropos, 1974.

MAUAD, Ana Maria. **O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual**. Minas Gerais: Artcultura (UFU), 2008.

MAURIN, Sergio. **Quimantú: participação de los trabajadores en la gestión**. Comunicação proferida por Sergio Maurin, gerente geral de Quimantú, no Fórum organizado pela CUT e pelo *Colegio de Periodistas* em 28 de agosto de 2013. Disponível em: http://virginia-vidal.com/anaquel/article_537.shtml Consultado pela

última vez em 21/05/2017.

MENESES, Ulpiano B. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** Revista Brasileira de História, SP, v.23, nº45, p.11-36, jul. 2003

MILOS, Pedro (ed.) **Chile 1970: el país en que triunfa Salvador Allende.** Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução 1961 – 1975.** São Paulo: Alameda, 2009.

MORAES, Dênis de. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

_____. (org.) **Mídia, poder e contrapoder.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MOTTA, Luiz Eduardo. A respeito da questão da democracia no Marxismo (a polêmica entre Althusser e Poulantzas) In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº13, Brasília, jan-abr de 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação da cultura política pela historiografia. In: **Culturas políticas na história: novos estudos.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2009.

MOULIÁN, Tomás. **Democracia y socialismo en Chile.** Santiago: FLACSO, 1983.

_____. **Líneas estratégicas políticas de la izquierda: frentismo, populismo, antireformismo. 1933-1973.** Santiago: FLACSO, 1982.

_____. **Contradicciones del desarrollo político chileno 1920-1990.** Santiago: LOM, 2009.

_____. **Evolución histórica de la izquierda chilena: influencia del marxismo.** Santiago: FLACSO, 1982.

_____. **Fracturas. De Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973).** 1ª edição. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: **Temáticas**, Campinas, 25-26 jan/dez 2011.

_____. Arte e revolução: entre o artesanato dos sonhos e a engenharia das almas (1917-1968). In: **Revista de Sociologia política.** Curitiba, nº 8, 1997.

PAILLARD, Morgane, **La política editorial en Chile 1970-1973: edición de estado y edición privada. Quimantú en el espacio editorial chileno.** França, s.n., 2004

PINTO VALLEJOS, Julio. **Fiesta y drama. Nuevas historias de la Unidad Popular.** Santiago: LOM Ediciones, 2014.

POZO, José del. **Rebeldes, Reformistas y revolucionarios: una historia oral de la izquierda chilena en la época de la UP.** Santiago: Biblioteca Nacional de Chile, 2005.

PROST, Antoine. “Social e cultural indissociavelmente.” In: **RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural.** Lisboa : Estampa, 1998.

RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROJAS, Alejandro. **La transformación del Estado: la experiencia de la UP.** Santiago: Documentas, 1987.

ROMANO, Roberto. O conceito de totalitarismo na América Latina: algumas considerações. In: **América Latina contemporânea: desafios e perspectivas.** São Paulo: Edusp, Expressão e Cultura, 1996.

ROX BOROUGH, Ian; O'BRIEN, Philip J.; RODDICK, Jacqueline. **Chile. El Estado y la Revolución**. México: El manual moderno, 1979.

RIQUELME SEGOVIA, Alfredo. **Rojo atardecer: el comunismo chileno entre dictadura y democracia**. Santiago: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2009.

SANTA CRUZ, Eduardo. **Análisis histórico del periodismo chileno**. Chile: Nuestra América Ediciones, 1988.

SANTA MARÍA, Gonzalo I. El caso chileno : la política en Chile desde 1810 a la caída de Allende. **IN: Estampas de Chile : de la población hispánica a la experiencia Allendista**. Madrid: Editorial Speiro, 1974, p.37-58.

SCHIMIEDECKE, Natália Ayo. “Musica en Onda”: a esquerda chilena na disputa pelo público jovem (1971-1973). In: **XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos**, 2015, p. 4

SOTO G, Angél. Caricatura y agitación política en Chile durante la Unidad Popular, 1970-1973. In: **Bicentenario Revista de História de Chile y América**, vol. 2, n°2, Santiago de Chile: Centro de Estudios Bicentenario, 2003, pp. 97-135

SUBERCASEUAX, Bernardo. **La industria editorial y el libro en Chile (1930-1984): ensayo de interpretación de una crisis**. Santiago: CENECA, 1984.

_____. **Historia del libro en Chile (alma y cuerpo)**. Santiago: LOM Ediciones; Colección Sin Norte, 1993.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Pedagogia, política e mercado editorial: análise da coleção Atualidades Pedagógicas. In: Joaquim Pintassilgo; Marta M. C. de Carvalho; Marcos C. de Freitas e Maria J. Mogarro (org.) **História da Escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais**. 1ª edição. Lisboa: Edições Colibri / Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006, v. 1, p. 201-232.

URIBE, Hernán. Prensa y periodismo político en los años 1960/70. In: **Morir es la noticia: los periodistas relatan la historia de sus compañeros asesinados y desaparecidos**. Santiago: Ernesto Carmona Editor, 1997.

VASSALO, Eduardo. **La cultura con Allende**. Santiago: Alterables: Etnika, 2014.

VILLAÇA, Mariana. **Cinema cubano: revolução e política cultural**. Alameda, 2010.

VIRELA, Mirta. Intelectuais e meios de comunicação. In: **Revista ECO-PÓS**, Dossiê Mídia, Intelectuais e política, v.16, nº2, mai-ago 2013, pp. 4-27.

WINN, Peter. **A revolução chilena**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ZAPATA, Francisco. **Las relaciones entre el movimiento obrero y el gobierno de Salvador Allende**. México: El Colegio de México Centro de Estudios Sociológicos, 1976.